



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

DANIEL RENAUD CAMARGO

**LENDAS, REZAS E GARRAFADAS:  
EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE BASE COMUNITÁRIA E OS  
SABERES LOCAIS NO VALE DO JEQUITINHONHA**

Rio de Janeiro

2017

DANIEL RENAUD CAMARGO

**LENDAS, REZAS E GARRAFADAS:  
EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE BASE COMUNITÁRIA E OS  
SABERES LOCAIS NO VALE DO JEQUITINHONHA**

Dissertação apresentada em Fevereiro de 2017 ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Celso Sánchez Pereira

**Daniel Renaud Camargo**  
Rio de Janeiro, 2017

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

C172 Camargo, Daniel Renaud  
Lendas, Rezas e Garrafadas: Educação Ambiental de Base Comunitária e os Saberes Locais no Vale do Jequitinhonha / Daniel Renaud Camargo. -- Rio de Janeiro, 2017.  
210

Orientador: Celso Sánchez Pereira.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2017.

1. Educação Ambiental de Base Comunitária. 2. Pesquisa-Ação-Participante. 3. Temas Geradores. 4. Saberes Locais. 5. Vale do Jequitinhonha. I. Pereira, Celso Sánchez , orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH  
*Programa de Pós-Graduação em Educação*

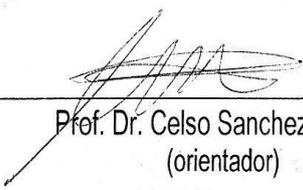
**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

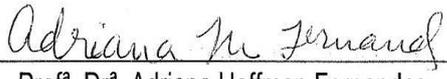
**Daniel Renaud Camargo**

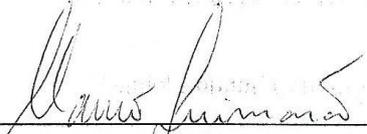
**"LENDAS, REZAS E GARRAFADAS: EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE BASE  
COMUNITÁRIA E OS SABERES LOCAIS NO VALE DO JEQUITINHONHA"**

Aprovada pela Banca Examinadora

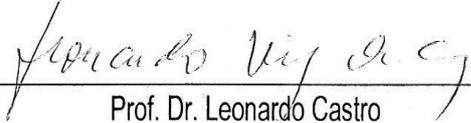
Rio de Janeiro, 22 / 08 / 11

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Celso Sanchez Pereira  
(orientador)

  
\_\_\_\_\_  
Prof.ª Dr.ª Adriana Hoffman Fernandes  
(avaliadora interna)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Mauro Guimarães  
(avaliador externo)

  
\_\_\_\_\_  
Prof.ª Dr.ª Joyce Alves Rocha  
(avaliadora externa)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Leonardo Castro  
(avaliador interno)

## Dedicatória

Dedicado à memória de Bruno Renaud Camargo. (1995-2010)

À Sabedoria Popular e a todos os seus representantes no município de Chapada do Norte.

À natureza do sertão, que me encantou com suas belezas, faça chuva ou faça Sol.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço aos habitantes de Chapada do Norte e, em especial, aos moradores das comunidades de Cachoeira do Norte, São Sebastião da Boa Vista e Santa Rita do Araçuai que me acolheram como se eu fosse parte da família...

Agradeço em especial a cada um dos sábios que participaram deste trabalho, seres iluminados que me guiaram pelas estradas da Sabedoria Popular. Posso dizer que nesta caminhada ganhei muitas avós e avôs pelo município de Chapada do Norte...

Aos professores de Chapada do Norte agradeço por terem me apresentado ao mundo da Cultura Popular quando eu fui lhes falar sobre o mundo da Ciência...

Agradeço às crianças que participaram das Oficinas de Cultura Popular por terem sido uma das melhores surpresas da minha vida...

A CAPES agradeço o auxílio financeiro, sem o qual este projeto jamais teria condições de sair do papel...

Ao PPGEDU-UNIRIO sou grato pela oportunidade de integrar um programa de alto nível e por todos os momentos que me foram proporcionados ao longo do percurso do mestrado.

Ao Grupo de Estudos de Educação Ambiental Desde El Sur agradeço pela parceria, pelas trocas e pelos aprendizados. Por todas as dificuldades, alegrias e pelos momentos de meditação. Este grupo me ensinou a valorizar a solidariedade e o companheirismo e a entender que é preciso ser mais zen para lidar com as travessuras do destino...

Ao professor Celso Sánchez não tenho nem palavras para agradecer por todos os ensinamentos, Cora Coralina já dizia que “O saber se aprende com os mestres e os livros e a sabedoria se aprende com a vida e com os humildes”, mas no seu caso, posso atestar que determinados mestres também são sábios, talvez porque além de terem lido muitos livros passaram muito tempo convivendo com os humildes... Obrigado mestre...

À professora Joyce Alves Rocha por ter participado desta trajetória e me ajudado a organizar meus pensamentos em um dos momentos em que eu estive mais perdido, agradeço por sua atenção e dedicação...

Ao professor Leonardo Castro agradeço pela parceria durante todo este percurso, por ter estado presente em todos os momentos, por ter acompanhado de perto esta caminhada...

Ao professor Rafael Nogueira Costa agradeço por ter me apresentado o universo audiovisual, por ter me ensinado que ser sensível é motivo de orgulho e por ser responsável pelo curso de cinema ambiental mais incrível do mundo...

Ao professor Mauro Guimarães agradeço pelo companheirismo, por todas as conversas, conselhos e sugestões, bem como pelo convite para participar do Projeto “Outras Epistemologias no processo formativo em Educação Ambiental”.

À professora Adriana Hoffman Fernandes agradeço por todas as oportunidades, pelas aulas de uma disciplina que expandiu minha visão sobre a potencialidade do cinema para a Educação, além de ter me colocado pra fazer um trabalho que me fez ter a coragem necessária para dividir minhas produções audiovisuais com o mundo virtual.

Ao povo Krahô, e em especial a família que me adotou na aldeia, agradeço pelo acolhimento, pelos aprendizados e pelo belo nome que herdei...

Ao Projeto CPF, agradeço a oportunidade de ter participado como voluntário em um projeto que marcou profundamente minha vida, não apenas por me apresentar ao Vale, mas também por todos os aprendizados e momentos felizes...

A todos os estudantes que participaram da minha trajetória enquanto estagiário docente das disciplinas de Educação Ambiental e Ciências Naturais na Educação agradeço por todas as trocas e momentos de aprendizados...

À Marcia Campbell Stockler agradeço por ter me ajudado a atravessar um dos momentos mais difíceis de minha vida, sua presença foi essencial para que eu superasse muitas barreiras...

A todos meus amigos e familiares agradeço pela paciência com minhas ausências, pelo companheirismo nos momentos mais difíceis e pela partilha dos momentos felizes...

Ao destino agradeço pela oportunidade de participar desta aventura, que me transformou profundamente, me ensinando muito mais do que eu jamais sonharia aprender...

*Vai Quebrante e Mau Olhado*  
*Pras ondas do mar*  
*Onde o galo não canta*  
*A galinha não bota*  
*O boi não berra*  
*A vaca não dá leite*  
*E só os peixes sobrevivem*  
*Que todo o mau que houver no teu corpo*  
*Saia pelas águas do teu banho*  
*E siga para as ondas do mar sagrado*  
*Onde criança pagã não chora e só passarinho chega*  
*Com dois te botaram*  
*Com três eu te tiro*  
*Com dois te botaram*  
*Com três eu te tiro*  
*Com dois te botaram*  
*Com três eu te tiro*  
*Com as palavras de Deus todo poderoso*  
*Com a licença do Sol, da Lua e das Estrelas*  
*Com a força da Terra, da Água, do Fogo e do Ar*  
*Com ramo verde do monte e água pura da fonte, eu te curo e te benzo*  
*Todo mau há de ser retirado do teu corpo*  
*Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo*  
*Que assim seja*

**Benzeção contra Mau Olhado e Quebrante**



*Sou suspeita a falar pro cêis que sou apaixonada pelas montanhas Gerais, pelos sôs, trens  
e uais...*

*Sou apaixonada pelo sotaque forte, aquele que de longe se nota que viemos lá do Norte, lá  
das Minas Gerais...*

*Sou apaixonada pelas rimas consagradas, aqueles versos tão simples, porém cheios de  
beleza cantados por nossas lavadeiras na beira do Rio Jequitinhonha.*

*Sou apaixonada pelo cantar das juritis, verdadeiras, andorinhas, maria preta, azulão,  
canários, estrelinhas, verdadeiros cantores do sertão.*

*Sou apaixonada pelas manadas de periquito papo amarelo que faz do céu azul um palco  
teatral, mostrando sua beleza.*

*Sou apaixonada pelas casinhas construídas delicadamente pelo João de Barro, dando  
beleza aos galhos de nossas árvores.*

*Sou apaixonada pela culinária Mineira, um tal de pão de queijo, doce de leite, angu, broa  
de fubá, frango caipira, apaixonada por aquelas comidas simples, porém cobertas de  
sabores, histórias e alguém pra ensinar a preparar.*

*Sou apaixonada por aquele fogão a lenha que deixa tudo mais gostoso, e como toda criança a gente senta no cantinho, ficaquentinho, olhando a mãe ou a vó cozinhar.*

*Sou suspeita a falar, mas que eu sou tão apaixonada pelo cantar do galo na madrugada, acordar e sentir aquele cheirinho de café, e no céu ver o sol brilhar, nos dando mais uma vez a chance de recomeçar.*

*Sou apaixonada pelas surpresas de um novo dia, sair pelo terreiro e ver aquela galinha que estava sumida chegar com seus pintinhos dando a eles um novo lar.*

*Sou apaixonada por aquele leite morninho, onde sem receio a gente nem fervia, colocava numa caneca e bebia logo ali mesmo no curral sem da vida reclamar.*

*Sou apaixonada pelas fogueiras de São João, Festa Junina, Folia de Santos Reis, Festa de Santa Cruz, Nossa Senhora do Rosário, e tantas outras que acontece naquele pedaço de chão.*

*Sou apaixonada por aquele lugar. Pelos uais, trens, ocêis, por aquele sotaque gostoso, onde faço questão de comigo guardar.*

*Sou apaixonada pela simplicidade de meu povo, o jeito de tratar uns aos outros, aquele bom dia com um sorriso, um oba tudo bão?*

*Aquele chega pra cá, acabei de coar café. Um tchau pro cêis. Não sei se falar que sou apaixonada, que amo aquele lugar seria suficiente para expressar todo meu amor, gratidão.*

*Acho que palavras não são suficientes para expressar todo amor que trago no coração. É como se comigo eu tivesse trago uma parte daquele pedaço de chão, é como se com Minas tivesse ficado um pedaço do meu coração...*

**ASAUDADE QUE SINTO É A CERTEZA QUE UM DIA IREI VOLTAR...**

Texto de Mailaini Ferreira (23 anos), Comunidade de Cachoeira do Norte, Vale do Jequitinhonha, 2016<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Ver em:

<https://www.facebook.com/560165724004612458226594.1073741947.560165724004605/988992001121973/?type=1> - Texto publicado na página Conheça Minas.

## Sertão Moderno

Se um dia sentir saudade  
E quiser voltar pro sertão  
Não pense que ele é o mesmo  
    Sofreu modificação  
Com a tal da modernidade  
E os costumes da cidade  
    Diferenciou a situação.

Não tem mais carro de boi  
    Pra transporte dos peões  
Não se encontra com tropeiros  
    Nas curvas dos chapadões  
    Nos sítios e nas fazendas  
Não tem mais engenho de pau  
Não cantam mais suas moendas  
    Hoje o barulho nas tendas  
    É o motor industrial

No lugar das matas virgens  
    E das belezas naturais  
    Puseram coisas estranhas  
    A mudança foi tamanha  
Que transformou a vida humana  
    E também dos animais

A máquina entrou na terra  
    Está no cultivo do chão  
    A maromba que existia  
    Hoje é só recordação  
    Foice, machado e enxada  
Que enfrentavam a empreitada  
    Estão entrando em extinção

A roça foi invadida pela  
    mecanização.

    A viola, o pandeiro  
    A sanfona e o violão  
Perderam espaço nas festas  
    Não tem letra nem canção  
    A nova moda agora  
    É aquilo que vem de fora  
    Com a sonorização.

Os velhos não contam histórias  
    De noite à luz de candeia  
    Pois lá o que clareia  
    É a eletrificação  
Ninguém canta, ninguém fala  
    Família em silencio na sala  
    O olho nem se abala  
    Diante da televisão.

O mocinho e a mocinha  
    Com um jeitão diferente  
    O modo de comportar  
    Já mudou completamente  
    A vaidade está demais  
Criança ensinando os pais  
    Espanto pra muita gente.

O caboclo e a cabocla  
    Perderam fé nos sinais  
    Lua cheia, sol ou chuva  
    Tanto fez como tanto faz

Invertem as estações do ano  
Seja inverno ou outono  
São todos tempos iguais.

E se eu fosse falar de tudo  
Que mudou lá no sertão  
O tempo seria pouco

Pra tanta transformação  
Mesmo assim eu agradeço  
Pela sua atenção  
Não estou fazendo crítica  
Só estou dando as notícias  
Dessa tal de evolução

Poema de Gilmar Souza retirado do Livro *Entre a Arte e a Peleja* (2015).

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo identificar subsídios para a construção de uma proposta de Educação Ambiental de Base Comunitária atenta às especificidades socioambientais do Vale do Jequitinhonha. O estudo considerou uma articulação entre a Educação Ambiental Crítica e a Educação Popular para pensar a contextualização da proposta educativa através de metodologias participativas. A investigação foi concebida a partir de uma combinação da metodologia de Investigação Ação Participante (IAP) defendida por Orlando Fals Borda e a Abordagem Temática de Paulo Freire, assumindo o caráter de pesquisa militante, comprometida e sentipensante. O trabalho foi conduzido no município de Chapada do Norte (MG), localizado na região do Médio-Alto Jequitinhonha, com as comunidades dos distritos de Cachoeira do Norte, Santa Rita do Araçuaí e São Sebastião da Boa Vista. Através de um estudo do meio, somado a um levantamento bibliográfico sobre a região, além de conversas com moradores das comunidades identificados como *Mestres dos Saberes Locais* foram reveladas situações-limites, que suscitaram discussões e questionamentos acerca da realidade local. Tais situações conduziram aos Temas Geradores, que serviram de base para refletir sobre as conexões entre os saberes locais e saberes científicos, bem como para pensar sobre algumas possibilidades para uma Educação Ambiental Escolar, propondo uma ruptura entre as barreiras que separam a Educação Ambiental Formal da Informal, e da Não Formal. Foram delimitadas quatro categorias de temas geradores: Água-Clima; Agricultura-Alimentação; Biodiversidade-Ecologia; Infância-Juventude. A análise dos temas geradores foi desenvolvida a partir da construção de tabelas comparativas que apresentam uma fala de um morador da comunidade, representando um Saber Local, uma citação de um trabalho acadêmico, para representar o Saber Científico, além de uma reflexão sobre como este saber poderia servir de base para discussões contextualizadas de Educação Ambiental, cuja base, é comunitária. Para além das categorias de temas geradores, a investigação apontou temas dobradiças presentes nos cotidianos das comunidades que em um primeiro momento os moradores não identificaram como estando diretamente relacionados à temática socioambiental. O contato com as comunidades se deu entre Janeiro de 2015 e Outubro de 2016 e envolveu 45 moradores, sendo 26 mulheres e 19 homens. O estudo reafirma a importância do diálogo entre diferentes saberes e comprova o potencial de uma articulação entre a Educação Ambiental Crítica e a Educação Popular para pensar Educação Ambiental de Base Comunitária e Desde El Sur, além de demonstrar que os saberes locais, a cultura popular, a

memória biocultural e a história ambiental das comunidades podem servir como pontes para aproximar as discussões de Educação Ambiental das realidades locais.

**Palavras-Chave:** Educação Ambiental de Base Comunitária; Pesquisa-Ação-Participante; Temas Geradores; Saberes Locais; Vale do Jequitinhonha.

## ABSTRACT

This work aims to identify subsidies for the construction of a community - based environmental education proposal that addresses the socio - environmental specificities of the Vale do Jequitinhonha. The study considered an articulation between Critical Environmental Education and Popular Education to think about the contextualization of the educational proposal through participatory methodologies. The research was conceived from a combination of Participatory Action Research (IAP) methodology defended by Orlando Fals Borda and Paulo Freire's Thematic Approach, assuming the character of militant, committed and sentipensante research. The work was carried out in the municipality of Chapada do Norte (MG), located in the region of Middle-High Jequitinhonha, with communities in the districts of Cachoeira do Norte, Santa Rita do Araçuai and São Sebastião da Boa Vista. Through a study of the environment, in addition to a bibliographical survey about the region, in addition to conversations with residents of the communities identified as Masters of Local Knowledge, boundary situations were revealed, which provoked discussions and questions about the local reality. Such situations led to the Generating Themes, which served as a basis for reflecting on the connections between local knowledge and scientific knowledge, as well as to think about some possibilities for a School Environmental Education, proposing a rupture between the barriers separating Formal Environmental Education from Informal, and Non-Formal. Four categories of generating themes were delineated: Water-Climate; Agriculture-Food; Biodiversity-Ecology; Childhood-Youth. The analysis of the generating themes was developed from the construction of comparative tables that present a speech by a resident of the community, representing a Local Knowledge, a citation of an academic article, to represent the Scientific Knowledge, as well as a reflection on how this knowledge Could serve as a basis for contextualized discussions of Environmental Education, the basis of which is community-based. In addition to the categories of generating themes, the research pointed to hinge themes present in the daily life of communities that at first the residents did not identify as being directly related to the socio-environmental theme. The contact with the communities took place between January 2015 and October 2016 and involved 45 residents, 26 women and 19 men. The study reaffirms the importance of dialogue between different knowledge and proves the potential of an articulation between Critical Environmental Education and Popular Education to think about Community Based Environmental Education and From El Sur, besides demonstrating that local knowledge, popular culture, The

biocultural memory and the environmental history of communities can serve as bridges to bring Environmental Education discussions closer to local realities.

**Keywords:** Community Based Environmental Education; Research-Action-Participant; Generator Themes; Local Knowledge; Vale do Jequitinhonha.

## RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo identificar subsidios para la construcción de una propuesta de Educación Ambiental de Base Comunitaria atenta a las especificidades socioambientales del Vale do Jequitinhonha. El estudio consideró una articulación entre la Educación Ambiental Crítica y la Educación Popular para pensar la contextualización de la propuesta educativa a través de metodologías participativas. La investigación fue concebida a partir de una combinación de la metodología de Investigación Acción Participante (IAP) defendida por Orlando Fals Borda y el Enfoque Temático de Paulo Freire, asumiendo el carácter de investigación militante, comprometida y sentipensante. El trabajo fue conducido en el municipio de Chapada do Norte (MG), ubicado en la región del Medio-Alto Jequitinhonha, con las comunidades de los distritos de Cachoeira do Norte, Santa Rita do Araçuaí y São Sebastião da Boa Vista. A través de un estudio del medio, sumado a un levantamiento bibliográfico sobre la región, además de conversaciones con moradores de las comunidades identificadas como Maestros de los Saberes locales, se revelaron situaciones-límites, que suscitaron discusiones y cuestionamientos acerca de la realidad local. Tales situaciones condujeron a los Temas Generadores, que sirvieron de base para reflexionar sobre las conexiones entre los saberes locales y los saberes científicos, así como para pensar sobre algunas posibilidades para una Educación Ambiental Escolar, proponiendo una ruptura entre las barreras que separan la Educación Ambiental Formal de la Educación Ambiental Informal, y de No Formal. Se delimitar cuatro categorías de temas generadores: Agua-Clima; Agricultura-Alimentación; Biodiversidad-Ecología; Infancia-Juventud. El análisis de los temas generadores fue desarrollado a partir de la construcción de tablas comparativas que presentan un discurso de un morador de la comunidad, representando un Saber Local, una cita de un artículo académico, para representar el Saber Científico, además de una reflexión sobre cómo este saber Podría servir de base para discusiones contextualizadas de Educación Ambiental, cuya base, es comunitaria. Además de las categorías de temas generadores, la investigación apuntó temas bisagras presentes en los cotidianos de las comunidades que en un primer momento los vecinos no identificaron como estando directamente relacionados con la temática socioambiental. El contacto con las comunidades se produjo entre enero de 2015 y octubre de 2016 e involucró a 45 residentes, siendo 26 mujeres y 19 hombres. El estudio reafirma la importancia del diálogo entre diferentes saberes y comprueba el potencial de una articulación entre la Educación Ambiental Crítica y la Educación Popular para pensar

Educación Ambiental de Base Comunitaria y Desde El Sur, además de demostrar que los saberes locales, la cultura popular, La memoria biocultural y la historia ambiental de las comunidades pueden servir como puentes para aproximar las discusiones de Educación Ambiental de las realidades locales.

**Palabras clave:** Educación Ambiental de Base Comunitaria; Investigación-Acción-Participante; Temas Generadores; Saberes locales; Vale do Jequitinhonha

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

**CAPES** – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
**CCH** – Centro de Ciências Humanas e Sociais  
**CEB** – Comunidade Eclesiástica de Base  
**CEDEFES** – Centro de Documentação Eloy de Ferreira Silva  
**CEMIG** – Companhia Elétrica de Minas Gerais  
**COPASA** – Companhia de Saneamento de Minas Gerais  
**COPANOR** – Companhia de Saneamento do Norte de Minas  
**CPF** – Construindo e Preparando o Futuro  
**CUCA** – Curso de Cinema Ambiental  
**EA** – Educação Ambiental  
**ENEM** – Exame Nacional do Ensino Médio  
**GEASUR** – Grupo de Estudos de Educação Ambiental Desde El Sur  
**IAP** – Investigação Ação Participante  
**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
**IDH** – Índice de Desenvolvimento Humano  
**IDENE** – Instituto de Desenvolvimento do Norte de Minas  
**IPHAN** – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional  
**M/C** – Modernidade-Colonialidade  
**MMA** – Ministério do Meio Ambiente  
**NUPEM** – Núcleo em Ecologia e Desenvolvimento Ambiental de Macaé.  
**OGM** – Organismo geneticamente modificado  
**OMS** – Organização Mundial da Saúde  
**ONU** – Organização das Nações Unidas  
**PANC** – Planta Alimentícia Não Convencional  
**PIB** – Produto Interno Bruto  
**PNUMA** – Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente  
**PPGEDU** – Programa de Pós Graduação em Educação  
**SAF** – Sistema Agro Florestal  
**UEPA** – Universidade do Estado do Pará  
**UFJF** – Universidade Federal de Juiz de Fora  
**UFMG** – Universidade Federal de Minas Gerais

**UFRJ** – Universidade Federal do Rio de Janeiro

**UFRRJ** – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

**UNESCO** – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

**UNIRIO** – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

**WWF** – World Wildlife Fund for Nature

## LISTA DE FIGURAS E TABELAS

<b>FIGURA 1</b> – LOCALIZAÇÃO DO VALE DO JEQUITINHONHA.....	32
<b>FIGURA 2</b> – MAPA DAS MICRORREGIÕES DO VALE DO JEQUITINHONHA E MAPA DAS TRÊS ÁREAS DO VALE DO JEQUITINHONHA.....	33
<b>FIGURA 3</b> – LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CHAPADA DO NORTE, MG.....	41
<b>FIGURA 4</b> – FOTOGRAFIA DO CENTRO DO DISTRITO SEDE DE CHAPADA DO NORTE.....	42
<b>FIGURA 5</b> – LOCAL DE EXTRAÇÃO DE OURO (LAVRA DOS BATATAIS).....	45
<b>FIGURA 6</b> – PARTE DA ESTRUTURA DA MÁQUINA UTILIZADA PARA EXTRAÇÃO DO OURO.....	45
<b>FIGURA 7</b> – PLACA INDICANDO A DISTANCIA ENTRE AS COMUNIDADES INVESTIGADAS E A SEDE DO MUNICÍPIO DE CHAPADA DO NORTE.....	48
<b>FIGURA 8</b> – IMAGEM AEREA DO DISTRITO DE CACHOEIRA DO NORTE OBTIDA COM GOOGLE EARTH.....	49
<b>FIGURA 9</b> – FOTOGRAFIAS DO DISTRITO DE CACHOEIRA DO NORTE. ....	50
<b>FIGURA 10</b> – FOTOGRAFIA DA CACHOEIRA QUE DEU NOME A COMUNIDADE.....	50
<b>FIGURA 11</b> – IMAGEM AEREA DO DISTRITO DE SANTA RITA DO ARAÇUAÍ OBTIDA COM GOOGLE EARTH.....	54
<b>FIGURA 12</b> – FOTOGRAFIA DO DISTRITO DE SANTA RITA E DO ARAÇUAÍ.....	55
<b>FIGURA 13</b> – FOTOGRAFIA DO RIO ARAÇUAÍ RETIRADA SOBRE A PONTE DO DISTRITO DE SANTA RITA DO ARAÇUAÍ.....	55

<b>FIGURA 14</b> – FOTOGRAFIA DO RIO ARAÇUAÍ RETIRADA DURANTE ENCHENTE DE 2013.....	55
<b>FIGURA 15</b> – FOTOGRAFIA DA PINTURA DE TEÓFILO DA VEIGA, FUNDADOR DO DISTRITO DE SANTA RITA DO ARAÇUAÍ.....	56
<b>FIGURA 16</b> – IMAGEM AEREA DO DISTRITO DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA OBTIDA COM GOOGLE EARTH.....	58
<b>FIGURA 17</b> – FOTOGRAFIAS DO DISTRITO DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA.....	59
<b>FIGURA 18</b> – FOTOGRAFIA DE PINTURA DE JOSÉ RODRIGUES, UM DOS FUNDADORES DA COMUNIDADE DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA.....	60
<b>FIGURA 19</b> – GRÁFICO DA DISTRIBUIÇÃO DE INFORMANTES POR COMUNIDADE.....	101
<b>FIGURA 20</b> – ESQUEMA DEMONSTRANDO PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	102
<b>FIGURA 21</b> - FOTOGRAFIA DO CÓRREGO DE CACHOEIRA DO NORTE EM FEVEREIRO DE 2015.....	106
<b>FIGURA 22</b> - FOTOGRAFIA DO CÓRREGO DE CACHOEIRA DO NORTE DURANTE ENCHENTE DE JANEIRO DE 2016.....	106
<b>FIGURA 23</b> – FOTOGRAFIA DO CÓRREGO DE CACHOEIRA DO NORTE DEMONSTRANDO POLUIÇÃO DA ÁGUA.....	107
<b>FIGURA 24</b> – FOTOGRAFIA DO CÓRREGO DE CACHOEIRA DO NORTE COM DETALHE DA ESPUMA NA ÁGUA FORMADA PELO DESPEJO DE ÁGUA CINZA.....	107
<b>FIGURA 25</b> – FOTOGRAFIA DO CÓRREGO DE CACHOEIRA DO NORTE DEMONSTRANDO POLUIÇÃO DA ÁGUA.....	108

<b>FIGURA 26</b> – FOTOGRAFIA DO CÓRREGO DE CACHOEIRA DO NORTE COM DETALHE SOBRE FOCO DE LARVAS DE MOSQUITOS.....	108
<b>FIGURA 27</b> – FOTOGRAFIA DO ENCANAMENTO NO CÓRREGO GRANDE DO DISTRITO DE CACHOEIRA DO NORTE.....	108
<b>FIGURA 28</b> – FOTOGRAFIA DA REPRESA DO BREJINHO.....	110
<b>FIGURA 29</b> – FOTOGRAFIA DO LEITO DO CÓRREGO GRANDE/CÓRREGO DOS MACHADO NA ALTURA DO DISTRITO DE SANTA RITA DO ARAÇUAÍ, 2016.....	110
<b>FIGURA 30</b> – FOTOGRAFIA TIRADA NO DISTRITO DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA. REVELA ALGUMAS MUDAS DE EUCALIPTO EM PRIMEIRO PLANO E PASTAGENS PARA RIAÇÃO DE GADO AO FUNDO.....	111
<b>FIGURA 31</b> – FOTOGRAFIA DO FRAGMENTO DE MATA ATLÂNTICA ONDE SE LOCALIZA A NASCENTE DO CÓRREGO BOA VISTA.....	112
<b>FIGURA 32</b> – FOTOGRAFIAS REPRESAS DO CÓRREGO BOA VISTA .ESGOTO SENDO DESPEJADO NO CÓRREGO.....	112
<b>FIGURA 33</b> – FOTOGRAFIA DE UMA DAS REPRESAS DO CÓRREGO BOA VISTA.....	113
<b>FIGURA 34</b> – FOTOGRAFIA DE UMA DAS REPRESAS DO CÓRREGO BOA VISTA .....	113
<b>FIGURA 35</b> – FOTOGRAFIA DA CAÇIMBA DO JAMBREIRO, LOCALIZADA NO DISTRITO DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA.....	114
<b>FIGURA 36</b> – FOTOGRAFIA DA CALÇADA DE PEDRAS DOS ESCRAVOS, DISTRITO DE SANTA RITA DO ARAÇUAÍ, 2015.....	116
<b>FIGURA 37</b> – FOTOGRAFIAS DE TRECHO ASSOAREADO DO RIO ARAÇUAÍ.....	117
<b>FIGURA 38</b> – FOTOGRAFIA DA PONTE DAS NELITAS.....	118

<b>FIGURA 39</b> - FOTOGRAFIA DA PONTE DAS NELITAS APROXIMADA, COM DETALHE DA BASE DA ANTIGA PONTE.....	118
<b>FIGURA 40</b> – FOTOGRAFIA RETIRADA APÓS “DILÚVIO DE 2013” EVIDENCIANDO OS DANOS A ESTRUTURA DA PONTE.....	119
<b>FIGURA 41</b> – ESQUEMA DEMONSTRANDO INTERCONEXÃO ENTRE OS TEMAS GERADORES.....	124
<b>FIGURA 42</b> – EROSÃO NA COMUNIDADE DOS FERREIRAS, DISTRITO DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA, 2016.....	129
<b>FIGURA 43</b> – PINTURA NO MURO DA ESCOLA ESTADUAL JOSÉ RODRIGUES, DISTRITO DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA, 2016.....	130
<b>FIGURA 44</b> – SISTEMA DE CAPTAÇÃO DE ÁGUA DA CHUVA, DISTRITO DE CACHOEIRA DO NORTE, 2016.....	131
<b>FIGURA 45</b> – CISTERNA DE CAPTAÇÃO DE ÁGUA DA CHUVA, DISTRITO DE SANTA RITA DO ARAÇUAÍ, 2016.....	131
<b>FIGURA 46</b> – CAPTAÇÃO DE ÁGUA DA CHUVA COM BALDE APROVEITANDO CALHA DO TELHADO, COMUNIDADE DE CACHOEIRA DO NORTE, 2016.....	132
<b>FIGURA 47</b> – SISTEMA CASEIRO DE IRRIGAÇÃO POR GOTEJAMENTO, DISTRITO DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA, 2016.....	132
<b>FIGURA 48</b> – SISTEMA IMPROVISADO DE CAPTAÇÃO DE ÁGUA DA CHUVA, DISTRITO DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA, 2016.....	133
<b>FIGURA 49</b> – SISTEMA DE IRRIGAÇÃO POR GOTEJAMENTO UTILIZANDO MANGUEIRA EM HORTA DOMÉSTICA, DISTRITO DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA, 2016.....	133
<b>FIGURA 50</b> – HORTA DOMÉSTICA LOCALIZADA NA COMUNIDADE DE CACHOEIRA DO NORTE, 2016.....	137

<b>FIGURA 51</b> – HORTA DA ESCOLA ESTADUAL OLÍDIA LEMOS LOCALIZADA NA COMUNIDADE DE CACHOEIRA DO NORTE, 2016.....	137
<b>FIGURA 52</b> – BANCO DE SEMENTES DE MILHOS E FEIJÕES PARA AGRICULTURA MANTIDA POR MORADOR DO DISTRITO DE CACHOEIRA DO NORTE, 2016.....	139
<b>FIGURA 53</b> – SEMENTES DE FEIJÕES E ERVILHAS DE VARIEDADES “ANTIGAS”, MANTIDAS POR MORADORA DO DISTRITO DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA, 2016.....	140
<b>FIGURA 54</b> – REAPROVEITAMENTO DE PNEUS COMO CANTEIROS, COMUNIDADE DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA, 2016.....	140
<b>FIGURA 55</b> – MORADORA CONSTRÓI HORTA SUSPENSA, COMUNIDADE DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA, 2016.....	141
<b>FIGURA 56</b> - REGIÃO DE FRONTEIRA ENTRE A VEGETAÇÃO NATIVA (PARTE INFERIOR), AS PASTAGENS E AS FLORESTAS DE EUCALIPTO (PARTE SUPERIOR DIREITA), DISTRITO DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA, 2016.....	144
<b>FIGURA 57</b> – PLANTAÇÃO DE EUCALIPTO NO DISTRITO DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA, 2016.....	145
<b>FIGURA 58</b> – FOTOGRAFIA DE ABELHA AFRICANIZADA (MELÍFERA) COLETANDO PÓLEN NA ESTRADA ENTRE DISTRITO DE CACHOEIRA DO NORTE E SANTA RITA DO ARAÇUAÍ.....	148
<b>FIGURA 59</b> - FOTOGRAFIA DE CRIAÇÃO DE ABELHAS JATAÍ (MELÍPONA) NO DISTRITO DE CACHOEIRA DO NORTE.....	148
<b>FIGURA 60</b> – ILUSTRAÇÃO DA COBRA QUE MAMA, MOSTRANDO O ANIMAL SUGANDO O SEIO DE UMA MULHER ADORMECIDA ENQUANDO COLOCA A PONTA DA CAUDA NA BOCA DO RECÉM NASCIDO.....	157
<b>FIGURA 61</b> – IMAGEM DO FILME “A COBRA QUE MAMA” PRODUZIDO COM CRIANÇAS DAS COMUNIDADES DURANTE AS OFICINAS.....	158

<b>FIGURA 62</b> – ILUSTRAÇÃO REPRESENTANDO COBRA GIGANTE LENDÁRIA.....	160
<b>FIGURA 63</b> – IMAGEM DO FILME “A COBRA GIGANTE DO RIO ARAÇUAÍ PRODUZIDO COM AS CRIANÇAS DAS COMUNIDADES DURANTE AS OFICINAS.....	161
<b>FIGURA 64</b> – IMAGEM DO FILME “O ZABELÊ E O MISTÉRIO DA IMBURANA” PRODUZIDO COM AS CRIANÇAS DAS COMUNIDADES DURANTE.....	162
<b>FIGURA 65</b> – BENZEDEIRA COLETANDO VASSOURINHA (gênero Scoparia L.).....	167
<b>FIGURA 66</b> – CRUZEIRO DA COMUNIDADE DE CACHOEIRA DO NORTE, 2016.....	168
<b>FIGURA 67</b> – GARRAFADA DE FOLIA DE REIS DA COMUNIDADE DE SANTA RITA DO ARAÇUAÍ.....	170
<b>FIGURA 68</b> - PLANTAS EMPREGADAS NO PREPARO DE GARRAFADAS.....	171
<b>FIGURA 69</b> – GARRAFADA DE FOLIA DE REIS DA COMUNIDADE DE CACHOEIRA DO NORTE.....	171
<b>FIGURA 70</b> – MEZINHAS PARA PREPARO DE CHÁS. NA FOTO É POSSÍVEL IDENTIFICAR ARRUDA, BASPO, BRASILEIRA, HORTELÃ E SABUGUEIRO.....	172
<b>FIGURA 71</b> – PALESTRA REALIZADA PARA MORADORES DE CHAPADA DO NORTE, COM OBJETIVO DE APRESENTAR OS RESULTADOS DO ESTUDO ANTERIOR.....	177
<b>FIGURA 72</b> – OFICINA REALIZADA EM JULHO DE 2015 COM MORADORES DACOMUNIDADE DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA.....	179
<b>FIGURA 73</b> – OFICINA DE CULTURA POPULAR OFERECIDA PARA CRIANÇAS DO DISTRITO DE CACHOEIRA DO NORTE.....	180

<b>FIGURA 74</b> – OFICINA DE CULTURA POPULAR OFERECIDA PARA CRIANÇAS DO DISTRITO DE CACHOEIRA DO NORTE.....	180
<b>FIGURA 75</b> – FOTOGRAFIA RETIRADA DURANTE OFICINA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE BASE COMUNITÁRIA REALIZADA EM SETEMBRO DE 2016 COM PROFESSORES DA COMUNIDADE DE CACHOEIRA DO NORTE.....	181
<b>FIGURA 76</b> – FOTOGRAFIA RETIRADA DURANTE OFICINA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE BASE COMUNITÁRIA REALIZADA EM SETEMBRO DE 2016 COM PROFESSORES DA COMUNIDADE DE CACHOEIRA DO NORTE.....	182
<b>FIGURA 77</b> – FOTOGRAFIA RETIRADA DURANTE OFICINA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE BASE COMUNITÁRIA REALIZADA EM SETEMBRO DE 2016 COM PROFESSORES DA COMUNIDADE DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA.....	182
<b>TABELA 1</b> – TEMA GERADOR: ÁGUA-CLIMA.....	125
<b>TABELA 2</b> – TEMA GERADOR: AGRICULTURA-ALIMENTAÇÃO.....	135
<b>TABELA 3</b> – TEMA GERADOR: BIODIVERSIDADE-ECOLOGIA.....	142
<b>TABELA 4</b> – TEMA GERADOR: INFÂNCIA-JUVENTUDE.....	149

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO – PALAVRAS PRELIMINARES.....</b>	<b>18</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>24</b>
<b>CAPÍTULO I – O VALE E SUAS HISTÓRIAS.....</b>	<b>30</b>
1.Vale do Jequitinhonha.....	32
1.1 Município de Chapada do Norte.....	41
1.1.1 Distrito de Cachoeira do Norte.....	49
1.1.2 Distrito de Santa Rita do Araçuaí.....	54
1.1.3 Distrito de São Sebastião da Boa Vista.....	58
<b>CAPÍTULO II – SABERES NECESSÁRIOS.....</b>	<b>62</b>
2.1 O compromisso com os Saberes Locais: Entre a Cultura Popular e Memória Biocultural.....	62
2.2 A Educação Ambiental de Base comunitária: Um Diálogo sobre Interculturalidade, Decolonialidade e Ecologia de Saberes.....	70
<b>CAPÍTULO III – A ESTRADA: PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA.....</b>	<b>90</b>
<b>CAPÍTULO IV – DESCOBERTAS: RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>99</b>
4.1 O Estudo do Meio.....	103
4.2 Temas Geradores.....	124
4.2.1 Água-Clima.....	125
4.2.2 Agricultura-Alimentação.....	135
4.2.3 Biodiversidade-Ecologia.....	142
4.2.4 Infância-Juventude.....	149
4.3 Temas Dobradiças.....	154

4.3.1 Entre Lendas e Histórias.....	156
4.3.1.1 A cobra que mama.....	157
4.3.1.2 A cobra gigante do Araçuaí.....	160
4.3.1.3 O zabelê e o mistério da imburana.....	162
4.3.2 Entre Ramos e Rezas.....	165
4.3.3 Entre Mezinhas e Garrafadas.....	170
4.4 Ações.....	176
<b>CAPÍTULO V – APRENDIZADOS: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>183</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>187</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>202</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>204</b>

## APRESENTAÇÃO – PALAVRAS PRELIMINARES

Fui aluno do Colégio Pedro II, onde tive grandes aulas no que se refere ao convívio com as diferenças. Venho de uma família de classe média baixa da zona Sul do Rio de Janeiro, e tenho consciência de que sou um privilegiado por esta simples condição de ser. No Pedro II tive a sorte de ter professores que me lembravam constantemente do quanto custava para os cofres públicos eu estar ali, ocupando aquela vaga, que havia pessoas muito pobres neste país, mas que mesmo vivendo na miséria são obrigados a pagar o imposto que sustenta essas escolas federais. Isso pode parecer uma pressão terrível para um adolescente que está tentando lidar com questões existenciais e crises pessoais em meio ao período que antecede o vestibular, mas hoje posso dizer que foi importante para que eu desenvolvesse um senso de compromisso com o retorno social, uma sensação de que eu deveria me esforçar para ser útil, para ajudar o próximo e justificar o investimento que foi feito para que eu estivesse onde eu estava, para justificar a chance que eu tive, que eu sabia que muitos não teriam.

No final do terceiro ano, ainda estava muito incerto, já vivia alguns problemas pessoais há algum tempo, mas tentava fingir que não existiam e seguir a vida enquanto dava, empurrando com a barriga. Como gostava muito de biologia, embora também gostasse da maioria das matérias de humana, acabei optando por seguir pela área ambiental, na época estava abrindo um novo curso de Bacharelado em Ciências Ambientais na UNIRIO. Aquilo parecia ser meu sonho se realizando, eu tinha vários amigos estudando na UNIRIO, a universidade ficava perto de onde eu morava, eu gostava de Biologia e embora eu não fizesse ideia do que fosse um Cientista Ambiental, achei que pelo nome parecia legal e imaginei, ingenuamente, que seria uma versão da Biologia com menos matemática.

Fiz o ENEM e para minha alegria eu passei para o curso que eu queria, na universidade que eu queria e seria aluno da primeira turma de Ciências Ambientais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Aquelas notícias obviamente me deixaram muito empolgado, ao mesmo tempo em que eu tinha conseguido terminar o ensino médio (e sobreviver à matemática), tinha passado para uma universidade federal e estaria perto de vários amigos, não poderia ser melhor...

Mas é aquilo, às vezes quando a gente menos espera a vida chega e nos dá uma rasteira, daquelas que não se contenta em derrubar no chão, precisa te lançar no fundo do poço, nas trevas, na desolação...

“*Nonada*” aconteceu... Era o primeiro dia da minha semana de trote, fui dormir ansioso com o dia seguinte, mas acordei com a pior notícia de toda minha vida. Era uma manhã cinza, como se tornaram os dias depois deste acontecimento, fui acordado pelo celular tocando e vi que era minha mãe, quando atendi, ela simplesmente disse “O Bruno foi embora...”

Meu mundo caiu, minha fé ruiu, minha alegria instantaneamente sumiu. Bruno era o nome do meu irmão mais novo, tínhamos cinco anos de diferença, ele estava com um câncer há alguns anos, mas eu era simplesmente me recusava a acreditar que o destino seria capaz de nos pregar uma peça tão de mal gosto quanto aquela. Para mim foi muito difícil aceitar, eu relutei e sofri, sofri muito, tinha dificuldade de entender que “*a morte é para os que morrem*”.

O tempo passou e o mundo continuava sem vida, em preto-e-branco. Eu segui a rotina, fazendo as matérias da faculdade, seguindo pelos períodos, e fui, empurrando com a barriga... Nessa época lembro que conheci um professor incomum, que me lembrava muito alguns professores que eu tinha tido no Pedro II. Lembro bem da primeira aula desse professor, era no turno noturno, numa sala minúscula do CCH, com uma quantidade absurda de alunos amontoados, lembro que o próprio clima da disciplina lembrava aquela atmosfera de diversidade presente no Pedro II, isso porque era uma disciplina que recebia alunos de muitos cursos diferentes. Aquela sala apinhada de gente, nos primeiros instantes do primeiro dia de aula, mais parecia um pandemônio, as pessoas gritavam como se estivessem na bolsa de valores, eram muitos assuntos acumulados no início do semestre e o pessoal simplesmente não estava conseguindo se controlar.

“*Nonada*” aconteceu... Um estrondo ensurdecador percorreu a sala calando a todos no mesmo instante, que se viraram para entender o que havia acontecido. O professor, que até então estivera aguardando aquele bando de adulto lembrar que não eram mais adolescentes no recreio, resolveu tomar uma atitude e deu um tapa na mesa e disse “Vocês sabem quanto custa pra vocês terem a oportunidade de estudar aqui? Vocês tem consciência de que pessoas miseráveis trabalham dia e noite pra viver a vida pagando impostos que sustentam vocês estarem onde estão? Vocês já pensaram no retorno que vocês vão dar para essa sociedade que investe uma ficha de confiança em vocês?”. Assim começou a primeira aula de Educação Ambiental do professor Celso Sánchez, e eu me senti como se estivesse em um ambiente familiar, e aquele antigo compromisso com o retorno social que já rondava meus pensamentos deste o ensino médio, parecia ganhar um novo espaço dentro de mim.

Mas o tempo passou, eu terminei a disciplina do professor Celso Sánchez e continuei empurrando com a barriga... Nesta época ainda me sentia perdido, sem um propósito, não estava nem muito certo da minha escolha de curso, pois começava a perceber que minha ideia de Ciências Ambientais como tendo pouca matemática só existia nos meus sonhos mesmo, e não conseguia me encontrar em nenhuma das possibilidades de estágio de iniciação científica que me eram oferecidos.

Meus pais já faziam parte de um projeto social fazia algum tempo e sempre me chamavam para ir junto com eles. Era um projeto vinculado a escola em que minhas irmãs estudavam, que enviava voluntários para regiões carentes do país a fim de desenvolver atividades recreativas e pedagógicas. Embora eu sempre recebesse convites para participar deste projeto, acabava que nunca coincidia de eu poder ir nas datas que meus pais costumavam viajar, mas dessa vez caiu no meio das minhas férias, e eu, naquela dúvida, acabei resolvendo ir...

“*Nonada*” aconteceu... E ao embarcar no projeto social eis que decidem me enviar para o município de Chapada do Norte, no Vale do Jequitinhonha, para realizar uma oficina de Ciências para professores. A oficina foi construída com base no material didático adotado pelas escolas e, para o ultimo dia de atividades, deveríamos realizar uma atividade de campo com os participantes da oficina. Para esta ocasião, sugeri que os professores nos levassem para conhecer moradores da região que trabalhassem com plantas medicinais, remédios caseiros e medicina alternativa.

Para minha sorte, os professores ficaram muito animados com a ideia e de imediato sugeriram uma visita a duas senhoras responsáveis pela produção de remédios caseiros. Primeiro fomos visitar a irmã mais nova, em seu sítio, um pouco afastado do centro do Distrito de São Sebastião da Boa Vista, onde cultivava uma enorme variedade de plantas medicinais e alimentícias, conhecendo muito bem os potenciais e usos das planta que cultivava.

A senhora nos levou para conhecer seu sítio explicando a função de cada planta, comentando seus efeitos e indicações. O conhecimento desta mulher do povo se apresenta de maneira integrada, de modo que enquanto falava sobre as plantas, dava indicações sobre usos medicinais, veterinários, agrícolas, tecnológicos etc, como se todos os saberes estivessem conectados. Uma exímia educadora, a senhora comentou que inclusive chegou a iniciar os Estudos de Pedagogia, mas que abandonou devido a dificuldades de se manter estudando e ajudar no sustento da família simultaneamente.

Após uma longa e instrutiva conversa, seguimos à casa da irmã mais velha, que nos ensinou um pouco sobre o uso de vegetais no preparo de chás e xaropes. A senhora buscou algumas plantas no quintal e preparou alguns exemplos de remédios que eram comumente empregados pela comunidade “*no tempo em que não havia doutores*”.

A percepção de que estes saberes, de uma riqueza indescritível se encontravam em risco de desaparecimento, me impactaram de um modo tão forte, que fui transformado, logo de cara, pelo contato com a sabedoria destas senhoras e na medida em que conversava com outros sábios mais crescia algo dentro de mim, algo que eu não sentia fazia tempo. Depois de conhecer pessoas que atravessaram secas e “*dilúvios*”, sobreviveram a fome, a miséria, tiveram de sair de suas terras sazonalmente em busca de recursos, fui percebendo que as histórias de vida das pessoas simples têm muito a nos ensinar.

“*Nonada*” aconteceu... Vi a fé e a esperança brotarem dentro de mim ao ouvir as palavras destas sábias mulheres de Minas Gerais, senti as cores voltarem ao mundo e me senti em dívida com elas. Eu precisava auxiliar a preservar aquilo que finalmente me fez ter a coragem para enfrentar o luto e a tristeza e foi aí que minhas memórias me mandaram direto para o Pedro II e depois para a aula do professor Celso Sánchez. Que o retorno social era a resposta, isso eu já sabia... Agora, como fazer é que era o desafio... Como diria Guimarães Rosa “*Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só a fazer outras maiores perguntas*”

A partir deste momento, quando retornei do Vale do Jequitinhonha, resolvi seguir minha intuição e fui procurar o professor Celso Sánchez para contar tudo o que eu estava vivenciando, dividir minha angústia de querer fazer o bem pelas pessoas do Vale, mas não saber como...

“*Nonada*” aconteceu... O professor Celso, diante de meu discurso ansioso, me olhou impassível e disse “já sei o que você precisa ler”. Neste momento eu vi que tinha ido no lugar certo, perfeito, ele iria me dar exatamente os textos necessários dos principais autores para pensar o que fazer para ajudar aquelas pessoas do Vale do Jequitinhonha, mas isso é o que se passava na minha cabeça, mas o que ele de fato disse foi “Grande Serão Veredas, você precisa ler Guimarães Rosa!”. Eu fiquei tipo “o que? Como assim? Eu venho aqui procurando a solução pros meus problemas e este cara me manda ler literatura?! E os maiores autores do mundo?! Como vou fazer então?!”...

Apesar do susto do primeiro contato, resolvi arriscar e segui dando ouvidos para minha intuição. Foi quando comecei a frequentar as atividades do GEASur e também comecei

minha experiência como monitor das disciplinas de Educação Ambiental e Ciências Naturais na Educação. No GEASur pude entrar em contato com o campo de pesquisa em Educação Ambiental e, em especial, com a Educação Ambiental Crítica.

“*Nonada*” aconteceu... E quando eu vi, com a ajuda do GEASur e de Joyce Alves Rocha, uma amiga do Celso que acabou se tornando minha co-orientadora, consegui transformar meu desejo de ajudar as pessoas do Vale em um projeto de pesquisa, que se tornou meu trabalho de conclusão de curso, intitulado “Contos, Bênçãos e Mezinhas: Educação Ambiental Popular como Estratégia de Proteção dos Saberes Locais”. Além disso, é importante destacar a contribuição do professor Leonardo, que esteve presente durante todo este meu percurso como integrante do GEASur e participou da banca de defesa da monografia.

Durante o período final da graduação comecei a participar do processo seletivo do mestrado em Educação do PPGEDU-UNIRIO. Com muito esforço consegui passar nas provas do mestrado garantindo uma vaga no programa.

Antes de iniciar as aulas do mestrado fui realizar um curso de Cinema Ambiental (CUCA) no NUPEM da UFRJ-Macaé, com o professor Rafael Nogueira Costa. Neste curso pude entender que, no fundo, fazer cinema não é uma questão de equipamentos caros ou superproduções, pelo contrário, tem a ver com ter uma boa ideia, sensibilidade, vontade de fazer e, o mais importante, que é sair fazendo.

Com o tempo o mestrado se mostrou como uma forma de continuar retribuindo a estas pessoas, e um mestrado em Educação fazia muito sentido, visto que tudo se iniciou a partir dos professores de Chapada do Norte que me conduziram neste processo, por isso eu sentia que tinha chegado a hora de retribuir a eles. Auxiliar na contextualização de uma Educação Ambiental para as comunidades de Chapada a partir de diálogos entre o conhecimento científico e a Cultura Local, seria um novo compromisso.

Durante o mestrado, através de uma parceria interinstitucional entre a UNIRIO e a UFRJ, tive a honra de participar do projeto “Outras Epistemologias no processo formativo em Educação Ambiental” coordenado pelo professor Mauro Guimarães, que envolvia uma série de atividades de imersões com povos indígenas e populações tradicionais, a fim de pensar as implicações deste contato no processo formativo de Educadores Ambientais. A partir deste projeto tive a oportunidade de passar algum tempo com o povo Krahô, em Tocantins. Depois de quatro dias viajando dentro de um ônibus, finalmente chegamos em Kraholândia, de onde partimos para a aldeia. Na aldeia fomos recebidos com muito carinho, e

inclusive fomos batizados, quando recebi o nome “*Codetet*” que significa “água pura, água boa se beber”. Retornar da aldeia para a cidade grande não foi nada fácil. O modo de vida Krahô, que preza por uma estreita conexão com a natureza, me fez ter a certeza de que qualidade de vida é proporcional ao contato que o indivíduo estabelece com a natureza. O contato com os Krahôs me fez renovar aquela minha sensação de que “o compromisso social não só é necessário, como é urgente”...

Quando retornei para a selva de pedras voltei renovado pelo contato com os Krahôs, neste período iniciei meu estagio docente no mestrado, trabalhando coma as disciplinas de Educação Ambiental e Ciências Naturais. A partir daí, já inspirado pelo CUCA, resolvi puxar a disciplina “Cinema, Cibercultura e Audiovisual na Educação” oferecida pela professora Adriana Hoffman Fernandes. Nesta disciplina, um trabalho em especial foi muito marcante, pois me obrigou a praticar, a criar uma experimentação audiovisual. A partir deste trabalho criei um canal no Youtube e passei a ter idéias de como editar, divulgar e pensar as relações entre o audiovisual e a Educação.

“*Nonada*” aconteceu... E quando eu percebi, já não estava mais empurrando com a barriga, já tinha um propósito na vida, já estava conseguindo ajudar o povo do Vale, já não estava tão perdido como quando comecei essa odisséia, estava vendo a vida a cores, realizado por poder ter sido parte de tudo isso e, acima de tudo, grato por todas as oportunidades, todas as chances, por estar no lugar certo, na hora certa e com as pessoas certas...

Esta pesquisa abriga muitas vozes e foi escrita de modo a encarar as comunidades investigadas como co-autoras do trabalho. Trata-se de trabalho desenvolvido sobre um compromisso com a realidade socioambiental das comunidades; uma investigação que se propôs a ser *sentipensante*; uma busca que se tornou transformadora. Uma pesquisa que me mostrou que ser sensível não é defeito... Esta dissertação retrata uma parte da história desta grande aventura, que mudou radicalmente minha vida, transportando-me para um mundo mágico, um mundo de *Lendas, Rezas e Garrafadas*...

Para mim, no fundo esta é uma história de cura, uma história que mostra como uma pesquisa em Educação pode extrapolar sua função original de produzir conhecimentos, para se tornar também um processo terapêutico, um processo de cura. Nas entrelinhas deste estudo existe uma história que conta como um menino perdido do Rio de Janeiro conseguiu vencer uma guerra contra a depressão, exorcizar seus próprios demônios, se reinventar e alcançar a cura através do contato com o povo. De como esse mesmo menino deixou de ser um perdido e encontrou um rumo, do Sul para o Norte...

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa<sup>2</sup> foi desenvolvida nos distritos de Cachoeira do Norte, Santa Rita do Araçuaí e São Sebastião da Boa Vista, no município de Chapada do Norte (MG), localizado no Vale do Jequitinhonha, na região do médio-alto Jequitinhonha. Trata-se de uma pesquisa social que assumiu um caráter de pesquisa militante ao promover diálogos com os saberes locais e a cultura popular de comunidades do Vale do Jequitinhonha, com vistas a auxiliar no processo de contextualização das práticas educativas, bem como possibilitar um espaço para os representantes dos saberes locais se expressarem.

É importante destacar que este trabalho foi desenvolvido a partir de demandas, sugestões e críticas das comunidades envolvidas. Também destaco que o projeto de pesquisa surgiu a partir de um contato prolongado com tais comunidades<sup>3</sup>.

O trabalho considerou a proposta de Investigação Ação Participante (IAP)<sup>4</sup> do sociólogo colombiano Orlando Fals Borda (FALS BORDA, 1981, 1991; ORTIZ & BORJAS; 2008, RENAUD & SÁNCHEZ, 2015), combinada à metodologia Freireana de Temas Geradores (FREIRE, 2014; DELIZOICOV, 1982; DELIZOICOV, ANGOTTI & PERNAMBUCO, 2002; TORRES, FERRARI & MAESTRELLI, 2014; SAITO, FIGUEIREDO & CARDOSO, 2014) para elaborar uma proposta crítica de Educação Ambiental, contextualizada às realidades locais. A partir de uma investigação sobre a realidade local foram evidenciadas as situações-limite (FREIRE, 2014) por meio de um estudo do meio e de falas significativas dos moradores das comunidades, que forneceram pistas sobre os temas mais relevantes para estes contextos. Além disso, a metodologia de temas geradores foi adaptada de modo a contemplar, também, a perspectiva de Santos (2010) de uma Ecologia de Saberes.

---

<sup>2</sup> Partindo de uma concepção de pesquisa semelhante à compreendida por Danilo Streck (2006) que aponta a pesquisa como “uma forma de ler e pronunciar o mundo” (p.264)

<sup>3</sup> Inicialmente me envolvi com as comunidades através de uma participação como educador e pesquisador voluntário no Projeto Construindo e Preparando o Futuro (Projeto CPF), no ano de 2012. Posteriormente, quando saí do projeto e perdi o financiamento para realização desta pesquisa a comunidade se uniu e fizeram o possível para que este trabalho acontecesse, mesmo dispondo de recursos limitados. Destaco a importância de pesquisas de Educação Ambiental de Base Comunitária se comprometam em pensar seus projetos a longo prazo, até mesmo para fortalecerem os laços de confiança entre o pesquisador e as comunidades, incluindo a perspectiva de replicação-continuidade pelos próprios moradores locais e, em especial, os professores.

<sup>4</sup> Embora no Brasil a perspectiva de Fals Borda tenha se convertido no que passou a ser conhecido como Pesquisa Participante, neste trabalho optei por manter o termo original adotado por Fals Borda para ressaltar a importância do tripé investigação, ação e participação comunitária para a construção de pesquisas com o povo, em especial com populações locais e comunidades tradicionais, bem como para prestar uma homenagem ao sociólogo colombiano.

As informações sobre as comunidades foram obtidas através de uma investigação temática (FREIRE, 2014; DELIZOICOV, 1982; DELIZOICOV, ANGOTTI & PERNAMBUCO, 2002; TORRES, FERRARI & MAESTRELLI, 2014) considerando o cruzamento de observação participante (MINAYO, 2015), conversas informais<sup>5</sup> e consulta bibliográfica, além da elaboração de um rápido estudo do meio, destinado a investigar as questões socioambientais vivenciadas pelas comunidades. Tais informações foram divididas em dois momentos, um primeiro instante, onde apresento as informações obtidas a partir da consulta bibliográfica e, em um segundo momento, apresento as informações de acordo com a percepção e memória dos moradores, assim como pela observação participante.

A proposta educativa foi pensada de modo a articular a perspectiva de Educação Ambiental Crítica (LOUREIRO, 2004; GUIMARÃES, 2004; TORRES, FERRARI & MAESTRELLI, 2014) e Educação Popular (FREIRE, 2014, 2015; FALS BORDA, 1991; BRANDÃO, 2006; STRECK, 2015; CAMARGO, 2014), resultando no que entendemos como uma Educação Ambiental de Base Comunitária, ou seja, uma proposta que se constrói em cima da valorização dos saberes das comunidades, que considera as comunidades como co-autoras do processo investigativo, que parte da conjuntura e das especificidades dos territórios, que reconhece a importância do diálogo, da pluralidade epistemológica e epistêmica, que revela as relações desempenhadas entre as culturas locais e o meio ambiente<sup>6</sup>.

O objeto de estudo desta pesquisa são os saberes locais, mais especificamente os temas geradores desenvolvidos a partir da investigação temática e dos círculos de cultura realizados com as comunidades, focando em aspectos socioambientais do cotidiano local.

O objetivo central deste trabalho consiste em identificar subsídios para a construção de uma proposta crítica de Educação Ambiental de Base Comunitária, que considere um diálogo entre os saberes locais e o saberes científicos, para pensar sugestões de possíveis discussões de Educação Ambiental, contextualizadas às realidades e demandas das comunidades. Além disso, é importante destacar que tal proposta será pensada com base nas perspectivas da Decolonialidade, Interculturalidade e Ecologia de Saberes.

Como objetivos específicos, destaco a intenção de auxiliar na preservação e valorização das culturas, saberes, histórias e memórias das comunidades investigadas, bem

---

<sup>5</sup> Destaco que na metodologia de Investigação e Redução Temática de Freire (2014) o autor sugere a realização de conversas em um clima de informalidade para evitar inibir os sujeitos da pesquisa. Porém, considero que em determinados momentos a visão de Freire de conversas se assemelha a visão de MINAYO (2015) de uma entrevista aberta, na qual o pesquisador apresenta tópicos aos sujeitos deixando-os livres para se expressar e realizando uma mediação, quando necessário, no sentido de retornar o foco da conversa para o tema apresentado.

<sup>6</sup>Relações estas entendidas por Victor Toledo e Narciso Barrera-Bassols (2015) como um processo de coevolução de sociedades-naturezas, que permanecem registradas em memórias, que são Bioculturais.

como promover práticas educativas atentas às Ecologias de Saberes locais, considerando os saberes populares das comunidades, em diálogo com os saberes de professores do município de Chapada do Norte.

Chamaremos a questão que orientou o desenvolvimento deste trabalho de questão suleadora<sup>7</sup>, visto que consiste em uma perspectiva de *Educação Ambiental Desde El Sur*, por entendermos que o caso deste trabalho representa uma forma de Educação Ambiental que emerge de territórios da América Latina e, mais especificamente, dos territórios do Sul geopolítico do globo terrestre. Neste caso, a pergunta suleadora poderia ser resumida em “como pensar a contextualização de práticas de Educação Ambiental à realidade de comunidades do Vale do Jequitinhonha?”

De todas as regiões do planeta Terra, o Brasil é o país que concentra maior quantidade de formas de vida em seu território, sendo, portanto, considerado um país detentor de megadiversidade<sup>8</sup>. Essa concentração da biodiversidade<sup>9</sup> no território brasileiro representa uma das maiores riquezas do planeta<sup>10</sup>. Somada a esta enorme riqueza natural encontra-se a sociodiversidade, que no Brasil se formou pelo sincretismo de muitas culturas. Lucie Sauvé (2005, p. 317) ressalta que “[é] importante também reconhecer os vínculos existentes entre a diversidade biológica e a cultural, e valorizar essa diversidade ‘biocultural’”.

A região do Vale do Jequitinhonha, incluindo Chapada do Norte, apresenta predominância do Bioma Cerrado. O Cerrado é considerado um dos *Hotspots* brasileiros, ou seja, representa uma região estratégica para a conservação do Meio Ambiente, pois concentra altos níveis de biodiversidade<sup>11</sup>, sendo um Bioma extremamente ameaçado pela expansão de atividades antrópicas. Além disso, o Cerrado é o Bioma brasileiro que possui maior área de fronteira com outros Biomas, com isso a região apresenta um intercâmbio de espécies superior a outros territórios.

---

<sup>7</sup> Paulo Freire introduz a ideia de “sulear” a Educação em “Pedagogia da Esperança” (1994, p. 218-219). Neste caso me apropriei do termo para demarcar a oposição a uma questão norteadora, que apontaria para o Norte, substituindo a ideia de “nortear”.

<sup>8</sup> O Brasil se encontra entre os 17 países que, juntos apresentam em seus territórios 70% da Biodiversidade do planeta. Os países detentores de megadiversidade são: Brasil; Colômbia; México; Venezuela; Equador; Peru; Estados Unidos; África do Sul; Madagascar; República Democrática do Congo (ex-Zaire); Indonésia; China; Índia; Papua Nova Guiné; Malásia; Filipinas e Austrália. Ver em: <[www.eco21.com.br/textos/textos.asp?ID=975](http://www.eco21.com.br/textos/textos.asp?ID=975)>

<sup>9</sup> O conceito de Biodiversidade abrange a diversidade genética, a diversidade de espécies e a diversidade de ecossistemas. Ver em: <[www.wwf.org.br/natureza\\_ambientais/biodiversidade/](http://www.wwf.org.br/natureza_ambientais/biodiversidade/)>

<sup>10</sup> Entre as vantagens da Biodiversidade encontram-se serviços ecológicos, como por exemplo o controle de pragas ou a polinização, que são prestados gratuitamente pela natureza e que levariam as maiores economias do mundo à falência caso precisassem pagar por tais serviços.

<sup>11</sup> Um dos motivos que justifica a grande diversidade biológica do Cerrado é o fato de este ser o Bioma brasileiro a apresentar o maior número de fronteiras com outros Biomas, representando uma região de forte intercâmbio de espécies.

Em meio a estas enormes riquezas naturais, se somam às riquezas culturais do Vale do Jequitinhonha. Uma riqueza que produziu um povo que, assim como as plantas do Cerrado, se viu obrigado a se adaptar à seca e as condições ambientais da região, na busca pela sobrevivência. Uma cultura composta por personagens como tropeiros, rezadeiras, raizeiros e feiticeiros. Uma cultura formada pela mistura de raças, uma cultura tipicamente brasileira. Sobre esse caldeirão cultural que é o Brasil, Tolero e Barrera-Bassols (2015) destacam que:

Cumpre também ressaltar o importante papel desempenhado pelas novas culturas resultantes da mestiçagem entre povos originários, descendentes de europeus e população de ascendência africana. Essa nova onda de recriação cultural que torna o Brasil particularmente diverso, faz com que o estudo da memória biocultural se estenda para além dos povos indígenas, incluindo outros grupos, como os seringueiros, camponeses, caboclos, caiçaras, pantaneiros, quilombolas e pescadores artesanais. Outro novo paradigma pelo qual o Brasil ganha destaque é o que estabelece que a conservação da biodiversidade deve se realizar em plena sintonia e com a participação das comunidades locais, pertencentes a diversas culturas. (TOLEDO & BARRERA-BASSOLS, 2015, p.20).

Todo o processo de ocupação e desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha foi marcado pela exploração da natureza e de seres humanos. Inicialmente uma região ocupada por diversos povos indígenas, a expansão do projeto colonizador português invadiu o Vale do Jequitinhonha ocasionando a morte e expulsão de grande quantidade de indígenas, bem como a alteração e destruição dos ecossistemas naturais e a imposição de um modelo de desenvolvimento<sup>12</sup> calcado na exploração exaustiva dos recursos naturais da região. Além de provocar um extermínio dos povos indígenas originários, o projeto colonizador também se impôs promovendo a criação de *linhas abissais*, ou seja, gerando a invisibilização dos saberes locais em detrimento da imposição de saberes hegemônicos (SANTOS, 2010). A este processo de apagamento dos saberes populares em detrimento de saberes legitimados pela sociedade moderna Santos (op cit.) denomina de *Epistemicídios*. Neste contexto é importante ressaltar o papel da escola na legitimação ou na exclusão dos saberes locais, colaborando, ou não, para a manutenção de tais conhecimentos. Acerca da importância de preservação das

---

<sup>12</sup> Modelo este centrado na dimensão econômica do desenvolvimento, priorizando o lucro de poucos indivíduos em detrimento da manutenção do equilíbrio das condições socioambientais da região. Trata-se de um modelo que agrava a desigualdade social, a partir da distribuição desigual dos benefícios oriundos da exploração do ambiente que concentra riquezas nas mãos de uma minoria enquanto gera uma série de impactos e conflitos ambientais pela região.

bases culturais e ecológicas da humanidade, Petersen (2015) aponta que a destruição destas bases estaria “[...] gerando um perigoso aumento da vulnerabilidade das modernas sociedades. Reconstruir essas bases é uma condição urgente para a superação da crise de civilização que ameaça o futuro da espécie” (p. 14). Neste sentido, sobre os riscos de desaparecimento dos saberes locais, Toledo & Barrera-Bassols (2015) destacam que:

Hoje, a sociedade moderna ou, mais precisamente, o modelo social dominante se restringe a imitar ou reproduzir uma única forma de observar, conhecer e conviver com o mundo, isto é, com os demais seres vivos (e não vivos), assim como com os processos ecológicos, locais, regionais e globais do planeta, que é o nosso habitat. Esse modelo hegemônico repousa sobre uma ideia de subjugar os não humanos (o chamado mundo natural), visão que, de certa forma, corresponde às formas de dominação que subsistem no interior da sociedade contemporânea (TOLEDO & BARRERA-BASSOLS, 2015, p.18)

Sobre o processo de desenvolvimento implantado no Vale do Jequitinhonha é importante destacar que os diferentes ciclos exploratórios vivenciados promoveram um agravamento das condições ambientais da região. Do ciclo do ouro, produzindo enormes crateras e erosões, bem como alterando o curso de córregos e rios; do ciclo da agropecuária que promoveu uma substituição da vegetação nativa; e do ciclo da madeira/celulose que vem se expandindo sobre o Cerrado.

Historicamente as comunidades do Jequitinhonha se desenvolveram em meio ao isolamento, mas atualmente, com as novas conexões permitidas pela modernidade<sup>13</sup>, novos processos de transformações sociais ameaçam diretamente a preservação de memórias resultantes das relações desempenhadas entre a sociedade e a natureza, neste sentido, Toledo e Barrera-Bassols (2015) destacam que:

Tal como acontece com muitos outros aspectos da realidade, a memória da espécie, resultante do encontro entre o biológico e o cultural, vem sendo seriamente ameaçada por fenômenos da modernidade: principalmente pelos processos técnicos e econômicos, mas também por fatores ligados à informática e ao âmbito social e político. (p. 24)

É essencial ressaltar que nos tempos atuais as comunidades do município de Chapada do Norte estão vivenciando um processo de crise intergeracional (SILVA, 2000; CAMARGO,

---

<sup>13</sup> Seja pela chegada das estradas quando por informações veiculadas à diferentes plataformas de mídia.

2014), ou seja, um afastamento entre as tradições e visões de mundos das antigas com as novas gerações. Neste sentido Vanda Aparecida da Silva (2000) documentou a situação de crise intergeracional de Chapada do Norte em sua dissertação de mestrado, intitulada “Eles não tem nada na cabeça: Jovens do Sertão Mineiro, entre a tradição e a mudança”, que descreve a visão que os mais velhos apresentam sobre os jovens e discute os novos interesses e escolhas das novas gerações. E em minha monografia (CAMARGO, 2014) discuti a dificuldade dos *mestres dos saberes* em encontrar sucessores para garantir a manutenção das tradições.

Com relação a organização do conteúdo deste estudo, o material foi dividido em cinco capítulos. No capítulo I, denominado *O Vale e Suas Histórias*, tento retratar um pouco do local de estudo, realizando uma descrição do Vale do Jequitinhonha, do Município de Chapada do Norte e dos distritos de Cachoeira do Norte, Santa Rita do Araçuaí e São Sebastião da Boa Vista.

No capítulo II, *Saberes Necessários*, apresento uma breve discussão sobre os *saberes necessários* para facilitar a compreensão deste estudo, explicando brevemente o referencial teórico empregado e introduzindo uma discussão sobre conceitos e categorias que embasaram o estudo.

No capítulo III, *A Estrada*, comento a proposta teórico-metodológica empregada nessa pesquisa, relatando as escolhas e os percursos vivenciados ao longo do processo investigativo.

O capítulo IV, *Descobertas*, aponta alguns resultados parciais obtidos por meio do estudo do meio, além de informações coletadas através de observação participante e conversas informais<sup>14</sup>, somados ao material obtido no contato prévio com as comunidades ao longo da pesquisa realizada para a graduação em ciências ambientais e participação em projeto social.

O Capítulo V, *Aprendizados*, traz as considerações finais tecidas a partir das reflexões desenvolvidas ao longo do estudo.

Por fim, o trabalho apresenta um anexo, com o termo de consentimento livre e esclarecido utilizado pelo estudo, além de Apêndices que contém uma série de listas, tabelas, gráficos e linhas do tempo de informações que foram apontadas pelas comunidades como sendo “relevantes para compreender as relações culturas-naturezas”

---

<sup>14</sup> Para preservar a identidade dos informantes, optei por identificar o gênero do sujeito através de “Dona/D<sup>a</sup>” para representar o sexo feminino e “Seu/Sr” correspondendo aos sujeitos do sexo masculino. Além disso, optei por manter apenas as iniciais dos apelidos ou nomes sociais dos informantes para garantir a confidencialidade de suas identidades. Por fim, foram identificados as comunidades que os informantes integram, bem como as idades e o ano de realização das conversas.

## CAPÍTULO I – O VALE E SUAS HISTÓRIAS

Antes mesmo de embarcar pela primeira vez para o Vale do Jequitinhonha<sup>15</sup>, ainda durante minha graduação, lá no ano de 2012, logo corri em busca de informações sobre a região, sobretudo em fontes disponíveis na internet. A partir deste levantamento preliminar criei em meu imaginário uma visão da região totalmente discrepante da realidade, uma visão vinculada ao estereótipo da pobreza disseminado pelas mídias e construído sobre índices que não levam em conta as inúmeras riquezas da região. No início desta pesquisa, provavelmente tive a mesma sensação que muitas pessoas devem passar quando visitam o Jequitinhonha pela primeira vez, após entrar em contato com algumas notícias sobre a região. A primeira coisa que notei a partir desta pesquisa foram as ausências: como é difícil, mesmo através da internet, encontrar informações sobre a região, em especial sobre as comunidades. A segunda coisa que notei foi que as informações disponíveis me davam conta de uma região desolada, devastada pela seca, pela fome e pela pobreza. O “Vale da Miséria”, como muitas vezes o Jequitinhonha era retratado, me levou a criar um imaginário completamente equivocado sobre a região, de modo que cheguei esperando algo que não encontrei na prática. Por outro lado, também é possível encontrar algumas informações acerca das riquezas culturais e minerais da região, seja através do artesanato<sup>16</sup>, de barro, couro, algodão ou palha de milho, através das festas folclóricas e religiosas e do potencial da região para a mineração, incluindo metais e pedras preciosas.

A partir dos relatos dos moradores das comunidades fui entrando em contato com uma história diferente daquela que eu havia conhecido a partir da internet, em artigos e livros sobre a região. As falas dos moradores foram registradas em arquivos de áudios e/ou vídeos, além de anotações em cadernos de campos. As narrativas das falas dos moradores foram então transcritas e organizadas de modo a produzir uma sequência cronológica da história das comunidades, tecendo de forma artesanal, quase como faria uma rendeira, unindo os fios condutores das histórias locais para entender o passado das comunidades.

Neste capítulo apresento informações obtidas a partir deste meu contato virtual com o Vale, considerando as informações disponíveis em livros, artigos acadêmicos e sites da

---

<sup>15</sup> Na ocasião como voluntário em um Projeto Social.

<sup>16</sup> Ver em: <[www.memorialvale.com.br/ambientes/vale-do-jequitinhonha/](http://www.memorialvale.com.br/ambientes/vale-do-jequitinhonha/)>

internet, combinadas a informações obtidas a partir do contato com as comunidades<sup>17</sup>, sobretudo por meio de conversas com os moradores locais.

Entendo que para compreender a realidade histórica, cultural, ambiental e geopolítica do Vale do Jequitinhonha, é preciso entender como a região se posiciona diante do contexto geopolítico do Brasil, e da América Latina. De um modo geral, é preciso considerar que a atual condição do Jequitinhonha é um reflexo da história da América Latina. Uma história de exploração e violência, de conquistas e saques, de invisibilização e apagamentos, mas, sobretudo, uma história de luta e esperança. Por meio do processo colonizador (e da modernidade-colonialidade<sup>18</sup>) a história do Vale se encontra diretamente conectada à história da América Latina.

---

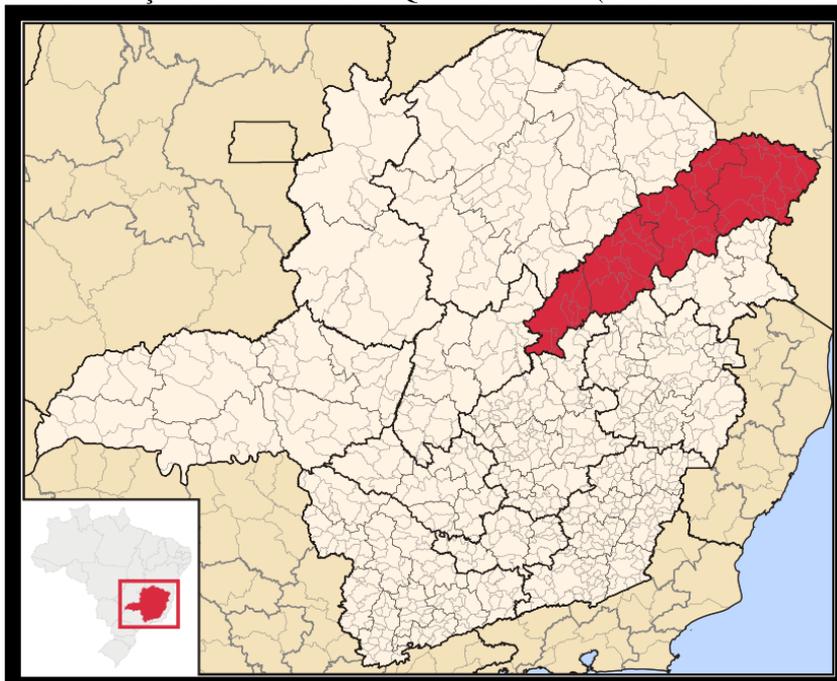
<sup>17</sup> Apresentarei os detalhes de como se deu esta coleta de dados no Capítulo III – A Estrada: Proposta Teórico-Metodológica.

<sup>18</sup> Ver Capítulo II, item 2.1.

## 1. VALE DO JEQUITINHONHA

O Vale do rio Jequitinhonha ou simplesmente Vale do Jequitinhonha (FIGURA 1) é uma região do território brasileiro composta por parte do nordeste do estado de Minas Gerais, acompanhando o curso do Rio Jequitinhonha que, em conjunto com seus afluentes, consiste no principal recurso natural desta região (GONÇALVES, 1997). O Rio Jequitinhonha nasce na Serra do Espinhaço, no município de Serro (MG), e percorre uma extensão de cerca de 1.082 km antes de desaguar na cidade de Belmonte, no sul do da Bahia<sup>19</sup>. O nome do rio é proveniente de uma prática, atribuída aos povos indígenas originários da região, de posicionar uma armadilha denominada *Jequi*, que era utilizada para capturar peixes. Existem duas teorias principais sobre a origem do termo *Jequitinhonha*: a primeira fala sobre examinar o *Jequi* para ver se este “tinha ‘onha’” (neste caso, o termo “onha” significaria “peixe”)<sup>20</sup>; a segunda teoria afirma que o termo “tinhonha” significa “rio largo”.

FIGURA 1– LOCALIZAÇÃO DO VALE DO JEQUITINHONHA (DESTACADO EM VERMELHO).



FONTE: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Vale\\_do\\_Jequitinhonha#mediaviewer/Ficheiro:MinasGerais\\_Meso\\_Jequitinhonha.svg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Vale_do_Jequitinhonha#mediaviewer/Ficheiro:MinasGerais_Meso_Jequitinhonha.svg)>

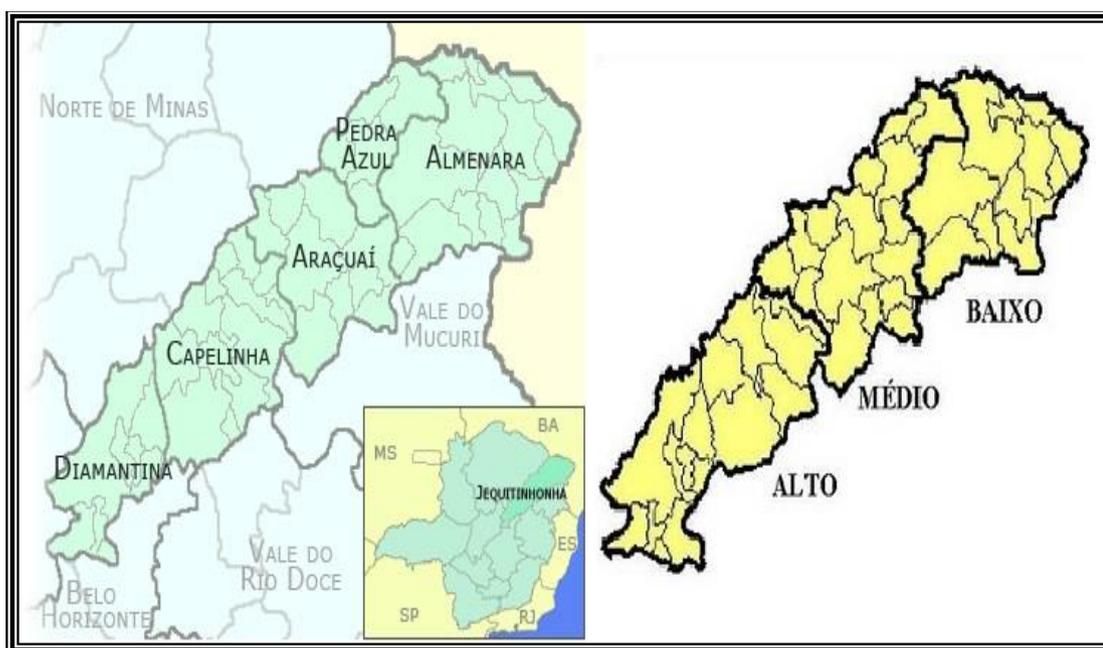
<sup>19</sup>Fonte: <[www.cemig.com.br/pt.br/A\\_Cemig\\_e\\_o\\_Futuro/sustentabilidade/nossos\\_programas/ambientais/peixe\\_vivo/Paginas/rio\\_jequitinhonha.aspx](http://www.cemig.com.br/pt.br/A_Cemig_e_o_Futuro/sustentabilidade/nossos_programas/ambientais/peixe_vivo/Paginas/rio_jequitinhonha.aspx)>

<sup>20</sup> Existe uma referência à esta teoria nos versos do poeta Gonzaga Medeiros, que diz:

“Conta, canta, contador  
Conta a história que eu pedi  
Dizem que o Jequi tem onha  
Conta as onhas do Jequi”

O Jequitinhonha consiste em uma das doze mesorregiões do estado de Minas Gerais, compreende um total de 51 municípios mineiros agrupados em cinco microrregiões (FIGURA 2), totalizando uma área de cerca de 79.000 km<sup>2</sup>, que segundo os dados do censo (IBGE, 2016) abriga uma população de cerca de 731.314 habitantes. Além disso, o Vale é dividido em três áreas (FIGURA 2): Alto Jequitinhonha, que compreende a região à Sudoeste do Vale, próximo à nascente do Rio Jequitinhonha, uma região localizada mais perto de Belo Horizonte e que apresenta os melhores indicadores sociais e econômicos segundo os dados oficiais; Médio Jequitinhonha, trecho médio do Vale do Jequitinhonha que abrange uma área de 18.509,30 km<sup>2</sup> divididos por 19 municípios, incluindo o município de Chapada do Norte, foco deste trabalho; e, por fim, o Baixo Jequitinhonha, que representa à região mais a nordeste do Vale, que assim como o Médio Jequitinhonha apresenta baixos indicadores de desenvolvimento segundo dados oficiais do governo.

FIGURA 2 - MAPA DAS MICRORREGIÕES DO VALE DO JEQUITINHONHA (ESQUERDA) E MAPA DAS 3 ÁREAS DO VALE DO JEQUITINHONHA (DIREITA)



Fonte: <https://www2.ufmg.br/polojequitinhonha/O-Vale/Sobre-o-Vale>

Desde o início do processo de colonização do território brasileiro, os portugueses escutaram lendas dos índios do litoral contando sobre uma região de grandes riquezas minerais no interior do continente, uma terra cujo solo seria repleto de ouro. Uma dessas histórias, sobre um possível “El Dourado” brasileiro, é a lenda de *Sabarabussu*, também conhecida como “*a Serra Resplandescete*”, que seria uma região extremamente rica em prata

e ouro, e que influenciou o imaginário dos colonizadores na busca pelas riquezas do interior (SILVA, 2002).

A história da ocupação do Vale do Jequitinhonha pelo homem branco se deu durante as primeiras expedições dos bandeirantes<sup>21</sup>, quando, a coroa portuguesa, atraída pelos boatos sobre as riquezas do interior, investiu na busca por ouro e pedras preciosas no território brasileiro. Este movimento de interiorização foi marcado pela expulsão e perseguição dos povos indígenas originários e pela imposição de um projeto de desenvolvimento que via a terra e seres humanos como fonte de riquezas.

Inicialmente o território do Vale do Jequitinhonha era habitado por diversas etnias indígenas do tronco lingüístico Macro-Jê, incluindo os *Maxacalis*<sup>22</sup> e uma série de etnias do grupo dos Botocudos<sup>23</sup> (SILVA, 2002). Com a expansão do processo colonizador ocorreu um grande extermínio e os indígenas sobreviventes acabaram expulsos de suas terras.

Nesse período [da colonização do Jequitinhonha pelos bandeirantes, que corresponde à primeira metade do século XVIII], de fato, ainda domiciliavam-se nos vales do Jequitinhonha e Mucuri muitas “tribos”, tanto de etnias com contingentes populacionais mais reduzidos como os *Maxakali (s)*, *Macuni(s)*, *Malali(s)*, *Pataxó(s)*, *Panhame* e *Comonoxó*, como dos diferentes grupos étnicos que integravam a grande família dos “botocudos” (como os denominava a Coroa portuguesa), [...]: incluindo os *Pojitxá(s)*, *Gyporok*, *Nack-nenuck*, *Aranã(s)*, etc., conhecidos coletivamente por designações diversas como: *Aymoré(s)*, *Guerén*, *Borun*, *Endjerekmun...* e hoje extintos, em sua maioria, no contexto regional do Jequitinhonha (RODRIGUES; DEUS; BARBOSA, 2013, p.12-13).

O ouro e as pedras preciosas encontradas com abundância nesta região<sup>24</sup> serviram de pretexto para o avanço de um projeto colonizador conduzido sob as bandeiras da escravidão,

---

<sup>21</sup> As primeiras tentativas de ocupar o território Mineiro ocorreram ainda no século XVI, quando aventureiros europeus partiram do litoral baiano adentrando o continente através das margens dos principais rios da região. Ver em: <[www.ebah.com.br/content/ABAAAe79cAL/atividades-extrativistas-no-vale-do-jequitinhonha](http://www.ebah.com.br/content/ABAAAe79cAL/atividades-extrativistas-no-vale-do-jequitinhonha)>

<sup>22</sup> O povo Maxacali é considerado símbolo da resistência indígena, sendo sobreviventes do processo de colonização do Vale do Jequitinhonha. Atualmente este povo é uma das poucas etnias brasileiras que mantêm sua cultura e língua praticamente preservadas. Ver: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/maxacali>>

<sup>23</sup> A grande maioria dos povos indígenas originários do Vale do Jequitinhonha são classificados como membros do tronco-lingüístico macro-jê, que inclui as etnias do grupo dos Botocudos. O grupo dos Botocudos era muito temido pelos colonizadores dada a forte resistência apresentada aos invasores. Ver em: <[dahistoriauneb.blogspot.com.br/2011/03/índios-no-vale-do-jequitinhonha-e.html?m=1](http://dahistoriauneb.blogspot.com.br/2011/03/índios-no-vale-do-jequitinhonha-e.html?m=1)> ;<[www.anai.org.br/povos\\_mg.asp](http://www.anai.org.br/povos_mg.asp)>

<sup>24</sup> Atualmente o Vale do Jequitinhonha abriga o “Circuito das Pedras Preciosas”, um roteiro turístico que compreende 19 cidades mineiras reconhecidas pela exploração de pedras preciosas.

do extermínio dos povos originários, do silenciamento das minorias e fortemente marcado pelas desigualdades. Tal pretexto promoveu o envio um grande número de escravos africanos<sup>25</sup> para a região, constituindo estes a principal mão de obra empregada na extração do ouro e das pedras preciosas:

[...] Entre as grandes mudanças econômicas, mais significativas em Portugal do que no Brasil, há uma que nem sempre foi observada: com as minas, definiu-se a natureza do escravismo brasileiro. Os índios, já escassos, cederam definitivamente lugar aos negros africanos. Quando se descobriu ouro em Minas, restavam menos de 1.800 índios em São Paulo e apenas seiscentos deles aptos para o trabalho duro. Eram insuficientes para ir às minas e os paulistas começaram a utilizar os negros (CHIAVENATTO, 1991, p. 90)

A partir da fundação dos primeiros vilarejos no Vale do Jequitinhonha, um grande contingente populacional foi atraído para a região em busca de riquezas. Em um primeiro momento o ciclo do ouro estimulou a expansão das comunidades e, com o tempo, as terras próximas a corpos d'água foram sendo ocupadas. No ano de 1817 a região recebeu a visita do naturalista francês Auguste Saint Hillaire, que na ocasião passou por Minas Novas, constatando que neste período a atividade mineradora já havia decaído, cedendo lugar à agricultura de subsistência e pecuária (CASCUDO, 2011). Sobre os pequenos aglomerados urbanos que foram surgindo no Vale do Jequitinhonha a partir do período da exploração mineradora, Souza (2011) indica a presença da religiosidade como um dos elementos fundadores destas comunidades, alegando que:

Todos eles se formaram ao redor de uma igreja, cujos terrenos e construção geralmente eram doação do devoto de um santo a quem se instituía como orago. Não possuíam configuração propriamente urbana, mas funcionavam como centro comercial, em decorrência das feiras e da vida social, fundada invariavelmente no elemento religioso. (p. 12)

---

Ver em: [www.descubraminas.com.br/Turismo/CircuitoDetalhe.aspx?cod\\_circuito=120](http://www.descubraminas.com.br/Turismo/CircuitoDetalhe.aspx?cod_circuito=120)

<sup>25</sup> A grande maioria da população negra do estado de Minas Gerais é oriunda do povo Bantu, sendo praticamente todas as línguas e dialetos falados em Minas Gerais provenientes desta matriz linguística. Além disso, outras etnias também foram trazidas para a região, sobretudo durante o século XIX. É importante destacar que existe uma grande concentração de comunidades quilombolas vivendo nas margens do Rio Jequitinhonha e de seus afluentes, tais populações chegaram ao Vale a partir do século XVIII, à ocasião da exploração do ouro e pedras preciosas.

Ver em: [www.cedefes.org.br/index.php?p=colunistas\\_detalhe&id\\_pro=2](http://www.cedefes.org.br/index.php?p=colunistas_detalhe&id_pro=2)

Silva (2002) destaca que durante o período imperial, a dominação do Vale do Jequitinhonha está relacionada à frente de expansão comandada por Julião Taborda Fernandes Leão, chefe da 7ª divisão militar, que adentrou este território seguindo as margens do Rio Jequitinhonha e seus afluentes dizimando indígenas que encontrava pelo caminho enquanto procurava por ouro e pedras preciosas. Tal frente de expansão teria sido responsável pela criação de quartéis na região, que posteriormente se converteram em cidades<sup>26</sup>.

No início do processo de conquista de seu território pelo projeto colonizador, o Vale do Jequitinhonha se encontrava vinculado ao estado da Bahia, sendo anexado ao estado de Minas Gerais após a descoberta de diamantes na região que hoje corresponde ao município de Diamantina, no final do século XVII.

Em um primeiro momento os ciclos do ouro e das pedras preciosas desempenharam um papel fundamental na ocupação das terras do Vale do rio Jequitinhonha, elevando abruptamente a densidade demográfica da região (RIBEIRO, 1986; NASCIMENTO, 2009). Um segundo momento, representado pelo declínio das atividades mineradoras iniciou um ciclo de agricultura e pecuária (RIBEIRO, 1986). As terras férteis do Jequitinhonha influenciaram um modelo de ocupação baseado na formação de fazendas, que representavam um novo modelo de organização social. Segundo Ribeiro (1986, p.22) “as fazendas eram cheias de moradores, os agregados, que plantavam e criavam com muita liberdade nas terras da fazenda”, em um modelo que se baseava na ideia de que a fertilidade da terra era infinita. Segundo o autor (RIBEIRO, 1986, p. 22) “foi uma ocupação extrativista, liquidadora do meio ambiente”, pois não houve uma preocupação com a manutenção da qualidade do solo. Sobre as mudanças provocadas por tais ciclos de desenvolvimento na região, João Valdir de Souza (2011) aponta que:

À diminuição gradativa da exploração mineradora contrapôs-se a afirmação da agricultura como principal ocupação dos moradores locais. Desde o início, caracterizou-se como atividade de subsistência, consolidando, ao longo do tempo, uma agricultura de tipo familiar, explorada principalmente nas margens cultiváveis dos rios, ribeirões e córregos. Isso constituiu um processo de lenta ocupação das grotas, já que as chapadas, por serem muito áridas, não se prestavam ao cultivo sem um tratamento especial da terra. [...] Essas chapadas, no entanto, ficaram como reserva natural, lugar de uso comum do qual lançavam mão todos os que se interessavam pela coleta de frutos

---

<sup>26</sup> Entre as cidades provenientes desta frente de expansão é possível citar Almenara, Jequitinhonha, Joáima e Salto da Divisa.

silvestres e que criavam gado “na larga”, solto, sem a preocupação com cercas e pastagens cultivadas artificialmente. Eram terras sem dono, mas de todos ao mesmo tempo, e esse tipo de exploração coletiva durou até o terceiro quartel do século XX, quando o eucalipto entrou definitivamente na paisagem regional, substituindo a mata nativa e sendo apresentado como a grande alternativa para o desenvolvimento da região (p. 11)

Sucessivas secas ocasionaram o início de um processo de êxodo rural, levando moradores, em especial os agregados, a abandonar a região e seguir, principalmente para grandes centros urbanos (RIBEIRO, 1986; AMARAL, 1988). Um novo ciclo teve início com a redução da produtividade das lavouras pelo empobrecimento dos solos (RIBEIRO, 1986). Cultivado sem preocupações de manejo, o solo que em um primeiro momento fora um dos mais férteis do Brasil, perdeu seus nutrientes, sobretudo devido queimadas, desmatamento e remoção da camada de serrapilheira<sup>27</sup>, chuvas intensas, secas prolongadas e mal uso do solo (RIBEIRO, 1986). A pecuária, que sempre encontrou dificuldades na região devido às secas e ao relevo acidentado, se viu favorecida pela proliferação de gramíneas, que avançavam sobre áreas de chapadas antes cobertas pela vegetação nativa do Cerrado, porém logo as secas afetaram a criação de animais, assim como a agricultura que se viu fortemente prejudicada (RIBEIRO, 1986). No início da década de 1970 empresas começaram a comprar grandes áreas do Vale do Jequitinhonha com a intenção de expandir o plantio de eucalipto<sup>28</sup> no Brasil para produção de madeira e celulose, assim teve início o ciclo da madeira (celulose). Sobre os sucessivos “programas de desenvolvimento” do Jequitinhonha, Patricia Guerrero (2009) destaca que:

Percebe-se, então, que a partir de discursos do “progresso” e de “modernização”, o Vale do Jequitinhonha foi sendo alvo de políticas de desenvolvimento cujo interesse principal era, estritamente, financeiro e de benefício transitório. Certamente, um grande contingente de pessoas foi mobilizado para trabalhar no plantio de eucalipto e na lavoura do café, permanecendo, dessa forma, em sua terra, sem a necessidade de migrar para o trabalho sazonal em lavouras no interior de São Paulo. No entanto, uma série de problemas sócio-ambientais foram desencadeados e agravados a partir da implantação desses “programas de desenvolvimento” (p. 85-86)

---

<sup>27</sup> Camada de materiais que serve para cobrir o solo da ação dos raios solares e auxiliar na retenção da umidade natural do solo. Muitas vezes formada por galhos, folhas, palha etc.

<sup>28</sup> Todos as plantas e animais citados nesta obra serão referidos com base em seus nomes vernaculares utilizados pelas populações investigadas.

Ainda com relação ao atual ciclo da eucaliptocultura no Vale do Jequitinhonha, Oliveira, Menegasse e Duarte (2002) destacam que “essas monoculturas<sup>29</sup> [de eucalipto] substituíram a vegetação nativa do Cerrado, a qual tem evapotranspiração muito inferior àquelas, gerando uma redução anual na recarga de cerca de 164 mm.”, ressaltando o impacto direto desta “frente de desenvolvimento” não apenas na biodiversidade nativa, mas também no regime hídrico da região<sup>30 31</sup>. Além disso, os autores (op cit, p. 1) ressaltam que:

Essa situação trouxe como consequências mais imediatas a redução no período de fluxo dos rios temporários da região, os quais são a maioria, e por sua vez, a disponibilidade de água para a população em um cenário hídrico já fortemente adverso. No plano social, a silvicultura não trouxe melhorias para a região, ao contrário, apenas acentuou as precárias condições já existentes, através de um regime trabalhista que beira a “servidão”.

Com relação aos impactos ambientais provocados pela plantação de eucalipto em larga escala, Viana (2004) destaca que:

Em síntese, os efeitos ambientais adversos do plantio de eucalipto mais ressaltados por aqueles que se posicionam contrariamente a ele são: a retirada de água do solo, tornando o balanço hídrico deficitário, com rebaixamento do lençol freático e até o secamento de nascentes; o empobrecimento de nutrientes no solo, bem como seu ressecamento; a desertificação de amplas áreas, pelos efeitos alelopáticos sobre outras formas de vegetação e a consequente extinção da fauna; a ocupação de extensas glebas de terra, que poderiam estar produzindo alimentos; a criação de empregos apenas durante a implantação do plantio, mesmo assim para mão de obra desqualificada, com baixos salários, e o estímulo ao êxodo rural e o consequente inchaço das metrópoles (p. 9)

---

<sup>29</sup> Sobre os perigos das monoculturas, Picq (2015) destaca que “[s]ó as monoculturas destroem 40% da biodiversidade, e isso se eleva para 80% se acrescentarmos os efeitos dos pesticidas. As monoculturas também arruinam muitos pequenos camponeses no mundo, portanto, culturas e agricultores.” (p. 163-164).

<sup>30</sup> Em notícia recente (2015) vinculada à página “Minas Melhor” foi destacado que nos últimos 20 anos a situação hídrica da região se agravou de forma considerável, levando às autoridades locais a preocupação de uma possível desertificação. Neste sentido, as autoridades locais se reuniram para formar uma Comissão das Águas para debater o que está sendo considerada a pior seca do Jequitinhonha nos últimos 80 anos.

Ver em: <[www.minasmelhor.com.br/202/comissao-das-aguas-debate-pior-seca-do-jequitinhonha](http://www.minasmelhor.com.br/202/comissao-das-aguas-debate-pior-seca-do-jequitinhonha)>

<sup>31</sup> É importante destacar o papel do deputado Doutor Jean Freire (PT) na luta pela água no Vale do Jequitinhonha, não apenas assumindo um protagonismo político em torno desta temática, como também denunciando uma série de problemas e conflitos presentes em torno deste importante recurso.

Ver em: <<https://youtu.be/znT9EJ148gl/>> e <<https://youtube.be/Ia8uXwkMqFQ>>

Também durante este período se inaugurou o movimento de migrações sazonais de parte da população do Vale rumo ao corte de cana, colheita de café, laranja e outras lavouras. Sobre estes migrantes, Ribeiro (1986) destaca que:

Vão trabalhar fora, na estação seca, para fazer patrimônio, juntar dinheiro que precisam pra colocar vacas nos pastos que herdaram, montar engenhos de cana, farinheiros e custear lavouras. Vão trabalhar em terras alheias para continuar ligados à sua. Viram empregados por uns tempos para continuarem, para sempre, camponeses (RIBEIRO, 1986, p. 32)

Em contrapartida aos projetos de desenvolvimento regional que acabaram por promover uma série de problemas e conflitos socioambientais na região, Klemens Lachefski e Andréa Zhouri (2011) destacam alguns exemplos de ações presentes em propostas de desenvolvimento alternativo destinadas ao do Vale do Jequitinhonha, incluindo: a promoção da agroecologia; recuperação de vegetação nativa; incentivo ao comércio de produtos do cerrado; e ensino de técnicas de captação de água da chuva (p. 207)

Retratado pela mídia como uma região de extrema pobreza, o Vale certamente carrega uma história de descasos, abusos e ausências do poder público contra a população e a natureza da região. Para Pessoa (2012, p. 3), “[a] mesma condição de miséria trouxe consigo a estigmatização da população local como sujeitos atrasados”. O Vale da Miséria, como muitas vezes é retratado pela mídia<sup>32</sup>, abriga uma série de manifestações culturais e uma vasta biodiversidade, que compreendem riquezas muito mais preciosas que qualquer pedra ou metal. Tais riquezas atualmente se vêm ameaçadas por transformações sociais, desequilíbrios ambientais e pelos avanços de novos processos colonizadores<sup>33</sup>. Sobre o paradoxo da carência social em meio à riqueza cultural:

O Vale do Jequitinhonha, embora estigmatizado ao longo do tempo pelo estereótipo miserável da carência, em função da existência de sérios problemas de ordem social e econômica, agravados por fatores de ordem ambiental, também apresenta uma rica cultura, que se manifesta de várias formas entre seu povo. Assim, poderíamos caracterizar a região em função de seus extremos, mas extremos que interagem entre si, num processo dialético

---

<sup>32</sup> Estudo da ONU aponta que Brasil possui 13 bolsões de pobreza, ou seja, regiões carentes de investimentos e estrutura. O Vale do Jequitinhonha é apontado como uma destas regiões.

Ver em: <[http://www.sinjus.org.br/modulos.php?nome=noticia&arquivo=visu\\_not&id\\_not=6805](http://www.sinjus.org.br/modulos.php?nome=noticia&arquivo=visu_not&id_not=6805)>

<sup>33</sup> Um exemplo de processo que atualmente vêm ameaçando a manutenção de populações tradicionais do Vale do Jequitinhonha é o avanço de empresas reflorestadoras e pecuaristas sobre a vegetação nativa da região.

Ver em: <[www.cedefes.org.br/index.php?p=colonistas\\_detalle&id\\_pro=2](http://www.cedefes.org.br/index.php?p=colonistas_detalle&id_pro=2)>

configurando a realidade vivenciada pelos moradores do Vale do Jequitinhonha. (NASCIMENTO, 2009, p. 9).

Sobre os lugares serem classificados de acordo com critérios de desenvolvimento, Souza destaca a fala de Gustavo Esteva (2000 apud SOUZA, 2011, p. 18) que aponta o discurso de posse do presidente americano Harry Truman que, em 1949 se referiu aos países do chamado Sul geopolítico global como países subdesenvolvidos, colocando-os em oposição aos países supostamente desenvolvidos, tais como os Estados Unidos. Neste sentido, a fala de Truman prevê que os países subdesenvolvidos deveriam ter como meta atingir o nível de industrialização e consumo dos países desenvolvidos. Sobre as repercussões deste período, Souza (2011) destaca que:

*Foi também nessa época que se construiu a distinção entre países do Primeiro Mundo, os ricos e desenvolvidos; os do Segundo Mundo, das experiências revolucionárias socialistas; e os do Terceiro Mundo, todos aqueles que compunham as grandes periferias do capitalismo. [...] De igual modo, esse raciocínio foi utilizado para classificar regiões internas a um mesmo país. Foi nesse contexto que o Nordeste emergiu como área subdesenvolvida do Brasil e o Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais. (p. 18-19, grifos meus)*

Sobre a região do Médio-Jequitinhonha, onde se localizam as comunidades envolvidas neste estudo, Klemens Lachefski e Andréa Zhouri (2011) destacam que:

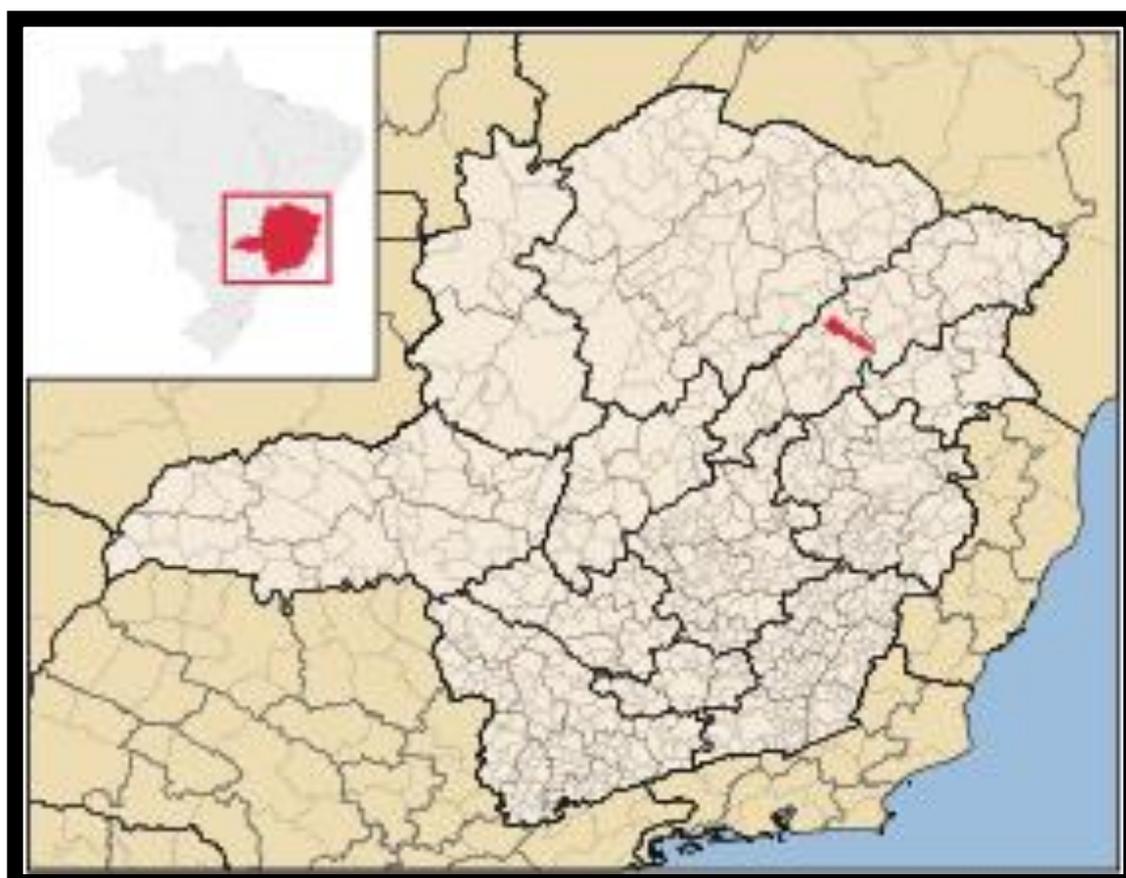
*O maior dilema dos moradores do Médio Jequitinhonha, uma região semiárida, é a gestão dos recursos naturais tendo em vista a disponibilidade e a qualidade da água para as necessidades diárias e para a agricultura. O Médio Vale do Jequitinhonha é uma área de transição entre o cerrado e caatinga, onde a distribuição de chuvas é bastante irregular durante o ano, com longos períodos de seca. O principal desafio é a manutenção e a recuperação das condições ambientais que garantam a produção e a reprodução do modo de vida na localidade (p. 206, grifos meus).*

Desta forma, é possível perceber que o Vale do Jequitinhonha se caracteriza por apresentar grandes contrastes (NASCIMENTO, 2009; GUERRERO, 2009; SOUZA, 2011; CAMARGO, 2014): entre as riquezas naturais e culturais e o estigma da pobreza; entre as chuvas e as secas; entre o sofrimento e a esperança; entre as tradições e a mudança; entre o passado e o futuro; entre o antigo e o novo; entre o Norte e o Sul...

## 1.1. O MUNICÍPIO DE CHAPADA DO NORTE

O município de Chapada do Norte (FIGURA 3) se localiza na porção nordeste do estado de Minas Gerais, faz parte da mesorregião do Vale do Jequitinhonha, estando posicionado na área de transição entre o Médio e o Alto Jequitinhonha. Segundo dados do IBGE (2010) o município apresentava uma população de 15.189 habitantes<sup>34</sup>, distribuídos por um território de aproximadamente 830 km<sup>2</sup>. O município de Chapada do Norte se encontra a aproximadamente 555 km de Belo Horizonte e faz fronteira com as cidades de Minas Novas, Berilo, José Gonçalves de Minas, Leme do Prado, Jenipapo de Minas, Francisco Badaró e Novo Cruzeiro.

FIGURA 3 – LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CHAPADA DO NORTE, MG (DESTACADO EM VERMELHO)



FONTE: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Chapada\\_do\\_Norte#mediaviwer/Ficheiro:MinasGerais\\_Municip\\_Chapada\\_doNorte.svg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Chapada_do_Norte#mediaviwer/Ficheiro:MinasGerais_Municip_Chapada_doNorte.svg)>

<sup>34</sup> Destes 9.495 indivíduos residiam em áreas rurais e 5.694 em áreas urbanas.

Fonter: [cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=codmun=311610&search=minas-gerais|chapada-do-norte](http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=codmun=311610&search=minas-gerais|chapada-do-norte) ;  
<http://www.cptec.inpe.br/>

Atualmente o município se encontra dividido entre 5 distritos e 4 povoados. Os distritos de são: Cachoeira do Norte; Chapada do Norte (Sede (FIGURA 4)); Granjas do Norte; Santa Rita do Araçuaí; São Sebastião da Boa Vista. Os povoados são: Batieiro, Vargem do Setúbal e São João Marques. Além disso, é importante destacar o grande número de comunidades quilombolas presentes em Chapada do Norte, que inclusive já conseguiram ser reconhecidas por meio da atuação do CEDEFES e da Fundação Palmares. Este trabalho realiza uma investigação sobre as comunidades dos distritos de Cachoeira do Norte, Santa Rita do Araçuaí e São Sebastião da Boa Vista.

FIGURA 4 – FOTOGRAFIA DO CENTRO DO DISTRITO SEDE DE CHAPADA DO NORTE.



Fonte: imagem retirada do site da prefeitura de Chapada do Norte  
<[www.chapadadonorte.mg.gov.br/novo\\_site/index.php?exibir=fotos&pagina=1](http://www.chapadadonorte.mg.gov.br/novo_site/index.php?exibir=fotos&pagina=1)>

A BR-367 é a principal via de acesso ao município de Chapada do Norte. O transporte no interior do município é realizado por ônibus, carros particulares, caminhões e motocicletas, bem como por animais de montaria, incluindo cavalos e burros, que transitam por estradas e caminhos de terra, muitas vezes em péssimas condições. Durante o período de seca as estradas costumam levantar uma forte poeira e durante a época das chuvas os atoleiros e deslizamentos tornam-se frequentes. O solo da região é classificado como Latossolo vermelho escuro (LE) de textura argilosa.

Com relação a coleta de lixo no município, o lixo dos distritos e povoados costuma ser recolhido e descartado em um aterro sanitário localizado a cerca de 8km do distrito sede. Por meio de conversas com funcionários da prefeitura, cheguei à informação de que o aterro foi construído sob orientações da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mas não apresenta um programa de reciclagem. Além disso, é comum os moradores depositarem pilhas de lixo pelas bordas das estradas, assim como é comum a incineração de resíduos, sobretudo nas roças.

As terras do Município fazem parte da bacia hidrográfica do Rio Jequitinhonha, sendo os principais rios da região o Araçuaí, o Capivari e o Setúbal. Uma característica comum desta localidade é a presença de rios e córregos intermitentes (periódicos)<sup>35</sup>, que, em muitos casos, chegam a desaparecer completamente durante períodos de secas. Além disso, grande parte dos rios e córregos da região apresentam leitos rochosos.

A altitude máxima registrada em no município de Chapada do Norte é de 1.111 metros na região da cabeceira do rio Fanado e altitude mínima de 540 metros na foz do rio Bahia. A região exibe um clima característico do semi-árido, dividido em duas estações do ano, a seca e a época chuvosa, com temperatura média de 23°C, apresenta máxima de 36,9°C e mínima de 15,6°C. Quanto ao relevo, é considerado 10% plano, 40% ondulado e 50% montanhoso.

Sobre a vulnerabilidade socioambiental do semi-árido brasileiro, Crispin et al (2012, p. 6) destacam que:

O ambiente semiárido diferencia-se das outras regiões devido, principalmente, às suas peculiaridades ambientais. Suas características físico-ambientais, resultantes das atividades morfodinâmicas atribuídas aos seus aspectos geoambientais, tem em suas condições climáticas um dos fatores preponderantes para destacar o semiárido como um dos ambientes mais frágeis do ponto de vista de seus recursos naturais. Soma-se a isto as diversas atividades que são exercidas e que têm intensificado sobremaneira as potencialidades naturais a área.

O município se encontra em uma região de transição de Biomas<sup>36</sup>, apresentando espécies características do cerrado, caatinga e mata atlântica. O bioma predominante na região é o Cerrado, com espécies vegetais com características de rusticidade, adaptadas à secas

---

<sup>35</sup> Ver em:

<[www.cemig.com.br/pt\\_br/A\\_Cemig\\_e\\_o\\_Futuro/sustentabilidade/nossos\\_programas/ambientais/peixe\\_vivo/Paginas/rio\\_jequitinhonha.aspx](http://www.cemig.com.br/pt_br/A_Cemig_e_o_Futuro/sustentabilidade/nossos_programas/ambientais/peixe_vivo/Paginas/rio_jequitinhonha.aspx)>

<sup>36</sup> Também chamadas Ecótonos ou Ecótonos.

prolongadas e a eventos de queimadas naturais. Atualmente, porém, a vegetação nativa desta localidade vem gradualmente sendo substituída por plantações de eucalipto e pastagens.

A história do município de Chapada do Norte está diretamente ligada com o período de expansão do projeto colonizador da coroa portuguesa, no contexto das expedições que posteriormente vieram a ser conhecidas como as Bandeiras e Entradas<sup>37</sup>. No caso de Chapada, o desenvolvimento das comunidades locais aparece relacionado com a expedição liderada pelo bandeirante Antônio Soares Ferreira e pelo sertanista Sebastião Leme do Prado.

Avançando através das margens do Rio Jequitinhonha, a expedição de Ferreira e Leme do Prado teria originado uma série de vilarejos ao longo de seu caminho, alcançando, por volta do ano de 1729 um local às margens do Rio Fanado<sup>38</sup> com grande quantidade de ouro, onde fundaram a Vila do Fanado<sup>39</sup>. Os depoimentos dos moradores das comunidades revelam, que em muitos casos, as comunidades identificam nos bandeirantes, em especial em Sebastião Leme do Prado, um papel na ocupação do território local, ressaltando que muitas famílias se dizem descendentes destes desbravadores, como é possível notar no relato de D<sup>a</sup> N (80 anos, Santa Rita do Araçuaí, 2016) “*Meus tataravós eram portugueses, meu pai contava que eles vieram pra região com a bandeira de Sebastião Leme do Prado...*”

A vila fundada concentrou uma grande quantidade de escravos para trabalhar na extração das pedras e minérios. Além dos escravos, que correspondiam à principal mão de obra empregada na extração das riquezas minerais, um grande contingente de aventureiros<sup>40</sup> foi atraído pela expectativa de tentar a sorte nos garimpos. Sobre as conseqüências do garimpo nas paisagens da região (FIGURA 5), as narrativas das memórias dos moradores revelam que “O ouro deixou muitas marcas na terra, muitas erosões, que os negros eram obrigados a cavar as valas pra lavar o ouro, e também desviavam o curso da água pra poder garimpar, em Chapada mesmo, tinha uma maquina enorme para tirar o ouro (FIGURA 6)...” (Dona N, 80 anos, Santa Rita do Araçuaí, 2016), nesta fala, D<sup>a</sup> N comenta algumas conseqüências da mineração na região.

---

<sup>37</sup> As Bandeiras eram expedições financiadas pela coroa portuguesa que tinham o objetivo de procurar ouro e pedras preciosas, bem como capturar indígenas, no interior do território brasileiro. Já as Entradas, eram expedições que cumpriam os mesmos objetivos das bandeiras, porém não eram financiadas pela coroa portuguesa, mas sim por recursos próprios dos integrantes das expedições e benfeitores.

<sup>38</sup> O Rio Fanado é afluente do Rio Jequitinhonha.

<sup>39</sup> Que posteriormente se transformou na cidade de Minas Novas.

<sup>40</sup> Homens livres, em sua maioria aspirantes a garimpeiros, interessados nas notícias de riquezas abundantes.

FIGURA 5– LOCAL DE EXTRAÇÃO DE OURO (LAVRA DOS BATATAIS).



Fonte: Maurício Souza, imagens retiradas da página <<https://m.facebook.com/paisagensinvisiveis/>>

FIGURA 6 – PARTE DA ESTRUTURA DA MÁQUINA UTILIZADA PARA EXTRAÇÃO DO OURO.



Fonte: Maurício Souza, imagens retiradas da página <<https://m.facebook.com/paisagensinvisiveis/>>

No final da década de 1720 uma forte seca assolou a região promovendo a devastação das lavouras, com isso a fome arrasou as comunidades locais, afetando em especial os escravos e os mais pobres (RIBEIRO, 1986). Este incidente gerou a fuga de um grande número de escravos da Vila do Fanado que seguiram em busca de sobrevivência rumo ao norte, pelas margens do Rio Capivari, até encontrarem uma chapada com terras férteis, onde os sobreviventes fundaram dois arraiais, Paiol e Itaipava.

Com o tempo os arraiais que se formaram floresceram e em 1850 se fundiram dando origem a freguesia que recebeu o nome de Santa Cruz da Chapada. Desde a chegada dos primeiros negros a região foi explorada na busca de ouro, ocasionando grandes voçorocas e erosões. Grande parte da população local esteve envolvida com atividades mineradoras até o século XIX, quando o ciclo do ouro entrou em declínio, iniciando o ciclo de atividades de agricultura e pecuária na região.

No início da década de 1890, a “*seca dos noventinha*” atraiu novas ondas migratórias para a região (RIBEIRO, 1986), gente que vinha do Baixo Jequitinhonha e do Nordeste,

sobretudo da Bahia, fugindo da terrível seca. Neste período uma grande quantidade de pessoas chega à região e decide se fixar em terrenos próximos aos corpos d'água.

As três comunidades investigadas tem em comum - além de se localizarem de um mesmo lado do Rio Araçuaí -, o fato de terem se estruturado em torno de fontes de água, incluindo cacimbas, córregos e rios. Além disso, outro fator determinante para a organização das comunidades foi o elemento da religiosidade, que uniu pessoas antes isoladas dando origem aos povoados. Sobre a religiosidade local é importante destacar o fato de ter sido promovida, sobretudo por leigos, o que facilitou a formação de sincretismos, produzindo uma forma de catolicismo popular<sup>41</sup>.

A organização das comunidades da região mostra-se estreitamente vinculada a religiosidade popular. No caso das populações investigadas, foi possível perceber que um fator de grande impacto para o desenvolvimento das comunidades locais foi a chegada de agentes da Pastoral da terra<sup>42</sup> que auxiliaram no processo de organização das comunidades, como se verifica no depoimento:

*Essas comunidades 'do lado de cá' do rio [Araçuaí] só foram reconhecidas depois de 1979, depois de 79, que chegaram os agentes pastorais Pierre e Vera pra ajudar a montar as comunidades eclesiais de Base e trouxeram muitas melhorias pras comunidades, deram cursos, ajudaram a organizar a comunidade. Eles eram estrangeiros, eram um casal, acho que eram holandeses, eles chegaram em 79 e ajudaram a desenvolver a região, nem falavam português direito, eles trouxeram recursos, ajudaram com muitas coisas. (Dona N. 80 anos, Santa Rita do Araçuaí, 2016).*

Embora o reconhecimento das comunidades seja recente, tendo ocorrido a partir de meados da década de 1970, é importante destacar que os relatos apontam que a região é ocupada pelo projeto colonizador há pelo menos dois séculos. Sobre os primeiros proprietários de terra na região, muitos relatos apontam para a existência de fazendeiros que teriam recebido terra diretamente da coroa portuguesa. Sobre os poderes destes primeiros donos da região, um depoimento de uma antiga professora do distrito de Santa Rita do Araçuaí, revela que:

---

<sup>41</sup> “O Catolicismo Popular é uma expressão de religiosidade não institucionalizada muito presente no interior [do Brasil]” (COSTA, 2009, p. 29)

<sup>42</sup> Demonstrando uma influencia da Teologia da Libertação no processo de organização e desenvolvimento das comunidades locais.

*Seu Vitu, Vito Sabino, era dono dessa terra toda, daqui [de Santa Rita do Araçuaí] até Boa Vista, ele mandava de Ouro Preto até as províncias da Bahia e ele era capitão de guarda real de Dom Pedro. As mensagens que ele tinha que mandar, os mensageiros do Seu Vito mandava os pombos correio até Ouro Preto pra mandar as mensagens para o Conde de Barbacena que era o Governante de Minas Gerais naquela época. Aí esse Seu Vitu tomava conta dessa região toda, ele era capitão da guarda real de Dom Pedro, e não tinha correio e eles mandava as mensagens pelos pombos. Ele tinha muitos escravos e a sede da fazenda do Seu Vitu era onde é hoje a piscina, o bar da piscina, que fica na divisa de Boa Vista com Cachoeira (D<sup>a</sup> N, 80 anos, Santa Rita do Araçuaí, 2016)*

Outro depoimento reforça essa afirmação sobre o primeiro proprietário das terras da região, destacando que tal acontecimento ocorreu no período de sua avó:

*Do Córrego Tamboril, mas começava lá embaixo no rio [Araçuaí] e ia até depois de Boa Vista, era um terreno de perder de vista, era tudo de um dono só, eles falava Seu Vitu, era um tal de Seu Vitu, isso tem muitos anos, eu via minha mãe falar isso, mas eu mesma não conheci ele não, isso é coisa antigória mesmo, mas de primeiro de tudo aqui chamava era Fazenda São José, esse local todo aqui era Fazenda São José depois essa fazenda foi dividindo, dividindo. Mas isso é muito antigo, coisa de muitos muitos anos atrás, muito antes de Vicente Jorge, vixi, mãe ainda era menina e ela mesma não conheceu ele, e mãe nasceu no ano de 1900 e morreu com idade de 92 anos, foi a mãe dela que conheceu, isso é coisa antigória, mãe chamava esse Seu Vitu de Tivitu. (Dona N, 80 anos, Cachoeira do Norte, 2016)*

É interessante ressaltar que esta informação sobre um senhor de nome “Seu Vito”, que é referido como um poderoso fazendeiro, dono de muitos escravos, além de um dos primeiros proprietários de terras da região, não se encontra registrada em nenhum dos documentos sobre as comunidades que tive acesso no decorrer de toda minha experiência no Vale do Jequitinhonha. Em períodos anteriores à presença do homem branco, o depoimento da mesma professora aposentada do distrito de Santa Rita do Araçuaí, aponta que “*Os primeiros habitantes de Chapada foram os índios Gurutubas, eles viviam nessa região antes da Chegada dos bandeirantes e antes dos primeiros negros chegarem na Chapada.*” (Dona N, 80 anos, Santa Rita do Araçuaí, 2016)

É relevante ressaltar que a política local historicamente sempre manifestou grande polarização. Em tempos antigos os partidos rivais eram popularmente chamados de “*Tampa*” e “*Balaio*”, sendo que os simpatizantes dos partidos costumavam se provocar mutuamente, refletindo um acirrado clima de disputa<sup>43</sup>. De um modo geral, o controle dos cargos políticos da região, em especial a Prefeitura, costuma ser mantido por algumas poucas famílias, que controlam a região desde o início da ocupação deste território pelo processo colonizador. Como via de regra, as campanhas envolvem altos gastos e segundo relatos a compra de votos e troca de favores<sup>44</sup> é algo corriqueiro durante as eleições municipais. Sobre a política no Vale do Jequitinhonha, Pessôa (2012, p.3) destaca que “[n]o Vale, a miséria ainda é explorada como elemento de beneficiamento político, principalmente por tentar utilizar a população como massa de manobra política vinculada ao assistencialismo”.

Atualmente a economia do município é mantida, sobretudo pela agropecuária, comércio e serviços da prefeitura. Além disso, segundo Pessôa (2012) programas sociais como o Bolsa Família e as pensões de aposentados contribuem de forma significativa para a sustentação da economia local. Chapada do Norte apresenta o terceiro pior PIB de Minas Gerais e, segundo dados do IBGE, entre a população do município de Chapada do Norte, apenas 6,6% possuem emprego com carteira assinada e 46,5% dos domicílios possuem renda inferior a meio salário mínimo por morador.

Á seguir apresentarei algumas características e informações sobre as histórias das três comunidades investigadas, Cachoeira do Norte, Santa Rita do Araçuaí e São Sebastião da Boa Vista, que se localizam na região noroeste do município de Chapada do Norte, sendo as únicas comunidades “*do lado de lá do Araçuaí*”.

FIGURA 7 – PLACA INDICANDO A DISTANCIA ENTRE AS COMUNIDADES INVESTIGADAS E A SEDE DO MUNICÍPIO DE CHAPADA DO NORTE.



Fonte: O autor

<sup>43</sup> É relevante destacar que relatos apontam para a existência de casos de retaliações entre adversários políticos.

<sup>44</sup> Especialmente sob a forma de promessas de cargos públicos.

### 1.1.1 DISTRITO DE CACHOEIRA DO NORTE<sup>45</sup>

O Distrito de Cachoeira do Norte (FIGURA 8) está localizado na região Noroeste do Município de Chapada do Norte, entre os distritos de São Sebastião da Boa Vista e Santa Rita do Araçuá. Atualmente o distrito compreende as seguintes comunidades: Cachoeira (FIGURA 9); Tabatinga; Córrego Seco; Córrego Grande; Tamboril; Brejinho. Segundo dados do IBGE (2007), o distrito apresenta 824 habitantes, concentrando 258 homens e 267 mulheres na zona rural e 140 homens e 159 mulheres na zona urbana. Cachoeira do Norte se encontra à 16 km de Chapada (Sede) e conta com um posto de saúde, rede de telefonia fixa, serviço de água (COPASA), energia elétrica e internet (wi-fi) comunitária<sup>46</sup>.

FIGURA 8 – IMAGEM AEREA DO DISTRITO DE CACHOEIRA DO NORTE OBTIDA COM GOOGLE EARTH.



Fonte: Google Earth.

<sup>45</sup>Link de clipe produzido em homenagem ao Distrito de Cachoeira do Norte <<http://https://youtu.be/HQbYCW771e8>>

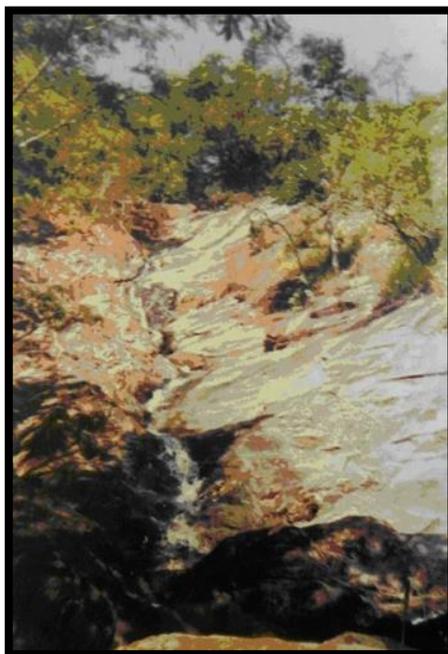
<sup>46</sup> Com baixo alcance e velocidade, a oferta deste serviço costuma oscilar.

FIGURA 9 – FOTOGRAFIAS DO DISTRITO DE CACHOEIRA DO NORTE



FONTE: O autor.

FIGURA 10 – FOTOGRAFIA DA CACHOEIRA QUE DEU NOME A COMUNIDADE



FONTE: Fotografia retirada do relatório *Cachoeira do Norte: Numa Perspectiva Histórico Cultural* (2002), material produzido por professores da Escola Estadual Olívia Lemos de Oliveira.

A história da comunidade do distrito de Cachoeira do Norte se inicia na década de 1930<sup>47</sup> com a chegada de Felipe, acompanhado de sua esposa Rosena e seus descendentes, em uma região plana localizada próxima a um córrego que formava uma cachoeira<sup>48</sup> (10). O local, que era conhecido como Vargem da Cachoeira, foi ocupado por Felipe e sua família que construíram algumas casas e cultivavam uma série de produtos para subsistência. Neste período, Felipe contratou Naná Guedes para dar aulas para seus filhos e para os filhos daqueles que podiam pagar, sendo esta a primeira professora da comunidade.

Ao contrário da informação disponibilizada na internet, o depoimento de moradores mais antigos das comunidades investigadas demonstrou uma contradição, pois segundo tais fontes, a chegada de Felipe da Cachoeira teria ocorrido em período anterior à década de 1930, na fala a seguir, é revelado que Felipe da Cachoeira já vivia na região quando Teófilo da Veiga chegou em Santa Rita do Araçuaí, sendo que este chegou ainda na década de 1920.

*Na época que o Teófilo da Veiga veio pra cá [para Santa Rita do Araçuaí], o Felipe já morava na Cachoeira, era um sitiozinho com nome de Cachoeira, porque meu pai contava que Teófilo foi buscar as portas dessa Igreja e dessa casa aí da praça na serraria de Felipe da Cachoeira (Dona N. 80 anos, Santa Rita do Araçuaí, 2016)*

Nos anos de 1938 e 1939<sup>49</sup> uma forte seca obrigou Felipe da Cachoeira e sua família a venderem suas terras e migrarem para a região da Zona da Mata. Nesta ocasião, João Rodrigues Machado (mais conhecido como Janjão) e Vicente Jorge<sup>50</sup>, convencidos de que a seca seria temporária, decidem adquirir as terras de Felipe. Janjão compra 10 alqueires, enquanto Vicente arrenda os dois restantes. Sob a administração de Janjão e Vicente Jorge as terras da Vargem da Cachoeira dão origem a Fazenda da Cachoeira.

A fazenda Cachoeira atraía os moradores das redondezas, incluindo os habitantes dos córregos<sup>51</sup>, que sempre vinham em busca de trabalho. Embora a Fazenda estivesse prosperando nas mãos de Janjão e Vicente Jorge, Janjão começou a perder interesse nas terras

---

<sup>47</sup> Segundo pesquisa realizada pelos professores da comunidade de Cachoeira do Norte, que se encontra disponível no site <<http://www.asminasgerais.com.br/>>

<sup>48</sup> É essencial destacar que atualmente a cachoeira do Distrito de Cachoeira do Norte secou. Pois com o desmatamento das nascentes do córrego que dão origem à queda d'água e pelo represamento da pouca água que restou na região da nascente o volume do córrego foi reduzido de maneira que, atualmente, a cachoeira só pode ser observada após chuvas intensas.

<sup>49</sup> Neste período muitas famílias da região abandonaram suas terras e migraram para grandes centros urbanos em busca de melhores condições de vida.

<sup>50</sup> Antigo morador do córrego da Tabatinga.

<sup>51</sup> É importante destacar que os habitantes dos córregos já se encontravam no local em período anterior ao estabelecimento de Felipe e seus familiares.

e, por volta do ano de 1941, decide se mudar para a comunidade de Santa Rita do Araguaí, onde comprou uma venda e passou a se dedicar ao comércio, abandonando as terras da fazenda Cachoeira.

Após algum tempo, manter as terras da fazenda começou a ficar caro para Janjão, que resolveu vender sua parte do terreno para José Miranda, um antigo morador do distrito de Santa Rita que exercia a função de tabelião das comunidades locais.

Em 1947 Vicente Jorge procura Zé Miranda e compra suas terras, tornando-se o único dono da Fazenda Cachoeira. Sob os cuidados de Vicente Jorge e sua esposa Dejanira a fazenda Cachoeira se expandiu. A fazenda era mantida por mão de obra familiar<sup>52</sup>, sendo praticada agricultura de subsistência produzindo arroz, feijões, mandioca, milho, amendoim, frutas e outros produtos da terra. Além disso, a fazenda possuía um moinho d'água, que era movido pela força da cachoeira, e um engenho. Com o tempo a fazenda Cachoeira tornou-se um ponto de encontro, atraindo pessoas para a região, que vinham festejar e participar de rezas e rituais religiosos.

No início da década de 1950, Vicente Jorge decide contratar a professora Olídia Lemos de Oliveira para ensinar o ABC e noções básicas de aritmética para seus filhos e para os filhos dos que tinham condições<sup>53</sup>. Na mesma época a comunidade resolve construir um cruzeiro em homenagem à padroeira da comunidade, Santa Cruz.

No ano de 1954 Vicente Jorge veio a falecer, seguido de sua esposa, que se foi no ano de 1957. Com a morte do casal Olídia passa a cuidar dos descendentes de Vicente e dos negócios da família. A partir de então Olídia torna-se uma líder comunitária, organizando os cultos e atividades religiosas, lecionando aulas para as crianças<sup>54</sup>, servindo como enfermeira e conselheira para aqueles que precisavam.

Em 1970 se iniciam as ondas migratórias de moradores das comunidades do Jequitinhonha para o corte de cana e colheita de café, sobretudo no interior do estado de São Paulo. Este movimento, em especial o ocorrido no distrito de Cachoeira do Norte, foi documentado por Amaral (1988) em sua dissertação de mestrado. Em meados da década de 1970 chegam à região Pierre e Vera, agentes da Pastoral da Terra contratados para auxiliar no processo de organização das comunidades locais, e estabelecer Comunidades Eclesiásticas de Base (CEBs).

---

<sup>52</sup> Incluindo Vicente Jorge, Dejanira, seus descendentes e os “agregados”.

<sup>53</sup> Que nesta ocasião representava uma minoria, sendo a educação uma atividade restrita àqueles que tinham melhores condições financeiras.

<sup>54</sup> No ano de 1959 a escola da comunidade deixa de ser particular e torna-se pública municipal, sendo inicialmente vinculada ao município de Minas Novas.

Com ajuda de Pierre e Vera, Olídia e os descendentes de Vicente Jorge decidem lotear e vender as terras da Fazenda Cachoeira. A divisão da fazenda deu origem ao Povoado de Cachoeira do Norte, atraindo uma grande quantidade de novos moradores que se fixaram na região. Em 1995 o povoado é elevado à categoria de Distrito de Chapada do Norte e desde então a comunidade vêm se desenvolvendo.

### 1.1.2. DISTRITO DE SANTA RITA DO ARAÇUAÍ<sup>55</sup>

Atualmente a comunidade de Santa Rita do Araçuaí (FIGURA 11) apresenta população de 1033 habitantes, com 203 homens e 207 mulheres na zona rural e 281 homens e 342 mulheres na zona urbana (IBGE, 2007). O distrito se encontra a 12 km da sede do Município e compreende as seguintes comunidades: Santa Rita (FIGURA 12); Cuba; Estiva; Córrego das Almas/Morro Branco; e Amorim. Santa Rita conta com rede de telefonia fixa, serviço de água (COPASA), posto de gasolina e energia elétrica.

FIGURA 11 – IMAGEM AEREA DO DISTRITO DE SANTA RITA DO ARAÇUAÍ OBTIDA COM GOOGLE EARTH.



Fonte: Google Earth.

<sup>55</sup> Link de clipe produzido em homenagem ao Distrito de Santa Rita do Araçuaí:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=UaZ6NbbQ9o>>

FIGURA 12 – FOTOGRAFIA DO DISTRITO DE SANTA RITA E DO ARAÇUAÍ



Fonte: O autor

FIGURA 13 – FOTOGRAFIA DO RIO ARAÇUAÍ RETIRADA SOBRE A PONTE DO DISTRITO DE SANTA RITA DO ARAÇUAÍ



Fonte: O autor

FIGURA 14 – FOTOGRAFIA DO RIO ARAÇUAÍ RETIRADA DURANTE DILÚVIO DE 2013.



Fonte: Wesley Lemos, retirado de <<http://blogdobanu.blogspot.com.br/2013/12/enchente-do-rio-aracuai-leva-ponte-em.html>>

Em um primeiro momento, o território que hoje corresponde ao Distrito de Santa Rita do Araçuaí era uma “terra sem donos”, aonde quem chegava ia construindo suas casas e

ficando pela região. Esta perspectiva começa a mudar a partir da chegada do farmacêutico, tropeiro e comerciante Teófilo da Veiga (FIGURA 15), acompanhado de sua esposa.

FIGURA 15 – FOTOGRAFIA DA PINTURA DE TEÓFILO DA VEIGA, FUNDADOR DO DISTRITO DE SANTA RITA DO ARAÇUAÍ



Fonte: O autor

Ao chegar à região Teófilo teria encontrado algumas famílias de ribeirinhos vivendo às margens do Rio Araçuaí (FIGURA 13), dentre estas famílias estava a do canoeiro responsável por realizar as travessias pelo rio que passou a trabalhar para Teófilo, que também empregou os filhos do canoeiro para trabalhar cuidando de sua tropa de burros.

*Quando Teófilo chegou já tinha gente morando por aqui, tinham os Chagas, os Botelho, tinham várias famílias, tinha o povo dos córregos todos, mas esse pessoal vivia tudo muito longe um do outro, não chegava a formar uma comunidade... (Dona N, 80 anos, Santa Rita do Araçuaí, 2016)*

Com relação à origem e os motivos que levaram o fundador do distrito de Santa Rita do Araçuaí, a migrar para a região, um depoimento revelou que:

*O homem que fundou Santa Rita, Teófilo da Veiga, veio foi de Chapada, ele morava era lá em Chapada. Lá ele era professor e tinha comercio, tinha lote de burro, ele tinha condições praquela época né? Mas aí ele deve uma questão política lá, que na época aqui ainda era vinculado a Minas Novas, daí teve esse problema de política e ele*

*acabou mudando pra cá, daí ele comprou uma fazenda que tem lá na entrada, que hoje é a Fazenda dos Machado. Aí chegou com os lotes de burro, o gado, e foi se estabelecendo, contratou as pessoas que moravam na região pra trabalhar pra ele e aí que começou. Construiu o salãozinho, fez a igreja lá embaixo, não era essa daqui não, era a outra que foi levada com o dilúvio de 1929. (Seu C. 74 anos, Santa Rita do Araçuaí)*

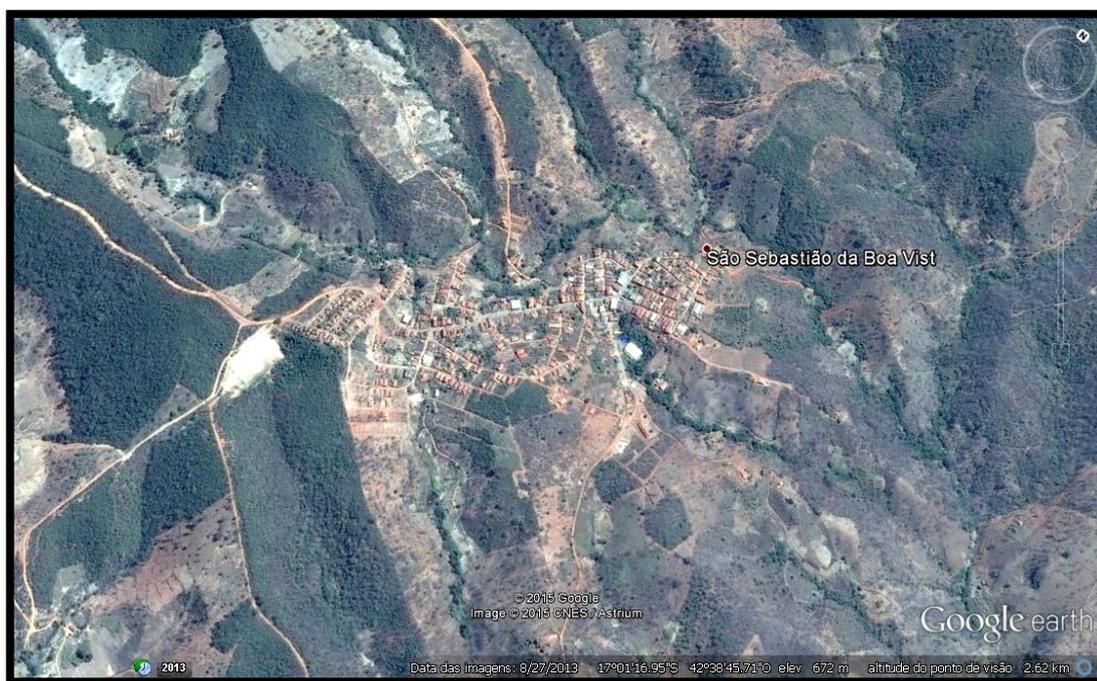
As primeiras ações de Teófilo da Veiga quando chegou à região foram iniciar a construção de uma Igreja, da casa paroquial, um salão que servia de escola e sua residência pessoal. A esposa de Teófilo, devota de Santa Rita de Cássia, pediu ao marido que dedicasse a Igreja em construção à sua Santa de devoção. Para atender os desejos de sua amada, Teófilo encomenda uma imagem de Santa Rita da Itália que, por volta do ano de 1927, quando terminam as construções, passa a enfeitar o altar da Igreja da comunidade. Dois anos depois, no ano de 1929, a comunidade de Santa Rita vivenciou a primeira enchente, ocasionada por uma grande chuva, que ficou conhecida como o primeiro dilúvio. Nesta ocasião as águas do Araçuaí invadiram o povoado, destruindo algumas casas e levando a antiga Igreja da comunidade. Assim como as demais comunidades investigadas, Santa Rita recebeu a visita dos agentes da pastoral da terra Pierre e Vera, que ficaram um bom tempo hospedados na comunidade.

Em 1971, chega à comunidade um casal de estrangeiros agentes da Pastoral, Pierre e Vera, que ajudaram a melhorar a organização e infraestrutura da comunidade. Por volta do ano de 1979 a comunidade vivenciou um segundo dilúvio, quando o rio Araçuaí levou pela primeira vez a ponte que conectava a comunidade à sede do município. Mais recentemente, em Dezembro de 2013 o volume do rio voltou a subir após fortes chuvas ocasionando (FIGURA 14) novos danos à estrutura da ponte.

### 1.1.3. DISTRITO DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA<sup>56</sup>

A comunidade do Distrito de São Sebastião da Boa Vista (FIGURA 16) é maior das três comunidades investigadas. Com um terreno menos acidentado e se localizando próximo às principais estradas da região, incluindo a BR-367, a comunidade vivenciou um rápido processo de expansão<sup>57</sup> tornando-se um dos maiores distritos do município de Chapada do Norte, ficando atrás apenas do Distrito Sede. Atualmente fazem parte do distrito as comunidades: Boa Vista (FIGURA 17); Moça Santa; Galdinho; Tenente; Ferreira; Canoa; Três Barras; Buracão; Paiol; Córrego/Comunidade São José; Caietés; Teotônio; Gamelas. De acordo com dados do IBGE (2007), o distrito de São Sebastião da Boa Vista apresenta 2.819 habitantes, na área rural encontram-se 799 homens e 939 mulheres enquanto 523 homens e 588 mulheres residem na área urbana.

FIGURA 16 – IMAGEM AEREA DO DISTRITO DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA OBTIDA COM GOOGLE EARTH.



Fonte: Google Earth

<sup>56</sup> Link de clipe produzido em homenagem ao Distrito de São Sebastião da Boa Vista  
<<https://youtu.be/dN8ulfgGlgw>>

<sup>57</sup> A localização da comunidade facilita o comércio, a mobilidade da população e o escoamento de produtos.

FIGURA 17 – FOTOGRAFIAS DO DISTRITO DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA



Fonte: O autor

Segundo moradores do distrito a comunidade teria se originado a partir de uma tradição<sup>58</sup>, liderada pelos senhores Teotônio Soares, José Rodrigues (FIGURA 18) e seus descendentes, que costumavam se reunir para rezar às sextas feiras, em baixo de um Juazeiro. Com o tempo, os encontros religiosos se tornaram cada vez mais frequentes e, com isso, os moradores, liderados pelo velho Rodrigues, construíram uma Igreja e o grupo escolar que atraíram moradores das roças e dos córregos para a região central do distrito promovendo sua expansão. É necessário ressaltar que em período anterior a chegada de Teotônio Soares e Zé Rodrigues a região já era habitada por famílias que viviam isoladas e muitas vezes ofereciam sua força de trabalho para os fazendeiros, isso pode ser percebido no depoimento a seguir:

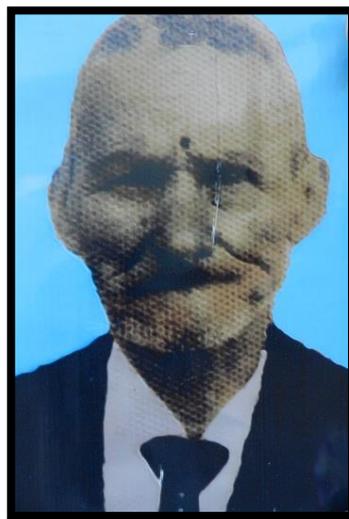
*Enquanto povoado mesmo Boa Vista começou a partir de 1970, mas naquelas redondezas já tinha gente morando desde 1800 e poco, ou até antes, era poucas famílias que viviam distantes umas das outras, mas lá tinha uns fazendeiros, sendo que a metade da fazenda deste tal de Seu Vitu ficou de herança para sua filha que se chamava Jovita Gomes, herdeira do Seu Vitu, e a outra metade ficou pra outra filha que chamava Carolina, era só as duas herdeiras, mas com o tempo se iniciou uma briga para saber quem ficaria com a fazenda, era só duas*

---

<sup>58</sup> Antes deste período já existiam moradores na região, porém tais habitantes viviam isolados.

*filhas mesmo, no fim a fazenda foi sendo dividida e muita coisa se perdeu com o tempo. Mas os primeiros moradores que deram origem ao povoado mesmo, porque foram morar onde hoje fica o centro de Boa Vista, o primeiro foi Teotônio Soares e depois veio Zé Rodrigues que casou com a filha de Teotônio Soares, ela chamava Ana. (Dona N, 80 anos, Santa Rita do Araçuai, 2016)*

FIGURA 18 – FOTOGRAFIA DE PINTURA DE JOSÉ RODRIGUES, UM DOS FUNDADORES DA COMUNIDADE DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA.



Fonte: O autor

Com relação aos primeiros moradores da comunidade, Seu J. R (89 anos, São Sebastião da Boa Vista, 2016), filho de Zé Rodrigues, ressaltou que, em período anterior a chegada de seu pai e Teotônio Soares, a região era habitada por famílias que viviam isoladas, porém o início de uma tradição liderada por Teotônio Soares e Zé Rodrigues, de realizar um culto para São Sebastião<sup>59</sup> em baixo de um Juazeiro, começou a atrair os moradores que viviam isolados para a região o que teria dado origem a comunidade de Boa Vista.

*Meu pai [Zé Rodrigues] foi o primeiro a vir morar aqui nessa região onde a gente tá agora, junto com o Teotônio Soares, antes disso o povo vivia longe um do outro, muito isolado, meu pai e o Teotônio que começaram a fazer um culto debaixo de um Juazeiro que juntava gente e isso que foi dando início a comunidade. Eu nasci no dia 7 de Agosto*

---

<sup>59</sup> Teotônio Soares e Zé Rodrigues eram devotos de São Sebastião, que é um santo muito reverenciado na região por ser protetor da fome da guerra e do mau contágio.

*de 1928, que foi um ano antes do “ano dos 9”, da seca do mucunã, nessa ocasião meu pai ainda trabalhava com tropa pra poder trazer o alimento pra nós comer, nessa ocasião tiveram que buscar os alimentos em Leme do Prado. Depois, com o tempo meu pai montou um engenho pra moer cana, passou a fazer açúcar e rapadura, mas depois que minha mãe morreu ele apaixonou e deixou de mexer nessas coisas e depois ele morreu (Seu J. R., 88 anos, São Sebastião da Boa Vista, 2016)*

Com o tempo a comunidade foi crescendo, e em 1922/1923 foi construído e assentado um cruzeiro em Boa Vista que representou uma das primeiras ações relacionadas ao desenvolvimento da comunidade, simbolizando o fervor religioso de seus primeiros moradores. A partir deste cruzeiro se iniciaram as primeiras procissões<sup>60</sup> destinadas a pedir chuvas aos céus. Por muito tempo o culto a São Sebastião foi mantido sobre a copa de um Juazeiro, somente em 1971, com a construção da Igreja e de uma escola, fazendo com que um grande número de moradores das zonas rurais migrasse para a região. Sobre esta região, uma antiga professora que também atuou realizando o recenseamento das comunidades neste período afirmou que:

*Em 1970 eu fiz o recenseamento de 1970 e eu dormia na casa do Seu Zé Rodrigues, e lá pertencia a Santa Rita, tudo do ‘lado de cá’ do rio pertencia a Santa Rita, era tudo Santa Rita, não existia Boa Vista nem Cachoeira, já existia sim as pessoas que moravam por lá, que moravam nos córregos, depois todo mundo foi saindo dos córregos e indo morar nos povoados, mas os povoados veio depois de Santa Rita, o primeiro povoado de Chapada foi Santa Rita (Dona N, 80 anos Santa Rita do Araçuaí, 2016)*

Um grande contingente de moradores dos córregos foram se mudando para a região a partir da construção da Igreja e da escola, acelerando o processo de crescimento da comunidade. Com o tempo, Boa Vista prosperou, tornando-se a segunda maior comunidade do município de Chapada do Norte, ficando atrás somente da sede do município.

---

<sup>60</sup> Ritual denominado Penitencia, para mais informações olhar no Capítulo VI.

## CAPÍTULO II - OS SABERES NECESSÁRIOS: REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 – O compromisso com os Saberes Locais: Cultura Popular e Memória Biocultural

*O Saber se aprende com os mestres e os livros  
A sabedoria se aprende com a vida e com os humildes  
- Cora Coralina*

A trajetória deste estudo teve início a partir de uma preocupação, que se converteu em um compromisso<sup>61</sup>, com a cultura das comunidades de Chapada do Norte. Desde o primeiro contato que tive com a cultura local, fiquei impressionado com as relações que esta desenvolveu com uma natureza hostil. As sociedades do Vale do Jequitinhonha se adaptaram a um clima de extremos e condições ambientais adversas, desenvolvendo saberes e fazeres associados à natureza, que as permitiram sobreviver, preservando tais conhecimentos ao longo das gerações.

Em primeiro lugar, é importante explicitar que, nesta pesquisa considere as definições de Cultura propostas por Geertz (1989), Toledo & Barrera-Bassols (2015), Brandão (2006) e Freire (2014).

Para Clifort Geertz (1989), Cultura representa uma *teia de significados* que, nas palavras do autor “assumo cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado” (pág. 4). Já Freire (2014) compreende a *cultura como um conceito antropológico*, entendendo que a Educação deve se encharcar de Antropologia com o objetivo de conhecer melhor os contextos de vida do educando para, a partir daí, elaborar propostas de ação. Para o Freire é essencial valorizar essas culturas, empregando tais *redes de significados* como matéria prima para o desenvolvimento das propostas.

Segundo Carlos Rodrigues Brandão (2006, p. 5) a cultura representa “[...] o lugar social das idéias, códigos e práticas de produção e reinvenção dos vários nomes, níveis e faces que o saber possui”. Aqui vemos uma relação direta entre a cultura e o saber. Refletindo sobre o conceito de cultura, Brandão (2016) faz uma relação com o pensamento de Marx:

---

<sup>61</sup> Minha visão de compromisso está relacionada com a perspectiva de “engagement” ou “compromiso-acción” sugerida por Fals Borda (2015, p. 243) acerca do compromisso que as Ciências sociais deveriam adotar. O autor assume a existência de dois tipos de compromissos, um que ele chama de “*engagement*”, e outro “*compromis*”. O primeiro, ele afirma se tratar de um “compromiso-acción”, ou seja, um compromisso do pesquisador que ao perceber seu verdadeiro papel na construção de uma sociedade mais justa deixa um estado passivo de observador e passa a colocar seus esforços intelectuais na resolução de problemas e demandas reais da sociedade. O segundo tipo, “compromis”, é entendido por Fals Borda como um “compromiso-pacto”, por ser mais voltado a uma perspectiva de adaptação, inércia, concessão e submissão, muitas vezes representada por posicionamentos neutros frente a situações críticas.

“Somos seres naturais, mas naturalmente humanos”, terá escrito Marx em algum momento. E somos humanos porque, sendo seres da natureza, nós nos construímos como sujeitos sociais criadores de cultura. [...] Somos humanos porque criamos cultura e continuamente as transformamos (p.100)

Sobre a “origem evolutiva” da cultura, Brandão (2006) aponta que o ser humano, como organismo vulnerável pela falta de armas e defesas naturais, se viu obrigado a conviver com seus iguais na intenção de sobreviver. Essa interação prolongada entre tais indivíduos e seus descendentes permitiu, a partir de uma cooperação que resultou na combinação de saberes, o desenvolvimento de uma nova forma de relacionamento entre homens e natureza, construindo uma dimensão simbólica da existência humana (op cit). Sobre isto o autor destaca que ao “criar um tipo absolutamente novo de trocas onde entre um ser e outro não há apenas eles e a natureza, mas também objetos – produto do trabalho do homem sobre a natureza - sinais, símbolos, instituições e significados – o produto do homem sobre si mesmo – a cultura.” (op cit, p. 10).

Além disso, Victor Toledo e Narciso Barrera-Bassols (2015) vão além, ao comentar a interação exercida entre as culturas locais com seus territórios específicos, afirmando que:

Cada cultura local interage com seu próprio ecossistema local e com a combinação de paisagens e as respectivas biodiversidades nelas contidas, de forma que o resultado é uma ampla e complexa gama de interações finas e específicas. (p.40)

Entendo os saberes locais como elementos culturais específicos de determinada localidade que podem refletir uma relação cultura-natureza estabelecida nestes territórios (DIEGUES, 2000; PETERSEN 2015; TOLEDO & BARRERA-BASSOLS, 2015). Tais saberes exprimem uma vasta gama de informações sobre o meio natural, como se evidencia nas palavras de Toledo & Barrera-Bassols (2015):

[...][O] saber local abrange conhecimentos detalhados de caráter taxonômico sobre constelações, plantas, animais, fungos, rochas, neves, águas, solos, paisagens e vegetações, ou sobre processos geofísicos, biológicos e ecológicos, tais como os movimentos da terra, ciclos climáticos ou hidrológicos, ciclos de vida, períodos de floração, frutificação, germinação, cio ou nidadação, e fenômenos de recuperação de ecossistemas (sucessão ecológica) e manejo de paisagens. (p.97)

Diante das relações desempenhadas entre as sociedades e as naturezas, e das teias de significados estabelecidas pelos homens no processo de interação com o território, entendemos que as populações humanas exercem um efeito direto sobre as paisagens, como já ficou evidenciado na fala anterior. Porém, não obstante os mesmos autores (TOLEDO & BARRERA-BASSOLS, 2015) apontam que:

A espécie humana tem uma memória, que nesse caso permite revelar as relações que a humanidade tem estabelecido com a natureza, sua base de sustentação e referencial de sua existência ao longo da história” (pág. 23)

A relação desempenhada entre as culturas e o meio ambiente, e em especial com a biodiversidade, produzem memórias bioculturais. Ou seja, memórias que condensam informações sobre as relações estabelecidas entre culturas e naturezas. De acordo com Toledo e Barrera-Bassols (2015):

A memória da espécie humana é, pelo menos, tripla: genética, lingüística e cognitiva, e se expressa na variedade de genes, línguas e saberes. As memórias genéticas e lingüísticas guardam o registro da expansão dos seres humanos pelos diferentes habitats do planeta [...]. A memória cognitiva, a menos explorada, revela maneiras como as sociedades humanas foram se adaptando a cada uma das condições desses habitats. Essa memória é biocultural e vem sendo mantida pelos 7000 povos tradicionais, indígenas e originários que hoje existem, subsistem e persistem (pág. 19)

Ainda sobre a memória, os autores (op cit.) afirmam que esta se trata de um elemento que permite que os indivíduos recordem o passado para auxiliar na compreensão do presente e no planejamento do futuro. Uma importante característica dos conhecimentos tradicionais, que muitas vezes contrasta com o saber científico, diz respeito à integralidade do conhecimento, ou seja, o saber popular/local/tradicional não se encontra fragmentado pelo processo de hiper-especialização a exemplo do que ocorre com o saber científico, neste sentido, Luciana Silva, Wirna Cardoso, Eliane Moreire e Gysele Amanajás (2006, p. 6) apontam que:

O modo pelo qual os conhecimentos tradicionais são criados se insere numa perspectiva integralizada, ou seja, não se observa uma fragmentação dos conhecimentos, revelam-se como um todo organizado, no qual se produz qualidades e propriedades que não existem nas partes tomadas isoladamente. Trata-se de algo enraizado com a vivencia dos povos, devido, em parte, aos

sistemas que regulam sua criação. [...] são os conhecimentos tradicionais, passados de maneira informal, e através do elemento sistemático – não explicitamente articulado, ou seja, evidenciando o aspecto do costume, da cultura em si, o que, por não ser formal, não significa perda do seu valor e sim, dando ênfase ao contexto no qual é criada, bem como a necessidade por elementos deste contexto cultural.

Sobre a existência de culturas brasileiras no sentido plural, e sobre a seletividade do ensino formal em reconhecer essa pluralidade, Alfredo Bosi (1991, p.1) destaca que:

Se pelo termo cultura entendemos uma herança de valores e objetos compartilhados por um grupo humano relativamente coeso, poderíamos falar em uma cultura erudita brasileira, centralizada no sistema educacional (e principalmente nas universidades), e uma cultura popular, basicamente iletrada, que corresponde aos mores materiais e simbólicos do homem rústico, sertanejo ou interiorano, e do homem pobre suburbano ainda não de todo assimilado pelas estruturas simbólicas da cidade moderna.

Neste estudo, estou considerando que tais memórias ancestrais das comunidades (que são memórias bioculturais), tais saberes locais, e a cultura popular em si, representam o que Paulo Freire (2014, 2015) entende por *saberes de experiência* ou *saberes prévios das comunidades*, que são saberes construídos nos cotidianos, que permitem auxiliar no processo de contextualização das práticas educativas ao aproximar e adaptar as discussões e atividades às singularidades das realidades das comunidades, promovendo o diálogo com o povo para pensar uma proposta destinada ao povo. Desta forma, a educação, numa perspectiva freireana, poderia estimular o diálogo entre o saber erudito e o popular, portanto, entendo que o aporte de Paulo Freire é fundamental para pensar este compromisso com o diálogo entre diferentes saberes e reconhecer a cultura popular como elemento fundamental para produzir pedagogias atentas às especificidades locais.

Em diversos momentos o pensamento de Paulo Freire serviu para inspirar e orientar esta pesquisa. Como exemplo é possível citar a quebra da lógica tradicional de hierarquização da relação professor-aluno. Para Freire (2014; 2015) o educador aprende através da educação dialógica, na qual, ao assumir o princípio ético da humildade, se coloca em uma posição de escuta, eliminando a hierarquia do processo educativo e buscando conhecer o mundo do *outro* e entrar em contato com os *saberes do outro*.

É importante destacar que as culturas estão vivas e em constante transformação, seja pelo contato com o meio ambiente, ou pela interação com outras culturas. Sobre o processo de hibridização de culturas, Mia Couto (2009) destaca que tal situação corresponde a uma estratégia de sobrevivência, que é resultado das interações entre culturas e naturezas:

As culturas sobrevivem enquanto se mantiverem produtivas, enquanto forem sujeito de mudança e elas próprias dialogarem e se mestiçarem com outras culturas: trocam genes e inventam simbioses como resposta aos desafios do tempo e do ambiente (p. 13)

Neste sentido, entendo que o pensamento de Paulo Freire pode estimular o desenvolvimento de diálogos interculturais potentes que possam auxiliar na valorização e reconhecimento das culturas e dos saberes das comunidades. Entre os saberes destacados por Freire como necessários à prática educativa se encontra a alegação de que “ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural” (FREIRE, 2015), e o autor ainda completa ressaltando a dimensão de classe presente na discussão sobre a identidade cultural dos grupos subalternizados:

A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classes dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado. Tem que ver diretamente com a assunção de nós por nós mesmos. (FREIRE, 2015, p. 42)

Sobre esta questão do reconhecimento das identidades, das singularidades e das especificidades vivenciadas pelos educandos, Paulo Freire (op cit) ressalta que este processo corresponde ao momento em que o educador progressista se esforça para realizar uma “*leitura do mundo*” dos educandos, para aproximar-se do ponto de vista das comunidades, para entender melhor a lente em que os educandos lêem e pronunciam o mundo. Neste sentido, o autor declara:

Como educador preciso ir “lendo” cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte. O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E

isto tudo vem explicitando ou sugerido ou escondido no que chamo *leitura do mundo* [...] (FREIRE, 2015, p.78-79)

Para Freire “A leitura de mundo revela, evidentemente, a inteligência do mundo que vem cultural e socialmente se constituindo. Revela também o trabalho individual de cada sujeito no próprio processo de assimilação da inteligência do mundo” (2015, p. 121). Sobre a dificuldade que alguns educadores, e algumas escolas, apresentam no sentido de respeitar os saberes prévios e “as leituras de mundo” dos educandos, Paulo Freire afirma que “o desrespeito à leitura de mundo do educando revela gosto elitista, portanto antidemocrático, do educador que, por isso mesmo, não escutando o educando, com ele não fala” (p. 120) e ressalta que:

A resistência do professor, por exemplo, em respeitar a “leitura de mundo” com que o educando chega à escola, obviamente condicionada por sua cultura de classe e revelada em sua linguagem, também de classe, se constitui um obstáculo à sua experiência de conhecimento. (FREIRE, 2015, p. 119-120).

Em contrapartida, sobre a posição de humildade necessária para realizar uma escuta sensível dos educandos, no sentido de buscar compreender o modo como estes realizam suas leituras de mundo, Freire (2015) ressalta que:

[O] educador que respeita a leitura de mundo do educando reconhece a historicidade do saber, o caráter histórico da curiosidade, por isso mesmo, recusando a arrogância cientificista, assume a humildade crítica, própria de uma posição verdadeiramente científica. (p. 120)

Sobre o processo de Escuta Sensível na tentativa de reconhecer a leitura de mundo dos educandos, Freire destaca que “[e]scutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar [...] significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro.” (FREIRE, 2015, p. 117)

Outro importante exemplo da influencia de Freire neste trabalho diz respeito à intenção final de uma proposta de educação crítica e libertária, que representa a formação do que o autor chamou de *sujeito crítico-transformado*. No livro “Educação Ambiental: Dialogando com Paulo Freire”, as autoras Torres, Ferrari e Maestrelli (2014), com base nos trabalhos de Paulo Freire, definem o sujeito crítico transformador como:

[...] [o] sujeito consciente das relações existentes entre sociedade, cultura e natureza, entre homens e mundo, entre sujeito e objeto, porque se reconhece como parte de uma totalidade e como sujeito ativo no processo de transformações sócio-histórico-culturais. (p. 15)

Freire destaca que a proposta de Educação Transformadora pode ser desenvolvida em diferentes ambientes, não estando restrita ao Ensino Formal, sobre esta situação Marubayashi & Giometti (2013) chamam a atenção que:

Vale lembrar que Paulo Freire não se referia somente à Educação Formal dentro dos muros da escola, pelo contrário, ele falava da *educação que se desenvolve pelos corredores da vida, que se mostra por meio da cultura dos povos, pelo cotidiano das pessoas, através de suas ações, falas e significados que estas dão as coisas*. (p. 7, grifos meus)

Com relação ao papel do educador, para Freire (2015) cabe ao educador:

[...] o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a el[e] – saberes socialmente construídos na prática comunitária -, mas também, [...] discutir com os alunos a razão de ser de alguns saberes em relação ao ensino de conteúdos (pág. 31).

Neste sentido, Freire reforça que é preciso ir além do ensino tradicional, bancário, que se baseia em uma repetição de informações, onde os alunos são vistos como depósitos de conteúdos, isolando os conhecimentos em caixas (disciplinas) (FREIRE, 2014), discutindo o cotidiano dos educandos a partir de uma perspectiva interdisciplinar, assim com a perspectiva da Redução Temática, é possível evidenciar aos educandos (e também aos professores) uma dimensão complexa e concreta da realidade local<sup>62</sup>, que pode ser compreendida a partir de um esforço de conexão entre os conhecimentos de diferentes campos de estudo (ou disciplinas). Freire (2015) questiona a construção dos currículos desconectados dos cotidianos das comunidades: “por que não estabelecer uma ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?”.

Sobre a obra de Paulo Freire, Maria Marta Pernambuco e Antônio Fernando Silva destacam que:

---

<sup>62</sup> Neste caso, buscou-se demonstrar a complexidade por trás das questões socioambientais levantadas nas discussões propostas a partir dos Temas Geradores, como será demonstrado nos capítulos a seguir.

Paulo Freire constituiu sua obra, tendo como base a reflexão sobre a ação educativa transformadora dos homens e do mundo, contra a opressão e a injustiça social, tendo como horizonte a construção de uma nova sociedade. Partindo de experiências concretas, buscando fundamentá-las, constrói um pensamento que une a ação à reflexão, apontando como exigências de uma ação transformadora a constituição de trocas efetivas, recriando o conhecimento e saberes, a partir de temáticas que possibilitem a superações das visões e vivências dos sujeitos. Uma vez que as temáticas são significativas, porque percebidas como tal e porque possibilitam a conquista de novas visões de mundo, necessariamente são interdisciplinares, e possibilitam a construção de novas interpretações e ações. Ao considerar todos os participantes da ação educativa como sujeitos, lida com a totalidade do ser humano e sua potencialidade como produto e produtor da História e trata ao mesmo tempo das conquistas cognitivas, afetivas e das mudanças de valores, procedimentos, perspectivas de mundo. (PERNAMBUCO & SILVA, 2006, p.206)

Orlando Fals Borda (CENDALES, TORRES & TORRES, 2006) defendia que a Universidade precisa sair de uma posição de *Extensão Universitária*, onde desenvolve atividades em torno de seus próprios interesses, para alcançar o status de *Universidad Participante*, capaz de se pensar a partir dos interesses e necessidades da sociedade, do povo, das comunidades locais. O autor (FARFÁN & GUSMÁN, 2012) militava pela construção de uma Ciência comprometida com a realidade social, uma Ciência capaz de promover o diálogo entre Saberes Teóricos e Saberes Práticos, uma Ciência capaz de olhar para as reais necessidades e demandas do povo. Neste sentido, o sociólogo colombiano (FALS BORDA, 2015) defendia o desenvolvimento de pesquisas *Sentipensantes*, entendendo que após Sentir (experimentar-vivenciar) a realidade o pesquisador-educador seria capaz de Pensar (refletir-elaborar) sobre a mesma de forma comprometida.

## 2.2 - A Educação Ambiental de Base comunitária: Um Diálogo sobre Interculturalidade, Decolonialidade e Ecologia de Saberes

*Não há saber mais ou saber menos*

*Há saberes diferentes*

*- Paulo Freire*

Vivemos em um planeta com recursos finitos, um planeta que estava no lugar certo, na hora certa, e que, por conta disso, tornou-se capaz de abrigar algo raro e precioso que é a vida. Um planeta coberto de água, com muitas belezas e riquezas, um planeta em que a vida prosperou, evoluiu e se diversificou, adaptando-se e aprendendo a sobreviver em cada canto deste mundo.

Dentre as inúmeras formas de vida que coexistem neste planeta, uma se destaca pela capacidade de modificar o meio ambiente<sup>63</sup>, de interferir na natureza para extrair recursos para sua sobrevivência<sup>64</sup>. O “*Homem sábio*”<sup>65</sup> aprendeu a produzir ferramentas, técnicas e conhecimentos que o permitiram superar suas limitações físicas e se adaptar aos diferentes territórios do planeta. Através da cultura, os homens transmitiram seus saberes e fazeres de geração em geração ensinando uns aos outros os segredos e mistérios envolvidos no esforço de superação das adversidades do meio natural.

Mas nem sempre as relações desempenhadas entre os seres humanos e a natureza são benéficas para o meio ambiente. O biólogo norte-americano Jared Diamond denunciou através de seu livro “*Colapso*” (2005), que fatores ecológicos são o principal motivo a determinar o sucesso ou fracasso de povos, ou seja, os desequilíbrios ecológicos provocados pela ação antrópica tendem a afetar diretamente os seres humanos permitindo, ou não, sua permanência em determinada região.

---

<sup>63</sup> Tal concepção se aproxima da categoria de Trabalho defendida por Karl Marx (1983, P. 149-150), que afirma que “antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. [...] Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo a sua própria natureza.”. A concepção marxista de trabalho abriga um imperativo ético, que diz respeito: 1) ao modo como o homem modifica a natureza de forma a provocar desequilíbrios ambientais, logo, produzindo uma responsabilidade sobre a natureza; 2) o modo como o homem explora a força de trabalho de outros homens de forma a provocar desequilíbrios sociais e, portanto, gerando uma responsabilidade sobre as desigualdades sociais.

<sup>64</sup> “O homem é um especialista/generalista cujas ações de ‘predação’ encobrem as de coletor de recursos vegetais e as de caçador de animais de todos os tamanhos. Sua fisiologia, seu tamanho e suas inovações técnicas e culturais lhe permitem se instalar no ponto mais alto de todos os sistemas ecológicos” (PICQ, 2015, p. 143).

<sup>65</sup> O nome científico da Espécie Humana, *Homo sapiens* deriva do latim “Homem Sábio”.

A partir da Revolução Industrial (1760-1849) <sup>66</sup> a humanidade inaugurou uma nova forma de se relacionar com a natureza. Uma nova lógica que reforçou a idéia de separação do homem da natureza, dando ao homem o entendimento de que este pode submeter o meio ambiente aos limites de sua ganância. Esta nova forma de relacionamento se baseia na exploração desenfreada dos recursos naturais em prol da acumulação de riquezas para uma minoria da população, além de entender o consumo como um fator primordial para o desenvolvimento das sociedades humanas. Após a 2ª guerra mundial<sup>67</sup>, e a Revolução Verde <sup>68 69 70</sup> (DINIZ & TUBALDINI, 2011) tal situação é agravada. Este novo modelo (capitalista-branco-ocidental-cristão)<sup>71</sup>, gerou impactos irreparáveis no meio ambiente, promoveu uma onda de extinções em massa<sup>72</sup> e, conseqüentemente o desequilíbrio de uma série de ecossistemas em nome de um suposto “desenvolvimento”, iniciando assim um processo que culminou em uma crise ambiental, que, segundo Leff (2001), se converteu em uma crise civilizacional.

---

<sup>66</sup> Para Pascal Picq (2015) existiram duas revoluções industriais, a primeira que se inicia com a transição dos moinhos, movidos pela força do vento, da água ou tração animal, e passando para a energia do carvão e do vapor. Posteriormente, o autor destaca que “A segunda revolução industrial, fundamentada no petróleo e na eletricidade produziu novas poluições” (PICQ, 2015, p. 108-109)

<sup>67</sup> As grandes guerras, o desenvolvimento de armas de destruição em massa, armas químicas e biológicas, bem como o medo de uma guerra nuclear, aumentaram a preocupação da população mundial acerca das questões ambientais.

<sup>68</sup> A revolução verde consistiu em um projeto de transformação do modelo agrícola mundial que tomou força a partir da metade do século XX na Europa e Estados Unidos. O antigo modelo baseado em formas orgânicas de produção foi substituído, a partir do desenvolvimento das indústrias química e biotecnológica, inaugurando o modelo de agricultura química em larga escala que, com o tempo, passou a ser conhecido como *Agricultura Convencional*. O modelo de agricultura química se baseia, sobretudo, no uso de sementes geneticamente modificadas (transgênicas) associadas a kits tecnológicos, que consistem em um conjunto de substâncias a serem empregadas na lavoura, incluindo fertilizantes químicos e agrotóxicos (inseticidas, herbicidas e fungicidas). Nas palavras de Pascal Picq (2015), “Ninguém contesta o sucesso da ‘Revolução Verde’, que permitiu alimentar uma população que passou de 3 bilhões para 6 bilhões de indivíduos na Terra, na segunda metade do século XX. [...] essa revolução foi causada pela mecanização, pela industrialização e pelo uso de fertilizantes químicos oriundos da indústria do petróleo. Acontece que esse modelo não pode durar muito tempo por duas razões: o limite das terras aráveis, pois esse modo de produção destrói mais terras do que se ganha em outros lugares, e devido a uma mudança qualitativa no regime alimentar que levou a um consumo aumentado de carne.” (p. 161)

<sup>69</sup> Ainda sobre as mudanças ocasionadas no campo pela Revolução Verde, Diniz & Tubaldini (2011) destacam que “[a] revolução alcançada no campo permitiu que se criasse um novo espaço rural, mais artificializado, onde a *racionalidade camponesa de trabalho e de exploração da terra* cedeu espaço a uma *racionalidade externa, invasora, desprovida de qualquer identidade com o lugar*” (p. 8)

<sup>70</sup> “Chegamos a uma situação tão dramática quanto estúpida. A agricultura chamada moderna ou convencional, desenvolvida por engenheiros e pesquisadores (na maioria das vezes do sexo masculino) dos países industrializados e imposta a povos muitas vezes considerados atrasados segundo os padrões arrogantes dos países ocidentalizados, nos leva a uma catástrofe anunciada.” (PICQ, 2015, p. 168)

<sup>71</sup> Assentado em uma lógica patriarcal de dominação da natureza.

<sup>72</sup> “[A] biodiversidade não é um problema de espécie: é o conjunto da diversidade de genes, das interações, dos indivíduos e das populações das espécies que constituem um ecossistema. Por conseqüência, se um ator se extingue, o conjunto da comunidade ecológica fica ameaçado. Por quê? Porque a biodiversidade está intrinsecamente ligada à co-evolução.” (PICQ, 2015, p. 144).

João Valdir Alves de Souza (2011) destaca que poucos termos no campo das ciências sociais e humanas são tão controversos quanto “desenvolvimento”, por sua multiplicidade de significados atribuídos por diferentes autores e áreas do conhecimento, bem como pela complexidade própria deste conceito. O autor (op cit) chama a atenção que “sintomático desse emblema é o modo como os recursos naturais tem sido analisados e apontados como fator do desenvolvimento” (p. 14) e continua afirmando que existem basicamente dois posicionamentos a respeito: os que são a favor da exploração dos recursos naturais em nome de um suposto progresso “a qualquer custo”, que embora questionada ainda permaneça como um modelo hegemônico; e em contrapartida se encontram os que entendem que “não há abundância que nos livre do subdesenvolvimento se não houver uma mudança nos modos como interagimos com a natureza” (p. 14). Além disso, o autor (op cit) ressalta que as consequências dos desequilíbrios socioambientais gerados pelas atividades destinadas a promover o suposto desenvolvimento recaem com maior força sobre as populações mais pobres, sobre os marginalizados e excluídos, os oprimidos e renegados das terras.

O autor (SOUZA, 2011) prossegue alegando que o crescimento é diferente de desenvolvimento, pois enquanto o primeiro tem natureza quantitativa, a exemplo do PIB que mede apenas a produção de riquezas de determinada região, desconsiderando critérios, que segundo o autor, estariam mais relacionados ao desenvolvimento, que teria um caráter qualitativo, e consideraria fatores de natureza qualitativa, tais como “a distribuição de renda, a qualidade de vida, o acesso às políticas de saúde, a expectativa de vida ao nascer, os indicadores de escolarização etc” (p. 17). Neste sentido, o autor destaca que:

A Reflexão sobre os problemas do desenvolvimento e sua recente reivindicação de sustentabilidade implica, pois, necessariamente voltar às origens do capitalismo e ao debate estabelecido em torno da ciência e da racionalidade modernas, isto é, implica retomar as questões relativas ao projeto civilizatório da modernidade. Em linhas bastante gerais, pode-se dizer que a partir do século XVII foi crescente o entendimento de que a ciência deveria estar a serviço do domínio humano sobre a natureza e que razão e ciência, planejamento e cálculo, empreendedorismo e bom uso da liberdade comporiam os pilares de uma fé inabalável no progresso e a humanidade. [...] Essa concepção antropocêntrica ganhou fôlego nos séculos XVII e XIX, passando a ser severamente questionada, sobretudo a partir de meados do século XX,

quando foi se tornando cada vez mais claro que a um extraordinário crescimento do capitalismo global não correspondeu o desenvolvimento humano desejado. (SOUZA, 2011, p. 16)

Para responder à crise civilizacional surge à necessidade de se desenvolver uma estratégia para conscientizar a sociedade das relações desempenhadas entre o homem e a natureza, destacando as possíveis conseqüências desta interação, e estabelecer diretrizes para a criação de práticas que considerem o planeta como um território interconectado e de recursos finitos (LIMA, 2004). Diante da crise, a Educação Ambiental emerge do movimento ecológico, como uma resposta aos anseios de uma humanidade que começa a entrar em consenso quanto à gravidade da crise planetária. Sobre este contexto, Elisabeth Ramos (2001) ressalta que:

Os protestos e manifestações questionando os valores da sociedade capitalista e problemas de ordem social e políticas que ocorreram nos anos 50 e 60, criaram um clima favorável para o envolvimento da sociedade civil e impulsionaram o fortalecimento dos movimentos sociais em torno dos quais se agrega e amplia o ambientalismo, e se ergue a bandeira da ecologia. Inicia-se uma tomada de consciência crítica de que o crescimento (e por extensão, à sociedade de consumo) ligado aos ideais da razão ocidental burguesa e aos valores da cultura industrial estão associados à destruição do meio ambiente. (p. 202).

No artigo 225º da Constituição Federal brasileira de 1988, são estabelecidos os primeiros<sup>73</sup> compromissos do Brasil em termos legais, quanto a questões ambientais e, especificamente, quanto à promoção da Educação Ambiental no país:

**Art 225º** – Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial a qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

[...]

**VI** – promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente;

---

<sup>73</sup> É interessante destacar que a Lei nº 9394 de 20/12/96, que trata das Diretrizes e Bases da Educação Nacional apresenta poucas menções à educação ambiental, mas considera, no artigo 32, inciso II e no artigo 36 § 1º, que os currículos de Ensino Fundamental e Médio devem considerar a conscientização dos alunos quanto às questões ambientais, sociais e políticas, apresentando aos alunos uma visão sobre a situação socioambiental do país.

Além disso, no Brasil temos uma definição sobre o termo educação ambiental expressa na Política Nacional de Educação Ambiental – Lei nº 9795/1999:

**Art 1º** - Entende-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade

Embora tenhamos definições e políticas estabelecidas sobre o assunto, por se tratar de um campo em disputas, a Educação Ambiental apresenta diversas vertentes. Atualmente duas abordagens principais se destacam no cenário brasileiro (GUIMARÃES, 2004): uma vertente entendida como cognitivo-comportamental e outra vista como crítica. A vertente cognitivo-comportamental é considerada conservadora, pois se baseia na alteração de comportamentos e hábitos individuais, muitas vezes transferindo a culpa dos problemas ambientais para o indivíduo, depositando nos trabalhadores a responsabilidade de “fazer a sua parte”, mas se esquecendo que, na grande maioria das vezes, os responsáveis pela destruição ambiental são os interesses da agenda neoliberal (LOUREIRO, 2004).

Sobre a vertente conservadora da Educação Ambiental, Mauro Guimarães (2004) destaca que esta:

[...] [T] ende, refletindo os paradigmas da sociedade moderna, a privilegiar ou promover: o aspecto cognitivo do processo pedagógico, acreditando que transmitindo o conhecimento correto fará com que o indivíduo compreenda a problemática ambiental e que isso vá transformar seu comportamento e a sociedade; o racionalismo sobre a emoção; sobrepôr a teoria à prática; o conhecimento desvinculado a realidade; a disciplinaridade frente a transversalidade; o individualismo diante da coletividade; o local descontextualizado do global; a dimensão tecnicista frente à política; entre outros. (p. 27)

Em resposta às lacunas deixadas pelo modelo de Educação Ambiental Conservadora, surge a Educação Ambiental Crítica, que considera aspectos sociais, históricos e culturais além de problematizar as questões ambientais, evidenciando a situação de oprimido ambiental dos sujeitos. Não propõe mudanças de comportamentos, nem traz para a comunidade algo pré-programado. Propõe atividades em parceria com as comunidades, considerando os moradores como mestres dos saberes locais, detentores de memórias que representam pistas

sobre a as teias de significados estabelecidas na relação com a natureza. A Educação Ambiental Crítica considera as demandas e necessidades locais, bem como se propõe a discutir a história ambiental (LEFF, 2003) da região, problematizando conflitos e desequilíbrios ambientais existentes. Sobre a EA crítica, Torres, Ferrari e Maestrelli (2014) apontam que:

[...][A] EA (Crítica) pode ser compreendida como uma filosofia da educação que busca reorientar as premissas do pensar e do agir humano, na perspectiva de transformação das situações concretas e limitantes de melhores condições de vida dos sujeitos – o que implica mudança cultural e social (pág. 14)

Para Carlos Frederico Loureiro e Philippe Layrargues (2013), a Educação Ambiental Crítica:

[É] aquela que em síntese busca pelo menos três situações pedagógicas: a) efetuar uma consistente análise da conjuntura complexa da realidade a fim de ter os fundamentos necessários para questionar os condicionantes sociais historicamente produzidos que implicam a reprodução social e geral desigualdade e conflitos ambientais; b) trabalhar a autonomia e a liberdade dos agentes sociais ante as relações de expropriação, opressão e dominação próprias da modernidade capitalista; c) implantar a transformação mais radical possível do padrão societário dominante, no qual se definem a situação de degradação intensiva da natureza e, em seu interior, da condição humana. (p. 12)

Sobre os objetivos de uma Educação Ambiental Crítica, Guimarães (2004) ressalta que:

A Educação Ambiental Crítica objetiva promover ambientes educativos de mobilização desses processos de intervenção sobre a realidade e seus problemas socioambientais, para que possamos nestes ambientes *superar as armadilhas paradigmáticas*<sup>74</sup> e propiciar um processo educativo, em que nesse exercício, estejamos, educandos e educadores, nos formando e contribuindo,

---

<sup>74</sup> No caso desta pesquisa, tentaremos superar as armadilhas paradigmáticas, em um primeiro lugar, a partir de uma articulação entre a Educação Ambiental e uma Educação Popular que enxergue nos sujeitos do povo uma fonte relevante de conhecimentos válidos sobre o mundo e, em especial, sobre as questões ambientais vivenciadas na realidade local. Em sequência, articulando às perspectivas da Decolonialidade (QUIJANO, 2010), Interculturalidade (CANDAU, 2011) e Ecologia de Saberes (SANTOS, 2010) pretende-se ir além da visão hegemônica de educação, considerando outras perspectivas e epistemologias e, sobretudo, estimulando o diálogo entre os saberes.

pelo exercício de uma cidadania ativa, na transformação da grave crise socioambiental que vivemos todos (p. 30-31)

Tecendo considerações sobre a visão da Educação Ambiental Crítica, Julio Vitor (2016) apresentou as seguintes palavras:

A Educação Ambiental Crítica relaciona o modelo de produção capitalista ao agravamento da problemática ambiental. Essa visão tenta se afastar ao máximo das premissas positivistas, considera a cultura e a historicidade dos sujeitos e leva em consideração o acesso desigual que os seres humanos têm aos bens ambientais(p.17)

É importante destacar que o primeiro momento da Educação Ambiental se configurou em um contexto de criação dos primeiros parques naturais, onde ainda imperava a ideia de que para ser conservada, a natureza deveria ser mantida intocada, livre das interferências humanas. Essa visão que ficou conhecida como Conservacionista foi especialmente popular nos Estados Unidos e países europeus.

Em contrapartida, na América Latina, um ambiente fervilhante de lutas de povos indígenas, populações tradicionais e movimentos sociais, surge uma nova percepção, que se torna mais evidente no contexto latinoamericano e no Sul geopolítico global de um modo geral. A visão de que as grandes florestas<sup>75</sup>do planeta são habitadas por seres humanos que, ao estabelecerem relações íntimas com a natureza, relações estas entendidas por Toledo e Barrera-Bassols (2015) como relações co-evolutivas de naturezas-culturas, muitas vezes vivem de forma harmoniosa, contribuindo com o aumento da biodiversidade a partir do manejo das áreas naturais (DIÉGUES, 2000).

Em seu livro “Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico”, Isabel Carvalho (2008) aponta a importância de olhar para o meio ambiente a partir de uma perspectiva socioambiental, para a autora:

A visão socioambiental orienta-se por uma racionalidade complexa e interdisciplinar e pensa o meio ambiente não como sinônimo de natureza intocada, mas como um campo de interações entre a cultura, a sociedade e a base física e biológica dos processos vitais, no qual todos os termos dessa relação se modificam dinâmica e mutuamente. Tal perspectiva considera o meio ambiente como espaço relacional, em que a presença humana, longe de

---

<sup>75</sup> Não apenas as grandes florestas, mas outros biomas de grande relevância ecológica, como o Cerrado, que é considerado um Hotspot.

ser percebida como extemporânea, intrusa ou desagregadora (‘câncer do planeta’), aparece como um agente que pertence à teia de relações da vida social, natural e cultural e interage com ela. (p. 37)

A Declaração de Tbilisi, um dos principais resultados do encontro que ficou conhecido como a “1ª Conferencia Intergovernamental de Educação Ambiental” realizada em 1977 a partir de uma parceria entre a UNESCO e o Programa de Meio Ambiente da ONU (PNUMA), representa um marco no que diz respeito ao desenvolvimento da perspectiva de uma Educação Ambiental pensada a partir da realidade local e das especificidades dos territórios, de uma Educação Ambiental para além dos aspectos físicos, químicos e biológicos, abarcando a dimensão sociocultural e econômica. Neste sentido, este trabalho reforça o papel da Declaração de Tbilisi para pensar uma Educação Ambiental Crítica e de Base Comunitária. Sobre esta relação entre a Educação Ambiental e os povos dos territórios, Lucie Sauvé (1997) reforça que o conceito da Educação Ambiental, por muito tempo permaneceu restrito à concepção conservacionista de proteção dos ambientes naturais, considerando os problemas ecológicos, econômicos ou prejuízos aos valores estéticos das paisagens, mas desconsiderando as culturas, as necessidades e os direitos dos povos dos territórios.

No contexto da América latina se desenvolve a educação popular, que influencia de forma significativa a educação ambiental. Segundo Barbosa (2002) houve um movimento de aproximação entre a Educação Ambiental e a Educação Popular durante a segunda metade da década de 1980. Afinal, o povo possui conhecimentos sobre o meio ambiente em que habita, e tais conhecimentos podem ser empregados na formulação de propostas educativas. Sobre esta aproximação entre a Educação Ambiental e a Educação Popular, Marubayashi & Giometti (2013) apontam que:

A educação ambiental popular vem como um contraponto a educação alienadora, ela vem com uma práxis de reflexão-ação que considera todas as dimensões da sociedade, integrando e unificando um mundo tão fragmentado e setorizado como o nosso (p. 2)

Ainda sobre a articulação entre a Educação Ambiental e a Educação Popular, entendo que tal aproximação visa romper com o paradigma apontado por Mia Couto (2009), o paradigma da “Arrogância Messiânica da Educação Ambiental”, uma visão redentora da Educação Ambiental em que especialistas chegam às comunidades ditando as regras do que é certo e do que é errado no que diz respeito às relações com o Meio Ambiente,

desconsiderando todas as tradições, os saberes e as memórias de tais comunidades. Assim, a Educação Ambiental Popular ou, de Base Comunitária, estabelece uma escuta sensível para construir suas práticas e ações *com as comunidades*. Além disso, considero que a concepção de Meio Ambiente<sup>76</sup> presente em uma Educação Ambiental de Base Comunitária se aproxima da perspectiva de *meio ambiente enquanto projeto comunitário*, segundo a visão de Lucie Sauvé (2005, p. 318-319), que define como:

[...][U]m lugar de cooperação e parceria para realizar as mudanças desejadas no seio de uma coletividade. É importante que se aprenda a viver e a trabalhar em conjunto, em ‘comunidades de aprendizagem e prática’. O meio ambiente é um objeto compartilhado, essencialmente complexo: somente uma abordagem colaborativa favorece uma melhor compreensão e uma intervenção mais eficaz. É preciso que se aprenda a discutir, a escutar, a argumentar, a convencer, em suma, a comunicar-se eficazmente por meio de um diálogo de saberes de diversos tipos – científicos, de experiência, tradicionais etc. A educação ambiental introduz aqui a ideia de práxis: a ação está associada a um processo constante de reflexão crítica. A educação para a democracia, base da educação para a cidadania, torna-se essencial. Os aspectos políticos das realidades socioambientais tornam-se patentes.

Educação popular<sup>77</sup> é aquela que considera os conhecimentos da comunidade como matéria prima para a construção de estratégias pedagógicas, estratégias estas muitas vezes destinadas a solucionar problemas reais vivenciados no cotidiano da comunidade (FREIRE, 2014; BRANDÃO, 2006; STRECK, 2015). É uma forma de Educação que parte do pretexto que o educando possui saberes válidos que podem ser empregados como parte da proposta educativa (FREIRE, 2014). Tem como uma das metas aprender a partir dos conhecimentos dos sujeitos e ensinar a partir de temas e palavras geradores que emergem do cotidiano das

---

<sup>76</sup> As concepções de Meio Ambiente apresentadas pela autora (SAUVÉ, 2005, p. 118-119) são: meio ambiente – natureza (para apreciar, para respeitar, para preservar); meio ambiente – recurso (para gerir, para repartir); meio ambiente – problema (para prevenir, para resolver); meio ambiente – sistema (para compreender, para decidir melhor); meio ambiente – lugar em que se vive (para conhecer, para aprimorar); meio ambiente – biosfera (onde viver junto, a longo prazo); meio ambiente – projeto comunitário (em que se empenhar ativamente).

<sup>77</sup> No livro “O que é Educação Popular?”, de Carlos Rodrigues Brandão (2006), o autor apresenta quatro diferentes concepções de educação popular: 1) educação anterior à divisão do poder social, associada à transmissão de saberes em sociedades consideradas primitivas; 2) educação do ensino público, que consiste em uma educação para as massas, uma educação, muitas vezes de caráter homogeneizante, voltada para um grande público; 3) educação de classes populares, corresponde a uma educação direcionada a setores específicos da sociedade, em geral associada à grupos marginalizados e excluídos; 4) educação para a construção de sociedades igualitárias, neste sentido consistiria em um modelo de ensino destinado a reconhecer as diferenças. Entendo que este projeto se enquadra na quarta concepção, pois propõe um diálogo de saberes, empreendendo um esforço para o reconhecimento das diferenças.

comunidades (op cit). É uma educação que visa valorizar os saberes prévios e a cultura das comunidades e empregar tais saberes na construção de propostas pedagógicas atentas às especificidades da realidade local (FREIRE, 2014; CAMARGO, 2014). É uma forma de educação que estimula o diálogo e a participação comunitária, permitindo uma aproximação da visão do pesquisador com os anseios e percepções das comunidades, promovendo uma melhor compreensão de diferentes dimensões<sup>78</sup>. Sobre a Educação Popular na visão de Paulo Freire, Paludo (2016) aponta que:

Em síntese, para Freire, a expressão educação popular designa a educação feita com o povo, com os oprimidos ou com as classes populares, a partir de uma determinada concepção de educação: a educação libertadora, que é, ao mesmo tempo, gnosiológica, política, ética e estética (FREIRE, 1997). Esta educação, orientada para a transformação da sociedade, exige que se parta do contexto concreto/vivido para se chegar ao contexto teórico, o que requer a curiosidade epistemológica, a problematização, a rigorosidade, a criatividade, o diálogo, a vivência da práxis e o protagonismo dos sujeitos. (PALUDO, 2016, p. 141)

Sobre a pesquisa em Educação Popular, Danilo Streck (2015, p.4) afirma que:

A pesquisa em educação popular se desenvolve em meio às contradições da sociedade, e, por isso, junto com o *para que* é necessário questionar a serviço de quem se coloca; O conceito de *phronesis* foi utilizado por Orlando Fals Borda, junto com práxis para indicar o direcionamento dessa e do saber que dela se origina. No grego, *phronesis* significa habilidade para pensar como agir para mudar as situações, mudá-las no sentido da justiça. Tal como a verdade, trata-se de uma virtude que não existe no abstrato, mas se mostra na ação do pesquisador e na ação dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Pinheiro e Giordan (2010) realizaram um levantamento de trabalhos acadêmicos que discutem tentativas de trazer os saberes populares para o currículo e revelaram que este tipo de iniciativa vem sendo investigada por uma série de autores:

A inserção de saberes e tecnologias populares, locais, tradicionais, nativos e indígenas nos currículos tem sido considerado por vários estudiosos em diferentes contextos (BAKER & TAYLOR, 1995; BARROS & RAMOS, 1994; CHASSOT, 1990, 2001, 2007; COBERN & LONING, 2001;

---

<sup>78</sup> Social, Ambiental, Econômica, Histórica, Política etc.

D'AMBROSIO, 1998, 2005; FRANCISCO, 2004; GEORGE, 1988, 1992;  
GEORGE & GLASGOW, 1989; HADEN, 1973)

Diferentes culturas devem dialogar de forma igualitária<sup>79</sup>, uma cultura não é melhor ou pior que outra, pois são apenas culturas diferentes, com histórias e memórias diferentes. Deste modo o diálogo Intercultural torna-se imprescindível para impedir o silenciamento de outras epistemologias ao superar um estado de convivência passando para a cooperação entre culturas. Vera Candau (2011) discute esta questão, alegando que:

A cultura escolar dominante em nossas instituições educativas, construída fundamentalmente a partir da matriz político-social e epistemológica da modernidade, prioriza o comum, o uniforme, o homogêneo, considerados como elementos constitutivos do universal. (p. 241)

É importante destacar que esta mentalidade monocultural foi estabelecida a partir de processos de colonização dos territórios, dos corpos e das mentes. Tal processo expõe, entre outras coisas, a separação estabelecida entre o conhecimento erudito e o popular. Ao criar uma *linha abissal* (SANTOS, 2010), os *conhecimentos das elites* costumam produzir a marginalização das classes populares, populações tradicionais e povos indígenas. Em uma sociedade desigual, regida pela égide da *Monocultura do Saber* (SANTOS, 2010), o saber da comunidade local passa a ser visto como um saber subalterno (QUIJANO, 2010), um saber inferior e primitivo, desqualificado, que muitas vezes é visto como um entrave ao processo de desenvolvimento. Neste mesmo sentido, Brandão (2016, p.105) afirma que “frente a uma cultura dominante, a cultura popular é sempre subalterna”. Para Aníbal Quijano (2010) tal relação subalternizante é fruto da colonialidade.

Boaventura de Sousa Santos (2010) destaca que “[a] característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade de co-presença dos dois lados da linha”. O autor aponta que atualmente existem duas formas principais de manifestação do pensamento abissal: o conhecimento e o direito<sup>80</sup> modernos. Segundo o autor:

---

<sup>79</sup>Candau (2011) ressalta que trabalhar diferenças culturais representa o foco principal do multiculturalismo. Para a autora, o multiculturalismo pode ser entendido em 3 abordagens: 1) o multiculturalismo assimilacionista; 2) o multiculturalismo diferencialista ou monoculturalismo plural; 3) multiculturalismo interativo ou interculturalidade.

<sup>80</sup> Sobre o Direito ser considerado por Santos (2010) como uma forma de *pensamento abissal* destaco uma situação verificada ao longo desta pesquisa: cabe ressaltar que os artigos 284 e 282 do Código Penal brasileiro, que tratam, respectivamente, do Curandeirismo e do Exercício Ilegal da Medicina, Arte Dentária e Farmácia vão de encontro com determinadas práticas culturais associadas à medicina popular, deste modo a legislação se

No campo do conhecimento, o pensamento abissal consiste na concessão à ciência moderna do monopólio da distinção universal entre o verdadeiro e o falso [...]. O caráter exclusivo deste monopólio está no cerne da disputa epistemológica moderna entre as formas científicas e não-científicas de verdade (p. 33)

Refletindo sobre o pensamento de Boaventura, Julio Vitor Silva (2016) descreve os efeitos da imposição de uma epistemologia alienígena sobre as epistemologias locais, comentando um pouco do que Santos chama de *epistemicídio*:

O epistemicídio foi a tentativa, muitas vezes bem sucedida, de esmagar, suprimir, ignorar e destruir todas as formas de saber que não se enquadravam nos esquemas do saber científico moderno. A empreitada colonial empreendeu para além do genocídio físico dos indígenas, negros e todos os não europeus, um genocídio epistemológico. (p.22-23)

Boaventura de Sousa Santos (2010) destaca que a ecologia de saberes representa uma alternativa para a superação da monocultura dos conhecimentos, evitando os epistemicídios, para o avanço rumo a uma justiça cognitiva, onde diferentes saberes dialogam e se integram. Ainda com relação à Ecologia de Saberes, Boaventura declara que a crise ambiental pode obrigar a Ciência a dialogar com saberes *outros*:

A preocupação com a preservação da biodiversidade pode levar a uma ecologia entre o saber científico e o saber camponês ou indígena. A preocupação da luta contra a discriminação pode conduzir a uma ecologia entre saberes produzidos por diferentes movimentos sociais: feministas, antirracistas, de orientação sexual, direitos humanos, indígenas, afrodescendentes etc etc. A preocupação com a dimensão espiritual da transformação social pode levar a ecologias de saberes religiosos e seculares, entre ciência e misticismos, entre teologias da libertação (feministas, pós-coloniais) e filosofias ocidentais, orientais, indígenas, africanas etc. (SANTOS, 2010, p. 546)

Com relação ao processo de imposição de uma verdade única sobre as demais, podemos entender que, no caso da América Latina, a colonização produziu traumas e

---

posiciona como um fator gerador de epistemicídios, visto que no Brasil, a sociodiversidade apresenta muitas tradições com elementos que poderiam ser entendidos como curandeirismo.

situações de desigualdades que se refletem nas relações entre saberes e culturas diferentes. Para Dussel (1993) a conquista da América teria sido responsável pelo estabelecimento da modernidade, que a partir da invasão do homem “heterossexual/ branco/ patriarcal/ cristão/ militar/ europeu” (GROSFÓGUEL, 2010), impôs um modelo colonizador inaugurou novos rumos para a história do planeta, permitindo que a Europa se construísse a partir do saque das riquezas de outros continentes, assim como possibilitou a superação do feudalismo e o estabelecimento da ordem capitalista no cenário mundial. A questão do desenvolvimento do capitalismo, por sua vez, foi apontada por José Chiavenatto (1991) durante uma antiga discussão acerca da influencia dos bandeirantes na história do Vale do Jequitinhonha, do Brasil, da América Latina e do mundo:

Não desprezível para o desenvolvimento do capitalismo foi o fluxo de ouro que ia do Brasil para Portugal. Grande parte dele passava para a Inglaterra. O excesso de ouro na Europa levou a nobreza, em virtude da inflação decorrente, a transferir propriedades a uma nova classe que vinha surgindo: a burguesia. Com isso ajudou a acabar com o feudalismo (p. 91)

Para Mignolo (2007) a modernidade se expressa de três formas principais: pela *colonialidade*, que representa os traumas e as marcas do processo de colonização deixadas nas sociedades colonizadas, incluindo as relações de poder; pelo *mito salvacionista do progresso*, que cria a ideia de que a humanidade será salva pelos progressos advindos da modernidade, uma visão que faz com que a civilização se julgue superior aos *diferentes* e, portanto, no direito de se impor; e pela *decolonialidade*, que compreende a força de resistir a colonialidade e de pensar uma alternativa diante das injustiças e dos apagamentos exercidos pelo processo colonizador, uma busca pela libertação do eurocentrismo imposto.

O conceito de colonialidade, por sua vez, foi subdividido para representar as diferentes formas como esta se expressa. A *colonialidade do poder* (QUIJANO, 2010) nos aponta para as relações de poder construídas a partir do projeto colonizador, incluindo a hierarquia racial<sup>81</sup>estabelecida; a *colonialidade do saber*<sup>82</sup> (PORTO-GONÇALVES, 2005) corresponde ao legado epistemológico do colonialismo e aponta para a visão do eurocentrismo como única forma válida de pensamento, julgando como inferiores e desconsiderando todas as demais formas de conhecer e interpretar o mundo; *colonialidade do ser* (MALDONADO-TORRES,

---

<sup>81</sup> Somada, sobretudo, a questões de gêneros e sexualidades.

<sup>82</sup> Sobre o problema da colonialidade do Saber, Luciana Ballestrin (2013, p.103) ressalta que “é um dos mais recorrentes dentro das discussões do M/C e está diretamente associado àquilo que Mignolo(2002) chamou de ‘diferença colonial e geopolítica do conhecimento’”

2010) também se trata de um resultado da colonialidade do poder que molda a existência dos indivíduos de acordo com suas posições na escala do poder; “Há também uma dimensão a mais da colonialidade, pouco considerada, que enlaça com as outras três. É a colonialidade cosmogônica ou da mãe natureza” (WALSH, 2009, p. 15). Sobre o conceito de colonialidade, Quijano (2010) ressalta uma relação com a história da América Latina:

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões materiais e subjetivos, da existência social cotidiana e da escala societal. Origina-se e mundializa-se a partir da América. (p. 84)

Neste trabalho a perspectiva da Decolonialidade se revela na medida em que a condição de subalternidade dos saberes locais do Vale do Jequitinhonha passa a ser questionada e entendida como consequência da própria história da região, que se desenvolveu a partir da exploração de seres humanos e da natureza, e cuja imposição de um estigma de miséria produziu resultados infelizes para a cultura local. Neste sentido, ao considerar o homem (e a mulher) do povo, o (a) camponês (a), o (a) roceiro (a), sertanejo (a), como sujeitos detentores de conhecimentos relevantes para a compreensão do território onde habitam, e dialogar com estes saberes para pensar uma aproximação com a realidade local, a Educação Ambiental de Base Comunitária, especialmente ao se utilizar de uma combinação entre a Pedagogia Freireana e o pensamento de Orlando Fals Borda, se projeta como uma alternativa decolonial para o campo da Educação Ambiental, corroborando a tese de Mota Neto (2015) que aponta o potencial de Freire e Fals Borda para pensar uma Educação Popular e Decolonial.

Nesta pesquisa, estou estendendo aquilo a que Spivack (2010) vai chamar de *Subalterno*, como algo semelhante ao que Freire (2014) aponta como *Oprimido*<sup>83</sup>. A partir daí, relaciono ambas perspectivas às diferentes expressões da colonialidade: a *colonialidade do poder*, que compreende as relações de poder dentro da sociedade, que inclusive apresenta uma relação com a condição socioambiental do Jequitinhonha<sup>84</sup>; a *colonialidade do saber* contribui para a visão do saber popular como inferior ao saber científico, bem como pela perseguição e apagamento destes saberes alternativos, no caso desta pesquisa, se revela a

---

<sup>83</sup> Para Freire (2014) o Oprimido possui uma dupla missão, a de se libertar de sua opressão e a de libertar o opressor de sua condição ao evidenciar, questionar, problematizar e transformar as relações envolvidas.

<sup>84</sup> Incluindo a dimensão Econômica.

partir da invisibilização dos saberes locais, bem como a partir das constatações de epistemicídios; *colonialidade do ser* interfere na autoestima das comunidades e impacta a identidade cultural criando barreiras sociais contrárias ao desenvolvimento dos subalternos/oprimidos; *colonialidade cosmogônica* ou *colonialidade da mãe-natureza* pode ser percebida neste estudo na medida em que os modos de vida tradicionais das comunidades vêm sendo paulatinamente substituídos por “estilos de vida modernos”<sup>85</sup>, um exemplo desta situação no caso desta pesquisa pode ser percebida pela perda da agrobiodiversidade, memória biocultural decorrente da Revolução Verde<sup>86</sup>. Sobre a importância da Memória, e em especial da memória Biocultural<sup>87</sup> para as sociedades, Victor Toledo e Narciso Barrera-Bassols (2015) afirmam que:

A memória permite que os indivíduos se lembrem de eventos do passado. [...] [A] capacidade de se lembrar é fundamental porque ajuda a compreender o presente e, portanto fornece elementos para o planejamento do futuro, bem como serve para reconstituir eventos semelhantes que ocorreram anteriormente e até mesmo eventos inesperados. Da mesma forma que os indivíduos e os povos, a espécie humana tem uma memória, que nesse caso permite revelar as relações que a humanidade tem estabelecido com a natureza, sua base de sustentação e referencial de sua existência ao longo da história. (p. 23)

Ainda relacionado ao trabalho de Spivack (2010), percebi a partir das atividades de campo um dado que pode apontar para os “diferentes níveis de subalternidade” presentes nas comunidades investigadas. Em meio aos saberes locais existem aqueles mais associados ao gênero masculino e aqueles mais associados ao gênero feminino, o que foi possível notar é que os saberes femininos sofreram maior pressão para serem eliminados com a chegada de conhecimentos tecno-científicos, resultando no que Santos (2010) compreende como *epistemicídio*. Um exemplo emblemático de epistemicídio nas comunidades investigadas é o

---

<sup>85</sup> De um modo geral tais processos modernizadores produzem uma série de impactos de conflitos ambientais.

<sup>86</sup> Movimento iniciado após Segunda Guerra Mundial que compreende o advento do agronegócio, a partir do desenvolvimento da biotecnologia, incluindo a produção de Organismos geneticamente modificados (OGM's) e transgênicos, bem como pela confecção dos agrotóxicos, fertilizantes químicos e do monopólio das sementes, gerando os kits tecnológicos que foram vendidos ao redor do mundo numa verdadeira campanha de marketing que disseminou tais produtos pelo planeta gerando, de fato, um aumento na produtividade agrícola, mas em contrapartida eliminou boa parte da agrobiodiversidade, bem como dos saberes locais associados às memórias Bioculturais e alterou o equilíbrio de ecossistemas (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015)

<sup>87</sup> O conceito de Memória Biocultural defendido por Victor Toledo e Narciso Barrera-Bassols (2015) se assemelha a ideia de um *Saber Ecológico Tradicional*, ou seja “ao conhecimento que populações locais têm de cada detalhe de seu entorno, do ciclo anual, das espécies animais e vegetais, dos solos, etc.” (CUNHA, 2007, p.81)

caso das parteiras, que guardavam um conhecimento exclusivamente feminino, e que foi apagado com a chegada da medicina científica, ao contrário de práticas como as garrafadas (que geralmente apresentam-se vinculadas aos homens), bem como de benzimentos (presentes tanto entre mulheres quanto homens). Sobre este processo de imposição do moderno sobre o tradicional:

No Brasil, o projeto de modernização do espaço rural levou à construção de uma “cosmovisão de modernidade” entre o novo/moderno e o velho/tradicional, apoiada na ideologia do progresso e no fundamentalismo de um novo colonialismo, o qual serviu de aparato para justificar a subalternização das populações tradicionais, historicamente domiciliadas nos “sertões brasileiros” (Cerrado, Amazônia, entre outras regiões que ainda não estão totalmente incorporadas/apropriadas pelo modelo desenvolvimentista/mercantilista, hegemônico no país). (RODRIGUES; DEUS; BARBOSA, 2013, p.4)

Em palestra realizada durante uma aula da disciplina de mestrado “Estudos Pós-coloniais na Educação”, o professor Dr. Santiago Arboleda Quiñones ressaltou a importância do que ele chamou de Legado da América Latina, para pensar uma Educação não-norteadocêntrica para o território latinoamericano, comprometida com a realidade social e capaz de dar conta das especificidades deste território.

Por Legado da América Latina, Santiago se referiu a resultados de lutas sociais pela democracia estabelecidas neste território, tais como a Educação Popular, a Pedagogia Transformadora de Paulo Freire, a IAP de Orlando Fals Borda, a Filosofia da Libertação e a Teologia da Libertação. A fala de Arboleda contribuiu no sentido de fortalecer a discussão por trás da construção teórico-metodológica desta pesquisa. Do mesmo modo que Arboleda, Torres (2007 *apud* ORTIZ & BORJAS, 2008) destaca que entre as décadas de 1960 e 1970 se desenvolveu uma ampla corrente de pensamento na América Latina que inclui a Educação Popular, a Teologia da Libertação, a Comunicação Alternativa, a Investigação Ação Participativa e a Filosofia da Libertação. Considero que tal articulação entre IAP, Educação Popular e Pedagogia Freireana permite criar o que Spivack (2010) entende como condições para que o subalterno possa se expressar, possibilitando a construção de diálogos com os saberes locais, que serviram de base para pensar a proposta educativa.

Consideramos ainda a importância da contextualização histórica, social e ambiental da realidade local para pensar Ações destinadas a estes territórios. Observando não apenas a

história social, mas também a história ambiental (LEFF, 2003) das comunidades torna-se possível compreender as relações estabelecidas entre as culturas locais e o meio ambiente e a partir destas relações podem ser estabelecidos os temas geradores. Sobre o potencial da História Ambiental, Enrique Leff considera que:

A história ambiental abre uma nova indagação sobre o tempo, sobre as temporalidades que definem os processos ecológicos e as identidades culturais que se integram com os processos econômicos e tecnológicos que marcam o curso da história moderna. A história ambiental será o encontro de racionalidades diferenciadas para cuja abordagem a definição genérica de ambiente como o campo das relações sociedade-natureza abre a porta dos estudos de suas complexas interações. (2003, p. 12)

A idéia de uma Educação Ambiental Comunitária (ou de Base Comunitária) ainda é algo relativamente recente. A nível internacional, no ano de 2014 ocorreu o VII Congresso Iberoamericano de Educação Ambiental, realizado em Lima, no Peru, cuja mensagem central foi “Educación Ambiental Comunitaria: Educarnos juntos para La sustentabilidad de la vida”. Na conferência de abertura<sup>88</sup> do congresso, o sociólogo e ambientalista mexicano Enrique Leff discursou sobre o que entende por princípios de uma “Educación Ambiental Comunitaria”. Iniciou sua fala defendendo uma Educação Ambiental capaz de revelar às comunidades a complexidade e a interdisciplinaridade das questões ambientais por meio de um diálogo entre o saber popular e o saber científico, entre o saber teórico e o saber prático. Para Leff, este giro, ou em outras palavras, esta mudança provocada pela Educação Ambiental Comunitária, possui caráter epistemológico-pedagógico-político, posicionando-se em contrapartida a uma Educação Ambiental Hegemônica<sup>89 90</sup> ao considerar a Interculturalidade e

---

<sup>88</sup> Link para Conferência de Abertura do VII Congresso Iberoamericano de Educação Ambiental em:< <https://youtu.be/8DSVb7sZ-vc>>

<sup>89</sup> A corrente de Educação Ambiental Hegemônica seria uma corrente conservadora (CARVALHO, 2004), que não dialoga com a comunidade, sendo baseada na imposição de uma mentalidade externa, na aplicação de projetos prontos. Uma educação ambiental colonizadora num sentido de “controle/domesticação” das mente. Trata-se muitas vezes de uma série de recomendações de comportamentos, atitudes e valores entendidos como ambientalmente saudáveis, mas que não discutem questões estruturais da sociedade, questões estas que estão por trás de grande parte dos problemas socioambientais que contribuem para a crise ecológica da era moderna. Neste sentido, a perspectiva de Educação Ambiental Hegemônica aproxima-se do que Freire (2014) chama de Educação Bancária, apresenta as características daquilo que Santos (2010) se refere como um “pensamento abissal”, no sentido de não aceitar uma visão diferente, e reforça o que Mía Couto (2009) chama de “arrogância messiânica da Educação Ambiental”.

<sup>90</sup> Sobre a perspectiva da Educação Hegemônica, o psiquiatra chileno, autor de 19 livros e indicado ao prêmio Nobel, Doutor Claudio Naranjo, declarou “Temos um sistema que instrui e usa de forma fraudulenta a palavra educação para designar o que é apenas a transmissão de informações [...] É um sistema que quer um rebanho para robotizar. A criança é preparada, por anos, para funcionar num sistema alienante, e não para desenvolver

o Diálogo de Saberes, ao que o autor completou alegando não ser somente uma integração entre culturas distintas, mas também a integração entre diferentes saberes, incluindo o popular e o científico. Leff prosseguiu ressaltando a necessidade de se considerar os diferentes modos de *compreender o mundo, de ver o mundo, de ser no mundo* e de *construir o mundo*. Defendeu ainda que a Educação Ambiental Comunitária precisa ir além de revelar as comunidades a complexidade das questões ambientais, discutindo também, as possibilidades para um futuro sustentável.

Eloísa Tréllez (2015, p. 4) defende sete aspectos de uma Educação Ambiental Comunitária, à saber: 1) a Comunidade; 2) o Território e a Territorialidade; 3) a Cosmovisão; 4) a Interculturalidade e a Interdisciplinaridade; 5) a Participação e a Cidadania; 6) as Abordagens Metodológicas; 7) A ética e a cultura ambiental.

No contexto do Grupo de Estudos em Educação Ambiental Desde El Sur, o conceito de Educação Ambiental de Base Comunitária começou a ser delineado a partir da criação do projeto de pesquisa “*Educação Ambiental Desde El Sur: Decolonialidade, Interculturalidade e Ecologia de Saberes, perspectivas para a Educação Ambiental no contexto latinoamericano*”, coordenado pelo professor Dr. Celso Sánchez. Com base na perspectiva do projeto de pesquisa “*Educação Ambiental Desde El Sur*” o mestrando Julio Vitor Silva produziu a dissertação “*Sociedades de Água do morro da Formiga: Subsídios para Educação Ambiental de Base Comunitária e ecologia de saberes em favela carioca*” (2016) que investigou a Educação Ambiental Comunitária que emerge de um movimento por Gestão Popular da Água no Morro da Formiga<sup>91</sup>, neste estudo partiu-se de uma concepção de Ecologia de Saberes (SANTOS, 2010) para pensar o diálogo entre os saberes da comunidade e saberes científicos.

Minhas contribuições para pensar uma Educação Ambiental de Base Comunitária foram fundamentadas numa perspectiva de diálogo, reconhecimento e valorização da Cultura Popular para produzir propostas educativas contextualizadas às realidades locais<sup>92</sup>. Neste

---

suas potencialidades intelectuais, amorosas, naturais e espontâneas” (Ver em: <<http://www.laparola.com.br/a-educacao-nao-pode-se-ocupar-so-do-intelecto-mas-deve-formar-pessoas-mais-solidarias>>). Neste sentido, uma Educação Ambiental de Base Comunitária fundamentada no princípio Freireano de Alteridade (FREIRE, 2014), possibilita o contato com o outro, a experiência prática, a imersão, o aprendizado a partir de histórias de vida, um mergulho no cotidiano que permite uma abertura a novas possibilidades. Trata-se de uma perspectiva potente, capaz de produzir um aprendizado a partir das trocas, através do exercício da solidariedade, da humildade, da empatia e da democracia.

<sup>91</sup> O morro da Formiga é uma favela localizada na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, no Bairro da Tijuca.

<sup>92</sup> Destaco ainda a influencia do Projeto de Extensão “Diálogos Desde El Sur” e, em especial do encontro “VI Diálogo-Desde El Sur: Brasil-Colombia – Colombia ao Derecho y ao revés”, realizado em 2014 e que propiciou um intercambio com pesquisadores colombianos que trouxeram os aportes de Fals Borda à perspectiva de uma

sentido, foi produzida a monografia *“Contos, Bênçãos e Mezinhas: Educação Ambiental Popular como Estratégia de Proteção dos Saberes Locais”* (2015), além dos trabalhos *“Lembranças e Histórias de um Vale Encantado: A Educação Ambiental Popular através da metodologia Investigação Ação Participante (IAP) na proteção de Saberes Locais no Vale do Jequitinhonha”*<sup>93</sup> (2015), *“Entre a Seca e a Cheia: Educação Ambiental de Base Comunitária como estratégia para promover a valorização da água através da cultura local”*<sup>94</sup>(2015), *“Entre Lendas, Rezas e Garrafadas: Interculturalidade, Decolonialidade e Ecologia de Saberes como subsídios para pensar uma Educação Ambiental de Base Comunitária em Chapada do Norte (MG)”*<sup>95</sup> (2016), *“Alternativas Teórico-metodológicas para uma Educação Ambiental de Base Comunitária na América Latina”*<sup>96</sup> (2016); *“Educação Ambiental de Base Comunitária como Ferramenta de Promoção da Justiça Ambiental e Cognitiva”* (2016)<sup>97</sup>; entre outros.

Além disso, ao longo de minha participação no grupo de estudos ofereci Oficinas de Educação Ambiental de Base Comunitária, para as comunidades do Vale do Jequitinhonha envolvidas nesta pesquisa, bem como para participantes de eventos acadêmicos, tais como o VIII Fórum Brasileiro de Educação Ambiental, onde foi oferecida a oficina *“Referenciais Teóricos para a Educação Ambiental Popular na América Latina”*<sup>98</sup> e o “V Encontro de Educação Ambiental em Contextos Escolares”, onde foi oferecida a oficina *“Educação Ambiental de Base Comunitária dentro de uma perspectiva de proteção dos saberes locais em contexto escolar”*<sup>99</sup>. Mais recentemente, durante o ano de 2017, o grupo de estudos organizou o curso de extensão *“Educação Ambiental de Base Comunitária e Ecologia Política”*.

Deste modo, de uma forma resumida, a perspectiva do GEASUR de uma Educação Ambiental de Base Comunitária considera: 1) o contexto geopolítico latinoamericano; 2) o Legado das lutas sociais da América Latina como base político-teórico-metodológica para pensar uma Educação Ambiental não-norte-eurocentrica; 3) Histórias de Vida, memória oral, cultura popular e saberes locais como elementos estruturantes das propostas educativas, bem

---

Educação Ambiental de Base Comunitária que estava sendo construída pelo GEASUR, revelando as potencialidades de uma articulação entre a IAP e a Pedagogia Freireana.

<sup>93</sup> Apresentado no VIII Encontro de Pesquisas em Educação Ambiental (VIII EPEA), realizado na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

<sup>94</sup> Apresentado no V Encontro de Educação Ambiental em Contextos Escolares, na Universidade do Estado do Pará (UEPA).

<sup>95</sup> Apresentado no II Congresso de Diversidade Cultural e Interculturalidade de Angra dos Reis.

<sup>96</sup> Apresentado no II Simpósio “Narrativas Outras: Cosmovisões, trabalho pedagógico no contexto latinoamericano de urgências e reorientação filosófica, durante a VI Semana de Educação da UNIRIO.

<sup>97</sup> Apresentado no VI Seminário de Justiça Ambiental e Igualdade Racial: Água e Justiça Ambiental.

<sup>98</sup> A oficina foi oferecida em parceria com a Dra Vanessa Marcondes e Dr. Celso Sánchez (orientador).

<sup>99</sup> Oferecida em parceria com Dr. Celso Sánchez (orientador).

como a visão de uma educação ambiental capaz de auxiliar na proteção do patrimônio imaterial das comunidades; 4) as perspectivas da Decolonialidade, Interculturalidade e Ecologia de Saberes como eixos estruturantes; 5) uma concepção de Educação Ambiental Crítica articulada à Educação Popular, por meio do uso de metodologias participativas; 6) a visão da Educação Ambiental enquanto uma ferramenta de gestão popular dos recursos naturais; 7) Paulo Freire como referencial teórico-metodológico-político para a práxis de Educação Ambiental; 8) Educação Ambiental para a Justiça Socioambiental; 9) Pesquisa Sentipensante, investigação comprometida com a realidade social; 10) uma proposta Educativa que articula concepções de Educação Não Formal, Educação Formal e Educação Informal; 11) a dimensão Humana-Cultural-Política-Dinâmica do Meio Ambiente, ou seja, entendendo o Meio Ambiente como um processo, uma elaboração constante, produto das relações entre o ser humano e seu meio; 12) Importância da Dimensão Imaterial das relações entre Humanos e Natureza, com destaque à Espiritualidade e à Transcendência como elementos dialogantes com o campo da Educação Ambiental.

### CAPÍTULO III - A ESTRADA: PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA

A proposta teórico-metodológica deste trabalho foi pensada partir de uma articulação entre a Educação Ambiental Crítica e a Educação Popular, de modo a considerar a cultura, as memórias bioculturais e os saberes das comunidades como base para a construção da proposta pedagógica, unindo a Investigación-Acción-Participante (IAP) de Fals Borda, com a metodologia de Temas Geradores de Freire e a perspectiva da Ecologia de Saberes de Santos.

O projeto sugere uma abordagem de Pesquisa Participante (IAP), partindo de uma investigação sobre uma realidade local, auxiliada pela população desta localidade, que por sua vez assume o papel de sujeitos, e não de objetos da pesquisa, visando auxiliar na busca por soluções para problemas socioambientais vivenciados no cotidiano das comunidades, propondo uma intervenção sobre a realidade voltada a estimular processos de transformação necessários para a construção de sociedades conscientes de suas relações com o meio ambiente. Uma questão ética da IAP envolve o Retorno Sistemático das informações para as comunidades, neste caso, a investigação assume um caráter pedagógico (ORTIZ & BORJAS, 2008).

A abordagem da pesquisa parte da concepção de IAP proposta pelo sociólogo colombiano Orlando Fals Borda (1925-2008), um dos principais intelectuais responsáveis pelo desenvolvimento das Ciências Sociais na América Latina, contribuiu para o fortalecimento das ações de movimentos sociais e camponeses, pensando uma sociologia comprometida e sentipensante (FALS BORDA, 2015), que se desenvolve a partir do diálogo (que ele chamou de *participação*) do povo (OCAMPO LÓPEZ, 2009). Fals Borda apresentou uma forte influencia não apenas para o desenvolvimento das Ciências Sociais na América Latina, como também para a Educação Popular, sendo inclusive correspondente e amigo de Paulo Freire (MOTA NETO, 2016). A través de sua metodologia de Investigación Ação Participante, propunha um encontro com o outro, na busca de produzir uma sociologia comprometida com a realidade social. Em sua tese de doutorado, João Mota Neto (2016) ressalta a importância de Paulo Freire e Orlando Fals Borda para o desenvolvimento da Educação Popular e do pensamento Decolonial na América Latina, destacando: a trajetória do autor enquanto intelectual sentipensante e sua reação ao colonialismo político e epistemológico; a militância por uma sociologia da libertação e uma ciência social desapegada do euro-norte-centrismo dominante; bem como por sua perspectiva de um projeto ético-político de sociedade participativa.

Ortiz & Borjas (2006, p. 5-6) destacam algumas tensões das pesquisas em ciência social que Fals Borda tentou solucionar através da IAP: 1) tensão entre teoria e prática – conduz a um diálogo entre saberes teóricos e saberes práticos conduzindo o pesquisador à uma condição de educador, de acordo com o princípio freireano de “conscientização dialógica”; 2) Curto tempo para *Refletir-agir* – teoria e prática devem andar juntas, formando uma práxis onde embora teoria e prática caminhem unidas, como um processo único (CENDALES, TORRES & TORRES, 2006), a prioridade deve ser da prática, mantendo a teoria à serviço da prática; 3) tensão entre o sujeito que conhece e o objeto por conhecer – deve ser quebrada a partir do estabelecimento de uma relação horizontal entre o pesquisador e a comunidade de modo a construírem juntos os caminhos da investigação, além de destacar a necessidade de uma “devolução sistemática” aos participantes da pesquisa de todas as informações obtidas, o que obriga o investigador a assumir a posição de Investigador-Educador, pois a pesquisa assume um caráter pedagógico – além disso, as autoras (op cit) destacam que, assim como da metodologia de Abordagem Temática Freireana, as informações obtidas devem ser codificadas e apresentadas às comunidades a partir de diferentes linguagens e estratégias comunicativas -; 4) a necessidade da Universidade deixar a posição de Extensão Universitária e assumir a posição de Universidade participante – deixar de produzir conhecimento para si própria e passar a produzir para a sociedade, produzir um conhecimento comprometido com a realidade social a partir de uma pesquisa sentipensante.

Neste sentido, como uma consequência da Colonialidade do Saber (PORTO-GONÇALVES, 2005), os saberes brasileiros e latinoamericanos costumam ser desconsiderados pelos currículos oficiais, de modo que esta proposta teórico-metodológica, baseada no Legado da América Latina, permite aproximar o investigador-educador da realidade social das comunidades a partir do constante diálogo com seus atores, revelando nos saberes locais importantes contribuições para pensar uma Educação Ambiental atenta à realidade local. Assim, parte-se de uma perspectiva centrada no Sul Global e mais especificamente nos contextos latinoamericanos presentes no Vale do Jequitinhonha, com base em uma visão sentipensante e comprometida com a realidade social.

Neste caso, combinamos a perspectiva da IAP de Fals Borda (1991) com a Metodologia de Temas Geradores Proposta por Freire (2014) para elaborar uma proposta de Educação Ambiental atenta às realidades e demandas das comunidades e que entenda a cultura como um conceito antropológico. A metodologia IAP de Fals Borda apresenta fortes conexões com o trabalho de Freire, e em especial com a metodologia de Temas geradores,

pois esta sugere um envolvimento ativo da comunidade em diferentes etapas do projeto, além de propor uma ação para a transformação de um problema socioambiental vivenciado pela comunidade. Sobre a IAP, Fals Borda (1991) aponta que:

La IAP propone una cercanía cultural con lo propio que permite superar el léxico académico limitante; busca ganar el equilibrio con formas combinadas de análisis cualitativo y de investigación colectiva e individual y se propone combinar y acumular selectivamente el conocimiento proveniente tanto de La aplicación de la razón instrumental cartesiana como de la racionalidad cotidiana y del corazón y experiencias de las gentes comunes, para colocar ese conocimiento sentipensante al servicio de los intereses de las clases y grupos mayoritarios explotados, especialmente los del campo que están más atrasados (p.5)

É importante destacar que esta pesquisa conta com um acúmulo de informações obtidas a partir de um contato prolongado com as comunidades durante minha participação em um projeto social que atuou na região de 2012 a 2016, além de ter realizado meu trabalho de conclusão de curso sobre estas comunidades.

O primeiro momento da pesquisa correspondeu ao contato inicial, onde se buscou pensar o projeto como um projeto social, a fim de obter respostas para perguntas como “O que a comunidade quer?” e “O que a comunidade necessita?”. Neste primeiro contato, seguimos a concepção defendida por Orlando Fals Borda (CENDALES, TORRES & TORRES, 2006; ORTIZ & BORJAS, 2008) de que a Universidade deve deixar a posição de *Extensão Universitária* para assumir o protagonismo de uma *Universidad Participante*, ou seja, deixar de produzir conhecimentos para seus pares, para a própria academia, e passar a produzir conhecimentos para a sociedade, para as comunidades, atento aos clamores dos povos dos territórios, em outras palavras, realizar uma *Pesquisa Comprometida* com a realidade socioambiental.

O contato com a cultura oral dos nativos requer um esforço por parte do pesquisador no sentido de acostumar os ouvidos aos sotaques e pronunciar o mundo típico dos cidadãos chapadenses. Neste sentido, ao longo do tempo fui anotando as palavras e termos que os moradores das comunidades pronunciavam e me eram desconhecidos, de modo que acabei produzindo, a partir das anotações dos meus cadernos de campo, um pequeno mini-dicionário de termos e palavras típicas de Chapada do Norte, que me ajudou a compreender o dialeto local. Além disso, escutar repetidas vezes os áudios e vídeos gravados nas comunidades

durante o processo de transcrição dos materiais produzidos também representou um importante momento na adaptação dos ouvidos à linguagem chapadense. Além disso, a leitura de Guimarães Rosa também contribuiu para treinar a mente para a poesia típica dos sertões mineiros.

Após o contato inicial, teve início o processo de *Imersão* na realidade das comunidades, onde o pesquisador-educador deve se encharcar da vida, submergindo no cotidiano das comunidades e o vivenciando, num esforço para compreender o ponto de vista de seus habitantes. Neste momento, por se tratar de uma pesquisa sentipensante (FALS BORDA, 2015; CENDALES, TORRES & TORRES, 2006; ORTIZ & BORJAS, 2008), o pesquisador-educador deve *sentir* a realidade para em um segundo momento *pensar* sobre o que sentiu.

Para garantir o respeito pelas comunidades, fundamentado nas escolhas teórico-político-metodológicas desta pesquisa, partimos de algumas concepções para estabelecer as bases do que seria uma Educação Ambiental de Base Comunitária segundo o GEASUR: 1) Pluralismo Epistemológico e Epistêmico – deve estimular o diálogo entre diferentes saberes e epistemologias; 2) Princípio da Alteridade (FREIRE, 2014, 2015) – manter postura de *humildade* e reconhecer as *diferenças*, reconhecendo *o outro* como *sujeito-histórico*, como um *mestre dos conhecimentos locais*; 3) Escuta Sensível (SANCHEZ, MONTEIRO & MONTEIRO, 2010) – deve “*dar ouvidos*”<sup>100</sup> às comunidades, escutar o que dizem as vozes dos territórios, apreendendo os anseios, questionamentos, histórias e apontamentos dos moradores; 4) Considerar a Dimensão Humana do Meio Ambiente – por se tratar de uma perspectiva crítica de Educação Ambiental, entende a comunidade como parte integrante da natureza e partindo das relações estabelecidas entre a cultura local e o território; 5) Reconhecimento da Oralidade – valorização dos saberes prévios das comunidades, dos saberes locais, das memórias, das histórias de vida e da oralidade de um modo geral; 6) Problematização da realidade – pensar propostas pedagógicas e discussões que problematizem a condição socioambiental das comunidades, evidenciando os conflitos e as temáticas recorrentes; 7) Promover Ações Contextualizadas – pensar as práticas com base na realidade, nas demandas e nas urgências; 8) Horizontalidade/Comunidade como co-autora da pesquisa – deve-se quebrar hierarquia pesquisador-comunidade a partir do engajamento, envolvimento e

---

<sup>100</sup> Nos primeiros contatos o pesquisador deve *escutar muito, pensar sempre e falar pouco* (se for para falar dê preferência às perguntas).

participação ativa da população local por meio de metodologias participativas<sup>101</sup>; 9) Respeitar a História das Comunidades – conhecer o passado, para entender o presente e preparar para o futuro; 10) Retorno Constante – todas as informações recolhidas das comunidades devem ser retornadas às mesmas, a partir de encontros constantes.

A Metodologia de Fals Borda sugere que a intervenção não deve ser imposta à comunidade, mas sim, deve partir dos anseios e necessidades reais da população local. Este pensamento justifica perfeitamente o emprego da metodologia de Temas Geradores (FREIRE, 2014), visto que esta também parte de um processo preliminar de investigação da realidade local, antes de realizar o processo de intervenção.

Os autores (TORRES, FERRARI & MAESTRELLI, 2014) destacam que em trabalhos de Educação Ambiental a metodologia de temas geradores costuma seguir cinco etapas descritas por Freire (2014), a saber: *Levantamento Preliminar*; *Análise das situações e escolha das codificações*; *Diálogos descodificadores*; *Redução Temática*; *Sala de Aula (círculos de Cultura)*.

A etapa inicial, denominada *Levantamento Preliminar*, corresponde a uma investigação, anterior à qualquer tipo de intervenção, voltada a compreender a realidade, os problemas e as demandas das comunidades. Consiste basicamente em uma investigação qualitativa em torno de conversas informais e observação participante (FREIRE, 2014), além de entrevistas abertas (MINAYO, 2015)<sup>102</sup>. As conversas e entrevistas tiveram foco sobre a cultura, história e realidade socioambiental das comunidades, as informações foram registradas em cadernos de campo.

Sobre a entrada no campo, ressalto que minhas impressões são as mesmas de Juliana Venturelli (2016), que descreveu a situação como “[e] star em campo, ao meu ver, é desvestir a roupagem da autoridade que a academia nos confere”(p.53). Desde o primeiro contato sempre fui ao encontro da comunidade com muita humildade, respeito e carinho, e acredito que esta atitude produziu um forte efeito na formulação deste projeto.

As pesquisas iniciais são destinadas a realizar uma busca generalista pelas comunidades, considerando as falas de informantes selecionados aleatoriamente e com base em critérios de reconhecimento social<sup>103</sup>, por meio da técnica da Bola de Neve ou Snowball (BALDIN & MUNHOZ, 2011), como fonte de informações sobre o ambiente de pesquisa e

---

<sup>101</sup> Para Danilo Streck (2015) metodologias participativas são “aquelas metodologias nas quais os sujeitos da pesquisa são considerados coprodutores do conhecimento” (p.1)

<sup>102</sup> Cujo foco recairá sobre os elementos selecionados para a formação da tabela comparativa.

<sup>103</sup> Considerando como critério principal serem moradores ou freqüentadores assíduos das comunidades investigadas.

como indicadores para os outros informantes da pesquisa. Além de buscar informações com a população local, foi realizado um breve Estudo do Meio (FREIRE, 2014), que nas palavras de Freire representaria uma “leitura do mundo”, investigando as condições socioambientais das comunidades com base em fatores visuais percebidos a partir de andanças aleatórias pela região e indicações realizadas pelos moradores. As informações apreendidas deste breve estudo foram discutidas com as comunidades durante as atividades de retorno<sup>104</sup>.

Sobre os objetivos deste *Estudo do Meio* destaco as palavras de Isabel Carvalho (2008) sobre a “leitura” do meio ambiente como uma leitura da paisagem:

‘Ler’ o meio ambiente é apreender um conjunto de relações sociais e processos naturais, captando as dinâmicas de interação entre as dimensões culturais, sociais e naturais na configuração de dada realidade socioambiental. Para chegar a isto, não basta observar passivamente o entorno, mas é importante certa educação do olhar, aprender a ‘ler’ e compreender o que se passa na nossa volta. Uma atividade que pode ser utilizada nesse aprendizado é a chamada ‘leitura da paisagem’(p.86)

No campo da Geografia, costuma-se dividir o conceito de paisagem entre Natural e Cultural, onde a paisagem natural seria aquela que não teria sofrido a ação do homem e, portanto, seria uma paisagem selvagem, separada da cultura, isolada (COSTA & GASTAL, 2010). Em contrapartida, o conceito de Paisagem Cultural subentende as relações e as transformações produzidas pelas culturas nas paisagens<sup>105</sup>, que fazem parte das histórias das comunidades, sendo mantidas pelas memórias, neste sentido Rafael Winter Ribeiro (2007) aponta que “a paisagem é uma forma de ver o mundo que tem sua própria história, mas esta só pode ser entendida como parte de uma história mais ampla da economia e da sociedade” (p.27) Segundo Luciana Costa e Susana Gastal (2010, p. 3), o geógrafo alemão Otto Schluter teria sido um dos pioneiros nos estudos sobre a Paisagem Cultural, tendo cunhado o termo *kulturlandschaft* para designar as paisagens modificadas pelo trabalho do homem.

A partir deste levantamento preliminar foram identificados uma série de situações, conflitos e aspectos da realidade local que, após diálogos decodificadores com as comunidades, puderam ser empregados como Temas Geradores (FREIRE, 2014), ou seja, temas que sintetizam situações da cultura e do cotidiano das comunidades que podem ser

---

<sup>104</sup> Atividades realizadas nas comunidades cujo objetivo é retornar as informações obtidas com a população local para as comunidades. Tais encontros assumirão o caráter de oficinas ou palestras e discutirão com a população as informações levantadas sobre as comunidades.

<sup>105</sup> O Iphan reconhece a Paisagem cultural como um instrumento de preservação do patrimônio Brasileiro. Ver em: <portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/899/>

discutidas e problematizadas para auxiliar na contextualização da proposta educativa. Mas antes de empregar tais pontos como temas geradores, temos que entendê-los enquanto códigos. Freire (2014) pensa o mundo e a realidade como uma combinação aspectos, que podem ser lidos de diferentes formas, sendo codificados de maneiras distintas, de acordo com o ponto de vista adotado. Para Freire o papel da investigação temática seria buscar esses códigos e adaptá-los para a construção de propostas educativas que façam sentido para as comunidades investigadas.

A segunda etapa da metodologia de Temas Geradores, destacada por (TORRES, FERRARI & MAESTRELLI, 2014) como *Análise das Situações e Escolha das Codificações*, consiste justamente na análise das informações obtidas através do *levantamento preliminar* e escolha das codificações que foram usadas de base para a construção da proposta educativa. Com base no estudo da paisagens e do contato com a história, a cultura e o meio ambiente, foram estabelecidas 4 categorias de temas geradores. Para facilitar a busca por elementos associados às *memórias bioculturais* (TOLEDO & BARRERA-BASSOLS, 2015) das comunidades, foram construídas tabelas adaptadas às condições socioambientais identificadas na região, elencando temas, que resultaram em 8 elementos, que neste caso, por aparecerem conectados nos relatos dos moradores das comunidades, foram agrupados em 4 categorias, com duas “palavras-chave” em cada: Água-Clima; Agricultura-Alimentação; Biodiversidade-Ecologia; Infância-Juventude. Além dos 8 temas geradores que serviram de base para a proposta educativa, também foram considerados, de acordo com as recomendações de Freire (2014), a discussão de cultura como conceito antropológico, neste caso, independente desta discussão surgir como uma demanda da população local<sup>106</sup>, esta temática deve ser implantada por sua importância.

Na etapa denominada *Diálogos Descodificadores* devem ser transmitidas para as comunidades as percepções e descobertas realizadas a partir do levantamento preliminar, discutindo e problematizando as situações e fenômenos revelados pela investigação preliminar e, acima de tudo avaliando e registrando cada uma de suas reações considerando um olhar sensível aos sujeitos da pesquisa (FREIRE, 2014)

A etapa seguinte, denominada *Redução Temática* representa um momento em que o saber local é analisado a partir da ótica da interdisciplinaridade, separando o objeto em partes que são discutidas e explicadas a partir de conhecimentos de diferentes campos do saber científico. Nesta etapa o conhecimento é entendido a partir dos códigos do pesquisador,

---

<sup>106</sup> Neste caso, por não surgir de uma demanda da comunidade, tal “tema gerador” seria denominado “tema dobradiça” segundo Freire (2014).

realizando-se uma forma de *tradução cultural* (FREIRE, 2014) que, ao apresentar ao povo que existe uma relação entre seus saberes e as disciplinas escolares, empreende uma tentativa de trazer o conhecimento popular para o ambiente escolar. Além de buscar as possíveis conexões entre os saberes populares, separando-os em categorias de análise, neste momento o pesquisador-educador deve realizar o planejamento das estratégias educativas que serão utilizadas.

A etapa final da metodologia de Temas Geradores consiste no momento de retornar tudo o que foi aprendido a partir da pesquisa para as comunidades, devolvendo as informações levantadas na investigação preliminar e promovendo o que Freire (2015) chama de *Círculos de Cultura*, ou seja, conversas entre grupos de moradores da região (educandos) sobre os temas geradores, mediadas pelo pesquisador-educador. Neste projeto esta etapa será realizada por meio de encontros, construído sobre o modelo de oficinas de curta duração. Nestas oficinas as informações levantadas sobre as comunidades serão retornadas através de diferentes linguagens.

Com relação às estratégias educativas empregadas, as oficinas foram centradas em discutir a história, a cultura e o meio ambiente da região, e a partir daí introduzir as discussões provocadas pelos temas geradores. As discussões se iniciam nas Paisagens Culturais da região e seguem auxiliando a identificação dos moradores com os debates empregando materiais didáticos produzidos na/para/com as comunidades. Os materiais didáticos consistiram em slides, fotografias, filmes além do material audiovisual<sup>107</sup> produzido durante Oficinas de Cultura Popular ministradas nas comunidades em Janeiro e Setembro de 2016<sup>108</sup>.

A análise dos temas geradores foi realizada com base na construção de tabelas de tripla entrada<sup>109</sup> que consideram as condições de diálogos horizontais entre o saber popular e os saberes científicos, para pensar uma Educação Ambiental adaptada aos territórios e as culturas locais. As tabelas foram montadas considerando uma narrativa de um morador das comunidades para representar o Saber Local, uma citação de um trabalho acadêmico para representar o conhecimento científico, além de sugestões de discussões possíveis para uma

---

<sup>107</sup> Link dos vídeos:

Materiais produzidos com crianças durante Oficina de Cultura Popular ministrada em Janeiro de 2016.

A Lenda do Lobisomem – <<https://www.youtube.com/watch?v=GwbAUsLGz-8>>

A História da Mula Sem Cabeça - <<https://www.youtube.com/watch?v=5UhLcuPupTM>>

Materiais produzidos ao longo da pesquisa de monografia e do mestrado que foram editados para que se transformassem em vídeos temáticos sobre as lendas locais. Trata-se de relatos contados por moradores mais velhos sobre as lendas da região.

A Lenda do Lobisomem – <<http://vimeo.com/150475564> >

Quem tem medo de Mocó? - <<http://vimeo.com/150584009> >

<sup>108</sup> E filmagens e fotografias registradas durante minha participação no projeto social CPF.

<sup>109</sup> Ver cap IV, item 4.2. p 112-140.

Educação Ambiental Escolar (que seja de Base Comunitária, na medida em que parte de um diálogo com o saber da comunidade para pensar a contextualização das práticas educativas).

De forma resumida, este trabalho se propõe a pensar o “que-fazer” de uma Educação Ambiental de Base Comunitária a partir de uma articulação entre a Educação Ambiental Crítica e a Educação Popular, que por sua vez aparece representada pela IAP de Orlando Fals Borda e pela metodologia de Abordagem Temática de Paulo Freire.

## CAPÍTULO IV – DESCOBERTAS: RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados deste estudo serão apresentados da seguinte forma: em um primeiro momento serão apresentadas algumas informações sobre a coleta dos dados e sobre os informantes; em um segundo momento serão discutidas as *paisagens culturais* mais significativas, reveladas a partir do *Estudo do Meio* realizado durante a *Investigação Preliminar* sobre as comunidades; em um terceiro momento serão revelados os temas geradores, que serão discutidos e analisados com base na construção de tabelas comparativas que consideram os saberes locais, os saberes científicos e a Educação Ambiental Escolar; em seguida trago uma discussão sobre o potencial pedagógico das Lendas, Rezas e Garrafadas, comentando algumas peculiaridades dos saberes locais que permitem auxiliar na construção de práticas de Educação Ambiental; na sequência as Ações realizadas, ou seja, as atividades desenvolvidas nas comunidades são comentadas e discutidas com base nos referenciais teóricos; Por fim são apresentadas versões da história local construídas a partir de narrativas de memórias dos moradores mais antigos das comunidades.

Como dito anteriormente, o contato com estas comunidades teve início no ano de 2012, primeiro como voluntário de um projeto social, posteriormente tornou-se parte do meu projeto de monografia para, a partir de 2015, passar a fazer parte do meu projeto de dissertação de mestrado. Deste modo a inserção nas comunidades, bem como o processo de ganhar a confiança de seus moradores, foi facilitada.

Uma das maiores diferenças deste trabalho para minha monografia reside no esforço de envolver a escola no processo de pesquisa-ação-participante para construir uma Educação Ambiental de Base Comunitária, por entender que a escola deve servir como uma aliada na luta pelo reconhecimento de saberes *outros*, na mesma medida em que se posiciona de forma contrária aos apagamentos e epistemicídios, ressaltando a dimensão complexa dos saberes locais e suas conexões e/ou afastamentos com os conhecimentos científicos, para construir saberes escolares a partir destes diálogos entre o popular e o científico<sup>110</sup>

Enquanto mestrando, ou seja, durante a construção desta dissertação, tive um total de quatro contatos com as comunidades: o primeiro, em Fevereiro/Março de 2015, quando fui com a missão de apresentar os resultados de minha monografia para as comunidades e iniciar um planejamento inicial da pesquisa; em Julho/Agosto de 2015 retornei com a intenção de

---

<sup>110</sup> Destaco que a presente pesquisa foi reconhecida e citada por um blog local, gerido por um professor do município de Chapada do Norte, que divulgou a existência deste trabalho.  
Ver em: <<http://mauriciocosta.blogspot.com.br/2016/09/pesquisas-investigam-relacoes-entre-as.html?m=1>>

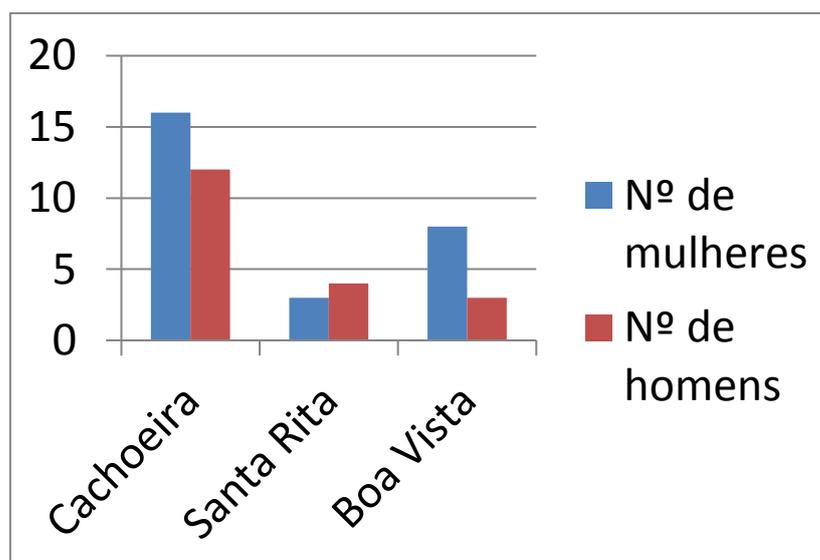
realizar um *Estudo do Meio*, dando continuidade a *Investigação Preliminar*, bem como avançar com as observações e os diálogos com as comunidades; de Dezembro de 2015 a Janeiro de 2016 segui com o objetivo de realizar atividades de retorno, que ao mesmo tempo foram pensadas a servir de palco para a realização dos *Diálogos Descodificadores*, na forma oficinas e palestras direcionadas aos professores e a população de um modo geral, além disso, continuei produzindo materiais audiovisuais com a grupos específicos, incluindo as crianças e os mestres dos saberes locais; por fim, de Setembro a Outubro de 2016 voltei uma ultima vez para o Vale para realizar as ultimas atividades, que incluíram oficinas com crianças e com os professores já com vistas a apresentar os resultados do Estudo do Meio, Discutir a Análise das Situações e Escolha das Codificações, dos Diálogos Descodificadores, além de ressaltar a dimensão complexa dos conflitos e das questões socioambientais vivenciadas nos cotidianos das comunidades, apresentando, em especial para os professores algumas sugestões de Redução Temática, destacando a importância de uma abordagem Interdisciplinar para a Educação Ambiental, bem como reafirmando o valor do Diálogo entre diferentes Saberes, considerando os Saberes Locais do Vale do Jequitinhonha como possíveis matérias-primas para construir práticas educativas.

As atividades foram realizadas em centros sociais das comunidades, nestes casos os próprios moradores ajudaram a organizar e divulgar as atividades, e em escolas, nestes casos, a partir de uma autorização/convite do diretor das unidades escolares. No caso da comunidade de Cachoeira do Norte, as atividades foram conduzidas na Escola Estadual Olídia Lemos de Oliveira, em São Sebastião da Boa Vista, na Escola Estadual José Rodrigues de Figueiredo, e no caso de Santa Rita do Araçuai, na Escola Estadual Zé de Calu.

Enquanto não me encontrava no Vale do Jequitinhonha, investigando-agindo-refletindo, estava concentrado em planejar as próximas atividades de campo, rever os resultados do campo, avançar com as leituras e me dedicar as atividades do mestrado, incluindo as disciplinas, o estágio docente e encontros com o grupo de estudos.

Foram realizadas inúmeras conversas com moradores das comunidades identificados como informantes-chave para compreender história, o meio ambiente e a cultura da região. Ao todo foram selecionados 45 informantes - 26 mulheres e 19 homens, com idades variando de 27 a 88 anos -, distribuídos pelas 3 comunidades: 28 em Cachoeira do Norte, 7 em Santa Rita do Araçuai e 10 em São Sebastião da Boa Vista (FIGURA 19).

FIGURA 19 – GRÁFICO DA DISTRIBUIÇÃO DE INFORMANTES POR COMUNIDADE



Fonte: O autor.

Os informantes foram classificados em três grandes categorias de acordo com os saberes que possuíam, incluindo: “mezinhas e garrafadas”, que integram os conhecimentos locais sobre plantas medicinais; “bênçãos, rezas e orações”, que consideram os saberes de benzedeiros e rezadores, personagens típicos da cultura local; “contos, lendas e histórias” que incluem relatos sobre as histórias da região.

A comunidade de Cachoeira do Norte apresentou um maior número de informantes-chaves por alguns motivos: 1) devido ao tamanho reduzido do distrito foi possível visitar inclusive as zonas rurais; 2) grande número de moradores reconhecidos socialmente como sujeitos conhecedores da “natureza, da história e cultura da região”, que em geral moravam próximos uns dos outros; 3) a comunidade se localiza entre as outras duas, de modo que as atividades de planejamento entre as ações foram centralizadas em Cachoeira para facilitar o deslocamento entre as comunidades; 4) religiosidade predominantemente católica na comunidade de Cachoeira do Norte contribuiu para a manutenção de determinadas tradições.

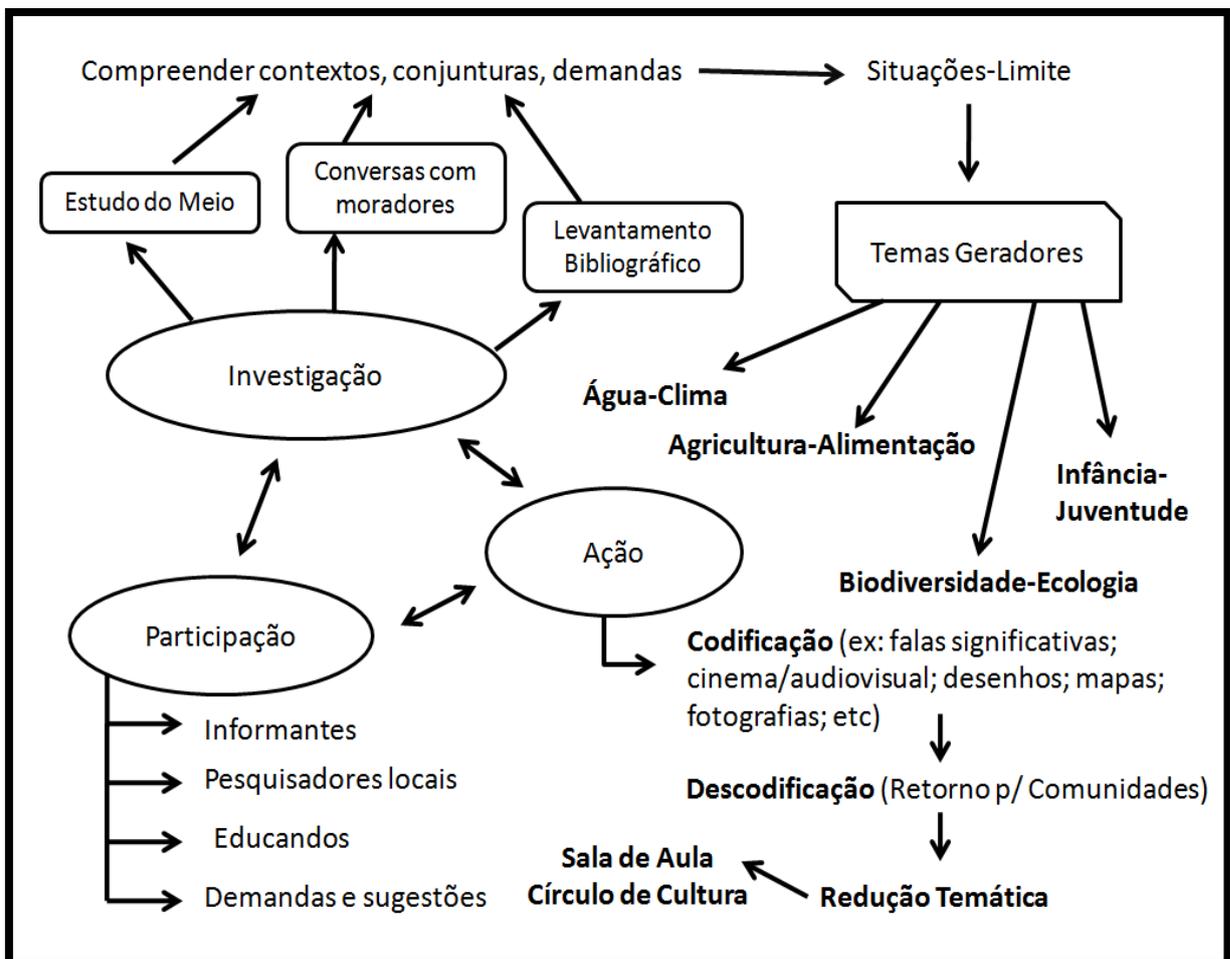
A comunidade de São Sebastião da Boa Vista, embora seja a com maior população não apresentou um número elevado de informantes principalmente devido às grandes extensões territoriais que afastam o centro do distrito de sua zona rural, com isso a distância e a dificuldade de transporte acabou impedindo o contato com sujeitos-chave identificados como detentores de informações significativas. Nota-se na comunidade um grande número de igrejas evangélicas, que por pregarem uma fé diferente, em alguns momentos acabam se chocando com determinadas tradições que fazem parte da cultura local e do catolicismo popular.

– ex: não participam de festas típicas; pregam que determinadas práticas são “*coisa do diabo*”; sugerem que as crianças não se envolvam em certas atividades etc.

No caso de Santa Rita do Araçuaí, além de ser uma comunidade pequena, com muitos moradores vivendo em zonas rurais afastadas, alguns dos sujeitos identificados como possíveis informantes optaram por não participar da pesquisa, determinando no número reduzido de informantes no distrito.

Além disso, foram realizadas Oficinas de Educação Ambiental de Base Comunitária com professores das escolas estaduais das três comunidades. Durante as atividades realizadas com os professores, os mesmos foram estimulados a expor relatos sobre a história, cultura e natureza das comunidades, além de refletirem acerca das possibilidades de reduções temáticas, enxergando conexões entre as disciplinas escolares e as diferentes situações percebidas ao longo da investigação preliminar. Na Figura 20 é possível observar o percurso teórico-metodológico da pesquisa.

FIGURA 20 – ESQUEMA DEMONSTRANDO PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA



Fonte: O autor

#### 4.1 - O ESTUDO DO MEIO

O estudo do meio foi realizado a partir de andanças pelas comunidades buscando perceber a partir das paisagens algumas situações problemáticas vivenciadas nos cotidianos das comunidades para, a partir destas *situações-limite*, questionar os moradores com relação às relações desempenhadas entre a cultura local e a natureza neste contexto específico.

A partir da *Investigação Preliminar* e do *Estudo do Meio* foi possível identificar algumas paisagens culturais que refletem *conflitos* e *situações-limite* presentes nos cotidianos das comunidades. As paisagens foram investigadas a partir de passeios no entorno dos distritos que, quando possível, eram mediados por moradores locais, e que buscaram reconhecer no ambiente elementos significativos para compreender as relações culturas-naturezas, nos contextos locais. Sobre o conceito de *situação-limite* em Paulo Freire, Cecília Osowski (2016) afirma que “[s]ituações-limite são constituídas por contradições que envolvem os indivíduos, produzindo-lhes uma aderência aos fatos e, ao mesmo tempo, levando-os a perceberem como fatalismo aquilo que lhes está acontecendo” (p. 375)

Como sugerido por Fals Borda (1991) através da proposta da IAP, e de Freire (2014) através da metodologia de temas geradores, o processo investigativo deste trabalho se iniciou com um Estudo do Meio, ou seja, uma busca por informações sobre a realidade local, neste caso com foco sobre as características socioambientais da comunidade, obtidas através de passeios no entorno, onde as situações socioambientais puderam ser observadas diretamente pelo pesquisador.

A partir deste primeiro contato com o ambiente das comunidades, teve início uma busca entre os moradores das comunidades, procurando em suas memórias, relatos de narrativas que confirmassem as relações evidenciadas durante o contato preliminar. Nesta etapa foram priorizados os moradores mais antigos, que pudessem ter presenciado mais detalhes das histórias das paisagens culturais (CAMARGO, 2014).

Considerando a cultura como um conceito antropológico (FREIRE, 2014), elegemos três categorias básicas de saberes locais, selecionadas a partir de percepções obtidas durante o contato preliminar realizado com as comunidades. Na realidade essas categorias emergiram durante as idas a campo de forma muito natural, como sugestões das próprias comunidades, representando resquícios de manifestações locais que atualmente encontram-se ameaçadas. As

categorias empregadas foram: 1) Contos, Lendas e Histórias; 2) Mezinhas<sup>111</sup>, Raízes e Garrafadas<sup>112</sup>; 3) Bênçãos, Rezas e Orações<sup>113</sup>.

Na categoria número 1, *Contos, Lendas e Histórias*, estão presentes os moradores das comunidades que costumam/gostam de contar histórias, lendas e contos sobre a região. Essa categoria conta com pessoas comuns, que vivenciaram eventos históricos, ou que ouviram muitas lendas da região. Nesta categoria estão incluídos sujeitos de diferentes gêneros, faixas etárias, condições financeiras e ocupações, trata-se sem dúvidas da categoria mais heterogênea. Sobre estes saberes percebo que determinadas lendas podem ser empregadas como temas geradores de discussões que relacionem o conteúdo mítico e folclórico às disciplinas escolares e saberes tecno-científicos.

A segunda categoria, *Mezinhas, Raízes e Garrafadas*, compreende os saberes de raizeiros, mezinheiros e erveiros da região. Sobre estes personagens, destaco os raizeiros, que são indivíduos, muitas vezes do sexo masculino, que conhecem os segredos das plantas do mato. Estes sujeitos detêm conhecimentos sobre a identificação, o manejo e preparo de plantas úteis e medicinais. As plantas empregadas por esses indivíduos muitas vezes são nativas e estão associadas à Memórias Bioculturais (TOLEDO & BARRERA-BASSOLS, 2015). Além disso, tradicionalmente os raizeiros costumam ser os principais responsáveis pelo preparo das garrafadas.

A categoria *Bênçãos, Rezas e Orações* é representada por benzedeadas e benzedores, mulheres e homens de fé, que empregam ramos e palavras de poder para afastar os males e abençoar pessoas, animais ou objetos. O respeito à natureza e à visão do meio ambiente como elemento sagrado, bem como a presença de saberes que exibem fortes traços de sincretismo. Tais saberes permitem enxergar uma tradição que corre grandes riscos de desaparecimento. Uma tradição que busca nos ramos verdes e na natureza uma conexão com a divindade. Uma

---

<sup>111</sup> Mezinhas ou Meisinhãs é o nome dado às plantas medicinais, normalmente cultivadas em hortas e jardins, próximo às habitações. Geralmente mulheres são as responsáveis pela manutenção dos saberes acerca do cultivo, manejo e preparo de medicamentos a partir das mezinhas. É importante destacar que muitas vezes essas plantas se tratam de espécies exóticas. Ex: arruda, boldo, camomila, artemísia, manjerição, alecrim, hortelã, etc.

<sup>112</sup> Edler (2010) destaca que as garrafadas seriam uma herança das tradicionais *teriagas* da medicina jesuíta. Nos períodos iniciais da história do Brasil, a medicina oficialmente aceita era a medicina da Ordem dos Jesuítas, que entre suas práticas apresentava as famosas *teriagas*, poções realizadas a partir da combinação de ervas curtidas em um líquido alcoólico. Os jesuítas costumavam empregar muitos nativos como assistentes, treinando-os na arte do preparo das *teriagas*. Após a expulsão dos Jesuítas na ocasião do período que ficou conhecido como Reforma Pombalina, os nativos que haviam aprendido os segredos do preparo das *teriagas* passou a se dedicar a produção de medicamentos, que eram armazenados em garrafas e distribuídos para a população. É importante destacar que aos conhecimentos dos jesuítas os nativos somaram um arcabouço de conhecimentos herdados de indígenas e africanos.

<sup>113</sup> Neste caso esta categoria está relacionada à tradições do catolicismo popular do sertão mineiro, que combinam elementos de diferentes culturas devido a suas origens sincréticas.

tradição cujo respeito ao meio ambiente deriva de uma crença na dimensão espiritual-sagrada da natureza.

Segundo os relatos, atualmente os principais riscos para o desaparecimento de tradições e saberes da cultura popular correspondem a processos como: a modernização das comunidades, que contribui para a crise intergeracional verificada entre jovens do município de Chapada do Norte (SILVA, 2000); o êxodo provocado pelas secas e pelos desequilíbrios ambientais da região, considerando a dificuldade de permanecer na terra por conta das condições ambientais de um modo geral; além de embates entre diferentes saberes, incluindo os choques com os saberes de professores e profissionais do serviço de saúde.

Com relação aos riscos ao meio ambiente, as comunidades apontam os ciclos de desenvolvimento<sup>114</sup> descritos por Ribeiro (1989), Guerrero (2009), Zhouri & Oliveira (2005) entre outros, como as principais causas para o agravamento das condições ambientais da região, revelando que tais projetos geram conseqüências negativas para a região, e que tais conseqüências estão sendo vivenciadas no dia-a-dia das comunidades. Além disso, o trabalho ressalta a urgência de medidas de recuperação ambiental da região, priorizando o reflorestamento de áreas de nascentes e matas ciliares.

Sobre a leitura das paisagens, optei por selecionar uma paisagem cultural para representar cada comunidade investigada, considerando as paisagens que as populações creditaram uma maior importância histórica, além de ressaltar as relações entre tais culturas o meio ambiente. No caso do distrito de Cachoeira do Norte, tornou-se evidente a partir de observações e conversas com moradores, a situação do principal córrego da comunidade, que abastecia à cachoeira que deu nome à comunidade. Atualmente a cachoeira se encontra seca na maior parte do ano, aparecendo somente após chuvas mais fortes<sup>115</sup>, devido ao baixo volume do córrego ocasionado pelo desmatamento da nascente e pelo represamento em áreas mais altas.

Para discutir a situação das alterações promovidas no córrego de Cachoeira do Norte abordei o assunto considerando relatos de moradores de diferentes gerações sobre suas vivências no córrego e, especificamente, sobre as transformações ocorridas na paisagem local. Por meio de conversas informais, já identifiquei que diferentes gerações vivenciaram diferentes com relações com o córrego – enquanto pais e avós nadavam e pescavam, atualmente as crianças não costumam ter este contato com o córrego devido à sujeira e ao

---

<sup>114</sup> Incluindo a mineração, a cafeicultura, a pecuária e a eucaliptocultura.

<sup>115</sup> Os moradores das comunidades atestam que as novas gerações não costumam freqüentar a cachoeira como faziam seus antepassados.

baixo volume de água. As figuras abaixo foram tiradas na rua principal do distrito de Cachoeira do Norte e mostram que a rua foi construída sobre o *Córrego Grande* que foi encanado neste trecho. A primeira foto (FIGURA 21) foi tirada em Fevereiro de 2015 quando o córrego estava seco, permitindo a observação do encanamento por onde a água atravessa. A segunda imagem (FIGURA 22) retirada em Janeiro de 2016, demonstra a situação do córrego após uma chuva mais forte, evidenciando a força da correnteza formada, que segundo relatos já chegou a causar acidentes fatais.

FIGURA 21 - FOTOGRAFIA DO CÓRREGO DE CACHOEIRA DO NORTE EM FEVEREIRO DE 2015.



Fonte: O autor.

FIGURA 22 - FOTOGRAFIA DO CÓRREGO DE CACHOEIRA DO NORTE DURANTE ENCHENTE DE JANEIRO DE 2016.



Fonte: O autor.

O córrego se encontra com baixo volume de água, apresentando poças com água parada e mal cheirosa (FIGURA 23) Em algumas áreas é possível sentir odor de esgoto e noutros pontos fica evidente o despejo de água cinza<sup>116</sup>, com a formação de espuma

---

<sup>116</sup> Água proveniente de tanques, pias e máquinas de lavar roupas. Costuma conter resíduos de produtos de limpeza.

(FIGURAS 24 e 25) e bolhas de sabão. A água apresenta coloração escura, em alguns pontos é possível encontrar grande quantidade de larvas de mosquito<sup>117</sup> (FIGURA 26). Além disso, foi possível verificar a presença de um encanamento (FIGURA 27) que despeja a água de esgoto diretamente na natureza, porém um pouco mais afastado das casas para evitar o mau cheiro. Ironicamente, o encanamento despeja esgoto *in natura* diretamente no local onde antes, na época em que corria água no córrego, havia uma cachoeira que deu nome a comunidade. Também foi observado o despejo de *água cinza*<sup>118</sup> diretamente na água produzindo espuma.

FIGURA 23 – FOTOGRAFIA DO CÓRREGO DE CACHOEIRA DO NORTE DEMONSTRANDO POLUIÇÃO DA ÁGUA.



Fonte: O autor.

FIGURA 24 – FOTOGRAFIA DO CÓRREGO DE CACHOEIRA DO NORTE COM DETALHE DA ESPUMA NA ÁGUA FORMADA PELO DESPEJO DE ÁGUA CINZA



Fonte: O autor.

---

<sup>117</sup> As manchas marrons observadas na fotografia representam focos de larvas de mosquitos. No município de Chapada do Norte doenças como Dengue, Chikungunia e Zica são doenças associadas ao turismo, pois normalmente os mosquitos se contaminam pelos vírus durante a visita de turistas, em especial em datas comemorativas e períodos de férias. Resumidamente, a região apresenta o mosquito *Aedes aegypti*, responsável pela transmissão das doenças, porém nem sempre o vírus se encontra em circulação.

<sup>118</sup> Água de lavagem de pias, chuveiros, tanques e máquinas de lavar.

FIGURA 25 – FOTOGRAFIA DO CÓRREGO DE CACHOEIRA DO NORTE DEMONSTRANDO POLUIÇÃO DA ÁGUA



Fonte: O autor.

FIGURA 26 – FOTOGRAFIA DO CÓRREGO DE CACHOEIRA DO NORTE COM DETALHE SOBRE FOCO DE LARVAS DE MOSQUITOS



Fonte: O autor.

FIGURA 27 – FOTOGRAFIA DO ENCANAMENTO NO CÓRREGO GRANDE DO DISTRITO DE CACHOEIRA DO NORTE



Fonte: O autor.

Segundo os relatos dos moradores, em sua era de glória, ainda durante o período em que a região fazia parte da Fazenda Cachoeira, o *Córrego Grande*, como também costuma ser chamado pelos moradores do Distrito, abrigava uma roda d'água com um moinho. Além disso, o córrego servia como fonte de água para as atividades agrícolas, sendo usado frequentemente por lavadeiras, garimpeiros, pescadores, além de banhistas que iam se refrescar nos “*poções*”. Com relação à diminuição do volume de água do córrego, uma moradora da comunidade expressou sua preocupação através do seguinte relato:

*O Córrego Grande deu pra secar mesmo foi de 2000 pra cá... Aquele córrego, pra dizê a verdade eu nem gosto de ir até ali que me dá tristeza, de antes ficava cheio, nós pescava ali até as cabeceira, mas foi justamente quando roçaram o brejinho que o córrego deu pra seca. Às vezes quando tinha água nos córrego as pessoas abria uns buraco, uma espécie de canaleta que chamavam de rego e levava a água até açudes, onde mantinha a água na época de seca, quando criança nós adorava correr dentro dos rego, por dentro da água pra ver onde que a água estava caindo (D<sup>a</sup> N. 58 anos, Cachoeira do Norte, 2015)*

É preciso ressaltar que nos arredores da comunidade de Cachoeira do Norte é comum o surgimento de poças com água parada, este fato colabora para a proliferação de mosquitos, que depositam seus ovos na água, os ovos, por sua vez, ao eclodirem dão origem a larvas que, quando completarem o ciclo aquático, passarão por uma metamorfose se transformando em mosquitos adultos, na fase alada. Neste sentido, a educação ambiental também poderia colaborar auxiliando no desenvolvimento de ações destinadas a alertar a população local quanto aos riscos da proliferação de mosquitos, que podem transmitir dengue, chikungunya, zika e febre amarela. Com relação a um dos principais motivos revelados pelos depoimentos dos moradores, constatado a partir do estudo do meio, foi possível notar que uma represa particular (FIGURA 28) construída na comunidade de Brejinho, localizada na zona rural de Cachoeira do Norte, está impedindo o fluxo natural do córrego, represando a água. Por se constituir em uma propriedade particular, a represa do brejinho não é de livre acesso para os moradores da comunidade, representando um conflito ambiental resultante da luta pelo direito ao uso da água e ao território, onde os interesses do dono da terra são impostos às comunidades.

FIGURA 28 – FOTOGRAFIA DA REPRESA DO BREJINHO



Fonte: O autor.

Saindo da comunidade de Cachoeira do Norte, o córrego segue até desaguar no rio Araçuaí, coisa que atualmente não vem ocorrendo devido à seca. Na altura do distrito de Santa Rita do Araçuaí, onde o Córrego Grande recebe o nome de Córrego dos Machado, o córrego se encontra completamente seco, como pode ser verificado na Figura 29.

FIGURA 29 – FOTOGRAFIA DO LEITO DO CÓRREGO GRANDE/CÓRREGO DOS MACHADO NA ALTURA DO DISTRITO DE SANTA RITA DO ARAÇUAÍ, 2016.



Fonte: O autor.

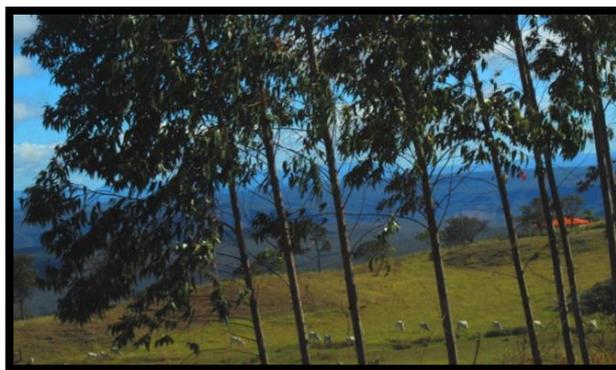
No distrito de São Sebastião da Boa Vista, o estudo preliminar sobre as condições socioambientais da região revelou a expansão das plantações de eucalipto e das áreas destinadas à criação de gado (FIGURA 30), além do agravamento das condições do principal córrego que abastece a comunidade, o *Córrego Boa Vista*. Desde os anos de 1970, o Vale do Jequitinhonha começou a ser explorado por indústrias de madeira e celulose, que implantaram largas áreas de plantio de eucalipto na região<sup>119</sup>, é possível notar que as plantações de

---

<sup>119</sup> Os monocultivos de eucalipto também costumam ser chamados de “*desertos verdes*”. Por eliminarem substâncias alelopáticas a partir da decomposição de suas folhas, o eucalipto inibe o crescimento de outras

eucalipto se localizam nas áreas mais altas, em regiões onde a vegetação nativa foi substituída por extensas áreas de monoculturas. Além disso, a pecuária, atividade que vem se fortalecendo no município desde o término do ciclo do ouro, continua a se expandir pela região, exigindo cada vez mais áreas destinadas às pastagens<sup>120</sup>, que implicam na introdução de gramíneas exóticas, em especial. Ambas as atividades, o plantio de eucalipto em larga escala e a criação de gado, quando realizadas em regiões de relevo montanhoso e/ou ondulado do semi-árido brasileiro, tendem a provocar fortes impactos ambientais, esse tipo de informação deve ser apresentada e discutida com a comunidade.

FIGURA 30 – FOTOGRAFIA TIRADA NO DISTRITO DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA. REVELA ALGUMAS MUDAS DE EUCALIPTO EM PRIMEIRO PLANO E PASTAGENS PARA CRIAÇÃO DE GADO AO FUNDO



Fonte: O autor.

No caso da comunidade de São Sebastião da Boa Vista, torna-se marcante a relação que a população desenvolveu com o Córrego que recebeu o nome da comunidade. O córrego Boa Vista tem sua nascente em uma área de mata nativa preservada em uma propriedade particular. Trata-se de um fragmento da Mata Atlântica (FIGURA 31) cercado pelo cerrado de um lado e por plantações de eucalipto de outro, que resiste, preservando a água, tão preciosa para a qualidade de vida desta comunidade.

---

espécies vegetais. Além disso, o eucalipto é uma árvore que retira grandes volumes de água do subsolo e consome muitos nutrientes do solo.

Ver em: <[www.geoambiente.com.br/blog/2011/04/29/o-eucalipto-destroi-o-meio-ambiente/](http://www.geoambiente.com.br/blog/2011/04/29/o-eucalipto-destroi-o-meio-ambiente/)>

<sup>120</sup> Pascal Picq (2015) destaca que “atualmente, 80% das florestas destruídas, principalmente na América do Sul, se transformaram em pastos e, sobretudo a área foi usada para o plantio de soja e cereais que servem para alimentar o gado, sobretudo o boi (80% da carne de boi consumida na Europa sai da América do Sul). Mais de 1,3 bilhão de bovinos peidando e eructando gases de efeito estufa povoam a Terra, e dois terços das superfícies agrícolas são consagrados diretamente ou indiretamente à criação deles” (p. 161-162).

FIGURA 31 – FOTOGRAFIA DO FRAGMENTO DE MATA ATLÂNTICA ONDE SE LOCALIZA A NASCENTE DO CÓRREGO BOA VISTA



Fonte: O autor.

Deixando o fragmento de mata atlântica, a água da nascente passa a ser encanada e direcionada para represas (FIGURAS 32 e 33), retornando ao curso natural do córrego que deixa a propriedade particular, onde se encontra a mina e segue rumo a comunidade. O córrego Boa Vista passa por dentro da comunidade, onde recebe uma série de poluentes<sup>121</sup>, incluindo esgoto *in natura* (FIGURA 34). Foi possível notar a presença de pequenos peixes em trechos do córrego localizados dentro das comunidades.

FIGURA 32 – FOTOGRAFIAS REPRESAS DO CÓRREGO BOA VISTA .ESGOTO SENDO DESPEJADO NO CÓRREGO (DIREITA)



Fonte: O autor.

---

<sup>121</sup> Entende-se por poluente qualquer substância que quando introduzida num ecossistema, gera um desequilíbrio das características físicas, químicas e biológicas do sistema.

FIGURA 33 – FOTOGRAFIA DE UMA DAS REPRESAS DO CÓRREGO BOA VISTA



Fonte: O autor.

FIGURA 34 – FOTOGRAFIA DE UMA DAS REPRESAS DO CÓRREGO BOA VISTA



Fonte: O autor.

No distrito de São Sebastião da Boa Vista foi possível identificar o Córrego Boa Vista e a Cacimba do Jambreiro (FIGURA 35) elemento relevantes para a conformação da paisagem da região. A cacimba do Jambreiro consiste em um poço, cavado por um dos fundadores do distrito, o velho Rodrigues, em uma região mais baixa, localizada no encontro de três morros, ao lado de um Jambreiro<sup>122</sup>. A cacimba do Jambreiro representou uma das principais fontes de água da comunidade de Boa Vista ao longo de sua história, tendo sido especialmente importante durante as grandes secas, quando os córregos secaram. Durante uma terrível seca que ficou conhecida como “a seca do fubá”<sup>123</sup>, após esta seca que provocou a

---

<sup>122</sup> Nome de uma árvore.

<sup>123</sup> O nome desta seca foi dado devido ao fato de o ano anterior ter sido um ano de boas chuvas e por isso ter permitido uma fartura de milho, que havia sido armazenada e mantida uma reserva para o ano seguinte, quando,

fome na comunidade, a Cacimba do Jambreiro se tornou um símbolo da resistência desta comunidade à seca da região e após este fato a comunidade solicitou que o padre local abençoasse tal fonte. Com relação a memória de moradores distrito, destaco a fala do filho do homem que criou a cacimba *“A cacimba do Jambreiro nunca secou, e naquela época o correquinho corria, mas nós só usava a água da cacimba, que era uma água que fazia gosto, de uns tempos pra cá que a cacimba deu pra secar”* (Seu J. R., 88 anos, São Sebastião da Boa Vista, 2016). Deste modo, entendo que a preservação da cacimba do jambreiro, bem como das memórias associadas a este poço devem ser preservadas por seus valores históricos e ambientais para a comunidade.

FIGURA 35 – FOTOGRAFIA DA CAÇIMBA DO JAMBREIRO, LOCALIZADA NO DISTRITO DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA.



Fonte: O autor.

Além de evidenciar tais questões socioambientais vivenciadas pelas comunidades, o Estudo do Meio também revelou relações específicas desempenhadas entre tais populações e as paisagens locais. Relações em que a paisagem foi modificada de acordo com os interesses humanos, promovendo alterações nas condições ambientais da região. Neste caso, resolvi focar em paisagens que traduzem relações que tais comunidades desenvolveram com recursos hídricos da região. Assim como no caso anterior, das questões socioambientais evidenciadas pelo estudo do meio, resolvi destacar um exemplo de paisagem cultural para cada uma das comunidades.

---

a terrível seca abateu a região gerando a total destruição das lavouras gerando uma crise na produção de alimentos da comunidade. Neste ano, devido a reserva de milho do ano anterior a única fonte de alimento era o fubá estocado e a única fonte de água da comunidade de Boa Vista era a Cacimba do Jambreiro. Ver Apêndice 3.

No distrito de Cachoeira do Norte identifiquei como uma importante paisagem cultural o próprio Córrego Grande. O principal córrego do distrito, cujas águas formavam a cachoeira que deu origem ao nome do distrito, que anteriormente abrigou uma roda d'água e atualmente encontra-se seco e com o curso modificado pela expansão da comunidade.

No caso da comunidade de Santa Rita do Araçuaí, optei por selecionar o Rio Araçuaí, incluindo a calçada de pedra dos escravos (FIGURA 36) e a “ponte das Nelitas” (FIGURA 39). A calçada dos escravos consiste em uma construção<sup>124</sup>, formada por pedras empilhadas a seco de modo a produzir uma verdadeira barreira com cerca de 2m de altura em alguns pontos. A calçada se localizada no leito do Rio Araçuaí, no entorno do distrito de Santa Rita e segundo relatos de moradores da comunidade, teria sido construída pelos negros na época da escravidão com o objetivo de desviar o curso do rio para facilitar a extração de ouro. Trata-se, portanto, de um importante elemento na relação entre a paisagem e a história desta comunidade. Na figura a seguir é possível observar uma moradora do distrito apontando para a *calçada*.

*Esse calçadão de pedra que tem lá pra baixo é trabalho dos escravos, os escravos fizeram uma barreira pra mudar o rio para lavar o ouro. Diz que o dono, o chefe dos escravos, o feitor, não tava achando ouro e fez uma promessa para o Divino Espírito Santo prometendo entregar as primeiras bateiadas de ouro para a Igreja, para o Divino Espírito Santo. Em seguida encontraram, as bateias vieram cheias de ouro, e aí o feitor resolveu deixar a segunda bateia para o Espírito Santo e ficar com a primeira. Depois resolveu ficar com a segunda e com a terceira, na terceira bateia o feitor pegou e disse “O Divino Espírito Santo é santo e não precisa de ouro”, e quando ele terminou de dizer isso o rio voltou para o lugar original, veio aquela onda carregando tudo e matou muitos escravos, matou o feitor e levou o tacho de ouro que os escravos guardavam, carregando o tacho pra pinguela, onde dizem que mora a cobra gigante (Dona N. 80 anos, Santa Rita do Araçuaí, 2016).*

---

<sup>124</sup> A construção se assemelha a uma barreira ou muro composto por lâminas de pedras empilhadas à seco.

FIGURA 36 – FOTOGRAFIA DA CALÇADA DE PEDRAS DOS ESCRAVOS, DISTRITO DE SANTA RITA DO ARAÇUAÍ, 2015.



Fonte: O autor.

O Araçuaí é um dos principais rios do município de Chapada do Norte, na região noroeste do município, onde se localizam as comunidades investigadas, o Araçuaí representa um divisor geográfico que estabelece uma fronteira muito marcada nas paisagens, na biodiversidade e nas culturas, influenciando a formação de características socioambientais distintas em cada um dos lados do rio. Por se localizar nas margens do Araçuaí, a comunidade de Santa Rita acolheu seu nome como uma homenagem à força da natureza, pois ao longo da história a população local presenciou com mais intensidade as consequências das secas e das enxurradas. Na comunidade de Santa Rita a relação com o rio Araçuaí é mais forte, pois devido ao próprio relevo da região a comunidade se desenvolveu espremida entre morros e o rio, sendo que segundo relatos dos moradores, em épocas antigas era comum a comunidade ficar ilhada durante chuvas mais intensas, quando o volume do rio subia a ponto de cercar o distrito.

É importante destacar que o Araçuaí vem sofrendo com os impactos das atividades antrópicas, na figura 37 tornam-se evidentes a perda da mata ciliar e a condição de assoreamento de um trecho do Araçuaí localizado próximo ao centro do distrito. Além disso, o desmatamento das margens contribui para a lixiviação de nutrientes do solo<sup>125</sup>, bem como para a ocorrência de enchentes durante o período das chuvas<sup>126</sup>.

---

<sup>125</sup> Processo em que os nutrientes do solo são carregados por meio da ação da água.

<sup>126</sup> Visto que matas ciliares costumam absorver e desviar parte da água das chuvas.

FIGURA 37 – FOTOGRAFIAS DE TRECHO ASSOREADO DO RIO ARAÇUAÍ



Fonte: O autor.

Em um período anterior ao desenvolvimento da comunidade, e da chegada de seu fundador, Teófilo da Veiga, a região já era explorada por fazendeiros e garimpeiros independentes que extraíam o ouro da região. Precisar a data da construção da calçada de pedras dos escravos tornou-se impossível, visto que tal fato ocorreu em uma época que está além da memória dos moradores mais antigos da comunidade, a lenda que sobreviveu com a construção fala sobre a origem desta obra, e está relacionada à história da cobra gigante do Rio Araçuaí<sup>127</sup>.

Em tempos antigos a travessia do Araçuaí era feita por canoieiros que cobravam um pequeno valor para atravessar pessoas e mercadorias, mas dependendo das condições de navegação cruzar o rio tornava-se um feito impossível, o que muitas vezes se convertia em um tormento para a população, além de ter seus perigos. Após a emancipação do município de Chapada do Norte, o prefeito Durval Queiroga foi responsável por construir a antiga ponte do distrito, que segundo os relatos “*era uma ponte baixinha que ficou 40 dias e 40 noites debaixo d’água no dilúvio de 79*” (Seu. C. 74 anos, Santa Rita do Araçuaí, 2016). Como revelado na fala de Seu C, a antiga ponte oferecia riscos a população durante o período das “*águas*” quando o volume do rio sobe por conta das chuvas. Em Fevereiro de 2004 um acidente envolvendo diversas pessoas, incluindo Nelito, um líder comunitário da região gerou grande comoção entre a população local. Após o acidente as filhas de Nelito criaram um movimento que comoveu a região e a partir desta mobilização conseguiram levantar assinaturas para um abaixo assinado que solicitou a construção de uma nova ponte, elevando a altura na ponte

---

<sup>127</sup> Ver em página 146.

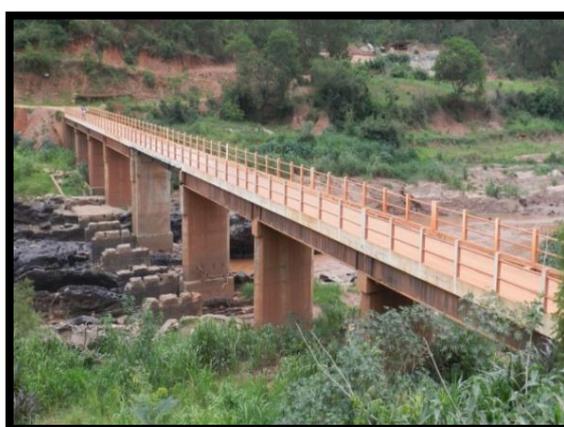
baixa para evitar outros acidentes, por conta do esforço das filhas de Nelito em garantir a modificação da estrutura da ponte, muitos moradores da região passaram a chamar a nova ponte de “*Ponte das Nelitas*” (FIGURAS 38 E 39). Durante a construção da ponte nova, depoimentos apontam que o engenheiro responsável pela obra afirmou que “segundo a matemática o volume deste rio não tem como subir mais do que este ponto”, diante deste posicionamento a população questionou o mesmo, alegando que como moradores da região já presenciaram o volume se elevar acima do ponto indicado pelo engenheiro, que ignorou os apelos da população e seguiu com a obra. No ano de 2009, uma enchente atingiu a estrutura, obrigando o engenheiro a rever seus cálculos elevando a altura da ponte em alguns metros.

FIGURA 38 – FOTOGRAFIA DA PONTE DAS NELITAS.



Fonte: O autor

FIGURA 39 - FOTOGRAFIA DA PONTE DAS NELITAS APROXIMADA, COM DETALHE DA BASE DA ANTIGA PONTE.



Fonte: O autor

Com a construção da ponte o transporte entre as comunidades “do lado de cá do rio”, e o “lado de lá” foram facilitados, este fluxo de pessoas e mercadorias ajudou a fortalecer a economia local, contribuindo para a mobilidade dentro do município. Mesmo a ponte nova não se encontra imune aos “dilúvios”, visto que no ano de 2013 uma enxurrada danificou o vão central da ponte (FIGURA 40) e em 2016 uma nova enchente elevou o nível do rio até quase cobrir a ponte.

FIGURA 40 – FOTOGRAFIA RETIRADA APÓS “DILÚVIO DE 2013” EVIDENCIANDO OS DANOS A ESTRUTURA DA PONTE.



Fone: O autor.

Considerando que no caso do Vale do Jequitinhonha as culturas locais são o resultado de um encontro entre diferentes culturas, que interagiram em/com determinado território e, considerando o conceito de cultura estabelecido por Geertz (1989), que afirma que a cultura corresponde a *Redes de Significados*, podemos conceber as culturas locais como *Redes de Significados* adaptadas aos territórios específicos sendo, portanto, *redes de significados locais (ou autóctones)*.

Trabalhos de Educação Ambiental com a origem multicultural dos saberes locais poderiam promover pesquisas sobre a influencia das culturas indígenas e afro-brasileiras nas paisagens, bem como em determinadas práticas e saberes típicos da região, poderia discutir a influencia destas culturas na alimentação das comunidades, ou mesmo nas práticas agrícolas, na relação com a biodiversidade para, deste modo, possibilitar a realização de discussões alinhadas às perspectivas das leis 10.639 de 2003 e 11.645 de 2008 que trata do ensino de Cultura e História Afro-brasileira e Indígena<sup>128</sup>.

---

<sup>128</sup> Um destaque interessante

Outro resultado obtido a partir das investigações preliminares e do estudo do meio consiste em relatos sobre as memórias de secas e enchentes ocorridas na região (APÊNDICE B). As Memórias sobre a seca e a cheia trazem a tona relatos impressionantes, em especial no caso dos “dilúvios”. Os “dilúvios” são como os moradores das comunidades chamam as chuvas mais intensas que aumentam o nível de rios e córregos a ponto de causar inundações e prejuízos para as comunidades. Os principais “dilúvios” relatados ocorreram durante os anos de 1929, 1979, 2013e 2016<sup>129</sup> (APÊNDICE C).

A chuva de 1929 teria sido a mais forte de todas, representando o primeiro grande dilúvio registrado nas memórias dos moradores da comunidade de Santa Rita. No ano de 1929, o mais antigo dos distritos investigados vivenciou momentos de grande angústia durante uma longa tempestade que durou muitos dias, gerando um aumento assombroso no volume do rio Araçuaí, invadindo as ruas do distrito e carregando algumas casas e a primeira igreja da comunidade.

O “dilúvio” de 1979 ocorreu após o episódio da construção da ponte que liga o distrito de Santa Rita do Araçuaí à sede do município de Chapada do Norte. Neste episódio. Segundo os moradores da região este “dilúvio” teria sido o maior de todos.

Os relatos dos dilúvios são mais dramáticos nos casos de moradores do distrito de Santa Rita do Araçuaí. Pelo fato de a comunidade ter sido construída nas margens do Rio Araçuaí, alguns de seus moradores vivenciaram momentos de grande preocupação durante tais tempestades, quando o volume do rio subiu e as águas invadiram parte do distrito, causando deslizamentos e danos em edificações.

Com relação ao abastecimento de água da região, a água é coletada do Rio Araçuaí no distrito de Santa Rita do Araçuaí, onde é tratada e segue para a rede de distribuição, de acordo com um relato de um dos mais homens mais velhos da comunidade de Boa Vista:

*A água daqui foi colocada pela prefeitura. Tem uns 12 anos que puxou essa água, a água sai do rio [Araçuaí] vai pra Cachoeira [do Norte], da Cachoeira vai pra caixa e de lá vem praqui [São Sebastião da Boa Vista]. Se num fosse por essa água nós tinha que mudar daqui, como muito pessoal dos*

---

<sup>129</sup> Por estar presente na comunidade de Cachoeira do Norte neste período posso relatar que a chuva ocorrida em Janeiro de 2016 foi muito intensa, mas de curta duração, gerando um aumento abrupto no nível dos córregos e rios da região. No rio Araçuaí, a balsa que faz a captação de água do rio, que é tratada e distribuída para a população local, foi arrastada pela força das águas, gerando problemas de abastecimento. O distrito de Santa Rita do Araçuaí ficou temporariamente ilhado devido às más condições da estrada. No distrito de São Sebastião da Boa Vista parte do calçamento das ruas da comunidade foi prejudicado pela chuva. Embora as chuvas de Janeiro de 2016 tenham causado estragos consideráveis nas comunidades, alguns moradores não consideram como um dilúvio, afirmando que desta vez o volume do rio Araçuaí não alcançou as marcas dos dilúvios anteriores.

*córrego acabou mudando pra cá porque lá não tem mais água* (Seu J. R., 88 anos, 2016)

A partir do estudo do meio, foi possível perceber relações desempenhadas entre as culturas locais e as paisagens, possibilitando compreender, por exemplo, o papel da *Água* e do *Clima* no cotidiano das comunidades que, a partir das interações entre as comunidades e os recursos hídricos da região se revelou como uma situação-limite. A partir de relatos sobre a modificação das paisagens foi possível compreender uma relação direta entre a *Biodiversidade*, a *Ecologia* dos organismos da região e a cultura local, caracterizando a perda de Biodiversidade e os Desequilíbrios Ecológicos como situações-limite. Por meio da observação de práticas agrícolas da região, bem como de relatos sobre a transição alimentar vivenciada pelas comunidades foi possível entender a importância Agricultura e da Alimentação para pensar a capacidade das comunidades de se auto-sustentar e permanecer nos seus territórios<sup>130</sup>, revelando que a soberania alimentar, que inclui a capacidade de produzir seus próprios alimentos e um consumo reduzido de produtos de fora da comunidade, se configura como uma situação-limite para as comunidades de Chapada do Norte. Por fim, a relação das crianças e dos jovens com a natureza, bem como a atual tendência de migração para ambientes virtuais apresenta como consequência principal o enfraquecimento do vínculo com a terra, configurando-se, portanto, em uma situação-limite.

A partir de um processo de reflexão sobre os resultados obtidos com o estudo do meio, no contato com as situações limites e identificação das temáticas recorrentes, foi possível perceber que os moradores mais velhos vêm no passado uma qualidade que se perdeu, pelos choques e afastamentos das relações entre a cultura local e a natureza. Neste sentido, tais temas mostraram-se relevantes para pensar o processo de contextualização de ações de Educação Ambiental.

Além disto, a partir do Estudo do Meio foram construídas tabelas, adaptando a metodologia de Temas Geradores (FREIRE, 2014), para analisar, além dos temas geradores, as condições de existência de Ecologias de Saberes locais (SANTOS, 2010). Como foi discutido no capítulo anterior, as tabelas foram construídas de modo a demonstrar as relações entre o saber popular e o saber científico, no sentido de pensar, a partir deste diálogo, uma proposta adequada a realidade socioambiental das comunidades. Neste sentido, concordo com

---

<sup>130</sup> Ideia relacionada ao conceito de *Suficiências Íntimas* apresentada por Santiago Arboleda Quiñones durante palestra realizada no segundo semestre de 2016 para alunos do programa de pós graduação em educação (PPGEDU-UNURIO)

as palavras de Chassot (2007) sobre o potencial do saber popular para a Educação “Quer-se fazer que esse saber escolar, em vez de ensinado de maneira asséptica, matematizada e descontextualizada, seja ensinado a partir do saber popular conhecido [pelos membros das comunidades]” (p.9)

A partir da metodologia de Abordagem Temática Freireana (FREIRE, 2014; DELIZOICOV, 1982; DELIZOICOV, ANZOTI & PERNAMBUCO, 2002; TORRES, FERRARI & MAESTRELLI, 2014), por meio de diálogos com as comunidades foi possível estabelecer quatro categorias de temas-geradores, que serviram de base para pensar a contextualização da proposta educativa à realidade local, orientando as discussões de forma crítica e atenta às realidades históricas, culturais, e geopolíticas das comunidades.

Partindo da Investigação Preliminar, com o Estudo do Meio, foram reveladas as Paisagens Culturais, que também influenciaram na escolha das categorias de temas geradores. Os fatores e condições socioambientais revelados pelos estudos do meio contribuíram a perceber algumas das situações-limites vivenciadas nos cotidianos das comunidades. A partir das relações entre as culturas locais e as paisagens, foi possível entender, por exemplo: que as crianças costumavam brincar na natureza, conhecendo as paisagens e a biodiversidade além de desenvolver vínculos com a terra, algo que vêm se perdendo; que a perda de biodiversidade exerceu impactos perceptíveis nas paisagens, assim como algumas práticas agrícolas que tiveram grandes impactos nas modificações ambientais vivenciadas na região. A partir destas pistas pude refletir sobre algumas situações-limite vivenciadas pelas comunidades.

Ao entrar em contato com as comunidades, suas percepções sobre a natureza passam a ser percebidas ou declaradas. É possível notar, que em todos os relatos as condições ambientais da região e principalmente a situação da seca, torna-se um tema central nas falas, com muitas memórias que apontam para o sofrimento diante da perda de lavouras, da necessidade de migrar, da fome e da miséria. Comunidades locais, como as comunidades do Vale do Jequitinhonha, que desenvolveram modos de vida estreitamente vinculados ao meio natural são mais vulneráveis às transformações do ambiente. O agravamento da seca tem disseminado o medo de um colapso ambiental na região<sup>131</sup>. Esta investigação preliminar

---

<sup>131</sup> Muitas comunidades rurais foram abandonadas devido ao agravamento da seca, com o desaparecimento de cacimbas, nascentes e córregos, a situação se tornou impraticável para essas populações, que se tornaram verdadeiros refugiados climáticos. A Sede de Chapada do Norte costuma passar longos períodos sem abastecimento de água, devido à seca e problemas com o sistema de distribuição. Segundo relatos confirmados por moradores do Distrito da Sede, no ano de 2016 a população local chegou a ficar mais 30 dias consecutivos sem água encanada.

comunidades revelou *situações-limite* (FREIRE, 2014), bem como *memórias bioculturais* (TOLEDO & BARRERA-BASSOLS, 2015) e *paisagens culturais* que foram *analisadas por temas e codificadas*, sobre este processo de codificação da abordagem temática freireana, Saito, Figueiredo e Vargas (2014) apontam que:

A codificação significa criar situações, seja através de recursos audiovisuais, textos de jornais ou problemas, que levem aos educandos a, partindo da situação retratada, analisarem, discutirem e estabelecerem relações sobre a complexidade social envolvida, os limites e as possibilidades de transformação. (p. 75)

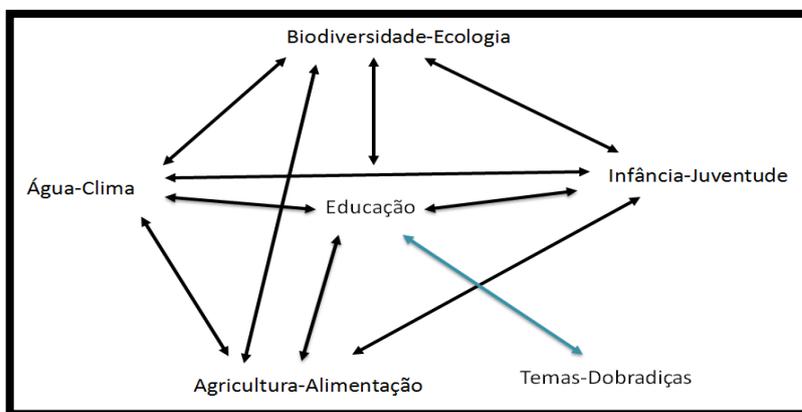
A partir das informações levantadas durante a etapa de Estudo do Meio, conversei com os moradores das comunidades a fim de entender a importância destas situações reveladas pela investigação, para a história e cultura das comunidades. As conversas foram realizadas em dois momentos distintos: durante visitas individuais às casas dos moradores identificados como Mestres dos Saberes Locais; durante atividades coletivas, tais como Oficinas e Palestras oferecidas para moradores das comunidades de diferentes grupos, faixas etárias e focos, incluindo crianças, jovens, adultos, professores e idosos. As atividades coletivas foram desenvolvidas a partir de parcerias com as comunidades, sendo realizadas em escolas, no caso de receber convites dos diretores e professores, em centros sociais ou outros espaços públicos. Durante tais contatos com as comunidades foram realizados os *Diálogos Descodificadores* (FREIRE, 2014; DELIZOICOV, 1982).

## 4.2 - TEMAS GERADORES

A partir das situações evidenciadas ao longo da *Investigação Preliminar* e do *Estudo do Meio*, foi possível perceber através das situações problemáticas presentes nos cotidianos das comunidades temas recorrentes, que se repetiam tanto nas falas quanto nas percepções oriundas do Estudo do Meio. A partir destes temas recorrentes, que derivam de situações problemáticas, que as comunidades gostariam de poder transformar, foi possível chegar aos Temas Geradores. Foram definidas 4 categorias de temas geradores, com 2 palavras-chave para cada. A escolha de duas palavras-chave reflete o fato de os dois elementos apresentados estarem intimamente relacionados no imaginário das comunidades, de modo que os moradores das comunidades se mostraram com dificuldades para compreender a Água de forma separada do Clima, a Agricultura da Alimentação, a Biodiversidade da Ecologia e a Infância da Juventude.

Para além das palavras-chave, outras conexões foram feitas, evidenciando as relações entre as diferentes categorias de temas geradores (FIGURA 41). A rede temática construída evidencia as relações entre os diferentes temas geradores, a água e o clima afetam diretamente a biodiversidade e o clima, que por sua vez afetam diretamente a agricultura e a alimentação das comunidades, que por sua vez apresenta impacto sobre as crianças e os jovens, que por sua vez, também se relacionam com os recursos hídricos, podendo colaborar para sua preservação ou destruição. Finalmente, percebe-se que todas as temáticas, além de conectadas entre si, abrem caminho para possibilidades para a Educação, fornecendo temas que se ramificam em inúmeras discussões, atividades e práticas. Além disso, foram selecionados temas dobradiças revelados a partir do contato com os moradores das comunidades.

FIGURA 41 – ESQUEMA DEMONSTRANDO INTERCONEXÃO ENTRE OS TEMAS GERADORES



Fonte: O autor

#### 4.2.1 - TEMA GERADOR: ÁGUA-CLIMA

TABELA 1 – ÁGUA-CLIMA

SABER LOCAL	SABER CIENTÍFICO	EDUCAÇÃO AMBIENTAL ESCOLAR
<p><b>Citação fala morador</b></p>	<p><b>Citação trabalho acadêmico</b></p>	<p><b>Exemplos de discussões que poderiam ser realizadas a partir das relações reveladas entre o saber local e o saber científico</b></p>
<p><i>“Antes era tanta árvore nas nascentes que a gente era obrigado a ir lá na nascente pra tirar as folhas dos canos que entupiam. Com 7 anos eu pescava no córrego Tamboril inteiro, e foi nós, a própria população que secamos o córrego. Lá na Tabatinga depois que eles começou a desmatar, que plantou eucalipto e plantou braquiária pra fazer criação que secou a água toda, e antes o povo desmatava muito pra fazer carvão” (Seu. R. 36 anos, Cachoeira do Norte, 2016)</i></p>	<p>“Atualmente, muitas dessa comunidades [de pequenos trabalhadores rurais] têm dificuldade de se auto-sustentar, levando-os à ilegalidade, na produção de carvão vegetal do cerrado, agravando a devastação das matas nativas, prejudicando a capacidade de infiltração da água no solo, provocando erosões e assoreamentos. [...] [J]untamente com a exploração da monocultura de eucalipto, desencadeiam um processo de redução do</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Preservação dos Recursos e recuperação de Nascentes.</li> <li>- Importância da Vegetação Nativa para Preservação das Nascentes.</li> <li>- Impacto da Introdução de Espécies Exóticas – ex: gado; braquiária; eucalipto.</li> </ul>

	<p>volume das águas e morte de nascentes e córregos da região, mudança no clima, aparecimento de pragas e doenças, degradação do solo, queda contínua na produtividade, levando os produtores a migrarem para a cidade e venderem suas propriedades a empresas de reflorestamento” (DUARTE et al, 2004, p.2)</p>	<p>- Gestão dos Recursos Hídricos</p> <p>- Conscientização da população com relação às queimadas.</p>
--	--	---

Fonte: O autor

### ANÁLISE DA TABELA

Na fala de Seu R, em um primeiro momento, é revelado que “*Antes era tanta árvore nas nascentes que a gente era obrigado a ir lá na nascente pra tirar as folhas dos canos que entupiam.*”, ou seja, não faz muito tempo que o Senhor R vivenciou essa experiência de ir até a nascente desentupir os canos que enchiam com as folhas, visto que possui apenas 36 anos, esse fato indica que em um curto espaço de tempo (possivelmente menos de 30 anos) a perda de vegetação foi tão expressiva

No caso da fala do senhor R. quando ele afirma que precisava ir até a nascente retirar as folhas para desentupir o encanamento está, de fato, revelando uma memória Biocultural, estabelecida entre a cultura e a biodiversidade local, representada pela vegetação que, por um lado contribuía para a manutenção das atividades das nascentes, por outro dependia de um manejo, uma vez que entupia o encanamento. Neste caso, a memória biocultural, que registrou as passagens e transformações ambientais vivenciadas ao longo de sua vida corresponde a uma das manifestações do Saber Local.

No trecho “[...] Com 7 anos eu pescava no córrego Tamboril inteiro” é revelado, mais uma vez, uma transformação ambiental que deixou marcas na memória das comunidades, desta vez, alegando que houve uma redução na ictiofauna da região.

Quando ele afirma que as comunidades tiveram culpa das transformações ambientais que a região vem passando, ao alegar que “[...] e foi nós, a própria população que secamos o córrego.”, o senhor R. está assumindo um posicionamento crítico, percebendo como as ações da comunidade impactaram na natureza, como as ações humanas influenciaram na perturbação da qualidade do ambiente. Ao perceber conexões entre o meio ambiente, a história e a cultura local, Seu R. passa a entender a realidade a partir de uma concepção crítica e complexa. Quando questionado sobre os motivos que estariam por trás da seca do córrego, Senhor R alegou que acredita que pastagens para criação de gado e plantação de eucaliptos próximos às nascentes seriam as principais causas deste problema ambiental.

No caso da tabela água-clima, o depoimento do Seu R. permitiu perceber, a partir da comparação com as discussões levantadas pelo artigo (DUARTE et al, 2004), que foi possível perceber uma Ecologia de Saberes, ou seja, as diferentes formas de conhecimentos interagiram de forma horizontal, sem que uma fosse imposta perante a outra. Destaco que a partir da fala de Seu R, foi revelada uma grande concordância entre o saber popular e o saber científico, neste caso, é importante compreender que a idade do Seu R pode contribuir para que o mesmo entrasse em contato com informações do saber científico durante seu processo de escolarização, de modo que, entendo que a posição de Seu R, como de outros moradores das comunidades, pode estar indicando a existência de uma cultura hibridizada (CANCLINI, 1997), com características de ambas culturas.

O conceito de hibridismo cultural defendido por Canclini (op cit.) subentende que as culturas estão vivas e, ao interagirem umas com as outras podem adquirir novas características, modificando-se, mas ainda assim, embora transformada, a cultura local não deixa de ser uma cultura local por apresentar características alienígenas, essa concepção contraria a perspectiva de uma cultura pura e intocada. Assim como a cultura local pode se apresentar como uma cultura híbrida, ao propor um diálogo entre os saberes locais e os saberes científicos, com a intenção de refletir sobre o tal diálogo de saberes nas práticas educativas<sup>132 133 134 135</sup>, as práticas propostas acabam por promover Saberes Híbridos.

---

<sup>132</sup> Como exemplo de prática Educativa fundamentada em uma perspectiva de Diálogo de Saberes com Populações Tradicionais, destaco o projeto “*Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais*”, que consiste em um curso de férias oferecido pela Universidade Federal de Juiz de Fora, coordenado pelo professor Daniel Pimenta, onde parte das aulas são ministradas por representantes de populações tradicionais, povos indígenas e camponeses.

Ver em:

<[www.ufjf.br/secom/2014/06/25/ufjf-oferece-curso-de-ferias-sobre-artes-e-oficios-dos-saberes-tradicionais/](http://www.ufjf.br/secom/2014/06/25/ufjf-oferece-curso-de-ferias-sobre-artes-e-oficios-dos-saberes-tradicionais/)>

<sup>133</sup> Outra tentativa recente de pensar o Diálogo de Saberes no ambiente acadêmico diz respeito a uma iniciativa da UFRJ que realizou um evento em Janeiro de 2016 destinado a pensar a inclusão de saberes populares no ambiente acadêmico.

Continuando a análise da fala de Seu R, à seguir nos é apresentada uma possível causa para o desequilíbrio ambiental vivenciado pelas comunidade quando afirma que “Lá na Tabatinga depois que eles começou a desmatar, que plantou eucalipto e plantou braquiária pra fazer criação que secou a água toda [...]”. Neste trecho o morador relaciona o desmatamento e a substituição da vegetação nativa por pastagens e florestas de eucalipto, com o agravamento da seca, revelando uma consciência acerca da influencia das ações locais na situação ambiental da região.

Por fim, o depoimento aponta para um outro fator causador de destruição ambiental na região, as queimadas “[...] e antes o povo desmatava muito pra fazer carvão”. Duarte et al (2004) ressalta que a produção de carvão vegetal no cerrado constitui uma das principais frentes de devastação das matas nativas desencadeadas por faltas de alternativas de renda para as populações da região, e ressalta que os desequilíbrios ecológicos reduzem as chances das comunidades locais conseguirem permanecer em seus território, afetando a capacidade das comunidades se auto-sustentarem.

Na sequencia, o estudo de Duarte et al (2004) apresenta algumas conseqüências desses processos depredadores do ambiente, ocasionando, por exemplo, problemas de redução na capacidade de infiltração do solo, além de provocar erosões e assoreamentos, tais conseqüências são fortemente percebidas no cotidiano das comunidades. Em determinadas regiões das comunidades investigadas foi possível observar processos erosivos avançados, com fissuras de mais de 2 metros de altura (FIGURA 42).

Refletindo sobre as relações entre os projetos de desenvolvimento destinados ao Vale do Jequitinhonha e suas conseqüências para o planejamento hídrico da região, Laschefski e Zhouri (2011) alegam que

[O] investimento em projetos desenvolvimentistas em detrimento do cuidado com a água tem afetado profundamente as condições socioambientais de produção e de reprodução das comunidades locais. A conseqüência é a crescente dependência dos órgãos públicos que tentam minimizar os impactos por meio de medidas emergenciais, como o abastecimento via caminhões-

---

Ver em:

<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-01/ufrj-debate-inclusao-de-saberes-de-mestres-populares-no-ambiente-academico>>

<sup>134</sup> Na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, destaque para o projeto “*Outras Epistemologias no Processo Formativo de Educadores Ambientais*” coordenado pelo professor Mauro Guimarães, do qual fui integrante.

<sup>135</sup> O programa Conexões de Saberes: Diálogos entre a Universidade e as Comunidades Populares, criado em 2003 no âmbito das ações da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, do Ministério da Educação. Consiste em um programa que envolveu 32 universidades federais brasileiras.

Ver em: <<http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/ConexoesSaberes/Apresentacao>>

pipa. Contudo, tais medidas paliativas mostram-se insuficientes para assegurar a vida no campo. (p. 196)

Sobre a importância da preservação dos recursos hídricos Laschefski e Zhouri ressaltam que “São as águas de nascentes, córregos e rios, todas com seus significados e usos diferentes, que necessitam de um cuidado especial do coletivo, pois configuram a base da vida social e cultural” (p. 191). Portanto, uma Educação Ambiental de Base Comunitária poderia colaborar para engajar as comunidades a assumirem o referido “cuidado especial do coletivo”, ao mesmo tempo em que permite reconhecer as identidades culturais e as relações materiais e simbólicas desenvolvidas entre as culturas locais e a natureza.

FIGURA 42 – EROSIÃO NA COMUNIDADE DOS FERREIRAS, DISTRITO DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA, 2016.



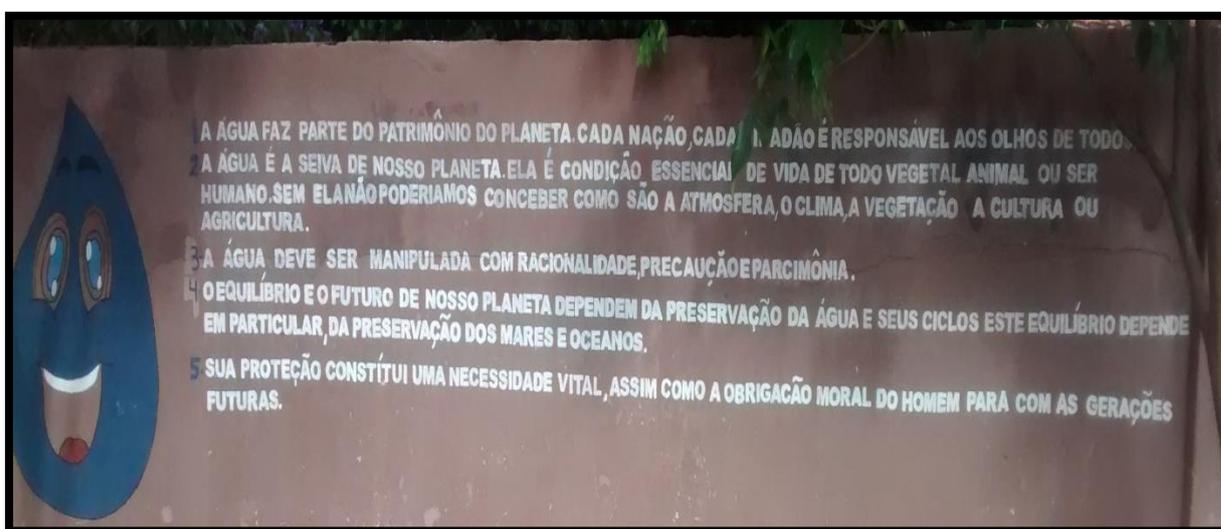
Fonte: O autor

Duarte et al (2004) aponta que os impactos resultantes desta exploração inconseqüente dos recursos naturais podem vir a afetar o clima, o volume de água e morte de nascentes e córregos da região, além de poder ocasionar o desenvolvimento de pragas e doenças, bem como degradas o solo. Neste sentido, podemos perceber uma clara conexão entre as categorias Água-Clima, Agricultura-Alimentação, Biodiversidade-Ecologia. Por fim, o trecho selecionado o trabalho de Duarte et al (op cit.) se encerra ressaltando o risco de abandono da terra por parte do homem do campo, que se vê impossibilitado de dar continuidade ao seu modo de vida.

Com relação ao procedimento de redução temática, fica mais evidente a existência de conexões entre o tema Água-Clima e as discussões desenvolvidas pelas disciplinas de Geografia (ex: geografia física, hidrologia), Biologia (ex: organismos indicadores de secas e

chuvas (APENDICE B), estudo de ecossistemas aquáticos), Física (ex: física de fluidos, propriedades físicas da água), História (ex: debater a história local identificando eventos que contribuíram para a transformação ambiental da região, investigar a história climática da região (APENDICES A E C)), Química (ex: ciclo da água; química da água) e Sociologia (Sociedade Capitalista). Foi possível notar, no muro da Escola Estadual José Rodrigues Figueiredo, uma pintura (FIGURA 43) que apresenta informações acerca da temática água-clima, explicando a importância da água para o ser humano, e sua relação com o clima.

FIGURA 43 – PINTURA NO MURO DA ESCOLA ESTADUAL JOSÉ RODRIGUES, DISTRITO DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA, 2016.



Fonte: o autor

A partir das visitas aos moradores, em alguns casos foi possível perceber algumas estratégias de aproveitamento da água desenvolvidas nas comunidades. Como exemplos neste sentido, é possível citar as próprias cisternas fornecidas por programas do governo (FIGURAS 44 e 45), além de formas espontâneas, surgidas no improviso, que são verdadeiras obras de engenharia popular, como é o caso de sistemas que captam a água da chuva que escoam dos telhados transmitindo diretamente para uma caixa d'água (FIGURA 48), ou algo mais simples, captando a água provenientes de goteiras com o auxílio de baldes (FIGURA 46). Além disso, foi possível observar em meio às comunidades, algumas técnicas de irrigação, incluindo práticas de gotejamento empregadas em vasos, com auxílio de garrafa pet com furo na base (FIGURA 47), ou diretamente no solo, colaborando com a irrigação de bananeiras através de micro furos em uma mangueira (FIGURA 49). Neste contexto, a

Educação Ambiental pode atuar como um instrumento para auxiliar no processo de reconhecimento das práticas de gestão popular dos recursos hídricos (SILVA, 2016), bem como investigar as “*gambiarras*” desenvolvidas a partir da criatividade do (a) homem/mulher simples, que constrói verdadeiras obras de engenharia popular para solucionar questões de seu cotidiano.

FIGURA 44 – SISTEMA DE CAPTAÇÃO DE ÁGUA DA CHUVA, DISTRITO DE CACHOEIRA DO NORTE, 2016.



Fonte: O autor.

FIGURA 45 – CISTERNA DE CAPTAÇÃO DE ÁGUA DA CHUVA, DISTRITO DE SANTA RITA DO ARAÇUAÍ, 2016.



Fonte: O autor.

FIGURA 46 – CAPTAÇÃO DE ÁGUA DA CHUVA COM BALDE APROVEITANDO CALHA DO TELHADO, COMUNIDADE DE CACHOEIRA DO NORTE, 2016.



Fonte: O autor

FIGURA 47 – SISTEMA CASEIRO DE IRRIGAÇÃO POR GOTEJAMENTO, DISTRITO DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA, 2016.



Fonte: O autor

FIGURA 48 – SISTEMA IMPROVISADO DE CAPTAÇÃO DE ÁGUA DA CHUVA, DISTRITO DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA, 2016.



Fonte: O autor

FIGURA 49 – SISTEMA DE IRRIGAÇÃO POR GOTEJAMENTO UTILIZANDO MANGUEIRA EM HORTA DOMÉSTICA, DISTRITO DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA, 2016



Fonte: O autor

Diante da realidade do semi-árido e das condições ambientais da região, as comunidades do Vale do Jequitinhonha aprenderam a lidar com os ciclos naturais, se adaptando ao ambiente e criando um modo de vida tradicional baseado no que o meio oferece (PESSÔA, 2015). Sobre a urgência de uma Educação Ambiental para estudar e intermediar as relação das sociedades humanas com os recursos hídricos, Ribeiro et al (2003) alegam que:

A atividade humana é transformadora de paisagens e pode fazê-lo de modo a valorizá-las ou destruí-las. Depende de seus

valores, princípios, cultura, *educação*, fazê-lo de um ou de outro modo. (p. 66, grifos meus)

Sobre a relação das culturas locais com a água, Laschefski e Zhouri (2011) afirmam que:

Até mesmo para uma visão que separa dimensões materiais e simbólicas, é possível identificar os significados materiais associados, por exemplo, ao acesso à água para beber, banhar, faiscar, irrigar as lavouras nas vazantes, pescar, transportar etc. Mas a importância material para a produção e para a reprodução da vida à beira do rio se entrelaçam também nas manifestações *strictu sensu* culturais e simbólicas, como em músicas e poemas. Lembremos apenas as lavadeiras do Rio Jequitinhonha que, com suas cantigas, têm chamado a atenção da mídia em tempos recentes. Elas representam parte da cultura local aprendida e desenvolvida na prática da lavagem das roupas no rio, uma cultura específica das comunidades locais que é frequentemente caracterizada pelas relações de parentesco, transmitida do passado para o futuro, que regula o uso do rio e das terras de forma a vencer as dificuldades que o semiárido apresenta no cotidiano. (p.190)

Os depoimentos das comunidades ressaltam a percepção de que atualmente o clima não é o mesmo, que os regimes de chuvas foram alterados, que as datas em que sempre choviam, hoje não são mais tão precisas. Além disso, também foram revelados detalhes sobre as dimensões materiais e simbólicas da relação entre as culturas locais e o meio ambiente, incluindo sinais da natureza, presentes no comportamento de plantas e animais, que servem como indicadores de chuvas ou secas. A partir destes depoimentos, foi possível montar um calendário climático (APENDICE A), além de uma lista com os indicadores de chuvas e secas (APENDICE C). Tal relação das comunidades com o clima resalta uma percepção que abrange diferentes escalas, partindo da realidade local e chegando ao contexto global, permitindo encarar o clima como um fator complexo e interconectado. A partir do momento em que um morador do Jequitinhonha afirma que acredita que a destruição das nascentes e o desmatamento colaboram para o agravamento das condições climáticas da região, mas percebe que fatores externos a comunidade também interferem no clima local, há uma expansão na visão da comunidade acerca dos limites da Natureza.

## 4.2.2 - TEMA GERADOR: AGRICULTURA-ALIMENTAÇÃO

TABELA 2 – AGRICULTURA-ALIMENTAÇÃO

SABER LOCAL	SABER CIENTÍFICO	EDUCAÇÃO AMBIENTAL ESCOLAR
Citação fala morador	Citação trabalho acadêmico	Exemplos de discussões que poderiam ser realizadas a partir das relações reveladas entre o saber local e o saber científico
<p><i>“Antes eu tinha horta, mas não compensava, eu prantava, não comia tudo e as coisa perdia tudo. Tentava vender os repolho, os tomate, as alface pro mercado, mas ficava lá amarelando tudo. Antes tinha água, ainda corria água no córrego, daí compensava, porque depois a seca piorou e de agora tem que pagar a água pra fazer a horta e não compensa, vale mais a pena comprar no mercado as coisas preu comer. Tem muita pranta que num ta dando, que não chega nem a produzir nesse calorão, com essa seca que ta agora. Mas também não compensa porque eu num sei vender as</i></p>	<p>Os fatores climáticos são importantes quando se analisam a produção e produtividade agrícola de algumas culturas. Em condições limitantes, a produção de determinadas culturas acaba sendo comprometida, por serem bastante sensíveis à temperatura e deficiência hídrica, uma vez que grande parte dos pequenos e médios agricultores não tem meios para amenizar estes efeitos com o uso da irrigação e outros.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Soberania e Transição Alimentar.</li> <li>- Sustentabilidade X dependência externa</li> <li>- Irrigação</li> <li>- práticas agrícolas</li> </ul>

<p><i>coisas, porque se aparece alguém precisando eu dou pros outros... Mas mesmo assim, com essa seca, horta tá causando é preguiço. O único incentivo que já teve aqui foi um projeto que comprava as coisa pra merenda escolar, mas não compensava porque a prefeitura não paga direito, demora pra pagar e aí a pessoa tem é prejuízo”</i></p> <p>(D<sup>a</sup> N. 58 anos, Cachoeira do Norte, 2016).</p>	<p>(CARNEIRO et al, 2004, p. 14)</p>	
---	--------------------------------------	--

Fonte: O autor

### ANÁLISE DA TABELA

Em tempos antigos Dona N. afirma que possuía uma horta no quintal de sua casa *“Antes eu tinha horta, mas não compensava, eu prantava, não comia tudo e as coisa perdia tudo.”*, porém apresentou um primeiro argumento para justificar o motivo de não compensava manter uma horta afirmando que o que era produzido excedia o consumo da família, por isso, afirmou que *“Tentava vender os repolho, os tomate, as alface pro mercado, mas ficava lá amarelando tudo”*, o que aponta que a população local não possuía o costume de comprar hortaliças no mercado, quando questionada sobre os possíveis motivos para este fato, Dona N. afirmou que *“antigamente tinha muita fartura, então geralmente era difícil até precisar comprar, porque o povo acabava distribuindo as coisas pra não estragar”* (2016). Embora D<sup>a</sup> N se posicione desta forma, é importante destacar que a presença de hortas nos quintais das casas (FIGURA 50), mesmo que pequenas, é um fator comum na região, inclusive na comunidade de Cachoeira do Norte, onde vive Dona N. Além disso, na mesma comunidade é possível perceber a presença de uma horta da Escola Estadual Olídia Lemos (FIGURA 51) que emprega uma série de práticas agroecológicas, incluindo uso de adubos orgânicos, criação de

espantalhos (plástico, CDs), telas e cobertas para impedir o ataque de determinados animais, uso de plantas companheiras, etc.

FIGURA 50 – HORTA DOMÉSTICA LOCALIZADA NA COMUNIDADE DE CACHOEIRA DO NORTE, 2016.



Fonte: O autor

FIGURA 51 – HORTA DA ESCOLA ESTADUAL OLÍDIA LEMOS LOCALIZADA NA COMUNIDADE DE CACHOEIRA DO NORTE, 2016.



Fonte: O autor

Além disso, Dona N. continua, afirmando que *“Antes tinha água, ainda corria água no córrego, daí compensava, porque depois a seca piorou e de agora tem que pagar a água pra fazer a horta e não compensa”*, mais uma vez é possível perceber uma conexão entre as tabelas, demonstrando que a temática Água-Clima é questão recorrente na realidade das comunidades investigadas.

Na sequência, Dona N afirma que “*vale mais a pena comprar no mercado as coisas preu comer.*”, esta fala denota uma transição no perfil alimentar das comunidades, assinalando que os produtos locais vêm sendo progressivamente substituídos por produtos que vem de fora, alterando a relação da comunidade com a terra, e aumentando a dependência da mesma com relação a recursos externos. No relato a seguir é possível perceber uma fala interessante de um senhor de 75 anos que alega que hoje faça chuva ou faça sol sempre tem comida nos armazéns, então a expectativa que havia sobre as chuvas e as secas atualmente já não são mais as mesmas:

*Antes se precisasse duma coisa era preciso buscar direto em quem produzisse hoje os armazém tem tudo, então se dá seca ou se dá chuva não importa porque os armazém fica cheio do mesmo jeito. Hoje ta é bão, num falta nada de comer, armazém ta sempre cheio, ninguém morre mais de fome (Seu J. B. 75 anos, Santa Rita do Araçuaí, 2016)*

Por outro lado, é possível notar que alguns moradores, em especial os mais velhos, apresentam uma resistência para o consumo de produtos vindos de fora da comunidade, em especial produtos industrializados, isso se verifica no depoimento a seguir:

*Antigamente o povo era mais forte, porque o povo comia umas coisas forte, porque tirava quase tudo direto da terra e sem esses veneno de hoje, agora hoje o povo busca tudo pronto. Eu mesma nunca comi enlatados nessa vida. Num sei nem gosto de salsicha, nunca comi mortandela, nem lingüiça de venda, nunca comi frango de granja, nem ovo de granja eu uso, e o povo mais velho era tudo assim, então acho que isso deixava os antigo mais forte (D<sup>a</sup> M, 77 anos, Cachoeira do Norte, 2016).*

Outra senhora do mesmo distrito, porém 10 anos mais nova, apresenta uma opinião praticamente idêntica à de Dona M, como pode ser verificado à seguir:

*Tô com 66 anos e nunca comi ovo de granja, frango de granja, sardinha, coisa enlatada, mortandela, sarsicha, lingüiça comprada em venda, essas coisas eu num como porque minha natureza num pede, não sei se é porque aqui não existia essas coisas d’antes né, mas a minha natureza num pede essas coisa (D<sup>a</sup> D. B, 67 anos, Cachoeira do Norte, 2016).*

Retornando a fala de Dona N, presente na tabela Agricultura-Alimentação, “*Tem muita pranta que num ta dando, que não chega nem a produzir nesse calorão, com essa seca que ta agora.*” Neste trecho se evidencia mais uma vez a recorrência da temática Água-Clima, demonstrando novamente como este tema está conectado a todos os demais na vida do homem ou mulher do Vale do Jequitinhonha.

A seguir Dona N justifica que “*Mas também não compensa porque eu num sei vender as coisas, porque se aparece alguém precisando eu dou pros outros...*”, mas na sequencia retoma a consideração sobre a temática Água-Clima “*Mas mesmo assim, com essa seca, horta tá causando é prejuízo.*” Por fim, alega que “*O único incentivo que já teve aqui foi um projeto que comprava as coisa pra merenda escolar, mas não compensava porque a prefeitura não paga direito, demora pra pagar e aí a pessoa tem é prejuizo*” o que aponta para uma dificuldade do pequeno produtor em se manter produzindo.

Durante as visitas realizadas às casas dos mestres dos saberes, foi possível perceber algumas situações interessantes vinculadas ao tema gerador Agricultura-Alimentação, incluindo a manutenção de bancos de sementes, para preservar as variedades antigas da agrobiodiversidade<sup>136</sup> da região (FIGURAS 52 e 53). Além de adaptações, reaproveitamento e reciclagem, como é o caso da reutilização de pneus como canteiros (FIGURA 54), ou a confecção de hortas suspensas de garrafa PET (FIGURA 55).

FIGURA 52 – BANCO DE SEMENTES DE MILHOS E FEIJÕES PARA AGRICULTURA MANTIDA POR MORADOR DO DISTRITO DE CACHOEIRA DO NORTE, 2016.



Fonte: O autor

<sup>136</sup> “Essa agrobiodiversidade está ligada às práticas e aos saberes existentes em palavras, línguas, gestos, crenças. Esses são os fatores fundamentais para se poder esperar toda a biodiversidade: é preciso trabalhar para que os povos, as línguas e os saberes não desapareçam, o que seria um desastre de uma amplitude ainda mais prejudicial do que o incêndio da grande biblioteca de Alexandria. Os fanáticos pelo progresso que desprezam os outros povos do alto da sua arrogância não são melhores do que os fanáticos religiosos” (PICQ, 2015, p. 156)

FIGURA 53 – SEMENTES DE FEIJÕES E ERVILHAS DE VARIEDADES “ANTIGAS”, MANTIDAS POR MORADORA DO DISTRITO DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA, 2016



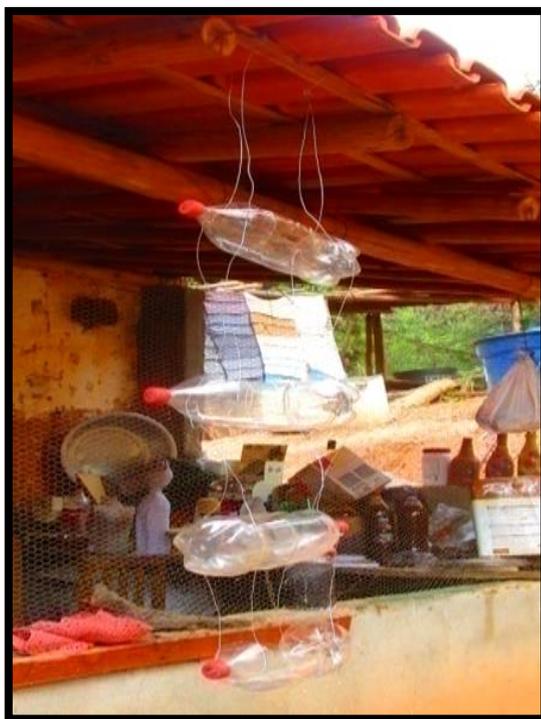
Fonte: O autor

FIGURA 54– REAPROVEITAMENTO DE PNEUS COMO CANTEIROS, COMUNIDADE DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA, 2016.



Fonte: O autor

FIGURA 55 – MORADORA CONSTRÓI HORTA SUSPENSA, COMUNIDADE DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA, 2016.



Fonte: O autor

Outro depoimento revela mais uma memória biocultural, desta vez relacionada à alimentação das comunidades, onde é possível notar a presença de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs) (KINUPP, 2009) na alimentação das comunidades, cujo consumo aparece associado à ideia de um aumento na longevidade:

*O que esses velhos comia pra estar tudo aí hoje com 80, 90, 100 anos? Era angu, comida que não era poluída [sem agrotóxicos], goiaba, coco macaúba, coco capoeira, ora-pro-nobis, feijão com salada de folha de beldroega, quebra-tigela, uns caruru-de-porco, era umas comida forte que deixou minha geração assim, passar dos 70 com saúde. (Seu. C, 74 anos, Santa Rita do Araçuai, 2016).*

Considero que diante da atual condição de degradação ambiental vivenciada no município de Chapada do Norte, o mais indicado com relação à modelo agrícola seria à perspectiva de Agricultura Sintrópica<sup>137</sup> defendida por Ernst Götsch (1996, 1997) que propõe uma agricultura regenerativa, baseada na criação de SAF's, permitindo desenvolver processos de recuperação ambiental de forma concomitante à produção agrícola.

<sup>137</sup> Link para o curta “Life in Syntropy” da Agenda Gotsch (2015) <<https://youtu.be/gSPNRu4ZPve>>

### 4.2.3 - TEMA GERADOR: BIODIVERSIDADE-ECOLOGIA

TABELA 3: BIODIVERSIDADE-ECOLOGIA

SABER LOCAL	SABER CIENTÍFICO	EDUCAÇÃO AMBIENTAL ESCOLAR
Citação fala morador	Citação trabalho acadêmico	Exemplos de discussões que poderiam ser realizadas a partir das relações reveladas entre o saber local e o saber científico
<p><i>“Tem muitos animais e muitas plantas que o povo num tá mais vendo, acho que é essa seca né, os coitadinhos não conseguem sobreviver a essa seca, mas também que o povo roçou muito, rancou muita árvore de fruta que eles comia, botou fogo nas matas pra limpar pra fazer manga pra por criação, plantou eucalipto, e aí vai diminuindo... Mas também tem os bichos que deu de aparecer de uns tempos pra cá, igual esse soim mesmo que agora andou de vir aqui dentro na rua pra pegar comida, seriema também cê num via desse jeito que tá entrando agora que elas vem cá embaixo na</i></p>	<p>“No Brasil, as principais causas da perda de biodiversidade são a perda de habitats, sobre-exploração, invasões biológicas, poluição e contaminação e mudanças climáticas” (SCARIOT, 2011, p. 121)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desequilíbrios Ecológicos Serviços Ecossistêmicos</li> <li>- Transformações nas Paisagens</li> <li>- Condições de Fauna e Flora.</li> <li>- Nativa X Exótica X Invasora</li> </ul>

*praça, acho que são bichos que num deve tá achando comida e por isso tão vindo aqui procurar... Mas eu lembro que isso aí pra cima era tudo uma mata fechada que chegava a ser escuro, se passasse perto do córrego a mata era tanta que ocê nem via a água só ouvia o barulho, hoje ocê vê só a tristeza que ficou, mas de primeiro era bonito...” (D<sup>a</sup> C, 77 anos, Cachoeira do Norte)*

Fonte: O autor

### **ANÁLISE DA TABELA**

A partir da fala da moradora da comunidade de Cachoeira do Norte, num primeiro momento é apresentada uma percepção que “*Tem muitos animais e muitas plantas que o povo num tá mais vendo*”, neste caso Dona C. identificou a perda de Biodiversidade de Fauna e Flora, espécies que antes eram avistadas com frequência por membros das comunidades, mas que atualmente não aparecem nos relatos de avistamentos. Neste sentido, entendo que tal relação estabelecida entre a cultura e a biodiversidade, que se configura em uma forma de monitoramento das condições ambientais por parte das comunidades, compreende uma memória que é Biocultural. Tais informações, sobre os avistamentos de animais e plantas poderiam servir como pontos de partida para estudos futuros que venham a investigar a Fauna e a Flora da região.

Levantar suspeitas acerca das causas de desaparecimento de determinados organismos poderia servir como base para atividades escolares, que poderiam envolver professores das disciplinas de Biologia, Geografia e História<sup>138</sup> para tentar compreender de forma crítica as transformações ambientais vivenciadas pelas comunidades. Sobre este exemplo, na mesma fala de D<sup>a</sup> C, é possível perceber que ela cria uma hipótese sobre os motivos por trás do desaparecimento de tais organismos, afirmando que “[...]acho que é essa seca né, os

---

<sup>138</sup> Para dar um exemplo de Redução Temática aplicada ao contexto escolar.

*coitadinhos não conseguem sobreviver a essa seca*”, desta forma o sujeito identifica o clima como um possível fator para a perda de Biodiversidade, dando a entender que trata-se de um fenômeno natural que está afetando a Biodiversidade, com relação ao impacto do clima sobre a Biodiversidade, Scariot (2011) destaca que as “mudanças climáticas”<sup>139</sup> são uma das principais causas de perda de Biodiversidade no Brasil.

Dona C. além de considerar o clima como um fator que estaria afetando a Biodiversidade da região, continua sua reflexão, “[...]mas também que o povo roçou muito, rancou muita árvore de fruta que eles comia, botou fogo nas matas pra limpar pra fazer manga pra por criação, plantou eucalipto”, neste trecho considera que a ação humana também teria sido responsável pelo desaparecimento de plantas e animais da região. Aponta o desmatamento “o povo roçou muito”, “rançou muita árvore de fruta que eles comia” origens antrópicas como responsáveis a perda de habitats, incluindo queimadas, além da introdução de espécies exóticas, tais como gramíneas, eucalipto<sup>140</sup> (FIGURA 56 e 57) e bovinos.

FIGURA 56- REGIÃO DE FRONTEIRA ENTRE A VEGETAÇÃO NATIVA (PARTE INFERIOR), AS PASTAGENS E AS FLORESTAS DE EUCALIPTO (PARTE SUPERIOR DIREITA), DISTRITO DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA, 2016.



Fonte: O autor

<sup>139</sup> Sobre as conseqüências das mudanças climáticas e do aquecimento global, os cientistas observam além do aumento da temperatura média do planeta, uma elevação no nível do mar devido ao derretimento das calotas polares e aumento da frequência de eventos climáticos extremos (como tempestades tropicais, inundações, ondas de calor, seca, nevascas, furacões, tornados e tsunamis).

Ver em: <[www.wwf.org.br/natureza\\_brasileira/reducao\\_de\\_impactos2/clima/mudancas\\_climaticas2/](http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/reducao_de_impactos2/clima/mudancas_climaticas2/)>

<sup>140</sup> Oliveira, Menegasse e Duarte (2002, p.10) destacam que “o reflorestamento com eucalipto na região é incompatível sob o ponto de vista ambiental sendo altamente impactante nos recursos hídricos, ocasionando a diminuição da recarga de água subterrânea e, socialmente injusto, impondo condições de trabalho e remuneração degradantes ao trabalhador local”.

FIGURA 57 – PLANTAÇÃO DE EUCALIPTO NO DISTRITO DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA, 2016.



Fonte: O autor

A seguir, é identificado que “[...] bichos que deu de aparecer de uns tempos pra cá” esta informação revela que além dos animais que desapareceram com as transformações ambientais, outros animais surgiram a partir destes desequilíbrios ecológicos. Para complementar seu pensamento, a mesma senhora, moradora da comunidade de Cachoeira do Norte, afirma que “acho que são bichos que num deve tá achando comida e por isso tão vindo aqui procurar” sugerindo uma possível hipótese para explicar o aparecimento de espécies que não costumavam se aproximar tanto de áreas urbanizadas, mas que atualmente alteraram seus comportamentos.

Por fim, Dona C. descreve “lembro que isso aí pra cima era tudo uma mata fechada que chegava a ser escuro, se passasse perto do córrego a mata era tanta que ocê nem via a água só ouvia o barulho” a partir da memória de D<sup>a</sup> C, é possível reconstruir uma imagem da paisagem de antigamente que é muito diferente da observada atualmente. Por esta memória vislumbramos que antigamente a região que interliga as comunidades de Cachoeira do Norte e São Sebastião da Boa Vista, que hoje se encontra parcialmente desmatada, parcialmente com ocupada por plantações de eucalipto e pastagens, e parte ocupada pela vegetação nativa, que hoje não possui densidade o suficiente para deixar o ambiente “escuro”, como descrito no relato.

Com relação às causas da redução da biodiversidade brasileira, Scariot (2011) alega que a perda de habitats, a sobre-exploração dos recursos naturais, as invasões-biológicas, além

da poluição e mudanças climáticas. A perda de habitats na região é especialmente visível através da substituição da vegetação nativa pelo plantio de eucalipto ou pela formação de pastagens, que também representa uma forma de invasão biológica, sobretudo no caso das gramíneas, a exemplo do capim-braquiária, que avança sobre áreas do Cerrado, abafando a vegetação espontânea. Como exemplos de poluição e contaminação, é possível citar, no caso da região, o despejo de esgoto nos córregos. Por fim Scariot (2011) ressalta o papel das mudanças climáticas na perda da biodiversidade, também evidenciada na fala do representante do saber local.

A partir destas comparações entre o saber popular e o científico, é possível propor alguns exemplos de discussões sobre a Educação Ambiental como o debate entre os desequilíbrios ecológicos e a interrupção dos chamados serviços ecossistêmicos<sup>141 142</sup>, neste caso, podemos pensar na situação das abelhas da região, que devido aos impactos ambientais, podem não conseguir promover a polinização<sup>143</sup> com a mesma produtividade de períodos anteriores. Outro exemplo de serviço ecossistêmico prejudicado por desequilíbrios ecológicos diz respeito à destruição de nascentes devido à eliminação da vegetação nativa<sup>144</sup>.

A discussão sobre as transformações nas paisagens poderiam revelar memórias bioculturais mantidas a partir de um relacionamento com o território, desvelando Paisagens Culturais. Outro importante debate, diz respeito as condições da Fauna e da Flora, permitindo investigar as causas e as conseqüências da perda destes organismos para o equilíbrio ambiental. Com relação à Flora, ainda seria possível realizar estudos sobre as Plantas Úteis da região, realizando, por exemplo, comparações entre as perspectivas tradicionais e científicas de utilização dos recursos vegetais. Outra sugestão de discussão para a Educação Ambiental corresponde ao debate sobre o que são organismos Nativos, Exóticos e Invasores<sup>145</sup>.

---

<sup>141</sup> Por serviço ecossistêmico entende-se algumas interações como a ciclagem de nutrientes, transferência de energia, regulação climática, dispersão de sementes/polinização, etc. De um modo geral, os serviços ecossistêmicos contribuem com as economias de forma que ainda não é possível sua substituição por aparatos tecnológicos.

Ver em: <https://ecodebate.com.br/2012/12/13/servicos-ecossistemicos-e-servicos-ambientais-e-importancia-artigo-sergio-gomes-tosto-lauro-charlet-pereira-e-joao-alfredo-de-c-mangabeira/>

<sup>142</sup> “Mais e mais estudos internacionais se dedicam a estimar o valor econômico da Biodiversidade, dos serviços que ela presta à economia – e segundo os critérios atuais: mais de 25 trilhões de Euros; bem mais que o PIB mundial.” (PICQ, 2015, p. 197).

<sup>143</sup> A polinização é mais um exemplo de serviço ecossistêmico que o ser humano ainda não tem como suprir com o aparato tecno-científico atual.

<sup>144</sup> Que promovia o fluxo de água das camadas mais profundas do solo para regiões da superfície.

<sup>145</sup> Organismos nativos são aqueles que naturalmente ocorrem em determinada região, que já ocorriam antes das modificações causadas pelas ações humanas, em outras palavras, representam organismos originários de determinado território. Espécies exóticas seriam aqueles que se encontram fora de sua área de distribuição natural, enquanto que espécies invasoras seriam aquelas espécies exóticas que proliferam de forma descontrolada concorrendo com as espécies nativas.

A partir da tabela Biodiversidade-Ecologia, além das sugestões de discussões para a Educação Ambiental, também foi possível perceber, através da redução temática, algumas contribuições de distintas disciplinas escolares para compreender a tabela. Entre as principais disciplinas escolares que se revelaram grandes possibilidades de contribuição para a temática é possível citar a Biologia, a Geografia, a Química, Artes, Matemática, Educação Física e a História, este fator poderia contribuir para o desenvolvimento de abordagens interdisciplinares no ambiente escolar.

Como exemplo de outra questão associada à temática Biodiversidade-Ecologia revelada pelos depoimentos dos moradores, é possível citar a percepção dos moradores das comunidades acerca das diferenças ambientais presentes entre áreas distintas dentro do próprio município de Chapada do Norte. Considerando o Rio Araçuaí como uma fronteira natural que separa diferentes características de acordo com a margem em que se encontra, como se verifica no depoimento a seguir:

*Ocê pode ver que a natureza do lado de cá do rio [Araçuaí] é diferente do lado de lá, do lado de lá é mais seco, tem mais mandacaru, do lado de cá tem mais mata, mas ocê também pode vê que os soins são diferente de acordo com o lado do rio. Os soim do lado de cá tem a cara Preta e os soim do lado de lá tem a cara branca e se um da cara preta encontra com o da cara branca eles brigam até se matar, mas num combina mesmo esses bicho (Seu. C, 74 anos, Santa Rita do Araçuaí, 2016)*

Por fim, destaco o potencial da apicultura<sup>146</sup> (FIGURAS 58 E 59) para a região, que vem se desenvolvendo rapidamente<sup>147</sup>, com o preço dos produtos subindo e surgindo como uma fonte de renda alternativa para a região. A apicultura poderia favorecer a polinização das plantas da região, melhorando as condições de agricultura, bem como poderiam auxiliar em processos de regeneração ambiental da região garantindo um importante serviço ecossistêmico. É importante destacar o prejuízo decorrente da existência de eucaliptais nas proximidades dos apiários, visto que as espécies de eucalipto cultivadas na região pertencem a variedades transgênicas. A presença de OGMs pode interferir na qualidade do mel, visto que,

---

<sup>146</sup> A criação de abelhas na região abrange tanto abelhas melíponas (sem ferrão) como melíferas (com ferrão). A maior parte da produção local resulta da criação de abelhas africanizadas (melíferas), sendo que o principal mel produzido na região é o de Aroeira.

<sup>147</sup> Atualmente a região participa de um projeto intitulado Caixa de Abelha que é liderado por voluntários que auxiliam as comunidades com informações técnicas e até mesmo doação de equipamentos.

quando a abelha produz o mel a partir de uma planta transgênica o mel produzido deixa de ser considerado como orgânico, reduzindo o valor agregado do produto.

FIGURA 58 – FOTOGRAFIA DE ABELHA AFRICANIZADA (MELÍFERA<sup>148</sup>) COLETANDO PÓLEN NA ESTRADA ENTRE DISTRITO DE CACHOEIRA DO NORTE E SANTA RITA DO ARAÇUAÍ, 2016.



Fonte: O autor

FIGURA 59 - FOTOGRAFIA DE CRIAÇÃO DE ABELHAS JATAÍ (MELÍPONA<sup>149</sup>) NO DISTRITO DE CACHOEIRA DO NORTE, 2016.



Fonte: O autor.

---

<sup>148</sup> Abelhas que produzem maiores quantidades de mel e possuem ferrão.

<sup>149</sup> Abelhas nativas das Américas que não possuem ferrão.

#### 4.2.4 - TEMA GERADOR: INFÂNCIA-JUVENTUDE

TABELA 4: INFÂNCIA-JUVENTUDE

<b>SABER LOCAL</b>	<b>SABER CIENTÍFICO</b>	<b>EDUCAÇÃO AMBIENTAL ESCOLAR</b>
<b>Citação fala morador</b>	<b>Citação trabalho acadêmico</b>	<b>Exemplos de discussões que poderiam ser realizadas a partir das relações reveladas entre o saber local e o saber científico</b>
<p><i>“Lá em casa desde toda vida nós nunca teve tempo de brincar que nós vivia trabalhano desde cedo. Quando dava nós fazia umas pelotinhas de barro, fazia as fomalhas no chão, brincava de cavalinho, boneca que nós fazia de sabuco, balingo de cipó, porque nem corda tinha então nós fazia balingo de cipó. Era até mais gostoso de que hoje porque as criança brincava no meio do mato, embaixo dos pés de pau, subia nos</i></p>	<p>[...][I]ncreasing evidence suggests that Access to nature and Green spaces provides children with a myriad cognitive, emotional, and physical benefits, such as increased ability to concentrate, improved academic performance, reduced stress and aggression levels, and reduced risk of obesity (Faber Taylor &amp;</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O contato da criança com a natureza.</li> <li>- Saúde, Bem Estar e Qualidade de vida associados ao Meio Ambiente Equilibrado.</li> <li>- Biofilia<sup>150</sup></li> <li>- Natural X Virtual</li> </ul>

<sup>150</sup> Ideia de *amor à natureza*, uma relação de afeto e proximidade com o meio natural que provoca o desejo de cuidar do meio ambiente (WILSON, 1984).

<p><i>coqueiro pra apanhar coco, nadava nos córrego, que primeiro tinha bastante água...”</i> (D<sup>a</sup> L. 67 anos, São Sebastião da Boa Vista)</p>	<p>Kuo, 2006; Kellert, 2005, Lieberman &amp; Hoody, 1998; Louv, 2007; Wells &amp; Evans, 2003). (STRIFE &amp; DOWNEY, 2009)</p>	
--	---	--

Fonte: O autor

## ANÁLISE DA TABELA

Na fala do morador local, no trecho em que afirma que *“Lá em casa desde toda vida nós nunca teve tempo de brincar que nós vivia trabalhano desde cedo”* percebemos que D<sup>a</sup> L afirma que trabalhava desde muito jovem e que por isso não tinha muito tempo para brincar. Este fator, do trabalho infantil, aparece em muitos relatos sobre o passado das comunidades, quando as crianças eram obrigadas a trabalhar<sup>151</sup> para ajudar no sustento da família. Neste sentido, é importante destacar que antigamente as crianças apresentavam um papel ativo na economia local, contribuindo como mão de obra familiar não remunerada em um período em que *“a educação formal importava menos que o trabalho braçal”* (Dona N, 80 anos, Santa Rita do Araçuai, 2016).

Refletindo sobre o papel da criança e do idoso na sociedade moderna capitalista, Léa Tiriba (2005) destaca que estes grupos são desconsiderados na lógica do capital, pois não produzem, e ressalta que *“as crianças são os cidadãos planetários a quem caberá enfrentar o conjunto de problemas que a lógica capitalista vem gerando”* (p.47). Neste sentido, percebe-se que a atual geração de crianças de Chapada do Norte já vem enfrentando os resultados dos desequilíbrios ecológicos, provocados, sobretudo pela expansão do modelo capitalista na região, por meio dos projetos de desenvolvimento (GUERRERO, 2009; ZHOURI & OLIVEIRA, 2005). Assim, as transformações socioambientais vivenciadas localmente impedem as novas gerações de gozar da natureza do mesmo modo que seus antepassados.

É possível notar que muitas das brincadeiras preferidas das crianças nos tempos antigos imitavam a vida dos adultos, *“brincando de ser gente grande”* (ex: cuidar de bonecas, fazer fornalhas e panelinhas de barro, cavalo de pau etc.), noutros casos, é possível perceber que determinados trabalhos eram vistos como brincadeiras, como pode ser visto na fala a

<sup>151</sup> Segundo relatos, as principais atividades realizadas pelas crianças eram: auxiliar com os serviços domésticos de um modo geral, socar milho e arroz no pilão, fiar algodão, ajudar a cuidar das crianças menores, além de trabalharem nas lavouras.

seguir “Quando eu era menino eu adorava fiar algodão, tinha vez que minha mãe precisava fazer umas coberta e eu passava a noite tirinha fiando e terminava num instante de fiar, eu adorava, ficava brincando de fiar noite a fora e eu era muito bom, fiava de ligeiro assim sabe” (Seu Z. C, 81 anos, Cachoeira do Norte, 2016).

A partir do relato presente na tabela também é possível perceber que as brincadeiras citadas envolvem o contato direto com o meio ambiente. “Quando dava nós fazia umas pelotinhas de barro, fazia as fornalhas no chão, brincava de cavalinho, boneca que nós fazia de sabuco, balingo de cipó, porque nem corda tinha então nós fazia balingo de cipó.” Neste trecho, Dona L aponta alguns exemplos de brincadeiras, todas incluem uma relação com o meio ambiente e elementos da natureza, incluindo folhas, troncos, solo, cipós etc.

Em seguida, Dona L afirma que antigamente “Era até mais gostoso de que hoje porque as criança brincava no meio do mato, embaixo dos pés de pau, subia nos coqueiro pra apanhar coco, nadava nos córrego, que primeiro tinha bastante água...” No trecho final de seu depoimento D. L afirma que gostava de antigamente, de seus tempos de infância, justamente devido ao contato que tinha com a natureza, brincando no mato, embaixo das árvores, nadando nos córregos, que por fim, conclui lembrando-se que “tinha bastante água”, mais uma vez ressaltando a importância da água para comunidades do semi-árido e revelando conexões entre os temas geradores. Esse ponto final, da relação com os córregos, de aprender a nadar nos córregos, é algo que se perdeu nas novas gerações devido às secas e as modificações ambientais da região.

O estudo de Strife e Downey (2009) afirma a importância do contato com a natureza para o desenvolvimento infantil, alegando que estas relações das crianças com o meio ambiente promovem “benefícios cognitivos, emocionais e físicos”, melhorando a capacidade de concentração, melhorando a capacidade intelectual da criança, além de reduzir níveis de agressividade, stress e o risco de obesidade infantil. A partir desta constatação, e do depoimento de Dona L. que revela a satisfação que esta sentia no contato com a natureza durante seus momentos de lazer, assim podemos entender que a Educação Ambiental deveria priorizar atividades ao ar livre, tais como trilhas ecológicas, estimular o contato com a terra a partir de visitas a pequenos produtores rurais, observação de Fauna e Flora, bem como simplesmente estimular as crianças a brincarem na/com a natureza.

Atualmente muitos jovens da região vêm investindo em seus estudos, pois este se tornou um caminho para a melhoria da qualidade de vida, uma alternativa ao destino de seus antepassados. O que é interessante ressaltar, no caso de Chapada do Norte, é que o aumento

da escolaridade aparece diretamente relacionado com um enfraquecimento dos vínculos com a terra, visto que, a educação, para o caso destas populações, se tornou uma alternativa ao trabalho braçal, ao trabalho na lavoura, ao trabalho com a terra. Neste sentido, a educação ambiental apresenta um grande enorme potencial para auxiliar no processo de resgate deste vínculo com a natureza, e com a terra. Em muitos casos, os jovens deixam as comunidades com objetivo de retornar, nestes casos procuram realizar seus estudos em áreas que apresentem um retorno mais garantido na região, como pode ser percebido no depoimento a seguir:

*Muitos jovens pretendem sair pra estudar e muitas vezes buscam uma área que tenha algum retorno por aqui e quando conseguem até voltam pra cá. Tem uma turma de professores e dos profissionais da saúde que fizeram isso. Mas acho que a maioria dos jovens não pensa muito em voltar e acaba que fazem qualquer curso, mesmo que não tenha retorno aqui na região(D<sup>a</sup> C. 77 anos, Cachoeira do Norte, 2016)*

Neste contexto de transformações, entre as tradições e a mudança, a Educação Ambiental Escolar ainda se encontra em fase embrionária. Aparecendo como tema transversal ou como projetos pontuais, a EA escolar ainda se mostra insuficiente falhando no seu objetivo de demonstrar que o ser humano é parte integrante da natureza e, logo, deve ser responsável por auxiliar na preservação da mesma. Sobre o trabalho das escolas no contexto capitalista, Tiriba (2010) destaca que:

*Nas escolas, seguimos transmitindo às crianças uma visão do planeta como fonte inesgotável de onde os seres humanos podem extrair indefinidamente; e da natureza como simples matéria-prima morta para a produção de mercadorias. Opondo o plano cultural ao plano natural e privilegiando o primeiro, as escolas silenciam a dimensão ambiental da existência humana. (grifos meus, p. 2.)*

Vanda Silva (2000) realizou um estudo com jovens do município de Chapada do Norte e percebeu a existência de uma crise intergeracional, ou seja, os jovens não apresentam interesse em determinadas tradições da região. Ao questionar moradores mais velhos sobre esta suporta crise, obtive a seguinte resposta de um senhor do distrito de São Sebastião da Boa Vista, “*Esses jovens de hoje são muito sonsos, eles não tem interesse pelas coisas, pelas tradições, se depender desses jovens de hoje tem muita coisa que vai acabar*” (Seu J. R., 88

anos, São Sebastião da Boa Vista). Na fala de Seu J. R. a crise discutida por Silva (2000) é confirmada, revelando a preocupação dos mais velhos com o destino das tradições.

Com relação a alguns exemplos de discussões e práticas que a Educação Ambiental poderia apropriar da tabela Infância-Juventude, destaco o estímulo a atividades ao ar livre, que envolvam a exploração e o brincar na/com a natureza; discutir as relações entre Meio Ambiente Equilibrado, Saúde e Bem Estar; debater a importância de uma relação mais Harmoniosa, e mais próxima da natureza, enquanto a situação oposta

### 4.3 - TEMAS DOBRADIÇAS

Segundo Freire (2014) os temas dobradiças são temas que normalmente a comunidade não identifica diretamente com a proposta apresentada pelo educador-pesquisador, mas este percebe uma relevância para a proposta educativa. No caso deste estudo, em um primeiro momento as comunidades não associavam as lendas, rezas e garrafadas com a Educação Ambiental, mas ao entrar em contato com tais manifestações da cultura popular que formam a identidade destas comunidades, pude perceber as inúmeras possibilidades de discussões que tais temáticas poderiam propiciar para uma Educação Ambiental de Base Comunitária.

Os guardiões dos saberes sobre as lendas, rezas e garrafadas funcionam como verdadeiros guardiões de uma memória (SILVA, 2009) que apresenta um elemento de resistência, no sentido em que tais saberes persistem em um mundo de constantes transformações, enquanto sobreviveram ao longo da história a perseguições como apontados por Laura de Mello e Souza (2009) em um estudo sobre a vinda do tribunal da inquisição ao Brasil, que revela que entre os julgamentos realizados no Brasil pelo Tribunal do Santo Ofício, entre os culpados existem casos de benzedeiros/rezadores, curandeiros e pessoas acusadas de realizar metamorfoses<sup>152</sup>.

A partir da investigação preliminar, o contato com as comunidades revelou, para além de temas geradores, outras temáticas provenientes da cultura popular. Por meio de um olhar e uma escuta sensível (SANCHEZ, MONTEIRO & MONTEIRO, 2010) foi possível entrar em contato com temas de grande relevância para a construção das identidades culturais das comunidades, que não estavam diretamente relacionados aos resultados do Estudo do Meio. A presença de lendas, rezas e garrafadas como elementos representativos da identidade cultural destas comunidades foi considerada como parte da proposta educativa. Embora em um primeiro momento não houvesse muitas expectativas diante de possíveis contribuições destas temáticas para a Educação Ambiental, com o tempo elas revelaram algumas possibilidades.

Aqui as lendas e histórias reveladas pelas comunidades foram recontadas e adaptadas a uma linguagem contemporânea. Optei por adaptar a linguagem para facilitar a reconstrução dos quebra-cabeças que constituem as lendas, uma vez que as mesmas foram obtidas a partir do cruzamento entre informações provenientes de diferentes narrativas, de modo a possibilitar a construção de “imagens coletivas” das lendas, que foram posteriormente discutidas,

---

<sup>152</sup> No caso do Jequitinhonha, lendas como as do *Lobisomem*, *Mula Sem Cabeça*, *Homem que vira moita*, entre outras, poderiam ser enquadradas nesta categoria.

desenhadas e reinterpretadas pelas crianças durante as atividades das *Oficinas e Cultura Popular*, bem como nas *Oficinas de Cultura, Educação e Memória*.

Apresentarei brevemente alguns resultados das Oficinas, que permitiram a construção de materiais audiovisuais com as crianças das comunidades investigadas, tendo como temática as lendas e histórias típicas da região.

#### 4.3.1 - ENTRE LENDAS E HISTÓRIAS<sup>153</sup>

Durante a pesquisa foi possível entrar em contato com muitas lendas e histórias típicas da região, para este estudo selecionei três lendas para exemplificar o potencial destes elementos da cultura popular para a Educação Ambiental. Com relação ao emprego de lendas como base para propostas de Educação Ambiental em Chapada do Norte já foi desenvolvido estudo anterior (CAMARGO, 2014) neste sentido que revelou tal potencial. Além disso, Dolores Watanabe (2006) realizou uma dissertação demonstrando o potencial das lendas para a sensibilização de populações pantaneiras quanto à necessidade de preservar, conservar ou recuperar a Biodiversidade, as culturas e os recursos hídricos da região.

Quando questionada sobre o motivo que levava os pais a usarem lendas para amedrontar seus filhos, uma moradora da comunidade de Cachoeira do Norte destacou que poderia ser uma forma que os antigos perceberam que poderiam usar para manter as crianças seguras, dentro de casa, em um período em que perigos espreitavam pelas sombras:

*Antes tinha muito cachorro doido, dava o tempo de frio, de Maio a Setembro, e aí que tinha mais cachorro raivoso, e tinha as gente fraca da cabeça e doida que podia fazer maldade pros menino, aí com isso essas lenda e história de terror era usado para manter as crianças a salvo dentro de casa, que a criança ficava com medo e num saía, era só a criança aprontá alguma traficância que os velho já dizia que ‘lobisomem ia pegar’, ‘que a mula ia aparecer’, e a criança morria de medo e se comportava. (Dona N, 58 anos, Cachoeira do Norte, 2016).*

Percebemos neste depoimento uma memória biocultural por trás do motivo que poderia ter mantido tais lendas como parte da identidade cultural das comunidades. Neste caso, a lenda aparece como um recurso para proteger crianças indefesas de perigos que rondavam nos tempos antigos, o relato revela, por exemplo, que a aparição de cachorros raivosos costumava ocorrer quando “*dava tempo de frio, de Maio a Setembro*”, além de destacar a existência de potenciais perigos entre outros seres humanos. Como Diria Guimarães Rosa “Viver é muito perigoso”, que dirá no sertão.

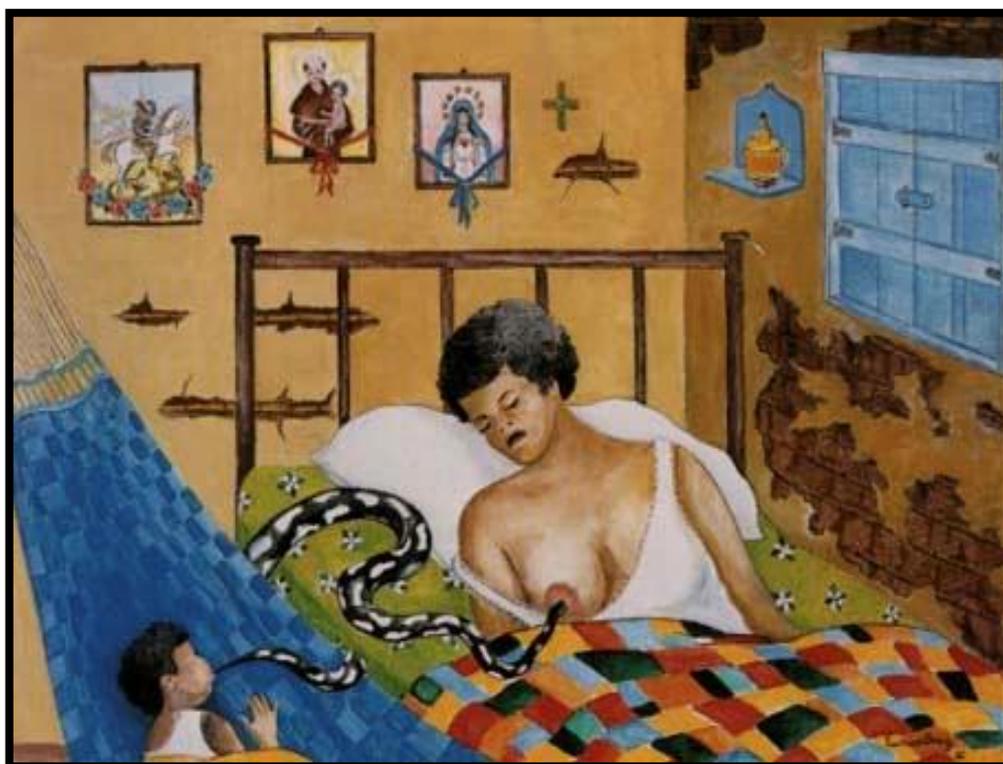
---

<sup>153</sup> As lendas locais também podem servir de base para pesquisas do ramo da Criptozoologia, por exemplo, que investiga relatos de criaturas presentes nas narrativas do povo em busca de novas espécies, desconhecidas da ciência oficial. Neste sentido, Pascal Picq (2016) destaca que “os especialistas em criptozoologia se fundamentaram nas lendas diversas, nos testemunhos indiretos e orais filmados ou fotografados, e em todas as espécies de pistas – pegadas, pelos, plumas, etc. – que alimentam o imaginário deles.” (p.114).

#### 4.3.1.1 - COBRA QUE MAMA<sup>154</sup>

Os mais velhos costumam contar que existem casos de cobras que mamam, que podem mamar em vacas, cabras e até mesmo em mulheres. Em geral os relatos sobre a suposta cobra mamífera apontam para noites frias e chuvosas<sup>155</sup>, onde uma mulher é surpreendida, acordando assustada com algo gelado sobre seu corpo. Normalmente os relatos sobre a cobra que mama apontam para o fato de a cobra colocar o rabo na cabeça do bebê enquanto mama nos seios da mãe adormecida (FIGURA 60). Em alguns relatos, a mulher acorda assustada com a movimentação do réptil e grita, quando o marido percebe a cobra muitas vezes mata o animal que esguicha um líquido branco, leitoso. De fato, tal líquido poderia consistir na gordura do animal que apresenta consistência líquida e cor esbranquiçada podendo ser confundida com leite.

FIGURA 60 – ILUSTRAÇÃO DA COBRA QUE MAMA, MOSTRANDO O ANIMAL SUGANDO O SEIO DE UMA MULHER ADORMECIDA ENQUANDO COLOCA A PONTA DA CAUDA NA BOCA DO RECÉM NASCIDO.<sup>156</sup>



Fonte: Retirado de <[www.rogilsonbrandao.com.br/2014/11/a-cobra-preta-que-mama-e-mito-ou.html?m=1](http://www.rogilsonbrandao.com.br/2014/11/a-cobra-preta-que-mama-e-mito-ou.html?m=1)>

<sup>154</sup> Link do vídeo: <[http://youtu.be/BsH9\\_ubij\\_s](http://youtu.be/BsH9_ubij_s)>

<sup>155</sup> A jibóia é uma cobra não venenosa com hábitos noturnos, mantendo-se ativa durante a noite, costumando procurar esconderijos durante o dia (CARVALHO et al, 2007, p. 1)

<sup>156</sup> Esta imagem foi exibida para as crianças durante Oficina de Cultura Popular – exemplo de codificação.

A História da cobra que mama (FIGURA 61) muitas vezes é descrita como algo real, que realmente aconteceu, pois a cobra teria sido “pega no flagra”, esgueirando-se para perto de uma mulher com seu bebê, ou até mesmo morta, liberando o suposto “leite”, isso fica evidente no depoimento a seguir:

*Ô moço, mas essa história de cobra que mama é verdade, a jibóia, mama mesmo. Que teve uma vez, que teve uma muié, que tava numa noite fria, que uma noite c’ aquela chuvinha fininha, e disse que essa muié acordou com aquele trem gelado em cima dela e deu a gritar e chamar o marido e fazer aquele escândalo, daí diz que o marido chegou já com uma peixeira na mão e retalhou a cobra no meio, daí quando cortou a barriga da bicha diz que esguichou aquele leite, um jato de leite, daí eles soube que a cobra tinha mamado mesmo (Seu T. B, 64 anos, Cachoeira do Norte, 2016)*

FIGURA 61 – IMAGEM DO FILME “A COBRA QUE MAMA” PRODUZIDO COM CRIANÇAS DAS COMUNIDADES.



Fonte: O autor.

A jibóia, por ser um réptil não é capaz de se alimentar de leite, sendo um animal carnívoro que apresenta a característica de esmagar suas presas antes de devorá-las. Porém esta confusão aparece no imaginário da população local, muitos moradores relatam que mulheres que a cobra mamou, mas não foi possível conversar com nenhuma dessas vítimas da cobra que mama.

Com relação a alguns exemplos de discussões para a Educação Ambiental que emergem desta lenda, destaco: 1) Diferenças entre répteis e mamíferos comentando

características da biodiversidade local; 2) Informações sobre a Biologia das cobras, discutindo a importância ecológica destes animais para o equilíbrio dos ecossistemas; 3) Cobras peçonhentas e não peçonhentas; 4) Preservação da mata nativa como forma de evitar que estes animais migrem para regiões habitadas; etc.

#### 4.3.1.2 - COBRA GIGANTE DO RIO ARAÇUAÍ

A lenda da cobra gigante do Rio Araçuaí (FIGURA 62) se refere a uma sucuri de proporções monstruosas que habita uma região do rio denominada “*pinguela*”, onde supostamente protege um tesouro amaldiçoado, “*o tacho de ouro dos escravos*”.

FIGURA 62 – ILUSTRAÇÃO REPRESENTANDO COBRA GIGANTE LENDÁRIA<sup>157</sup>



Fonte: Retirado de <[portal-dos-mitos.blogspot.com.br/2016/02/?m=1](http://portal-dos-mitos.blogspot.com.br/2016/02/?m=1)>

Segundo a lenda, antes mesmo na fundação da comunidade de Santa Rita, no auge do ciclo do ouro, escravos sofriam maus tratos enquanto retiravam o ouro do rio para os senhores. Esta vida de sofrimento teria levado os escravos a se vingar dos senhores, separando uma parte das riquezas encontradas e guardando em um tacho secreto. De acordo com a lenda contada na região, em certa ocasião uma feiticeira negra que servia como escrava lançou uma maldição em uma sucuriú<sup>158</sup>, que tornou a cobra imortal e fez com que o animal crescesse mais a cada ano, além de obrigar a criatura a guardar o tesouro dos negros.

<sup>157</sup> Esta imagem foi exibida para as crianças durante Oficina de Cultura Popular – exemplo de codificação.

<sup>158</sup> Outro nome popular da sucuri na região.

FIGURA 63 – IMAGEM DO FILME “A COBRA GIGANTE DO RIO ARAÇUAÍ” PRODUZIDO COM AS CRIANÇAS DAS COMUNIDADES



Fonte: O autor.

Os relatos apontam que em determinado momento da construção da calçada de pedras dos escravos, uma enxurrada, ou tromba d'água, teria matado muitos escravos, além do capitão do mato, que teriam sido carregados pela força da água, assim como o tesouro dos escravos, que, de acordo com a lenda, foi arrastado até um dos pontos mais fundos do rio Araçuaí, a *Pinguela*, onde dizem que até hoje uma cobra gigante permanece protegendo o ouro dos escravos (FIGURA 63). Segundo a lenda tal cobra gigante costuma hipnotizar suas vítimas antes de laçá-las com sua enorme cauda, arrastando as presas para água, onde as devora.

A sucuri, assim como a jibóia, é uma cobra da família *Boidae*<sup>159</sup> que é uma família de cobras constritoras<sup>160</sup> vivíparas<sup>161</sup> e ovovíparas<sup>162</sup> que costumam atingir grandes dimensões. As cobras da família *Boidae* possuem dentição áglifa, o que indica que não possuem presas inoculadoras de toxinas.

Como exemplos de possíveis discussões sobre educação ambiental geradas a partir da lenda, ressalto: 1) conhecendo a biodiversidade: Sucuri – ecologia, hábitos e características da espécie; 2) Habitat da sucuri, o rio Araçuaí – discussão sobre os recursos hídricos da região; 3) Com base na lenda do tacho de ouro dos escravos, discutir os impactos ambientais decorrentes da mineração, ou debater relações étnico-raciais a partir da realidade local; etc.

<sup>159</sup> Ver em: <[www.cobrasbrasileiras.com/boidae.html](http://www.cobrasbrasileiras.com/boidae.html)>

<sup>160</sup> Esmagam suas presas, quebrando seus ossos antes de devorá-las.

<sup>161</sup> Animais cujo embrião se desenvolve em uma placenta dentro do corpo da mãe.

<sup>162</sup> Animais cujo ovo permanece dentro do corpo da fêmea até o final do desenvolvimento embrionário.

#### 4.3.1.3 - ZABELÊ E O MISTÉRIO DA IMBURANA<sup>163</sup>

A lenda do “Zabelê e o Mistério da Imburana” (FIGURA 64) fala de um caçador que adentrou as matas da região em busca de um pássaro. O homem avançou pela mata até um ponto em que localizou sua presa, um Zabelê gordo e distraído que foi rapidamente abatido com um tiro certo da carabina. Ao abater o animal, o homem caminhou na direção do corpo e foi neste momento que, confiante de seu feito, o caçador se distraiu e acabou cometendo um terrível engano, pisou em uma serpente, muito perigosa, cujo efeito do veneno era capaz de cegar suas vítimas.

FIGURA 64– IMAGEM DO FILME “O ZABELÊ E O MISTÉRIO DA IMBURANA” PRODUZIDO COM AS CRIANÇAS DAS COMUNIDADES



Fonte: O autor.

Cambaleante o homem tombou no chão, já com a visão turva, e se debateu enquanto tentava reagir a perda de visão, procurando algo para apoiar sua mão a fim de levantar-se novamente. Enquanto tateava o chão em busca de apoio, o caçador alcançou o cadáver do Zabelê e, para seu espanto, ao encostar-se ao corpo do animal sua visão aos poucos parecia dar sinal de melhora, assim como as dores que sentia na perna, no local da picada, que pareciam dar uma trégua.

Por um instante o caçador afastou-se do corpo da ave morta e imediatamente sentiu os efeitos da peçonha da cobra recuperar seu ritmo de destruição, a visão ficou embaçada

---

<sup>163</sup> Link do Vídeo <<https://youtu.be/09GoCKrGPSQ>>

instantaneamente, bem como passou a sentir uma pulsação em sua perna, que lhe transmitia uma verdadeira onda de dor. Rapidamente o homem levou a mão ao corpo do Zabelê e, recuperando novamente seus sentidos, recolheu suas coisas e seguiu para casa, carregando o animal nos braços enquanto sentia os efeitos da toxina se estabilizando novamente.

Ao chegar a sua casa, o homem decidiu limpar sua caça, e foi neste momento que, ao abrir a barriga do Zabelê notou que o papo da ave estava repleto de sementes de Imburana<sup>164</sup>. Instintivamente o homem comeu uma das sementes de Imburana e para sua surpresa sentiu um alívio nos efeitos da toxina da cobra. Após este evento o caçador teria divulgado pela comunidade a notícia de que as sementes de Imburana teriam propriedades curativas contra a peçonha de cobras.

A partir desta mesma lenda, o Zabelê passou a ser encarado como um amuleto contra serpentes e envenenamentos, sendo suas penas e patas tidas como talismãs contra cobras. Além disso, a Imburana, que também é conhecida como Imburana de Cheiro, também aparece associada à proteção e cura contra os ataques de serpentes, sendo comum empregar 3 sementes de Imburana no bolso para entrar no mato sem ser picado por animais peçonhentos, bem como depositando as sementes em 3 quinas de uma casa para afastar cobras e escorpiões. A cultura popular de Chapada do Norte atribui uma série de propriedades medicinais para a Imburana, sendo especialmente empregada contra gripes, dores de cabeça, problemas estomacais, tosse, dores musculares entre outras coisas. Com relação as propriedades comprovadas pela ciência:

Os dados apresentados no levantamento bibliográfico mostram que a *Amburana cearensis* é rica em compostos como cumarinas, flavonóides e glicosídeos fenólicos, os quais dão suporte ao uso popular como broncodilatador, analgésico, antiinflamatório e antireunático. Contudo, ainda existem poucos dados químicos e farmacológicos dessa espécie e outros estudos são necessários para uma melhor elucidação de suas propriedades terapêuticas que validem, cada vez mais, seu uso na medicina popular e que possam gerar futuros medicamentos fitoterápicos. Além disso, outros estudos toxicológicos e teratogênicos devem ser realizados para servir de parâmetros mais seguros em seu uso (ALMEIDA et al, 2010, p. 6)

A lenda do Zabelê e do Mistério da Imburana apresentam um grande potencial para a Educação Ambiental, como exemplos de possíveis atividades que poderiam ser

---

<sup>164</sup>*Amburana cearensis*, árvore nativa do Cerrado que produz sementes aladas com odor característico.

desenvolvidas, destaco: 1) Discussões sobre a Biologia e Ecologia da Imburana (*Amburana cearensis*) e do Zabelê (*Crypturellus noctivagus zabele*); 2) Debates sobre o valor das plantas medicinais/estímulo ao cultivo de plantas medicinais; 3) Criação de campanhas de conscientização contra a caça de animais silvestres; etc.

#### 4.3.2 - ENTRE RAMOS E REZAS<sup>165</sup>

Os Saberes de Benzedeadas e Rezadores representam um aspecto da cultura local referente à dimensão espiritual da medicina popular, empregam “palavras e gestos sagrados” para curar, benzer ou proteger uma criatura (ou objeto). A partir de um contato com o divino, intermediado por elementos da natureza e pela fé da benzedeadas ou do rezador, costumam empregar pedaços de plantas<sup>166</sup> como parte dos rituais de cura e purificação, em geral usam-se os ramos, que são balançados no ar formando uma cruz imaginária sobre a criatura que será benzida<sup>167</sup>, enquanto proferem palavras, que muitas vezes são ditas em tom e ritmo que as tornam indecifráveis. Sobre os benzedores de Chapada do Norte, em estudo anterior:

Os benzedores são aqueles que se utilizam de rezas e benzimentos para tratar males como o Quebrante ou Mau Olhado, dores, “tirar sol da cabeça”, estancar sangramentos, desengasgar pessoas, espantar animais perigosos, entre muitas outras. São homens e mulheres que, através de atos de fé, conduzidos por palavras “mágicas” ou “divinas”, mobilizam elementos do “sagrado” para lidar com situações do cotidiano. Apresentam-se como uma manifestação do catolicismo popular que demonstra elementos sincréticos (CAMARGO, 2014, p. 63)

Por considerarem o benzimento como um dom recebido diretamente do divino, não costumam cobrar pelos serviços, no máximo aceitando receber presentes espontâneos como recompensas pelos supostos “milagres” operados pelas rezas, sempre afirmando “*não sou eu quem cura, quem cura é Deus*”. Deste modo, as benzedeadas e os rezadores representam um elemento da identidade cultural das comunidades de Chapada do Norte associado a uma espiritualidade sertaneja, típica da região. Sobre o imaginário em torno dos supostos “poderes mágicos” dos benzedores, Maria Thereza Camargo (2006) alega que:

Imagina-se que o saber de um xamã, de um pai ou mãe de santo, de um benzedor que reza para curar, seja atribuído ao dom divino que lhes coube por ordens superiores, cujos poderes transcendem ao nosso entendimento. Esse saber se fortalece no mito, no rito iniciático e na expectativa da fé daquele que padece de algum mal. Assim, todos os instrumentos materiais e imateriais

---

<sup>165</sup> Ver em: <<http://m.facebook.com/BencaosRezasOracoes/>>

<sup>166</sup> Este é apenas um exemplo de instrumento utilizado por benzedeadas e rezadores, além de ramos e folhas, também costumam empregar terços/rosários, barbantes, água, brasa, sal, tesoura, faca, sementes,

<sup>167</sup> Benzedeadas e rezadores costumam benzer não apenas seres humanos, como também animais, objetos, terrenos, construções, ferramentas etc.

usados por esses “escolhidos”, donos do saber, tornam-se sagrados e investidos de poder. Dentre estes instrumentos, estão as plantas de uso medicinal e ritual (p. 1)

Sobre a origem dos saberes de benzedeadas e rezadores, no caso das comunidades investigadas apresentam uma maior influencia da cultura europeia, constituindo uma variaçao do catolicismo popular desenvolvido a partir da evangelizaçao promovida por leigos em uma regiaao distante dos olhos da Igreja oficial, no isolamento do sertao. Neste sentido, muitas oraçoes sofreram adaptaçoes e influencias de outras culturas, como indigenas e africanas. Sobre a chegada da cultura das bençoes, rezas e oraçoes do catolicismo popular ao Brasil, Câmara Cascudo (2011) aponta que:

Durante o século XVI os portugueses trouxeram para o Brasil as oraçoes familiares e tradicionais. Familiares as do convívio cristao, Padre-Nosso, Ave-Maria, Salve-Rainha, Credo. Tradicionais umas tantas de uso reservado e comum, não aprendidas na intençao catolica, mas destinadas quase a impor à Divindade a custodia protetora contra todos os males, fórmulas de imprecaçao irresistível aos poderes sobrenaturais. Noutras, a modesta finalidade era a constante defensiva do corpo e da alma, conduzidas dentro de uma sacola<sup>168</sup> de pano grosso, pendendo no pescoço, como uma arma infalível. (p. 93)

Outra forma comum de utilizaçao de plantas (FIGURA 65) por benzedeadas e rezadores consiste no emprego de plantas para a defesa, sobretudo de casas ou terrenos, nestes casos, costumam usar plantas que se caracterizam por apresentar cheiros fortes ou substancias tóxicas<sup>169</sup>, que em alguns casos são nocivas ao homem. De um modo geral, benzedeadas e rezadores atuam como guardioes de tradiçoes e memórias. Sobre o papel da benzedeadas na preservaçao da Memória, Claudia Silva (2009) alega que:

Neste contexto as rezadeiras cumprem seu papel, tanto a partir da transmissao dos conhecimentos das plantas e dos versos das oraçoes de geraçao para geraçao, bem como a partir da açao junto a comunidade, pois também reafirma a permanência das tradiçoes e crenças na sua comunidade, o que

---

<sup>168</sup> Tais objetos-amuletos, na cultura popular de Chapada do Norte, são chamados de Breves, Breviários, “Saquinho de reza” ou Patuás. Costumavam ser empregados por parteiras durante os partos, neste caso utilizava-se o breve com a reza de Nossa Senhora do Bom Parto, que era colocado no pescoço da parturiente. Noutros casos, os sujeitos não saiam de casa sem o breve no pescoço para evitar males como o fogo ou afogamento, como é o caso do breve de Nossa Senhora de Montserrat, ou mesmo para evitar animais peçonhentos, com um breve de São Bento.

<sup>169</sup> Como alguns exemplos de plantas desta categoria, é possível citar a Espada de São Jorge, Guiné, Arruda, Sarapantaia, Imburana de Cheiro, Comigo-ninguém-pode, etc.

influencia diretamente no comportamento de dadas comunidades, bem como pode colaborar para a tomada de consciência de sua identidade cultural (p. 14)

FIGURA 65 – BENZEDEIRA COLETANDO RAMOS DE VASSOURINHA, 2016



Fonte: o autor

Além dos ramos, destaca-se o uso de outros elementos naturais como parte dos rituais de benzimentos, incluindo o Sol, a Lua, estrelas, sal, o mar, a água, o fogo, o ar, a terra, entre outros elementos que são invocados durante as rezas para fortalecer seus efeitos. É interessante destacar as famosas “procissões para fazer chover”, também conhecidas como penitências<sup>170</sup>, que consistem em rituais realizados coletivamente, onde as pessoas se juntam em procissão, entoando cânticos, normalmente ao meio dia e com os pés descalços, caminham até fontes de água, coletam um pouco do líquido e seguem até um cruzeiro (FIGURA 66) onde lançam a água nos pés da cruz clamando aos céus por chuvas<sup>171</sup>. Além das penitências há também relatos sobre as famosas “rezas brabas” para “*desviar as chuvas*”, tais rezas seriam consideradas prejudiciais, pois ao alteraram as forças da natureza, poderiam livrar uma região de uma chuva, causando uma tempestade noutra região.

<sup>170</sup> Situação descrita por Câmara Cascudo (2013).

<sup>171</sup> Este ritual costuma ser repetido durante sete dias seguidos, no oitavo dia os moradores retornavam ao cruzeiro para retirar as pedras que depositaram e devolver para o corpo d’água de onde retiraram as pedras. Segundo os relatos a chuva costuma ser esperada para o dia seguinte, após devolverem as pedras para a água.

FIGURA 66 – CRUZEIRO DA COMUNIDADE DE CACHOEIRA DO NORTE, 2016.



Fonte: O autor.

Sobre a relação das benzedeadas e rezadores com a Igreja católica oficial, grande parte destes sujeitos encontra-se envolvida nas atividades da Igreja<sup>172</sup>, participando tanto das missas e eventos oficiais, como dos terços e novenas. Sobre a relação com os sacerdotes católicos, a partir de breves conversas com os padres que visitam as comunidades<sup>173</sup> pude perceber um grande conhecimento e compreensão com relação às manifestações da cultura local, entendendo que a religiosidade das comunidades é fruto de um processo de evangelização leiga e que a presença oficial da igreja na região é algo relativamente recente. Sobre a relação com evangélicos, foi relatado que benzedeadas e rezadores convertidos às religiões evangélicas deixam de praticar benzimentos e de acreditar nas tradições, afirmando ser “coisa do diabo”, do mesmo modo, os evangélicos costumam evitar benzedores e todo tipo de manifestação cultural associado à religião católica.

As benzedeadas e rezadores da região costumam ser muito procurados<sup>174</sup>, sobretudo por amigos, parentes, ou pessoas indicadas pelos amigos e parentes, realizando as rezas preferencialmente após quebrar o jejum e antes do pôr do Sol. Sobre a relação de tais “*mestres dos saberes locais*” com o serviço de saúde<sup>175</sup> e com a medicina convencional<sup>176 177 178</sup>, os

---

<sup>172</sup> Muitas vezes assumindo papéis de destaque na Igreja, auxiliando na organização de missas, eventos e atividades religiosas.

<sup>173</sup> Todos vinculados à Diocese de Araçuaí

<sup>174</sup> Todos os benzedores afirmam que a maior parte das pessoas os procura para benzer crianças de mau olhado, quebrante ou inveja.

<sup>175</sup> Ver em item 4.3.3.

benzedores revelaram que houve uma grande redução na procura por seus serviços com a chegada dos médicos à região e com a melhoria da estrutura do sistema de saúde público do município<sup>179</sup>, mas que ainda hoje costumam ser procurados por aqueles que “*tem fé*”. Sobre os efeitos das benzeções, Elizabeth Parente Costa (2009) destaca que “[a] pesar da resistência da ciência oficial, a medicina tradicional, a atividade muitas vezes impressiona pelos seus efeitos, atribuídos pelos cientistas por um componente subjetivo que é a fé daqueles que se submetem à cura” (p. 24) e complementa lembrando que “[o]s rezadores são típicos das regiões distantes, onde os médicos são escassos e os remédios alopatas inacessíveis” (p.24).

É relevante ressaltar que muitas das enfermidades tratadas por meio do de benzimentos, rezas e simpatias, costumam ser enfermidades típicas da medicina popular, desconsideradas pela medicina oficial, de modo que um médico não iria tratar, por exemplo, de alguém que o procura alegando estar com “*Quebrante*”, “*Mau Olhado*” ou “*Zóio Excomungado*”.

Além disso, as benzedeadas e rezadores investigados afirmaram que realizam seus rituais não somente na presença do benzido, mas também à distância, havendo uma série de relatos em que parentes ou conhecidos ligam para pedir que “dê uma benzida à distância”, inclusive sendo revelado o uso de objetos tecnológicos como intermediários da benzeção, como exemplificado em casos de benzeção por telefone, ou, ainda mais inovador, online, pelo Skype<sup>180</sup>. Neste sentido, a cultura local se revela ainda mais próxima de uma perspectiva de Hibridismo Cultural (1997), por se mesclar com uma cultura moderna-ocidental, apropriando-se de seus recursos tecnológicos e produzindo uma adaptação/re-invenção, ou, nas palavras de Santiago Arboleda<sup>181</sup>, uma *Re-existencia*.

---

<sup>176</sup> No Município de Reboças, no Paraná (PR), as benzedeadas passaram a ser reconhecidas como agentes de saúde, tendo o município reconhecido os saberes locais de detentores de ‘ofícios tradicionais’, como instrumento de saúde pública.

Ver em :

<[g1.globo.com/pr/Paraná/noticia/2012/05/benzedeadas-são-consideradas-profissionais-da-saude-no-parana.html](http://g1.globo.com/pr/Paraná/noticia/2012/05/benzedeadas-são-consideradas-profissionais-da-saude-no-parana.html)>

<sup>177</sup> Dissertação de mestrado (COSTA, 2009), discute a inserção de benzedeadas como agentes comunitárias do serviço de saúde no Município de Sobral, no Ceará (CE)

<sup>178</sup> Reportagem aponta que, além do município de Reboças (PR), a cidade de São João do Triunfo (PR) também passou a reconhecer benzedeadas enquanto agentes de saúde pública, revelando que, em ambas cidades, o cadastro das benzedeadas foi realizado pela ONG MASA (Movimento Aprendizes da Sabedoria), que cadastrou 161 benzedeadas em Triunfo e 133 em Reboças.

Ver em:

<[www.paulolopes.com.br/2012/05/cidades-reconhecem-benzedeadas-como.html?m=1#.WSzOtKVv\\_qA](http://www.paulolopes.com.br/2012/05/cidades-reconhecem-benzedeadas-como.html?m=1#.WSzOtKVv_qA)>

<sup>179</sup> Como revelado em estudo anterior (CAMARGO, 2014), isto é algo relativamente recente, sendo apontada uma redução na procura, sobretudo a partir de 2011, com a inauguração da policlínica do distrito de São Sebastião da Boa Vista.

<sup>180</sup> Programa de comunicação à distância, usado para realizar vídeo-conferências.

<sup>181</sup> Durante palestra realizada na UNIRIO em 2016.

### 4.3.3 - ENTRE MEZINHAS E GARRAFADAS

Os saberes sobre plantas medicinais (FIGURA 68) são muito presentes na cultura de Chapada do Norte, seja nas famosas garrafadas da Folia de Reis (FIGURAS 67 e 69) ou, nos quintais, as chamadas mezinhas (FIGURA 70) <sup>182</sup>. Segundo estudo anterior (CAMARGO, 2014) os saberes sobre plantas medicinais da região de Chapada do Norte se apresentam vinculados, sobretudo aos raizeiros, erveiros, mezinheiros, benzedeiros/rezadores<sup>183</sup>, mateiros<sup>184</sup>, agricultores<sup>185</sup> e tropeiros<sup>186</sup>, saberes estes que constituem o arcabouço da medicina popular das comunidades. O mesmo estudo (op cit.) apontou que tais saberes encontram-se diretamente ameaçados pelas transformações socioambientais da região<sup>187</sup>. No presente estudo a pesquisa sobre os mestres de saberes que trabalham com plantas medicinais se delimitou sobre os mezinheiros, erveiros e raizeiros.

FIGURA 67 – GARRAFADA DE FOLIA DE REIS DA COMUNIDADE DE SANTA RITA DO ARAÇUAÍ



Fonte: O autor.

---

<sup>182</sup> Mezinha ou Meizinha é um termo usado na região para se referir a plantas medicinais, normalmente cultivadas em quintais e roças e que são empregadas no preparo de medicamentos naturais.

<sup>183</sup> Já comentado no item anterior “Entre Ramos e Rezas”

<sup>184</sup> Todos os entrevistados identificados como erveiros e raizeiros também se identificaram como mateiros. O mateiro é o sujeito que busca as ervas e raízes no mato para que os erveiros e raizeiros preparem os remédios e as garrafadas.

<sup>185</sup> A grande maioria dos entrevistados também se identificou como Agricultor/Lavrador

<sup>186</sup> Tropeiro era o nome dado aos homens que exerciam a extinta profissão de liderar as tropas de burros para fazer comércio e transporte de mercadorias. Esta profissão deixou de existir com a modernização das comunidades, sobretudo a partir do advento das estradas e dos automóveis.

<sup>187</sup> Além deste estudo, texto recente vinculado à página oficial da WWF, ressalta que o desmatamento do Cerrado faz desaparecer plantas usadas há séculos pela medicina popular. O que interfere diretamente nos saberes locais de mezinheiros, raizeiros e erveiros.

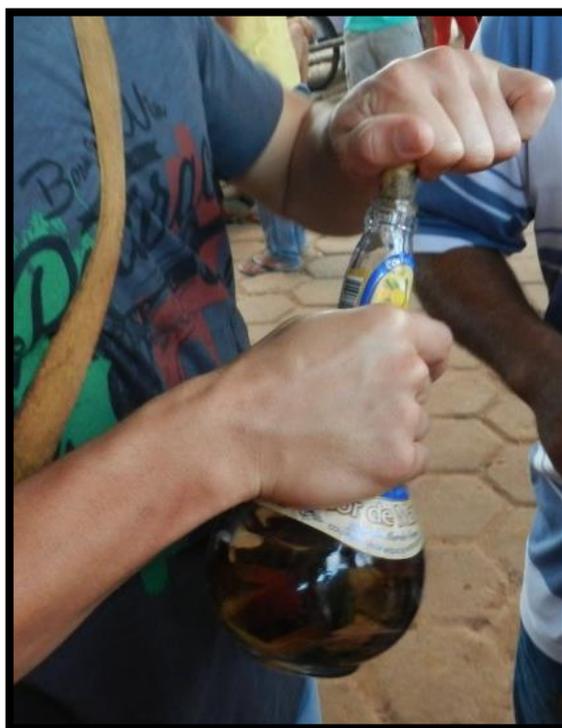
Ver em: <[http://www.wwf.org.br/informacoes/noticias\\_meio\\_ambiente\\_e\\_natureza/?58322/Desmatamento-no-Cerrado-faz-desaparecer-plantas-usadas-h-seculos-pela-medicina-popular](http://www.wwf.org.br/informacoes/noticias_meio_ambiente_e_natureza/?58322/Desmatamento-no-Cerrado-faz-desaparecer-plantas-usadas-h-seculos-pela-medicina-popular)>

FIGURA 68 - PLANTAS EMPREGADAS NO PREPARO DE GARRAFADAS, 2016.



Fonte: O autor.

FIGURA 69 – GARRAFADA DE FOLIA DE REIS DA COMUNIDADE DE CACHOEIRA DO NORTE, 2016.



Fonte: O autor.

FIGURA 70 – MEZINHAS PARA PREPARO DE CHÁS. NA FOTO É POSSÍVEL IDENTIFICAR ARRUDA, BASPO, BRASILEIRA, HORTELÃ E SABUGUEIRO



Fonte: CAMARGO, 2014, p. 51.

Os saberes sobre mezinhas estão vinculados a (o)s mezinheira(o)s, enquanto que os saberes sobre as garrafadas estão relacionados aos raizeiros. Atualmente ainda há muita (o)s mezinheira (o)s pela região, um saber que se encontra disseminado tanto entre homens quanto mulheres, mas que ainda é dominado pelas mulheres, que muitas vezes assumindo a figura de avós, manipulam as ervas para produzir xaropes, chazinhos e emplastos que são os verdadeiros primeiros socorros do povo. Com relação aos mezinheiros, estudo anterior definiu tal categoria popular como:

Conhecedores de mezinhas são pessoas como as donas de casa, que utilizam remédios caseiros que se baseiam em plantas domesticadas. São os famosos chazinhos e xaropes de avó, geralmente empregado para remediar males de menor gravidade, como resfriados, náuseas, diarreia e febres, mas que também são empregados para tratar inflamações, infecções, feridas e outras situações consideradas mais graves. Muitas vezes associadas às mulheres, às mezinhas, como costumam ser chamadas as plantas medicinais

de uso caseiro (plantas de quintais ou roças). Segundo os informantes, o uso de mezinhas era muito comum antigamente, “no tempo em que não havia doutor”. (CAMARGO, 2014, p. 63)

Já as garrafadas, correspondem a saberes predominantemente masculinos, são remédios produzidos a partir de plantas buscadas no mato, raízes, cascas, sementes, folhas e frutos que são empregados no preparo das mais diversas poções. Uma característica comum das garrafadas de Cachoeira do Norte se refere ao fato de quando indagados sobre as propriedades medicinais destes elixires, costumam afirmar que “*é bom pra tudo, se tiver fé é bom pra tudo*”. Os erveiros e raizeiros destas comunidades foram caracterizados em estudo anterior da seguinte forma:

Erveiros ou raizeiros são os sujeitos que conhecem o preparo de remédios e garrafadas que apresentam em suas composições ervas e raízes. Erveiros e raizeiros normalmente operam segundo uma Ciência própria aprendida com os ancestrais que compreende elementos como “plantas complementares”, “planta quente”, “planta fria”, “planta de homem”, “planta de mulher”, “planta de criança” etc. (BRANQUINHO, 2007). Os erveiros e raizeiros costumam conhecer muito bem as plantas e saber diferenciar as venenosas das que curam, conhecendo segredos e mistérios das ervas. (CAMARGO, 2014, p. 63)

Atualmente a prática de produção de garrafadas encontra-se vinculada à confecção da bebida típica da festa da Folia de Santos Reis, de modo que em outras ocasiões dificilmente o raizeiro estará preparando tais poções de forma indiscriminada, ou seja, trata-se de uma produção limitada. Além disso, na comunidade de São Sebastião da Boa Vista a bebida deixou de ser oferecida durante as festas de Santos Reis<sup>188</sup>. De 45 mestres dos saberes locais que participaram da pesquisa, apenas 2 se declararam como raizeiros/erveiros com conhecimentos sobre o preparo de garrafadas, demonstrando que este saber se encontra em elevado risco de desaparecimento, visto que não ainda não apareceram sucessores interessados em aprender a arte das garrafadas. Com relação à importância da preservação destes conhecimentos locais sobre a flora, Guarim Neto (2006) destaca que:

O saber local sobre o tratamento de diferentes males que perturbam/afetam o ser humano é geralmente evidenciado em conversas com as pessoas mais idosas (inserindo os raizeiros, benzedeiros, donas-de-casa etc) que por um

---

<sup>188</sup> Em decorrência de incidentes com alcoólatras.

motivo ou outro, carregam consigo essas preciosas informações, recebidas dos ancestrais. A recuperação dessas informações é altamente necessária, tendo em vista que elas servem de subsídio para o conhecimento do potencial medicinal da flora nacional [...] Propiciam também caminhos férteis para a práxis de Educação Ambiental, tendo estas plantas como eficientes instrumentos pedagógicos, enquanto elementos que podem subsidiar a relação educativo-ambiental (GUARIM NETO, 2006)

Sobre a relação dos saberes da medicina popular<sup>189</sup> de Chapada do Norte com os profissionais do serviço de saúde, o mesmo estudo revelou que:

Sobre a relação entre o serviço de saúde local e os conhecimentos populares, a pesquisa revelou algumas situações: 1) algumas práticas foram condenadas pelos médicos e enfermeiros sendo substituídas – como em casos de tratamentos voltados a crianças recém nascidas (ex: óleo de rícino com arruda para tratar o umbigo do neném substituído por álcool 70%); 2) devido à preocupações com questões legais<sup>190</sup>, algumas práticas desapareceram, porém contaram com o reconhecimento dos profissionais do serviço de saúde (ex: parteiras deixaram de atuar, mas relataram terem sido parabenizadas por médicos pela qualidade do serviço prestado); 3) algumas práticas se converteram em tratamentos complementares ao indicado pelos profissionais do serviço de saúde (ex: uso de chás e xaropes para complementar tratamentos contra gripes, dores de cabeça, náuseas, dor de garganta, insônia etc; 4) algumas práticas da Cultura Local influenciaram a cultura dos profissionais do serviço de saúde (ex: relato de benzedeira que após ter sua pressão e glicose medidas por uma enfermeira foi solicitada pela mesma que a benzesse por estar apresentando sintomas de Quebrante). (CAMARGO, 2014, p. 66-67)

Com relação às contribuições que os raizeiros, erveiros e mezinheiros poderiam oferecer para a Educação Ambiental, destaco: 1) discussão sobre diferentes categorias de

---

<sup>189</sup> É importante destacar que os saberes da medicina popular e indígena representam uma ameaça aos interesses das indústrias farmacêutica, médica e química.

<sup>190</sup>Em especial por conta dos artigos 282 e o 284 do Código Penal Brasileiro, que dispõe, respectivamente, sobre o exercício ilegal da medicina, arte dentária ou farmacêutica e sobre o exercício do Curandeirismo.

plantas úteis ao homem, incluindo as plantas medicinais<sup>191</sup>; 2) Etnobotânica das plantas medicinais da região - estudos sobre a Flora; 3) identificação de plantas venenosas; etc.

---

<sup>191</sup> Outros exemplos interessantes de categorias de plantas úteis que poderiam ser trabalhadas com as crianças em práticas de Educação Ambiental são as Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs) (KINUPP, 2009), plantas tintóreas, entre outras.

#### 4.4 - AÇÕES REALIZADAS<sup>192</sup>

A partir da Investigação Preliminar desenvolvida com as comunidades, foi planejada uma série de atividades com objetivo de discutir, problematizar e registrar as situações, os conflitos e as questões destacados pelos moradores locais como relevantes para compreender a realidade local. As atividades com os moradores assumiram o caráter de palestras e oficinas, sendo realizadas no período de Julho de 2015 a Outubro de 2016. Todas as atividades foram realizadas fora dos horários de trabalho dos participantes, dando preferência aos finais de semana ou períodos do final da tarde em dias de semana. Antes de iniciar as atividades de pesquisa, no início de 2015, estive nas comunidades para apresentar os resultados de minha monografia, realizando uma série de palestras (FIGURA 71). Destaco que foi fundamental para a realização desta pesquisa a possibilidade de estar em 4 ocasiões com as comunidades durante o período do mestrado. Inicialmente, apenas apresentando os resultados da monografia e iniciando o planejamento da dissertação, entre Janeiro e Fevereiro de 2015, depois em Julho e Agosto de 2015, já retornei com a intenção de realizar a investigação preliminar e o estudo do meio, de Dezembro ao final de Janeiro de 2016 retornei com intenção de avançar ainda mais com o Estudo do Meio, definindo as situações-limites para codificá-las e realizar os diálogos descodificadores. Foram promovidas oficinas com intenção de apresentar os códigos observando se os participantes seriam capazes de realizar os *Diálogos Descodificadores* e iniciar o planejamento das próximas ações, por fim, de Setembro a Outubro de 2016 retornei para apresentar aos professores os resultados da busca pelos temas geradores e pelos temas dobradiças.

---

<sup>192</sup> Sobre os equipamentos utilizados durante o projeto, incluindo a investigação e as ações, foram utilizados cadernos de campo, câmeras (optando por modelos simples para não intimidar os informantes), tripé, projetor/datashow, celular, caixa de som, extensões e computador/notebook. Além disso, durante as Oficinas de Cultura Popular foram oferecidos papéis, canetas, lápis, cola, tesouras e palitos para a confecção dos personagens.

FIGURA 71 – PALESTRA REALIZADA PARA MORADORES DE CHAPADA DO NORTE, COM OBJETIVO DE APRESENTAR OS RESULTADOS DO ESTUDO ANTERIOR, 2015.



Fonte: O autor.

Como dito anteriormente, em um primeiro momento foram coletadas informações sobre as comunidades, sobre as situações-limites, sobre as culturas e sobre os temas geradores, a partir daí foram pensadas as codificações, que envolveram a produção de materiais audiovisuais, confecção de mapas, desenhos, fotografias etc. Durante os encontros estes códigos foram apresentados para as comunidades. Como exemplo de codificações é possível citar: a produção de pequenos clipes com os idosos apresentando relatos sobre a história ambiental da região, comentando as transformações vivenciadas pelas comunidades ao longo do tempo; apresentação de fotografias de locais da região<sup>193</sup> para ver se os moradores reconheciam e quais informações possuíam sobre tais localidades; apresentação de vídeos sobre os impactos das ações do homem na natureza<sup>194</sup>, sobre as relações entre culturas tradicionais e a biodiversidade<sup>195</sup> etc. A partir da apresentação dos códigos foram observadas as reações dos participantes das oficinas para então discutir as informações, a fim de avaliar se foram capazes de decodificar as mensagens, relacionando as discussões apresentadas durante as oficinas com a realidade local.

O primeiro ciclo de encontros (FIGURA 72) se deu com os moradores da comunidade, as oficinas foram abertas a todos, foram realizadas nos centros comunitários do distrito, e não havia nenhum tipo de restrição, mas esperava-se envolver em especial os mestres dos saberes

---

<sup>193</sup> Fotografias recentes retiradas durante as atividades da Investigação preliminar, ou fotografias históricas das comunidades obtidas com moradores. Como exemplos de imagens recentes apresentadas durante as oficinas é possível citar fotografias da Cacimba do Jambreiro e da Calçada de Pedra dos Escravos, como exemplos de imagens históricas destaco a Cachoeira de Cachoeira do Norte e a Ponte das Nelitas durante o dilúvio de 2016.

<sup>194</sup> Link para animação “MAN” de Steve Cutts (2012) <<https://youtu.be/WfGMYdalCIU>>

<sup>195</sup> Link para episódio do programa “Um Pé de Quê? - Guiné” da Pindorama Filmes (2011) <<https://youtu.be/IB4zJenAym8>>

identificados durante o levantamento preliminar, pois a atividade foi anunciada de modo a chamar pessoas que conhecessem a história, a cultura e a natureza da região para debater estas questões. As oficinas de Educação Ambiental de Base Comunitária oferecida para os moradores – incluindo os mestres dos saberes locais - foram estruturadas da seguinte maneira: inicialmente foi realizada uma apresentação expositiva revelando os temas geradores e temas dobradiças, apresentando algumas situações-limites, discutindo sobre as paisagens culturais, e avaliando as reações e comentários dos participantes<sup>196</sup>; em um segundo momento foram apresentados dois vídeos, o curta “MAN” de Steve Cutts (2012) que aborda os impactos das ações do ser humano na natureza, e o segundo vídeo foi um episódio do programa “Um Pé de Quê?” estrelado por Regina Casé, que discute as relações estabelecidas entre culturas tradicionais e a biodiversidade. Após a apresentação expositiva e exibição dos filmes se iniciou uma roda de conversas no formato de círculo de cultura, onde os participantes apresentaram seus depoimentos sobre as temáticas apresentadas nos filmes. No círculo de cultura quando um participante apresenta um relato, memórias são ativadas, e os outros participantes passam a recordar histórias sobre o assunto discutido, assim, uma discussão puxa a outra e vai se desenrolando na medida em que as memórias dos participantes vão sendo alimentadas com novos relatos. Outro importante debate realizado neste momento foi sobre a História Ambiental (LEFF, 2003) das comunidades, onde um morador iniciava narrando suas memórias relacionadas a determinado acontecimento, e então os outros complementavam a história com mais detalhes e seguiam acrescentando mais e mais informações de modo a possibilitar a construção de um panorama acerca da história socioambiental da região, tudo feito em um clima de informalidade, com direito a piadas, brincadeiras e comentários pessoais. Sobre o contato do jovem pesquisador-educador com as comunidades e, em especial, com moradores mais idosos, Attico Chassot (2008, p. 11) aponta que “Se olhei em separado as transformações ocorridas com entrevistados e entrevistadores, pode-se dizer que uns e outros ganham no exercício do diálogo entre gerações, e não há apenas ganhos de conhecimento, mas também de afetos”. Neste sentido, o contato com a comunidade garante não apenas um ganho intelectual, mas também afetivo, pois os laços estabelecidos entre o pesquisador-educador-entrevistador e as comunidades perduram mesmo após o término das pesquisas.

---

<sup>196</sup> É importante destacar que em todas as oficinas os participantes foram encorajados a interromper a apresentação expositiva a qualquer momento para expor comentários, questionamentos, apresentar relatos etc.

FIGURA 72 – OFICINA REALIZADA EM JULHO DE 2015 COM MORADORES  
D A COMUNIDADE DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA, 2016



Fonte: O autor.

Em um segundo ciclo de encontros, iniciei as atividades com as crianças, realizando oficinas sobre as relações entre a cultura local e o meio ambiente, a partir da discussão dos temas dobradiças<sup>197</sup>. Diante da riqueza da cultura das comunidades, foram pensadas algumas iniciativas, paralelas ao projeto de pesquisa, destinadas a auxiliar a comunidade no processo de documentação e divulgação de suas manifestações culturais. A partir desta preocupação com os saberes do Vale do Jequitinhonha, foram criados alguns projetos para ajudar as comunidades: o Projeto Músicas e Cantigas do Vale<sup>198</sup> tem objetivo de auxiliar na documentação da musicalidade do Vale do Jequitinhonha, produzindo clipes de músicas cantadas por moradores das comunidades; o Projeto Bênçãos, Rezas e Orações<sup>199</sup>, tem o objetivo de auxiliar na documentação, valorização e preservação da cultura das benzedeadas e rezadores de Chapada do Norte; o Projeto Contos, Lendas e Histórias de Chapada tem o objetivo de documentar e divulgar as histórias e lendas típicas da região.

Foram pensados dois tipos de oficinas, as que trabalharam a partir dos temas geradores e as que partiram dos temas dobradiças. As oficinas de “Cultura Popular” e de “Cultura, Educação e Memória” foram desenvolvidas a partir dos temas dobradiças e foram realizadas com as crianças. As Oficinas de Cultura Popular foram realizadas com as crianças dos três distritos e foram centradas em práticas de produção audiovisual, em uma perspectiva de Cinema Freireano (COSTA, YU-MING, SANCHEZ, 2015) considerando a produção audiovisual como parte do processo de codificação-descodificação dos temas dobradiças, em

---

<sup>197</sup> Optei por não debater os temas geradores diretamente com as crianças, pois entendo que a partir do trabalho com os professores, estes poderão desenvolver atividades com as crianças transportando estas discussões para o ambiente escolar.

<sup>198</sup> Link para página do Projeto Músicas e Cantigas do Vale  
<<https://m.facebook.com/musicasecantigasdovale>>

<sup>199</sup> Link para página do Projeto Bênçãos, Rezas e Orações <<https://m.facebook.com/bencaosrezaseoracoes/>>

especial no caso das Lendas e Histórias da região, em uma condição dialógica e participativa, onde as crianças assumiram o protagonismo na produção dos vídeos.

Estas oficinas tiveram o objetivo de produzir materiais audiovisuais sobre as lendas e histórias locais, partindo de vídeos do produzidos com os idosos contando suas memórias sobre determinados contos e acontecimentos do passado para então recriar as histórias através de teatro de fantoches<sup>200</sup>. As oficinas foram divididas em seis momentos: 1) exibição dos vídeos sobre a cultura e história da região (FIGURA 73); 2) construção de roteiros com base nas lendas locais; 3) Definição dos personagens; 4) confecção dos bonecos<sup>201</sup> (FIGURA 74); 5) escolha dos atores; 6) filmagem. Após a realização das oficinas era finalizada a edição dos vídeos<sup>202</sup>

FIGURA 73 – OFICINA DE CULTURA POPULAR OFERECIDA PARA CRIANÇAS DO DISTRITO DE CACHOEIRA DO NORTE, 2016



Fonte: O autor.

FIGURA 74 – OFICINA DE CULTURA POPULAR OFERECIDA PARA CRIANÇAS DO DISTRITO DE CACHOEIRA DO NORTE, 2016



Fonte: O autor.

<sup>200</sup> Confeccionados pelas crianças.

<sup>201</sup> Os materiais oferecidos para as crianças foram: papel ofício branco e reciclado, canetas hidrocor finas e grossas, lápis de cera, lápis de cor, cola colorida com purpurina, cola branca, fita adesiva, lápis de grafite tradicional, borracha, tesouras sem ponta, réguas e palitos para pregar os desenhos de modo a produzir um fantoche.

<sup>202</sup> Com o programa WindowsMovieMaker para PC-Windows.

Durante as oficinas de “Cultura, Educação e Memória”, que foram realizadas em Setembro de 2016, foi possível apresentar não apenas os vídeos produzidos com os mestres dos saberes locais, mas também materiais produzidos pelas crianças durante as oficinas de “Cultura Popular” realizadas em período anterior. Além disso, também foi possível apresentar tais vídeos produzidos para as crianças da Escola Estadual Olídia Lemos De Oliveira<sup>203</sup>

Por fim, foram realizadas as oficinas de Educação Ambiental de Base Comunitária com os professores das três comunidades (FIGURAS 75, 76 e 77). As oficinas foram promovidas nas instalações das escolas, e foram realizadas a partir de convites para estar desenvolvendo as atividades com os professores. Durante as oficinas de Educação Ambiental de Base Comunitária era realizada uma apresentação expositiva<sup>204</sup>, onde eram exibidas as codificações (vídeos, fotografias, mapas, desenhos) e as reações dos participantes das oficinas aos códigos eram avaliadas na medida em que as atividades ocorriam. Em um segundo momento os temas geradores e as situações limite eram revelados aos professores, além de apresentar alguns exemplos possíveis de reduções temáticas. Ao final da apresentação expositiva os professores apresentaram seus comentários, sugestões e depoimentos.

FIGURA 75 – FOTOGRAFIA RETIRADA DURANTE OFICINA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE BASE COMUNITÁRIA REALIZADA EM SETEMBRO DE 2016 COM PROFESSORES DA COMUNIDADE DE CACHOEIRA DO NORTE



Fonte: O autor.

---

<sup>203</sup> Isso foi possível devido a um convite do diretor da unidade.

<sup>204</sup> A apresentação expositiva contou com o uso de aparelho de projeção (datashow) que foi emprestado por uma amiga.

FIGURA 76 – FOTOGRAFIA RETIRADA DURANTE OFICINA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE BASE COMUNITÁRIA REALIZADA EM SETEMBRO DE 2016 COM PROFESSORES DA COMUNIDADE DE CACHOEIRA DO NORTE



Fonte: O autor.

FIGURA 77 – FOTOGRAFIA RETIRADA DURANTE OFICINA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE BASE COMUNITÁRIA REALIZADA EM SETEMBRO DE 2016 COM PROFESSORES DA COMUNIDADE DE SÃO SEBASTIÃO DA BOS VISTA



Fonte: O autor.

## CAPÍTULO V – APRENDIZADOS - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo foi possível perceber que o diálogo entre a Educação Ambiental Crítica e a Educação Popular, possibilitou identificar subsídios para a construção de propostas contextualizadas, atentas ao contexto geopolítico e às especificidades socioambientais da região, tendo por base uma articulação entre a Abordagem Temática de Paulo Freire, a Investigação Ação Participante (IAP) de Orlando Fals Borda e a perspectiva de Ecologia de Saberes de Boaventura de Sousa Santos, entendendo a Cultura Popular, os Saberes Locais, a Memória Biocultural e a História Ambiental das comunidades como elementos fundamentais para pensar a aproximação entre a Educação Ambiental e a realidade local.

O estudo ainda revelou o potencial da articulação entre a IAP de Fals Borda com a metodologia de Abordagem Temática de Paulo Freire para pensar uma metodologia própria para a EDAM Crítica. Além de desvendar a possibilidade de construir uma Educação Ambiental Desde El Sur, pensada a partir do Legado da América Latina<sup>205</sup>, considerando, em especial, a Educação Popular, a Pedagogia Freireana e a Investigação Ação Participante de Orlando Fals Borda.

O mesmo Vale do Jequitinhonha que teve suas riquezas minerais saqueadas e suas terras e povos explorados, hoje se encontra em uma situação de abandono por parte do poder público. Permanecendo ainda hoje como uma região carente e com baixos indicadores sociais, vinculada ao imaginário da seca e da fome, os contrastes presentes nas comunidades foram sendo revelados ao longo do estudo. As veias abertas do Vale do Jequitinhonha, incluindo as riquezas saqueadas ao longo do processo de colonização da região, e o que vem sendo explorado atualmente (e até mesmo aquilo que está sendo especulado), contribuem para a manutenção do estigma de pobreza, reforçando a imagem de Vale da Miséria. Diante dos baixos indicadores sociais que caracterizam o Vale como uma região miserável, que em geral são focados na dimensão econômica, é preciso lembrar que “A riqueza de um povo não se mede apenas pela sua riqueza financeira ou econômica, mas também pelo seu patrimônio natural, social e cultural.” (RIBEIRO et al, 2003, p. 49).

---

<sup>205</sup> A ideia de um Legado da América Latina, neste trabalho foi concebida a partir da perspectiva apresentada por Santiago Arboleda Quiñones durante palestra realizada na UNIRIO, e compreende o resultado das lutas dos movimentos sociais e setores populares da América Latina que tiveram como frutos a Educação Popular, a Pedagogia Freireana, a IAP de Orlando Fals Borda, a Filosofia da Libertação e a Teologia da Libertação.

A abordagem de temas geradores possibilitou o diálogo entre o saber popular e o conhecimento científico revelando possíveis discussões para uma Educação Ambiental de Base Comunitária, desta forma, entendemos que tal metodologia, em especial quando combinada à perspectiva da IAP, apresenta um grande potencial para pensar a aproximação entre as práticas educativas e a realidade socioambiental de comunidades. Além disso, o diálogo entre os saberes se revelou como uma importante ferramenta para pensar a aproximação das discussões científicas com a realidade local, a fim de produzir um saber escolar contextualizado, concordando com a posição de Chassot (2007) com relação à necessidade de valorizar o saber popular “A escola precisa aprender a valorizar os mais velhos e os não letrados como fontes de conhecimentos que podem ser levados à sala de aula” (p.10).

Neste sentido, entendo por Educação Ambiental de Base Comunitária aquela que se constrói com/para as comunidades, considerando as conjunturas locais e atenta as especificidades dos territórios. Surge de uma articulação entre a perspectiva da Educação Ambiental Crítica e o “Legado das Lutas da América”<sup>206</sup>, em especial a Educação Popular, a Pedagogia Freireana e a Investigação Ação Participante de Orlando Fals Borda. Deste modo, torna-se possível reconhecer e valorizar a cultura popular, os saberes locais, as memórias bioculturais e a história ambiental das comunidades, atentando para aspectos culturais, históricos e sociais (políticos) do meio ambiente. Considero a pluralidade epistemológica e epistêmica como um princípio ético necessário para propostas de Educação Ambiental de Base Comunitária. Ademais entendo que tal escolha político-teórico-metodológica, fundamentada no Legado das lutas da América Latina representa uma importante chave para pensar um “que-fazer” comprometido e atento às vozes dos territórios.

A Educação Ambiental de Base Comunitária permite reconhecer o que o professor Santiago Arboleda Quiñones<sup>207</sup>, chamou de *Suficiencias Íntimas*, ou seja, os saberes<sup>208</sup> e fazeres necessários para garantir a permanência no território. O estudo também aponta, que este mesmo conceito defendido pelo professor Santiago aparece diretamente associado às memórias bioculturais (TOLEDO & BARRERA-BASSOLS, 2015), uma vez que estas abrigam saberes e fazeres desenvolvidos a partir de uma vivência com o território.

---

<sup>206</sup> Ver página 64.

<sup>207</sup> Em palestra ministrada no segundo semestre de 2016 para os alunos da disciplina “Estudos Pós Coloniais na Educação”, oferecida pelas professoras Cláudia Miranda e Catalina Revollo Pardo para o programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGEDU-UNIRIO).

<sup>208</sup> Em geral referentes à memória ancestral das comunidades.

A Educação Ambiental de Base Comunitária se revelou uma importante ferramenta para a preservação, valorização e reconhecimento das culturas, saberes, histórias e memórias das comunidades investigadas<sup>209</sup>, bem como possibilitou a construção de práticas educativas atentas às Ecologias de Saberes locais, considerando os saberes populares das comunidades, em diálogo com os saberes de professores do município de Chapada do Norte. Com relação a adaptação a perspectiva da Ecologia de Saberes às práticas de Educação Ambiental, entendo que este reconhecimento do *outro* e, sobretudo, o diálogo estabelecido a partir de uma posição horizontal, regido pelo respeito e pela humildade, permitem que a Educação Ambiental se posicione como um instrumento destinado a promover a justiça ambiental<sup>210</sup> (ACSELRAD, 2010) e cognitiva (SANTOS, 2010)<sup>211</sup>. Neste sentido, a Educação Ambiental de Base Comunitária se destina a formar *agentes de transformação socioambiental*<sup>212</sup>, encarando a Educação como um ato Político (FREIRE, 2014), no sentido da Justiça Socioambiental, da Democracia e da Solidariedade. Deste modo, entendo que a Educação Ambiental de Base Comunitária, ao ser tecida por múltiplas mãos, escutando as vozes dos territórios da América Latina, torna-se uma Educação Ambiental “*Mestiça*”, ou, aproveitando as palavras de Leonel Brizola, uma “*Educação Morena*”<sup>213</sup>.

O estudo também ressaltou uma relação entre memória oral e a história ambiental da região, revelando que a memória biocultural das comunidades guarda informações valiosas para a compreensão da natureza da região, ressaltando a importância do estabelecimento, por parte da Educação Ambiental, de um compromisso com a preservação destes saberes ancestrais, que fazem parte do patrimônio imaterial das comunidades e contribuem para moldar as identidades culturais da região. Deste modo, como perspectiva crítica, a Educação Ambiental de Base Comunitária se fundamenta no reconhecimento da Dimensão Humana do Meio Ambiente, valorizando a *diversidade biocultural*.

---

<sup>209</sup> Corroborando os resultados de estudo anterior (CAMARGO, 2014)

<sup>210</sup> O conceito de justiça ambiental está relacionado à ideia de assegurar que nenhum grupo social tenha seu direito ao meio ambiente vetado, garantindo que os efeitos resultantes dos impactos ambientais gerados por operações econômicas, políticas e sociais não se tornem limitantes para a manutenção do modo de vida, da saúde e qualidade de vida de populações locais.

<sup>211</sup> Para Boaventura de Sousa Santos a Justiça Cognitiva pode ser alcançada através de um Diálogo entre o saber científico e saberes *outros*, este diálogo ao que o autor vai considerar como uma equiparação ecológica entre diferentes tipos de saberes, reflete um movimento de superação dos muros da universidade na direção do povo e da realidade social concreta, assumindo uma perspectiva de trocas entre a Ciência e as outras formas de interpretar a realidade. Para mais detalhes sobre o assunto, acessar <<http://www.ufmg.br/diversa/8/entrevista.htm>>

<sup>212</sup> Partindo da perspectiva freireana de Agente de Transformação Social entendemos a urgência de se considerar também a dimensão ambiental da transformação promovida pela proposta emancipatória de Educação Ambiental.

<sup>213</sup> “*Cor de canela*”, como as moças que enfeitam as ruas e cantigas do povo de Chapada do Norte.

O trabalho aponta para a necessidade urgente de novos estudos sobre a história local, a fim de desvelar as lacunas presentes na história oficial da região. A partir da fala dos moradores das comunidades, em especial nos casos dos distritos de Santa Rita do Araçuai e São Sebastião da Boa Vista, fica perceptível que a memória oral não foi considerada de forma efetiva para a construção da história oficial das comunidades. Poderia resumir esta situação das lacunas presentes na história do Vale pegando emprestadas as palavras de Guimarães Rosa que diz “Sertão: estes seus vazios”.

Diante das condições climáticas da região, a educação ambiental pode atuar no sentido de organizar e fortalecer as lutas pela manutenção das populações locais em seus territórios, considerando que a conscientização com relação à necessidade de medidas de recuperação ambiental e da região se revela cada vez mais urgente. A Educação Ambiental é necessária e urgente para evitar o agravamento da situação, que caminha para um colapso hídrico, e que poderia transformar as comunidades em verdadeiros refugiados da seca e do clima, repetindo o que já ocorreu no passado, quando as secas obrigaram muitas famílias a abandonar suas terras e migrar, perdendo suas raízes.

A pesquisa sentipensante, freireana e participativa assume um caráter militante-engajada que quebra o afastamento entre o pesquisador-educador e os informantes, que assumem um papel de sujeitos ativos no desenrolar da investigação.. Neste sentido, o pesquisador-educador é inundado pela realidade local, envolvendo-se a ponto de assumir um compromisso pela transformação socioambiental, pela melhoria da qualidade de vida da população e pela proteção do patrimônio cultural das comunidades, para tanto torna-se um imperativo ético o desenvolvimento de uma Escuta Sensível, no sentido de “dar ouvidos” às comunidades e reconhecer as informações, os saberes e as histórias que emergem da oralidade. Além disso, ressalto a necessidade de projetos de Educação Ambiental de Base Comunitária se comprometerem a desenvolver ações duradouras com as comunidades, estabelecendo vínculos que extrapolam os prazos da vida acadêmica e garantindo o retorno constante e sistemático dos resultados da investigação para as comunidades, mantendo uma relação pautada na “amorosidade” e no “querer-bem” às comunidades.

## BIBLIOGRAFIA

- ACSELRAD, Henri. **Ambientalização das lutas sociais – o caso do movimento por Justiça Ambiental**. In: Estudos Avançados 24 (68), 2010.

ALMEIDA, Jackson R.G. S; GUIMARÃES, Adriana G; SIQUEIRA, Jullyana S; SANTOS, Márcio R. V; LIMA, Julianeli T.; NUNES, Xirley P; QUINTANS-JUNIOR, Lucindo J. **Amburana cearensis – uma revisão química e farmacológica**. Sientia Plena, vol 6, nº 11, 2010.

- AMARAL, Leila. **Do Jequitinhonha aos Canaviais: Em busca do Paraíso Mineiro**. (dissertação de mestrado) Belo Horizonte, 1988.

- BALDIN, Nelma & MUNHOZ, Elzira. **Educação Ambiental Comunitária: uma experiência com a técnica de pesquisa snowball (bola de neve)**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, v, 27, 2011.

- BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o Giro Decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política, n.11, 2013.

- BARBOSA, Malba Tahan. **Educação Ambiental Popular: Estudo de caso sobre a experiência do centro de vivencia agroecológica – CEVAE/TAQUARIL**. (dissertação de Mestrado) Universidade Federal de Minas Gerais. 2002.

- BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira e Culturas Brasileiras**. Dialética da Colonização. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação Popular**. Editora Brasiliense. São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. **Cultura**. In: In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; Zitkoski (orgs). Dicionário Paulo Freire. Autêntica. 3ª Ed, 2016.

\_\_\_\_\_. **Cultura Popular** In: In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; Zitkoski (orgs). Dicionário Paulo Freire. Autêntica. 3ª Ed, 2016.

- BRANQUINHO, Fátima. **O Poder das Ervas na sabedoria popular e no saber científico**  
– Rio de Janeiro. Editora Mauad X, 2007.
- BRASIL. Constituição (1998). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 1988, 140p.
- \_\_\_\_\_. Lei 10.639, de 9 de Janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providencias.
- \_\_\_\_\_. Lei 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira e Indígena”.
- BRASIL. Código Penal (1940). Código Penal Brasileiro. Brasília, DF, 1940.
- \_\_\_\_\_. Art 282. dispõe sobre o exercício ilegal da medicina, arte dentária ou farmácia.
- \_\_\_\_\_. Art. 284. dispõe sobre o exercício do Curandeirismo.
- CAMARGO, Daniel Renaud. **Contos, Bênçãos e Mezinhas: Educação Ambiental Popular como Estratégia de Proteção dos Saberes Locais** (monografia). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014
- CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. **Os poderes das plantas sagradas numa abordagem etnofarmacobotânica**. In: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 2006.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas – Estratégias para sair da modernidade** (tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão). Culturas Híbridas, poderes Oblíquos. São Paulo: EDUSP, 1997.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Diferenças Culturais, Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas**. Currículo sem Fronteiras, v. 11, n.2, PP; 240-255, Jul/Dez 2011.

- CARDOSO, Wirna; MONTEIRO, L; MOREIRA, Eliane; AMANAJÁS, Gysele. **Inventivo à proteção dos conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade: uma proposta de Educação Ambiental.** In: Anais do 10º Congresso Internacional de Direito Ambiental, 11º Congresso Brasileiro de Direito Ambiental, 1º Congresso de estudantes de Direito Ambiental e 1º Encontro Ambiental dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola. São Paulo, Direitos Humanos e Meio Ambiente, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, v2, p 4-134, 2006.
- CARNEIRO, Patrício; FONTES, Maurício; KER, João Carlos; FONTES, Rosa. **Análise espacial de variáveis ambientais, agrícolas e tecnológicas na mesorregião do Jequitinhonha, como suporte ao planejamento regional.** In: XI Seminário sobre Economia Mineira, Diamantina, 2004
- CARVALHO, F.C; SANTOS, M.C; SANTOS, S. M; PASSAGLIA, P. G; ANDRADE, A. M; JANNINI, A. E; PIZUTTO, C. S. **Observações preliminares do comportamento de *Boa constrictor* (SERPENTES: BOIDAE) mantidas em cativeiro no parque municipal zoológico jacarandá, Uberaba-MG.** In: Anais do VIII Congresso de Ecologia do Brasil, Caxambu, Minas Gerais, 2007.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico.** Docência em Formação: Problemáticas Transversais. 4ª Ed. 2008.
- \_\_\_\_\_. **Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação.** In: LAYRARGUES, Philippe (coord) Identidades da Educação Ambiental Brasileira. Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental – Brasília, 2004.
- CASCUDO, Câmara. **História da Alimentação no Brasil.** 4 ed. São Paulo. EDUSP, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Religião no Povo.** Global Editora, São Paulo, 2ª Ed. 2011.
- \_\_\_\_\_. **Tradição, Ciência do Povo: Pesquisas na Cultura Popular do Brasil.** Global Editora, São Paulo, 2ª Ed. 2013.
- CENDALES, Lola; TORRES, Fernando & TORRES, Alfonso. **A semente tem sua própria dinâmica: sobre as origens e os rumos da Investigação Ação Participante (IAP):**

**Entrevista com Orlando Fals Borda.** In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues & STRECK, Danilo Romeu (orgs). Pesquisa Participante: O Saber da Partilha. Idéias & Letras. 2006.

- CHASSOT, Attico. **Fazendo Educação em Ciências em um curso de Pedagogia com inclusão de Saberes Populares no currículo**, 2007. In: Química Nova na Escola, nº 27, Fevereiro de 2008.

- CHIAVENATTO, Júlio José. **Bandeirismo: Dominação e Violência.** Polêmica. Editora Moderna, 4ª Ed. 1991.

- COSTA, Elizabeth Parente. **Benedeiras no Sistema de Saúde do Ceará: Relações entre Religiosidade e Medicina Popular** (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009.

- COSTA, Luciana de Castro Neves; GASTAL, Susana de Araújo. **Paisagem Cultural: Diálogos entre o Natural e o Cultural.** Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. Saberes e Fazeres no Turismo: Interfaces. Universidade de Caxias do Sul. 2010.

- COSTA, Rafael Nogueira; YU-MING, Juliette; SÁNCHEZ, Celso. **O Encontro do Cinema com a Educação Ambiental Crítica no Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba.** In: anais do VIII EPEA – Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental, Rio de Janeiro, 2015.

- COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?** Ensaios. Companhia das Letras, São Paulo, 2009.

- CRISPIM, Andrea Bezerra; MELO, Cristiane Castro Feitosa; ALMEIDA, Iaponan Cardins de Souza; OLIVEIRA, Lizabeth Silva. **Bases Introdutórias sobre degradação ambiental no semiárido brasileiro.** In: Anais do Seminário Norte e Nordeste de Pós-Graduação em Geografia, João Pessoa, 2012.

- CUNHA, Manuela Carneiro da. **Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico.** Revista USP, São Paulo n. 75, p 76-84, Setembro/Novembro de 2007.

- DELIZOICOV, Demétrio. **Concepção problematizadora no ensino de Ciências na Educação Formal** (Dissertação de Mestrado). São Paulo: IFUSP/FEUSP. 1982.

- DELIZOICOV, Demétrio; ANGOTTI, José André; PERNAMBUCO, Maria Marta. **Ensino de Ciências: Fundamentos e Métodos**. 4ª Ed. São Paulo, Ed Cortez, 2002.
- DIAMOND, Jared. **Colapso: Como as Sociedades Escolhem o Fracasso ou o Sucesso**. Editora Record. 2005.
- DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. São Paulo: MMA/COBIO/NUPAUB/USP, 2000.
- DINIZ, Raphael Fernando & TUBALDINI, Maria Aparecida dos Santos. **O Uso da Biodiversidade local e da agroecologia na recuperação de áreas degradadas em territórios quilombolas nos municípios de Minas Novas e Chapada do Norte, Vale do Jequitinhonha/MG**. Ateliê Geográfico. Goiania, vol 5, n 2, 2011.
- DUARTE, Francinete Veloso Duarte (coord). **Projeto Olho D'água – Preservação e Recuperação de Nascentes**. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Belo Horizonte – Setembro de 2004.
- DUSSEL, Enrique. **1492: O Encobrimento do Outro – A origem do Mito da Modernidade** (tradução Jaime A. Clasen) – Petrópolis, RJ. Vozes, 1993.
- FALS BORDA, Orlando. **Acción y Conocimiento: Rompiendo el monopolio con la IAP**. Bogotá. 1991.
- \_\_\_\_\_. **Aspectos técnicos da Pesquisa Participante: Considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular**. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). Pesquisa Participante, São Paulo, Brasiliense, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Una Sociologia sentipensante para a América Latina**. México. Sigilo XXI Editores; Buenos Aires, CLACSO, 2015.
- FARFÁN, Nicolás Armando & GUZMÁN, Lorena (Comps). **Ciencia, compromiso y cambio social. Textos de Orlando Fals Borda**. 1ªed. Buenos Aire: El Colectivo – Lanzas y Letras – Extensión Libros, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários à Prática Educativa**. Editora Paz e Terra, 51ª Ed. 2015.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Editora Paz e Terra. 57ª Edição. 2014.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 3 ed. São Paulo, Paz e Terra, 1994.

- GUARIM NETO, Germano. **O saber tradicional pantaneiro: as plantas medicinais e a educação ambiental**. In: Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental. Universidade Federal do Rio Grande . Vol 17, 2006.

- GUERRERO, Patricia. **Vale do Jequitinhonha: A Região e Seus Contrastes** in: Revista Discente Expressões Geográficas, nº 05, ano V, p. 81 – 100. Florianópolis, maio de 2009.

- GUEERTZ, Clifort. **A Interpretação das Culturas**. LTC Editora. 1989.

- GUIMARÃES, Mauro. **Educação Ambiental Crítica**. In: LAYRARGUES, Philippe (org). **Identidades da Educação Ambiental Brasileira**. Brasília. MMA, 2004.

- GONÇALVES, Ronaldo do Nascimento (org). **Diagnóstico Ambiental da Bacia do Rio Jequitinhonha: Diretrizes Gerais para a Ordenação Territorial**. Ministério do Planejamento e Orçamento, Fundação Brasileira de Geografia e Estatística – IBGE, Diretoria de Geociências, Divisão de Geociências do Nordeste – DIGEO, 1997.

- GOTSCH, Ernst. **O Renascer da Agricultura**. Tradução: Patrícia Vaz, 2ª edição – Rio de Janeiro, 1996.

\_\_\_\_\_. **Homem e Natureza: Cultura na Agricultura**. 2ª Edição. Centro Sabiá, Recife, 1997.

- KINUPP, Valdely Ferreira. **Plantas Alimentícias Não-Convencionais (PANCs): uma Riqueza Negligenciada**. Instituto Federal de Educação, in: Anais da 61ª Reunião da SBPC – Manaus, AM – Julho/2009.

- LASCHEFSKI, Klemens & ZHOURI, Andréa. **Desenvolvimento, água e mudança social: experiências no Vale do Jequitinhonha**. In: SOUZA, João Valdir Alves de & NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (orgs) **Vale do Jequitinhonha: Desenvolvimento e Sustentabilidade**. Belo Horizonte, UFMG/PROEX, 2011.

- LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental**. Tradução: Sandra Valenzuela; Revisão técnica: Paulo Freire Vieira – São Paulo: Cortez, 2001.

- \_\_\_\_\_. **Construindo a História Ambiental da América Latina**. Revista Esboços nº 13. 51º Congresso Internacional de Americanistas, Simpósio de História Ambiental Americana, Santiago, Chile, 2003.

- LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. **Educação, Emancipação e Sustentabilidade: em defesa de uma pedagogia libertadora para a Educação Ambiental**. In: LAYRARGUES, Philippe (coord) *Identidades da Educação Ambiental Brasileira*. Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental – Brasília, 2004.

- LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Educação Ambiental Transformadora**. In: LAYRARGUES, Philippe (coord) *Identidades da Educação Ambiental Brasileira*. Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental – Brasília, 2004.

- LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo & LAYRARGUES, Philippe Pomier. **Ecologia Política, Justiça e Educação Ambiental Crítica: Perspectivas de Aliança contra-hegemônica**. Trabalho, Educação e Saúde. Rio de Janeiro, v, 11, n.1, p. 53-71, 2013.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, Império e Colonialidade**. In: SANTOS, Boaventura & MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. Editora Cortez. 1ª edição. 2010.

- MARUBAYASHI, Iara Maki Endo & GIOMETTI, Analúcia Bueno dos Reis. **O Papel da Educação Ambiental Popular na construção de um movimento ambiental crítico**. XI Congresso Nacional de Educação, Curitiba, 2013.

- MARX, Karl. **O Capital. V. 1, tomo 1**, São Paulo, Editora Abril Cultural, 1983.

- MIGNOLO, Walter D. **El Pensamiento Decolonial: Desprendimiento y Apertura. Un Manifiesto**. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago ; GOSFÓGUEL, Ramon (orgs). *El Giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistemica más allá del capitalismo global*. Siglo del Hombre Editores, Instituto Pensar, 2007.

- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Coleção Temas Sociais. Editora Vozes. 34ª ed. Petrópolis, 2015.
- MOTA NETO, João Colares da. **Educação Popular e Pensamento Decolonial latino-americano em Paulo Freire e Orlando Fals Borda** (tese de doutorado). Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2015.
- NASCIMENTO, Elaine Cordeiro do. **Vale do Jequitinhonha: Entre a Carência Social e a Riqueza Cultural**. Contemporaneos, Revista de Artes e Humanidades, n. 4, 2009.
- OCAMPO LÓPEZ, Javier. **El Maestro Orlando Fals Borda sus ideas educativas y sociales para el cambio de La sociedad colombiana**. Revista Historia de La Educación Latinoamericana. Vol 12, 2009.
- OLIVEIRA, Fernando Roberto de; MENEGASSE, Leila Nunes; DUARTE, Uriel. **Impacto Ambiental do Eucalipto na Recarga de água subterrânea em área de Cerrado, no médio Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais**. In: XII Congresso Brasileiro de Águas Subterrâneas. Florianópolis, 2002.
- ORTIZ, Marielsa & BORJAS, Beatriz. **La Investigación Acción Participativa: Aportes de Fals Borda a La Educación Popular**. Espacio Abierto, vol 17, nº 4,out/dez, 2008.
- OSOWSKI, Cecília Irene. **Situações-Limites**. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; Zitkoski (orgs). Dicionário Paulo Freire. Autêntica. 3ª Ed, 2016.
- PALUDO, Conceição. **Educação Popular**. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; Zitkoski (orgs). Dicionário Paulo Freire. Autêntica. 3ª Ed, 2016.
- PERNAMBUCO, Maria Marta & SILVA, Antônio Fernando Gouvea da. **Paulo Freire: a Educação e a transformação do mundo**. In: CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; GRÛM, Mauro; TRAJBER, Rachel (orgs). Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental. Coleção Educação para Todos. Ministério do Meio Ambiente. 1ª Ed, Brasília, 2006.

- PESSÔA, Marcela de Oliveira. **Entre o Discurso e a Ação: o exemplo das políticas públicas no Vale do Jequitinhonha.** In: III Seminário do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, São Carlos, Sociologia em Movimento. Novos olhares, novas perspectivas, 2012.
  
- PETERSEN, Paulo. **Agroecologia: um Antídoto contra a amnésia biocultural** in: TOLEDO, Victor & BARRERA-BASSOLS, Narciso. A Memória Biocultural: A Importancia Ecológica das Sabedorias Tradicionais. Expressão Popular, 2015.
  
- PICQ, Pascal. **A diversidade em perigo: de Darwin a Lévi-Strauss** (tradução de Maria Alice de Sampaio Dória) – 1ª Ed, Rio de Janeiro, Valentina, 2016.
  
- PINHEIRO, Paulo César & GIORDAN, Marcelo. **O preparo do sabão de cinzas em Minas Gerais: do estado de etnociência à sua mediação para a sala de aula utilizando um sistema hipermídia etnográfico.** Investigações em Ensino de Ciências, v. 15. nº 2, 2010.
  
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Apresentação da Edição em Português.** In: LANDER, Edgardo (org). A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur, CLACSO, 2005.
  
- QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do Poder e Classificação Social.** In: SANTOS, Boaventura & MENESES, Maria Paula. Epistemologias do Sul. Editora Cortez. 1ª edição. 2010.
  
- RAMOS, Elisabeth Christmann. **Educação Ambiental: Origem e perspectivas.** Educar, Editora da UFPR, Curitiba, n. 18, p201-218, 2001.
  
- RENAUD, Daniel & SÁNCHEZ, Celso. **Lembranças e Histórias de um Vale Encantado: A Educação Ambiental Popular através da metodologia Investigação Ação Participante (IAP) na Proteção de Saberes Locais no Vale do Jequitinhonha.** In: Anais do VIII EPEA, Rio de Janeiro, 2015.
  
- RIBEIRO, A. E. M (org) **Lembranças da Terra: Histórias do Mucuri e Jequitinhonha.** Cedefes. 1986.

- RIBEIRO, Maurício; CAMARGO, Eldis; FRANCA, Dalvino; CALASANS, Jorge; BRANCO, Maria do Socorro; TRIGO, Agustin. **Gestão da Água e paisagem cultural**. Revista UFMG, vol 20, nº 2, Belo Horizonte, 2013.
  
- RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem Cultural e Patrimônio**. Pesquisa e Documentação do IPHAN/CODEPEC, Rio de Janeiro, 2007
  
- RODRIGUES, Ludimila de Miranda; DEUS, José Antônio Souza de; BARBOSA, Liliane de Deus. **Reafirmação da identidade étnica, etnossustentabilidade e reterritorialização quilombola no Vale do Jequitinhonha: Estudo de Caso do Sítio Histórico de Alto dos Bois – Município de Angelândia – Minas Gerais, Brasil, nas perspectivas etnogeográfica e etno-histórica**. In: Anais do XIV Encontro dos Geógrafos da América Latina, Peru, Lima, 2013.
  
- ROSA, Guimarães. **Grande Sertão Veredas**. Nova Fronteira, 19ª Ed, 2001.
  
- SAITO, Carlos Hiroo; FIGUEIREDO, João Batista de Albuquerque; VARGAS, Icléia Albuquerque. **Educação Ambiental numa abordagem freireana: fundamentos e aplicação**. In: PEDRIDI, Alexandre de Gusmão & SAITO, Carlos Hiroo (orgs). Paradigmas Metodológicos em Educação Ambiental. Editora Vozes, Petrópolis, 2014.
  
- SÁNCHEZ, Celso; MONTEIRO, Bruno; MONTEIRO, Renata. **Na trilha das pedras: algumas considerações sobre as metodologias de Educação Ambiental e o processo de Escuta**. Ver. Eletrônica, v. 24, 2010.
  
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do Pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. In: SANTOS, Boaventura & MENESES, Maria Paula. Epistemologias do Sul. Editora Cortez. 1ª Ed. 2010.
  
- \_\_\_\_\_. **Um Ocidente não-ocidentalista? A filosofia à venda, a douta ignorância e a aposta de Pascal**. In: SANTOS, Boaventura & MENESES, Maria Paula. Epistemologias do Sul. Editora Cortez. 1ª Ed. 2010.
  
- SAUVÉ, Lucie. **Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável: uma análise complexa**. Revista de Educação Pública, vol 10, jul/dez 1997. Disponível em: <[http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev10/ed/ucacao\\_ambiental\\_e\\_desenvolvim.html](http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev10/ed/ucacao_ambiental_e_desenvolvim.html)>

\_\_\_\_\_. **Educação Ambiental: Possibilidades e Limitações.** Educação e Pesquisa, São Paulo. V 31, n2, p317-322, Mai/Ago, 2005.

- SCARIOT, Alcidir. **Panorama da Biodiversidade Brasileira** in: GANEM, Roseli Senna (org). Conservação da Biodiversidade: Legislação e Políticas Públicas. Sério Memória e Análise de Leis. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. Câmara dos Deputados. Brasília, 2011.

- SILVA, Cácio Evangelista da. **Minas Indígena: Levantamento Sociocultural e Possibilidades de Abordagens Missionárias nos Grupos Indígenas de Minas Gerais** (Dissertação de Mestrado). Centro Evangélico de Missões. Viçosa, MG. 2002.

- SILVA, Claudia Santos da. **Rezadeiras: Guardiãs da Memória.** V ENEACULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador, 2009.

- SILVA, Julio Vitor Costa da. **Sociedades de Água do morro da Formiga: Subsídios para Educação Ambiental de Base Comunitária e ecologia de saberes em favela carioca** (Dissertação de Mestrado em Educação). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2016.

- SILVA, Vanda Aparecida da. **Eles não têm nada na cabeça: jovens do sertão mineiro entre a tradição e a mudança.** (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP. 2000.

- SOUZA, Gilmar. **Entre a Arte e a Peleja.** Editora FAE, 1ª ed, 2015.

- SOUZA, João Valdir Alves de. **Apresentação** in: SOUZA, João Valdir Alves de & NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (orgs) Vale do Jequitinhonha: Desenvolvimento e Sustentabilidade. Belo Horizonte, UFMG/PROEX, 2011.

- SOUZA, Laura de Mello. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e Religiosidade Popular no Brasil Colônia.** Companhia das Letras. 2ª ed, 2ª reimpressão. São Paulo, 2009.

- SPIVACK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** (Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa) Editora UFMG. 2010.

- STRECK, Danilo Romeo. **Metodologias Participativas de Pesquisa e Educação Popular: Reflexões sobre critérios de qualidade.** Interface: Comunicação, Saúde, Educação. 2015.
  
- \_\_\_\_\_. **Pesquisar é Pronunciar o Mundo: Notas sobre métodos e metodologias.** In: STRECK, Daniel & BRANDÃO, Carlos Rodrigues (orgs). Pesquisa Participante: o Saber da Partilha. Idéias e Letras, 2ª ed, 2006.
  
- STRIFE, Susan & DOWNEY, Liam. **Childhood Development and Access to Nature: A New Direction for Environmental Inequality Research.** Organization & environment. Author Manuscript, HSS Public Access, 2009. Disponível em: <[https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3162362/#\\_ffn\\_sectitle](https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3162362/#_ffn_sectitle)>
  
- TIRIBA, Léa. **Crianças, Natureza e Educação Infantil** (Tese de Doutorado). Programa de Pós Graduação em Educação. Pontífica Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.
  
- \_\_\_\_\_. **Crianças da Natureza.** Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, Novembro de 2010.
  
- TOLEDO, Victor & BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A Memória Biocultural: A Importancia Ecológica das Sabedorias Tradicionais.** Expressão Popular, 2015.
  
- TORRES, Lia. **La Educación Popular. Trayectoria y actualidad.** Editorial El Bicho, Bogotá, 2007.
  
- TORRES, Juliana Rezende; FERRARI, Nadir; MAESTRELLI, Sylvia Regina Pedrosa. **Educação Ambiental Crítico-transformadora no contexto escolar: teoria e prática freireana.** In: LOUREIRO, Carlos Frederico B. & TORRES, Juliana Rezende (Orgs.). Educação Ambiental: dialogando com Paulo Freire. Cortez, 2014.
  
- TRÉLLEZ, Eloísa. **Educación Comunitaria en America Latina.** Contrato com PNUMA/ROLAC 002 1015. Programa de las naciones unidas para el medio ambiente (PNUMA) y Red de Formación Ambiental para America Latina y el Caribe (RFA-ALC) Peru, 2015.

- VENTURELLI, Juliana Lucinda. **Narrativas Culinárias e Cadernos de Receitas do Sul de Minas: da memória oral à memória escrita.** (dissertação de mestrado em Memória Social). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2016.
  - VIANA, Maurício Boratto. **O Eucalipto e os efeitos ambientais do seu plantio em escala.** Biblioteca da Câmara dos Deputados. Centro de Documentação e Informação Coordenação de Biblioteca, Brasília – DF, 2004.
  - WALSH, Catherine. **Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: In-surgir, re-surgir e re-viver.** In: CANDAU, Vera Maria (org). Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. 2009.
  - WATANABE, Dolores Aparecida Garcia. **Águas Pantaneiras nos ritos, mitos e gritos da educação ambiental.** Dissertação (mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação. UFMT, Cuiabá, 2006.
  - WILSON, Edward Osborne. **Biophilia: The Human Bond With Other Species.** Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, 157 p, 1986.
  - ZHOURI, Andrea & OLIVEIRA, Raquel. **Paisagens Industriais e Desterritorialização de Populações Locais: Conflitos Socioambientais em Projetos Hidrelétricos** in: ZHOURI, Andrea; LASCHEFSK, Klemens; PEREIRA, Doralice. A Insustentável Leveza da Política Ambiental: Desenvolvimento e Conflitos Socioambientais. Belo Horizonte, Autêntica. 2005.
- <[http://www.chapadadonorte.mg.gov.br/novo\\_site/](http://www.chapadadonorte.mg.gov.br/novo_site/)> acessado dia 16/05/2016 às 14 horas.
- <[www.cedefes.org.br/index.php?p=colunistas\\_detalhe&id\\_pro=2](http://www.cedefes.org.br/index.php?p=colunistas_detalhe&id_pro=2)> acessado dia 16/05/2016 às 14:10 horas.
- <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=311610>> acessado dia 16/05/2016 às 14:15 horas.
- <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Chapada\\_do\\_Norte](http://pt.wikipedia.org/wiki/Chapada_do_Norte)> acessado dia 16/05/2016 às 14:20 horas.
- <<http://blogdobanu.blogspot.com.br/2013/12/enchente-do-rio-aracuai-leva-ponte-em.html>> acessado dia 20/05/2016 às 16 horas.

<<http://www.turismosolidario.com.br/interna.php?area=4&municipio=17>> acessado dia 20/05/2016 às 16:30 horas.

<<http://www.asminasgerais.com.br/>> acessado dia 22/05/2016 às 10 horas.

<<https://www2.ufmg.br/polojequitinhonha/O-Vale/Sobre-o-Vale>>acessado dia 25/05/2016 às 13 horas.

<[www.dentrodomochilao.com/2013/11/turismo-solidario-santa-rita-aracuai-cultura-tradicional/](http://www.dentrodomochilao.com/2013/11/turismo-solidario-santa-rita-aracuai-cultura-tradicional/)>acessado dia 25/05/2016 às 13:30 horas.

<<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/maxacali>> acessado dia 27/10/2016 às 19:20.

<<https://m.facebook.com/paisagensinvisiveis>> acessado dia 20/01/2017 às 10:30.

<<https://ecodebate.com.br/2012/12/13/servicos-ecossisticos-e-servicos-ambientais-e-importancia-artigo-sergio-gomes-tosto-lauro-charlet-pereira-e-joao-alfredo-de-c-mangabeira/>> acessado dia 10/01/2017 às 14:30.

<<http://www.ufmg.br/diversa/8/entrevista.htm>> acessado dia 12/01/2017 às 12:10.

<[www.cobrasbrasileiras.com/boidae.html](http://www.cobrasbrasileiras.com/boidae.html)>acessado dia 12/01/2017 às 12:30.

<[portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/899/](http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/899/)> acessado dia 13/02/2017 às 20:10.

<[www.wwf.org.br/natureza\\_brasileira/reducao\\_de\\_impactos2/clima/mudancas\\_climaticas2](http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/reducao_de_impactos2/clima/mudancas_climaticas2)> acessado dia 13/02/2017 às 20:23.

<[www.rogilsonbrandao.com.br/2014/11/a-cobra-preta-que-mama-e-mito-ou.html?m=1](http://www.rogilsonbrandao.com.br/2014/11/a-cobra-preta-que-mama-e-mito-ou.html?m=1)> acessado dia 13/02/2017 às 20:40.

<[portal-dos-mitos.blogspot.com.br/2016/02/?m=1](http://portal-dos-mitos.blogspot.com.br/2016/02/?m=1)> acessado dia 13/02/2017 às 20:44.

<[www.geoambiente.com.br/blog/2011/04/29/o-eucalipto-destroi-o-meio-ambiente/](http://www.geoambiente.com.br/blog/2011/04/29/o-eucalipto-destroi-o-meio-ambiente/)> acessado dia 13/02/2017 às 21:05

<[www.paulolopes.com.br/2012/05/cidades-reconhecem-benedeiras-como.html?m=1##.WSzOtKVv\\_qA](http://www.paulolopes.com.br/2012/05/cidades-reconhecem-benedeiras-como.html?m=1##.WSzOtKVv_qA)>13/02/2017 às 21:40

<<https://youtu.be/znT9EJ148gl/>> acessado dia 14/02/2017 às 12:20.

<<https://youtube.be/Ia8uXwkMqFQ>> acessado dia 14/02/2017 às 12:25.

<[g1.globo.com/pr/Paraná/noticia/2012/05/benzedeadas-sao-consideradas-profissionais-da-saude-no-parana.html](http://g1.globo.com/pr/Paraná/noticia/2012/05/benzedeadas-sao-consideradas-profissionais-da-saude-no-parana.html)> acessado dia 14/02/2017 às 12:37.

<[g1.globo.com/pr/parana/noticia/2012/05/benzedeadas-sao-consideradas-profissionais-da-saude-no-parana.html](http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2012/05/benzedeadas-sao-consideradas-profissionais-da-saude-no-parana.html)> acessado dia 14/02/2017 às 12:45.

<[www.ufjf.br/secom/2014/06/25/ufjf-oferece-curso-de-ferias-sobre-artes-e-oficios-dos-saberes-tradicionais/](http://www.ufjf.br/secom/2014/06/25/ufjf-oferece-curso-de-ferias-sobre-artes-e-oficios-dos-saberes-tradicionais/)> acessado dia 14/02/2017 às 12:55.

<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-01/ufjr-debate-inclusao-de-saberes-de-mestres-populares-no-ambiente-academico>> acessado dia 14/02/2017 às 13:02.

<<https://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/ConexoesSaberes/Apresentacao>> acessado dia 14/02/2017 às 13:20.

<[www.minasmelhor.com.br/202/comissao-das-aguas-debate-pior-seca-do-jequitinhonha](http://www.minasmelhor.com.br/202/comissao-das-aguas-debate-pior-seca-do-jequitinhonha)> acessado dia 14/02/2017 às 13:30.

< <https://youtu.be/8DSVb7sZ-vc>> acessado dia 29/05/2017 às 14:05.

<[http://www.wwf.org.br/informacoes/noticias\\_meio\\_ambiente\\_e\\_natureza/?58322/Desmatamento-no-Cerrado-faz-desaparecer-plantas-usadas-h-seculos-pela-medicina-popular](http://www.wwf.org.br/informacoes/noticias_meio_ambiente_e_natureza/?58322/Desmatamento-no-Cerrado-faz-desaparecer-plantas-usadas-h-seculos-pela-medicina-popular)> acessado dia 29/05/2017 às 14:40.

<<http://www.laparola.com.br/a-educacao-nao-pode-se-ocupar-so-do-intelecto-mas-deve-formar-pessoas-mais-solidarias>> acessado dia 29/05/2017 às 14:33.

## ANEXO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**TÍTULO: LENDAS, REZAS E GARRAFADAS: EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE BASE COMUNITÁRIA E OS SABERES LOCAIS NO VALE DO JEQUITINHONHA.**

**OBJETIVO DO ESTUDO:** O objetivo principal deste projeto é desenvolver uma proposta de Educação Ambiental contextualizada à realidade de comunidades do Vale do Jequitinhonha. Os objetivos específicos envolvem estudar as Ecologias de Saberes existentes na região, auxiliar no processo de valorização e reconhecimento da cultura popular e problematizar conflitos ambientais discutindo a dimensão histórica da condição ambiental das comunidades.

**ALTERNATIVA PARA PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO:** Você tem o direito de não participar deste estudo. Estamos coletando informações para desenvolver uma proposta de Educação Ambiental de Base Comunitária. Se você não quiser participar do estudo, isto não irá interferir na sua vida.

**PROCEDIMENTO DO ESTUDO:** Se decidir integrar este estudo, você participará de conversas em grupo e/ou individuais que irão durar de acordo com suas disponibilidades, respeitando seus horários de trabalho e outras atividades. As narrativas e informações levantadas a partir de sua entrevista serão empregadas como parte do objeto de pesquisa.

**REGISTRO DAS INFORMAÇÕES:** Todas as informações levantadas durante as conversas e entrevistas serão anotadas simultaneamente em cadernos de campo, para tanto, pode ser necessário que o pesquisador solicite que repita as falas algumas vezes para auxiliar no processo de transcrição.

**RISCOS:** Você pode achar que determinadas perguntas incomodam a você, porque as informações que coletamos são sobre suas experiências pessoais. Assim você pode escolher não responder quaisquer perguntas que o façam sentir-se incomodado.

**BENEFÍCIOS:** Sua entrevista ajudará a desenvolver uma proposta de Educação Ambiental contextualizada a realidade de sua comunidade, mas não será, necessariamente, para seu benefício direto. Entretanto, fazendo parte deste estudo você fornecerá mais informações sobre o lugar e relevância desses escritos para própria instituição em questão.

**CONFIDENCIALIDADE:** Como foi dito acima, seu nome não aparecerá em nenhum formulário a ser preenchido por nós. Nenhuma publicação partindo destas entrevistas revelará os nomes de quaisquer participantes da pesquisa. Sem seu consentimento escrito, os pesquisadores não divulgarão nenhum dado de pesquisa no qual você seja identificado.

**DÚVIDAS E RECLAMAÇÕES:** Esta pesquisa está sendo realizada nos Distritos de Cachoeira do Norte, Santa Rita do Araçuaí e São Sebastião da Boa Vista, localizados no Município de Chapada do Norte (MG). A pesquisa está vinculada à Universidade Federal do

Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO através do Programa de Pós Graduação em Educação sendo o aluno Daniel Renaud Camargo o pesquisador principal, sob a orientação do Prof<sup>o</sup> Dr. Celso Sánchez Pereira. Os investigadores estão disponíveis para responder a qualquer dúvida que você tenha. Caso seja necessário, contacte Daniel Renaud Camargo no telefone (21) 99180-8697 e/ou email danielrenaud\_22@hotmail.com, ou o Comitê de Ética em Pesquisa, CEP-UNIRIO no telefone (21)-2542-7796 ou e-mail cep.unirio09@gmail.com. Você terá uma via deste consentimento para guardar com você. Você fornecerá nome, endereço e telefone de contato apenas para que a equipe do estudo possa lhe contactar em caso de necessidade.

Eu concordo em participar deste estudo.

Assinatura:

\_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Endereço \_\_\_\_\_

Telefone de contato \_\_\_\_\_

Email para contato (opcional) \_\_\_\_\_

Assinatura (Pesquisador):

\_\_\_\_\_

Nome: Daniel Renaud Camargo

Data: \_\_\_\_\_

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A** – CALENDÁRIO CLIMÁTICO

**APÊNDICE B** – LISTA DE ANIMAIS E PLANTAS INDICADORES DE CHUVAS E SECAS

**APÊNDICE C** - LINHA DO TEMPO DAS SECAS E DILÚVIOS

**APÊNDICE D** - LINKS PARA ACESSAR OS VÍDEOS

## APÊNDICE A - CALENDÁRIO CLIMÁTICO

C H U V A S	JANEIRO	
	FEVEREIRO	
	MARÇO	
	ABRIL	
S E C A	MAIO	• Chuva do Meloso
	JUNHO	• (24) Garoa de São João; (29) Serração de São Pedro
	JULHO	• (26) Chuva de Santana
	AGOSTO	
	SETEMBRO	• (20) Chuva de Broto; (29) Chuva de São Miguel
	OUTUBRO	• (12) Chuva de Nossa Senhora Aparecida; (a partir da Chuva de Nossa Senhora Aparecida) "As Águas"; (fim de Outubro ou início de Dezembro) Chuva de Planta
C H U V A S	NOVEMBRO	• (1) Chuva de Todos os Santos; (2) Chuva dos Mortos/Finados
	DEZEMBRO	

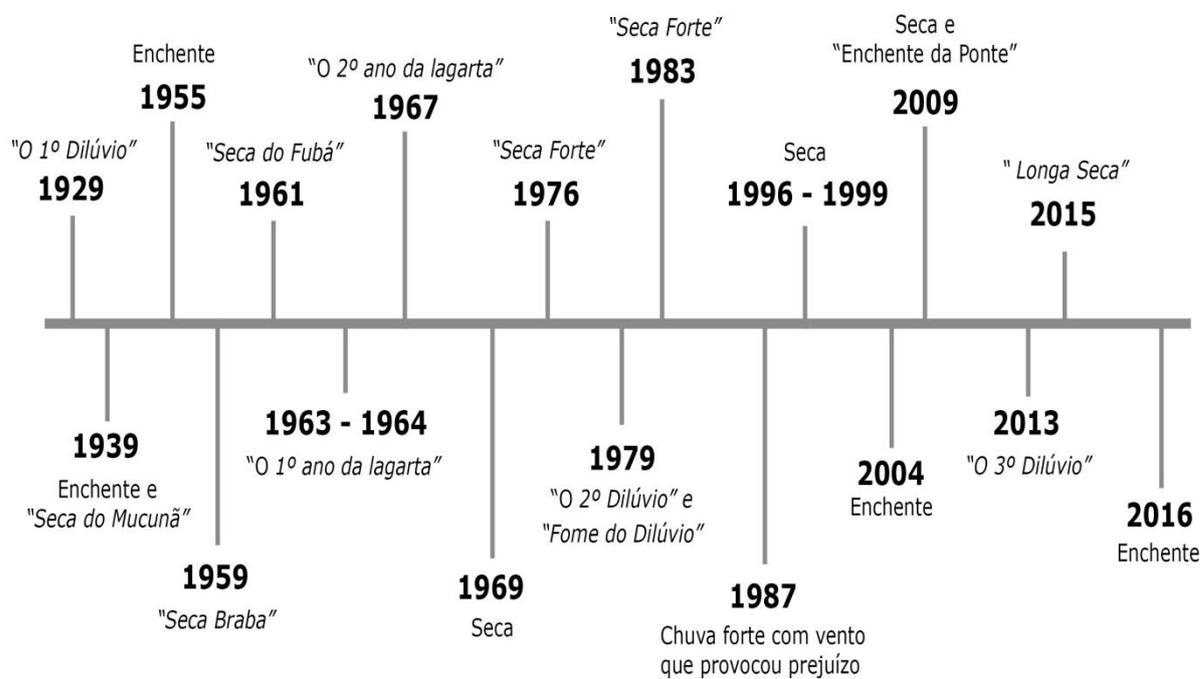
APÊNDICE B - ANIMAIS E PLANTAS INDICADORES DE CHUVAS E SECAS<sup>214</sup>

Organismo	INDICADOR
Formigas e Cupins	<i>“Se os cupim ou formiga tiver transportando os ovo, as larva e rainha para local mais alto é sinal de chuva forte.”</i>
Cupins	<i>“Se saiu cupim demais é inverno, chuva mesmo, chuva de noite e dia”</i>
Tanajura	<i>“Quando tanajura sai é sinal de chuva”</i>
Zabelê	<i>“Quando vai chover o Zabelê canta, mas hoje ocê num vê mais Zabelê.”</i>
Cobras	<i>“Quando ocê vê cobra, rastro de cobre que andou dum lado pro outro no meio da estrada é sinal de chuva, quando é tarde e ocê vê os rastro ocê pode esperar que se num chover naquele dia no outro ela chega”</i>
Correição (formiga)	<i>“Correição advinha chuva, é uma formiga braba pra desgraçada, quando ocê vê o carreiro em boca de noite cê pode esperar a chuva”</i>
Guaxu	<i>“Se o guaxu faz ninho alto é sinal de enchente”</i>
Andorinhas	<i>“Q’ando delas tá avoano de um lado pro otro que o povo diz que elas tá ‘fazenu’ verão é sinar di chuva”</i>
Mangueira	<i>“Quando a mangueira não dá fruta pra todo lado, pra baixo, pra cima e pros lados, é sinal que as águas é pouca, quando vinga muito, que dá fruta pra todo lado é que as chuva vai ser boa, muita água, invernada”</i>

<sup>214</sup> Tais informações foram obtidas a partir de conversas com os moradores das comunidades sobre os temas-geradores Água-Clima e Biodiversidade-Ecologia. A presença de animais e plantas que pressentem as chuvas na cultura popular foi descrita por Câmara Cascudo em *Tradição, Ciência do Povo* (2014).

<b>Peixe-frito</b>	<i>“O peixe frito canta ‘peixe frito’, ‘peixe frito’, isso é sinal de chuva. É um pássaro pequeno, ele é mais pequeno que um sabiá, ele canta todo dia de noite e quando vai chover ele canta de dia e de noite”</i>
<b>Sapo</b>	<i>“Quando dá bastante sapinho na beira do córrego mais cedo, antes da hora, é sinal de chuva”</i>
<b>Gado</b>	<i>“O gado sente quando vai chover e sobe os morro, eles não gosta de durmi na lama, ocê pode ver que quando vai chover eles vai durmi lá nos alto.”</i>
<b>Sabiá</b>	<i>“O Sabiá chora quando vai chover, mas sabiá chega a chorar.”</i>
<b>Saracura</b>	<i>“A saracura canta e chora, chora que faz gosto e chora também de madrugada, chora no correr do dia”</i>
<b>João-de-Barro</b>	<i>“Ocê pode ver que pronde o João de Barro faz a porta da casa é d’onde vem as chuva de vento, que o João de barro é o melhor pedreiro desse mundo, na casa dele num tem goteira e num mólha.”</i>
<b>Peixes</b>	<i>“Ocê pode chegar no rio agora que os peixe tá tudo quietinho, assim que dá as chuvas os peixes fica alegre festejando, ocê pode tacar uma rede que vai tirar muio peixe, porque os peixes ficam nadando e festejando”</i>
<b>Cigarra</b>	<i>“A cigarra quando vai chover chora até estourar na terra, ela canta mais cedo e fica cantando até estourar e a gente acha as cascas delas na terra”</i>
<b>Comixi</b>	<i>“É um pássaro preto que chora que faz dó quando vai chover”</i>
<b>Aracom</b>	<i>“O Aracom é um pássaro grande, tipo uma galinha, mais ou menos do tamanho duma seriema. Quando vai chover o bicho assanha, canta vixi”</i>

## APÊNDICE C - LINHA DO TEMPO DAS CHUVAS E SECAS<sup>215</sup>



<sup>215</sup> Dados coletados a partir de conversas sobre as histórias de vida dos moradores associadas a eventos climáticos ocorridos na região.

## APÊNDICE D - LINKS PARA ACESSAR OS VÍDEOS

- Link de clipe produzido em homenagem ao Distrito de Cachoeira do Norte  
<<https://youtu.be/HQbYCW771e8>>
  
- Link de clipe produzido em homenagem ao Distrito de Santa Rita do Araçuaí  
<<https://www.youtube.com/watch?v=UaZ6NbbQ9o>>
  
- Link de clipe produzido em homenagem ao Distrito de São Sebastião da Boa Vista  
<<https://youtu.be/dN8ulfGlgw>>
  
- Link para o curta “Life in Syntropy” da Agenda Gotsch (2015), exibido durante oficinas  
<<https://youtu.be/gSPNRu4ZPve>>
  
- Link para animação “MAN” de Steve Cutts (2012), exibido durante oficinas  
<<https://youtu.be/WfGMYdalCIU>>
  
- Link para episódio do programa “Um Pé de Quê? - Guiné” da Pindorama Filmes (2011), exibido durante oficinas  
<<https://youtu.be/IB4zJenAym8>>
  
- Link do vídeo “A Cobra que Mama” – produzido durante Oficina de Cultura Popular realizada com crianças do Distrito de Cachoeira do Norte, em Janeiro de 2016  
<[http://youtu.be/BsH9\\_ubij\\_s](http://youtu.be/BsH9_ubij_s)>
  
- Link do Vídeo “O Zabelê e o Mistério da Imburana” – produzido durante Oficina de Cultura Popular realizada com crianças do Distrito de Cachoeira do Norte, em Janeiro de 2016  
<<https://youtu.be/09GoCKrGPSQ>>
  
- Link para página do Projeto Músicas e Cantigas do Vale  
<<https://m.facebook.com/musicasecantigasdovale>>
  
- Link para página do Projeto Bênçãos, Rezas e Orações  
<<https://m.facebook.com/bencaosrezaseoracoes/>>

- Link do vídeo “A Lenda do Lobisomem” - produzido durante Oficina de Cultura Popular realizada com crianças do Distrito de Cachoeira do Norte, em Janeiro de 2016.

< <https://www.youtube.com/watch?v=GwbAUsLGz-8> >

- Link do vídeo “A História da Mula Sem Cabeça” - produzido durante Oficina de Cultura Popular realizada com crianças do Distrito de Santa Rita do Araçuaí, em Janeiro de 2016.

< <https://www.youtube.com/watch?v=5UhLcuPupTM> >

- Link do vídeo “A Lenda do Lobisomem” – produzido com moradores das comunidades

< <http://vimeo.com/150475564> >

- Link do vídeo “Quem tem medo de Mocó?” – produzido com moradores das comunidades

< <http://vimeo.com/150584009> >